

PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

VIRGINIA WOOLF

Orlando

ORLANDO

VIRGINIA WOOLF é considerada uma das maiores escritoras do século XX, grande romancista e ensaísta, bem como figura de destaque na história da literatura como feminista e modernista. Nascida em 1882, era filha de um editor e crítico, Leslie Stephen, tendo sofrido fortes traumas na adolescência devido às mortes de sua mãe em 1895 e da meia-irmã Stella em 1897, que a deixaram vulnerável a colapsos nervosos pelo resto da vida. Seu pai morreu em 1904 e, dois anos depois, seu irmão predileto, Thoby, faleceu repentinamente de tifo. Junto com a irmã, a pintora Vanessa Bell, relacionou-se com diversos escritores e artistas, tais como Lytton Strachey e Roger Fry, membros do Grupo de Bloomsbury, como mais tarde ficou conhecido. Nesse meio, conheceu Leonard Woolf, com quem se casou em 1912 e fundou a Hogarth Press em 1917, responsável pela publicação das obras de T.S. Eliot, E. M. Forster e Katherine Mansfield, bem como das primeiras traduções de Freud. Woolf levou uma vida muito ativa entre amigos e familiares, trabalhando como revisora e escritora, dividindo seu tempo entre Londres e Sussex Downs. Em 1941, temendo novo surto de doença mental, cometeu suicídio, afogando-se.

Seu primeiro romance, *A viagem*, foi publicado em 1915. Depois ela trabalhou no livro de transição *Noite e dia* (1919) até chegar ao romance altamente experimental e impressionista intitulado *O quarto de Jacob* (1922). A partir de então, sua produção ficcional tomou a forma de uma série de experimentos brilhantes e extraordinariamente variados, cada qual buscando um novo modo de apresentar a relação entre vidas individuais e as forças da sociedade e da história. Ela se preocupava particularmente com a experiência das mulheres, não apenas nos romances mas também nos ensaios e nos dois livros de polêmicas feministas que escreveu: *Um teto todo seu* (1929) e *Three Guineas* (1938). Seus principais romances incluem *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao farol* (1927), a fantasia histórica *Orlando* (1928), escrita para Vita Sackville-West, a visão extraordinariamente poética de *As ondas* (1931), a saga de família *Os anos* (1937) e *Entre os atos* (1941). Todos publicados pela Penguin, assim como *Os diários de Virginia Woolf*, volumes I-V, seleções dos ensaios e contos, e *Flush* (1933), uma reconstrução da vida do spaniel de Elizabeth Barrett Browning.

JORIO DAUSTER nasceu em 19 de novembro de 1937. Entrou para o Serviço Diplomático em 1961. Lidou com questões afetas ao comércio internacional durante grande parte de sua vida profissional, e serviu como presidente do Grupo de Países Produtores na Organização Internacional do Café de 1979 a 1985. Foi presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC) de 1987 a 1990 e negociador da dívida externa do Brasil de 1990 a 1991. Foi embaixador junto à União Europeia de 1991 a 1999 e presidente da Vale de 1999 a 2001. Atualmente é consultor de empresas. Como tradutor, especializou-se nas obras de J. D. Salinger, Vladimir Nabokov, Ian McEwan e Philip Roth.

SANDRA M. GILBERT é professora de inglês na Universidade da Califórnia. Publicou, entre outras obras, quatro volumes de poesia e um livro sobre D. H. Lawrence. Com Susan Gubar, escreveu *The Madwoman in the Attic* e dois volumes de *No Man's Land: The Place of the Woman Writer in the Twentieth Century* (v. 1: *The War of the Words*; e v. 2: *Sex Change*). Foi coeditora de *Shakespeare's Sisters* e da *Norton Anthology of Literature by Women: The Tradition in English*.

PAULO MENDES CAMPOS nasceu em Belo Horizonte (MG), em 28 de fevereiro de 1922, e

faleceu no Rio de Janeiro em 1991. Em 1951 publicou *A palavra escrita*, seu livro de estreia na poesia. Também traduzia e adaptava grandes clássicos universais de autores como William Shakespeare, Júlio Verne e Oscar Wilde. Mas foi a crônica, esse gênero tão brasileiro, que faria o seu nome junto a um grande público. A Companhia das Letras, que tem relançado a sua obra, já publicou, entre outros, *O amor acaba* e *O mais estranho dos países*.

VIRGINIA WOOLF

Orlando
uma biografia

Tradução de
JORIO DAUSTER

Introdução e notas de
SANDRA M. GILBERT

Artigo de
PAULO MENDES CAMPOS



Sumário

Introdução — Sandra M. Gilbert

ORLANDO

Prefácio da autora
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6

Artigo, Paulo Mendes Campos
Notas
Leituras adicionais

Introdução
Orlando: a *Vita Nuova* de Virginia Woolf

SANDRA M. GILBERT
1992

No outono de 1927, Virginia Woolf penava para escrever um estudo crítico sobre "Ficção ou algum título semelhante". *Ao farol*, no juízo de muitos seu melhor romance, fora publicado alguns meses antes e recebido com entusiasmo, mas ela estava entediada e insatisfeita com o trabalho em curso quando alegou ter tido uma súbita inspiração. Segundo contou em carta de 9 de outubro de 1927 para a romancista e poeta aristocrática Vita Sackville-West, uma amiga íntima por quem estava muito apaixonada à época:

> Ontem pela manhã eu me sentia desesperada [...] não conseguia arrancar uma palavra de dentro de mim; por fim, deixei a cabeça tombar sobre a mão, mergulhei a pena no tinteiro e, como se num gesto automático, escrevi as seguintes palavras numa folha em branco: "Orlando, uma biografia". Tão logo fiz isso, meu corpo se encheu de euforia e minha cabeça, de ideias. Escrevi velozmente até o meio-dia [...]. Mas preste atenção: suponha que se descubra que Orlando é Vita [...].[1]

Assim começou *Orlando*, uma "biografia" espirituosa e paródica que Woolf descreveu mais tarde como "as férias de uma autora", ao mesmo tempo que admitia a compulsão que sentira para escrever o livro: "Embora não desejado por mim, quão extraordinariamente potente [...] Orlando se revelou por si próprio! Como se tivesse empurrado tudo para o lado a fim de nascer".[2]

Na verdade, apesar de ter declarado que se lançara àquele *jeu d'esprit* numa espécie de transe, Woolf vinha pensando num projeto desse tipo havia bastante tempo. Em março de 1927, quando *Ao farol* estava sendo impresso, ela comentou no diário que almejava escrever "uma narrativa no gênero de Defoe para se divertir". Segundo anotou, tinha concebido "toda uma fantasia que se chamaria 'The Jessamy Brides'", sobre duas mulheres "pobres e solitárias, que viviam no sótão de uma casa" da qual se podia descortinar "tudo (já que se trata de uma fantasia): a ponte da Torre, nuvens, aviões", acrescentando que o texto

> seria escrito [...] a toda velocidade [...]. A sátira dará o tom — sátira e insensatez [...]. Minha própria veia lírica será satirizada. Tudo ridicularizado [...]. Pois a verdade é que sinto a necessidade de uma escapadela depois desses livros sérios de experimentação poética, tão exigentes em matéria de forma. Quero me soltar e fazer alguma coisa divertida.[3]

Com o passar dos meses, ela havia refinado e transformado essa ideia, observando, antes mesmo de escrever para Vita, que"um dia desses [...] vou esboçar aqui, como num grande mural histórico, o perfil de todos os meus amigos [...]. Pode ser um livro muito engraçado [...]. Vita seria Orlando, um jovem nobre [...] e tudo seria fidedigno porém fantástico".[4] Uma ou duas semanas depois, ela decidiu que o trabalho seria "uma biografia iniciada no ano de 1500 e continuando até o presente, chamada 'Orlando: Vita'; somente com uma mudança de sexo".[5]

Naquele ponto da carreira, Woolf se encontrava no auge de sua impressionante capacidade imaginativa e intelectual. Nascida em 1882, filha de Leslie Stephen, um eminente homem de letras vitoriano, e Julia, sua bonita e vivaz segunda mulher, ela tinha sido criada, como observou, "num ambiente do final do século XIX em que as pessoas eram muito comunicativas, cultas, articuladas, gostando de escrever cartas e se visitar".[6] Mesmo antes de se casar, em 1912, com o intelectual socialista Leonard Woolf, ela começara a transitar daquele ambiente rumo ao centro do círculo radical e rebelde de artistas e escritores que veio a ser conhecido como "Grupo de Bloomsbury". Entre outras atividades, estudara grego (à época um projeto incomum para uma moça), ensinara numa escola para operárias no sul de Londres, trabalhara para o movimento feminista e

começara a escrever resenhas para o *The Times Literary Supplement*.

Aos 45 anos de idade, Woolf era autora de cinco romances cada vez mais inovadores em estilo, assim como de um bom número de importantes ensaios e artigos críticos. Ela e o marido, Leonard, eram donos e dirigentes da Hogarth Press, uma editora pequena porém influente que publicou livros de figuras-chave do modernismo, como T. S. Eliot e Katherine Mansfield, além da tradução para o inglês da obra completa de Sigmund Freud. Nunca arrogante — na verdade, havia sofrido uma série de colapsos nervosos caracterizados por uma profunda depressão e frequentemente tinha uma visão distorcida de seu "fracasso" na vida —, nos melhores momentos ela revelava uma serena confiança em sua própria capacidade e sempre se propunha novos desafios. Ao mesmo tempo, tendo desenvolvido ao longo de mais de uma década o que chamava de seu método de "construir túneis", mediante o qual retratava a vida interior dos personagens de romances como *Mrs. Dalloway* e *Ao farol*, ela tinha todas as razões para desejar tirar suas "férias" como escritora.

Em termos metafóricos, que melhor companhia ela podia ter nessas férias do que a excêntrica e carismática Vita Sackville-West? Enquanto Woolf provinha de uma família da alta burguesia, gente "culta e articulada que gostava de escrever cartas e de fazer visitas", Vita (abreviatura de Victoria) era sem dúvida uma representante da aristocracia, classe pela qual Woolf sempre demonstrara um fascínio ambivalente. Enquanto, apesar de seu êxito literário, Woolf vivesse preocupada com dinheiro, Vita era, ao menos supostamente, herdeira de uma vasta fortuna: embora a reivindicação da posse de Knole, sua mansão ancestral, tenha envolvido uma complexa ação judicial, a propriedade era antiga, luxuosa e imensa. Enquanto Woolf se casara com um intelectual socialista que ela própria definira certa vez como um "judeu sem tostão", Vita estava casada com um representante da elite britânica — o jovial diplomata Harold Nicolson. Enquanto Woolf não tinha filhos e era sexualmente tímida, Vita era mãe de dois filhos e uma conhecida "safista", que não fazia o menor esforço para ocultar sua atração por mulheres e os casos que tinha com elas. (Na realidade, enquanto Leonard Woolf era estritamente monogâmico e de uma devoção obsessiva à esposa, Harold Nicolson era ostensivamente tão bissexual quanto sua mulher.)

Além do mais, embora Woolf fosse (ou achasse que era) fisicamente frágil e feia, Vita tinha uma beleza vigorosa, com uma sensualidade sombria que

herdara (ou assim especulava Woolf) da avó, chamada "Pepita de Oliva", uma bailarina espanhola que seria descendente de ciganos. Se Woolf era (às vezes) quase neurastenicamente intelectual e desligada das questões cotidianas, Vita era uma mulher ativa e aventureira, que escapara para Paris por algum tempo com uma amante, Violet Trefusis, apenas cinco anos após ter se casado com Nicolson. Malgrado seu famoso humor e charme, Woolf frequentemente se mostrava ansiosa com respeito a suas roupas, seus gestos e em certas ocasiões até seu comportamento social, enquanto Vita tinha uma elegância natural e o ar de comando espontâneo que advém de gerações de poder. Por último, mas não menos importante, enquanto Woolf era uma artista brilhante, ambiciosa e esforçada, Vita possuía um talento bem menor: embora fosse ela própria uma escritora prolífica e de sucesso, não podia ser vista como uma séria concorrente literária da amiga.

O fato de Vita confessar, franca e insistentemente, que estava "apaixonada" por Woolf só poderia ter multiplicado seus encantos na perspectiva da romancista. Numa entrada no diário de 1925, a futura autora de *Orlando* resumiu de forma incisiva os traços que a atraíam naquela companheira tão fortemente sedutora:

> Gosto dela e de estar em sua companhia, de seu esplendor — ela brilha na mercearia de Sevenoaks com o fulgor de uma chama, caminhando sobre pernas que mais parecem troncos de faia, corada, portando uvas, com brincos de pérolas. Esse é o segredo de seu encanto, assim suponho. Seja como for, ela me achou incrivelmente desmazelada, dizendo que nenhuma mulher ligava menos para sua aparência pessoal, ninguém se vestia como eu. E, no entanto, tão bonita etc. Qual é o efeito de tudo isso em mim? Muito variado. Há a maturidade dela, seus seios fartos, o fato de enfrentar as marés com as velas enfunadas enquanto eu navego lentamente junto à costa; sua capacidade de tomar a palavra em qualquer ambiente, de representar seu país, de visitar Chatsworth, de controlar a prataria, os criados, os cachorros; o fato de ser mãe (embora algo fria e impaciente com os meninos), de ser realmente (o que nunca fui) uma mulher de verdade. Há ainda certa voluptuosidade, as uvas estão maduras, e pouca reflexão. Não, quanto ao cérebro e à percepção ela não é tão extremamente organizada quanto eu. Mas sabe disso, e por essa razão me oferece a proteção maternal que, por algum motivo, é o que

sempre desejei receber de todas as pessoas.[7]

Desde menina Woolf gostava de escrever histórias burlescas sobre a vida de seus amigos e parentes: em 1907, compôs um pequeno texto intitulado "Friendships Gallery", a espirituosa biografia de Violet Dickinson, uma mulher mais velha a quem ela dedicava grande afeto. E, no ano seguinte, escreveu "Reminiscences", memórias de sua irmã Vanessa dedicadas aos filhos dela. Mas agora, na plena maturidade como autora, seu tema era uma pessoa tão desafiadora que ela se viu obrigada a transformar o tipo de esboço ligeiro e pessoal que utilizara nos casos de Violet e Vanessa num tributo de corpo inteiro e profissionalmente sofisticado (embora fantástico e paródico) a alguém que a cativara, um tributo que o filho de Vita, Nigel Nicolson, mais tarde definiu como "a mais longa e mais encantadora carta de amor em toda a literatura".

Além do carisma pessoal que Woolf descrevera com tamanho entusiasmo em seu diário de 1925, o que fazia Vita particularmente fascinante para sua futura "biógrafa" era a combinação de intensidade erótica e ambiguidade sexual que esta associava com o safismo ou lesbianismo. "Essas safistas amam as mulheres; a amizade nunca fica intocada pelo sentimento amoroso", ela observou com interesse.[8] Nem era surpreendente tal interesse, uma vez que o Grupo Bloomsbury, em que Woolf circulava desde a adolescência, havia muito tomara uma postura "radical em sua rejeição dos tabus sexuais", tal como disse seu sobrinho e biógrafo Quentin Bell.[9]

Com efeito, nas palavras do crítico Alex Zwerdling, a

> permissividade sexual do grupo era realmente extraordinária: a homossexualidade e o lesbianismo não apenas praticados, mas discutidos abertamente; as ligações adúlteras se tornando um elemento bem-aceito no círculo familiar; *ménages à trois*, *à quatre*, *à cinq*; e tudo isso ocorrendo pouco após a morte da rainha Vitória por gente criada em conformidade com as velhas normas.[10]

Por exemplo, Vanessa, a irmã de Woolf, casou-se com Clive Bell, mas manteve um longo caso com o historiador de arte Roger Fry e, após ter dois filhos com Bell, teve uma filha com o pintor Duncan Grant, com quem estabeleceu um relacionamento amistoso que durou por toda a vida.

Lytton Strachey, amigo de Woolf, de quem ela chegou a ficar noiva por

um breve período, manteve numerosas relações homossexuais antes de se estabilizar, ele também, em um relacionamento duradouro, no seu caso com Dora Carrington, uma jovem mulher que o adorava, e com o marido dela, Ralph Partridge, que Strachey adorava.

Embora a jovem Virginia Stephen tendesse a ser mera observadora e não participante naquelas configurações sexuais inortodoxas, seus sentimentos nunca foram sufocados pelas convenções. Por exemplo, como observa Quentin Bell, ela claramente teve uma grande paixão por Violet Dickinson, a quem enviou "cartas ardentes, encantadoras, divertidas, chocantes [...] através das quais se busca formar uma imagem de quem as recebia".[11] E, na realidade, bem antes de conceber a história sáfica intitulada "The Jessamy Brides", que se metamorfoseou em *Orlando*, Woolf retratara com especial fervor o amor entre mulheres em seus romances. Rachel Vinrace, a heroína de *A viagem* (1915), tem uma ligação intensa com sua amiga e mentora Helen Ambrose, enquanto Katharine Hilbery, protagonista de *Noite e dia* (1919), e a sufragista Mary Datchet se acasalam; além disso, a pintora Lily Briscoe, personagem importante de *Ao farol*, tem fascínio pela sra. Ramsay, figura fortemente maternal que domina o romance.

E o que é mais notável: Clarissa Dalloway, a heroína que dá nome ao livro *Mrs. Dalloway* (1925), recorda o momento em que a amiga de juventude Sally Seton a beijou nos lábios como a suprema experiência erótica de sua vida, refletindo sobre seus sentimentos com relação às mulheres numa das passagens mais sexualmente explícitas que Woolf escreveu:

> [...] ela às vezes não resistia aos encantos de uma mulher, não de uma menina, e sim de uma mulher quando lhe confessava, como frequentemente o faziam, alguma trapalhada, alguma loucura [...] ela sem dúvida sentiu então o que os homens sentem. Só por um momento, porém bastou. Foi uma revelação súbita, como um rubor que se tenta controlar e depois, quando não consegue, a pessoa foge para bem longe, onde, trêmula, sente que o mundo ficou mais próximo, prenhe de surpreendentes significados, a pressão do êxtase rompendo as finas barreiras e escorrendo sobre os cortes e as feridas para trazer extraordinário alívio! Naquele momento ela tinha visto um clarão, chama queimando num arbusto, um pensamento recôndito quase expressado. Mas o que era próximo se afastou, o que era rígido se

afrouxou. O momento passara.[12]

"Ela sem dúvida sentiu então o que os homens sentem." Embora essa observação pareça incidental, o que estava por trás dela — e o que daria força especial à atração de Woolf pelo safismo, bem como seu fascínio pelo travestismo e pelo transsexualismo tão centralmente dramatizados em *Orlando* — era o crescimento, nos primeiros anos do século, da nova disciplina da "sexologia", que complementava e suplementava a disciplina também nova (e igualmente carregada de significado sexual) da psicanálise, adotada por muitos contemporâneos da escritora. Enquanto os pensadores vitorianos tinham pregado que a masculinidade e a feminilidade "respeitáveis" eram inatas e a sexualidade, essencialmente imutável, os sexólogos e seus discípulos começaram a chamar a atenção para a fluidez e os ardis de gênero.

Edward Carpenter, um homossexual declarado e principal profeta britânico dessa linha de pensamento, postulou na década de 1890 a existência utópica de um "terceiro sexo" ou "sexo intermediário", cujos representantes ele chamou de "urnings" (derivado de Urânia, significando os céus) porque eram capazes de transcender de uma forma andrógina os limites estreitos da heterossexualidade. Relacionando especificamente a definição desses seres privilegiados ao crescente movimento em prol dos direitos da mulher, no qual Woolf estava envolvida, ele declarou em 1896:

> em anos recentes (e desde a chegada da Nova Mulher entre nós) [...] surgiram alguns tipos notáveis e (a nosso ver) indispensáveis de pessoas nas quais ocorre uma tal união ou um tal equilíbrio de qualidades femininas e masculinas que elas se tornam em grande medida as intérpretes nas relações entre homens e mulheres.[13]

É mais que provável que Woolf estivesse familiarizada com as opiniões de Carpenter, uma vez que ele conhecera e influenciara tanto E. M. Forster quanto G. Lowes Dickinson, duas importantes figuras intimamente associadas ao Grupo Bloomsbury.

Tema semelhante ao de Carpenter foi desenvolvido mais tarde pelo dramaturgo e socialista fabiano George Bernard Shaw, que também relacionou as mudanças nas definições de sexualidade ao impacto

transformador do movimento sufragista. "As pessoas ainda se prendem à velha ideia de que a mulher é uma criação especial", comentou Shaw em 1927 — justamente quando Woolf estava escrevendo *Orlando* —, mas observou:"Devo dizer que ultimamente as mulheres vêm trabalhando duro para eliminar tal impressão e fazer todos compreenderem que *uma mulher é de fato apenas um homem usando saias, ou, se você preferir, que um homem é uma mulher sem saias*" (grifo meu).[14] Assim, em 1933, Havelock Ellis, o principal teórico britânico da "sexologia" e amigo tanto de Carpenter quanto de Shaw, resumiu esses novos conceitos sobre gênero no seu magistral livro *Psicologia do sexo*, onde comenta o seguinte:

> Podemos não saber exatamente o que é o sexo, mas sabemos muito bem que ele é mutável, com a possibilidade de que um sexo se transforme no outro, que suas fronteiras são frequentemente incertas e que há muitas gradações entre um homem completo e uma mulher completa.[15]

Recentemente, como sabemos, os teóricos do gênero e da sexualidade procuraram fazer distinções cuidadosas entre o travestismo, o transexualismo e a homossexualidade (masculina e feminina). Travestis masculinos não são necessariamente homossexuais. Lésbicas, é evidente, não precisam ser travestis. E homossexuais de ambos os sexos só raramente são transexuais — isto é, pessoas que se veem como tendo nascido com o sexo "errado". Para a geração de Woolf, contudo, tais distinções eram menos claras. Pouco depois da publicação de *Orlando*, o controvertido livro *O poço da solidão* (1928), de Radclyffe Hall, um retrato ostensivamente realista da artista como lésbica, caracterizou a "invertida" Stephen Gordon, sua protagonista feminina, como um homem aprisionado num corpo de mulher.

Hall, ela própria lésbica assumida, costumava usar roupas masculinas, era chamada de "John" pelos amigos íntimos e frequentava os salões sáficos de Paris e Londres cujas outras habituées incluíam mulheres sexualmente rebeldes como sua amante aristocrática Una Troubridge e a pintora Romaine Brooks, bem como as escritoras Natalie Barney, Gertrude Stein e Vita Sackville-West. Entretanto, apesar do repúdio aparentemente tranquilo de Hall àquilo que a poeta Adrienne Rich mais tarde denominou "heterossexualidade compulsória", a autora do livro intitulado significativamente *O poço da solidão* deu um formato trágico à história de Stephen Gordon, descrevendo-a como "grotesca e esplêndida, tal como

alguma coisa primitiva concebida numa era turbulenta de transição".[16] A desoladora perspectiva de Hall é, na verdade, muito diferente da leveza com que Woolf apresentou a mudança de sexo de Orlando.

Depois que seu protagonista masculino se transforma em mulher, Woolf observa, com despreocupação, que, "em todos os demais aspectos, [Orlando] continuava a ser precisamente como era antes" (p. 142), sugerindo que as personalidades ou os papéis definidos sexualmente não passam de fantasias, podendo assim ser trocados sem dificuldade. "Foi uma mudança nela própria que ditou a escolha pelos trajes femininos e pelo sexo feminino", ela explica mais tarde para esclarecer essa questão, observando que "apesar de diferentes, os sexos se misturam" (p. 179). Com efeito, não apenas Orlando é um ser com mais de um sexo que se sente feliz em transcender os limites do gênero porque "em sua figura se combinavam a força de um homem e a graça de uma mulher" (p. 142), mas o amante e o marido dela também parecem ter ricos guarda-roupas de ambos os sexos. Após Orlando se tornar mulher, a arquiduquesa Harriet de Scand-op-Boom se transforma no arquiduque Harry; ele/ela e Orlando "desempenharam com grande elã os papéis de homem e mulher durante dez minutos, passando depois a conversar com naturalidade" (p. 172). Do mesmo modo, depois de se casar com o cômico porém mágico capitão naval Marmaduke Bonthrop Shelmerdine, Orlando afetuosamente acusa o simpático marido de ser mulher, e ele alegremente a acusa de ser homem, pois "foi uma revelação para cada um deles que uma mulher pudesse ser tão tolerante e sincera quanto um homem, e um homem, tão estranho e sutil quanto uma mulher" (p. 231).

Apesar da dor contida em *O poço da solidão* e do prazer representado em *Orlando*, as duas obras têm em comum uma premissa sobre o gênero fortalecida pelas teorias de sexólogos do gabarito de Carpenter e Ellis, as quais contrariam radicalmente a famosa assertiva de Sigmund Freud de que "anatomia é destino". Hall entende que a desgraça de Stephen Gordon reside no fato de que seu destino sexual foi, por assim dizer, apartado de sua anatomia, enquanto Woolf define a capacidade de Orlando de escolher seu próprio destino sexual como um triunfo sobre a anatomia. Ambas, no entanto, ao menos de maneira implícita se rebelam contra a noção de que os papéis sociais ou eróticos de gênero são inevitavelmente determinados pela sexualidade biológica. Assim, embora tenha considerado *O poço da solidão* apenas um "livro meritoriamente enfadonho",[17] Woolf se ofereceu

para depor a favor da obra quando esta foi confiscada pelos censores governamentais. Sua defesa do livro de Hall deve ter sido provocada tanto pelo sentimento de compartilharem a rejeição da "heterossexualidade compulsória" quanto por um compromisso ético com a liberdade de expressão.

E Woolf nem foi a única entre os intelectuais de Bloomsbury a querer desembaraçar os laços entre anatomia e destino. Quentin Bell observa que, pouco antes de ser inspirada pelo romance com a sáfica Vita Sackville-West a produzir seu próprio retrato fantástico do artista como o que hoje chamamos de transexual, ela ficara fascinada pela mudança de sexo num evento social em que a fluidez de gênero fora o assunto principal:

> "[…]no início de setembro [1927], Maynard e Lydia Keynes deram uma festa em Tilton. Jack… Sheppard fez o papel de uma *prima donna* italiana, com as palavras e a música propocionadas por um gramofone. Alguém tinha levado um recorte de jornal reproduzindo a fotografia de uma bela jovem que se transformara em homem, o que se tornou o tópico de conversa mais importante de Virginia durante o resto da noite.[18]

Desse modo, quando Woolf decidiu que as "férias de autora" dedicadas à vida da amiga Vita como "Orlando, um jovem nobre" deviam ser ao mesmo tempo "fidedignas" e "fantásticas", ela estava expressando com precisão uma visão particular de gênero assim como da história. Porque, se era "fantástico" conceber Vita vivendo durante trezentos anos, da era elisabetana até "os dias atuais", na opinião de Woolf era perfeitamente "fidedigno" imaginá-la mudando de sexo com a mesma facilidade com que podia mudar de roupa.

Se o fascínio romântico de Woolf por Vita e seu safismo foi uma das maiores forças que a compeliram a escrever *Orlando* com uma velocidade e alegria sem precedentes, seu antigo interesse pela história e pela biografia foi outro fator de relevância crucial. Como seu pai, Leslie Stephen, havia se tornado o primeiro editor do prestigioso *Dictionary of National Biography* no ano em que ela nasceu, Woolf se preocupara desde o início da carreira com o gênero pessoal (mas com frequência "oficial") de biografia e sua relação com a historiografia pública "oficial". Além disso, tendo sido

educada principalmente em casa, os estudos prescritos pelo pai durante sua adolescência incluíam, segundo Quentin Bell, a maior parte dos clássicos históricos e biográficos escritos no século XIX, entre os quais *History of England*, de Macaulay; *História da Revolução Francesa*, de Carlyle; *History of Rome*, de Thomas Arnold; os vários volumes de *Declínio e queda do Império Romano*, de Gibbon; e *Life of Carlyle*, de Froude. O fato de a maioria desses livros versar sobre as vidas e obras de homens, omitindo quase inteiramente qualquer exame das experiências e conquistas femininas, deve ter bem cedo irritado uma jovem defensora dos direitos das mulheres, que futuramente escreveria dois dos principais tratados feministas do século XX — *Um teto todo seu* (1929) e *Three Guineas* (1938).

Assim, talvez como um gesto de rebeldia contra a autoridade paterna e patriarcal, alguns dos primeiros escritos de Virginia Stephen tomaram a forma de biografias e estudos de história, valendo-se dos métodos utilizados pelo pai e seus associados, ao mesmo tempo que satirizava, de forma não muito sutil, as Vidas de Grandes Homens que eram objeto do dicionário de Leslie Stephen e que o amigo dele, Thomas Carlyle, na obra *Os heróis*, proclamara serem a substância da própria história. "Friendships Gallery" e "Reminiscences", seus afetuosos tributos a Violet Dickinson e Vanessa Bell, foram na verdade precedidos por uma tentativa intitulada "History of Women" (escrita em 1897, quando ela tinha apenas quinze anos, e hoje infelizmente perdida) e mais tarde por uma fantasiosa meditação sobre o passado intitulada "The Journal of Mistress Joan Martyn" (1906). Neste trabalho, uma historiadora chamada Rosamund Merridew descobre um conjunto de documentos que supostamente registrariam a vida e a época de uma certa Joan Martyn, que teria vivido no século XV e escrito um diário que constitui uma espécie de protótipo da mítica "Judith Shakespeare", cuja trajetória trágica e admonitória Woolf traça em *Um teto todo seu*.

À medida que Woolf amadureceu, essas primeiras iniciativas para rever e reimaginar um passado que sempre fora descrito como essencialmente masculino geraram três grandes projetos biográficos e históricos que a ocuparam de forma consistente tanto como romancista quanto como ensaísta. Em primeiro lugar, ela buscou várias vezes reescrever a história oficial a fim de oferecer aquilo que a teórica do feminismo francesa Hélène Cixous chamou de "a outra história" — não a dos "Grandes Homens", mas a das mulheres e, na expressão da própria Woolf, "dos obscuros",

aquela que surge nos interstícios entre as crônicas de príncipes e reis de tal modo que, quando contada, "rompe a sequência" do tempo registrado. Em segundo lugar, ela com frequência tratou de explorar e inspecionar as histórias *de família* — investigando as crônicas das pessoas e os romances pessoais dentro de cada família que servem de pano de fundo tanto para as "Vidas de Grandes Homens", na tradição de Carlyle, quanto para "as vidas dos obscuros" woolfianas. Por fim, em textos tão relevantes quanto *Um teto todo seu* e *Three Guineas*, ela produziu reflexões sobre assuntos educacionais em que, simultaneamente, rejeitou a "velha" história, relatou seus sonhos sobre uma "nova" história e expressou o desejo por uma reforma da educação — literalmente (do latim *educere*), algo que "conduzisse" ao novo.

Naturalmente, Woolf não estava sozinha em seu desencanto com a história tradicional. Já em 1818, sua romancista predileta, Jane Austen, havia criado, em *Northanger Abbey*, uma jovem e ingênua heroína chamada Catherine Morland, que manifestava um descontentamento que encontraria eco em Virginia Stephen durante sua mocidade. A história, reclamava Catherine, "nada me diz que não me irrite ou cause enfado. As disputas de papas e reis, com guerras e pestes em cada página; os homens tão inúteis, e praticamente nenhuma mulher — é muito cansativo".[19] A fim de remediar tal problema, o trabalho de Woolf corre paralelo à pesquisa feita por várias historiadoras de carne e osso no início do século XX (em alguns poucos casos prefigurando-as de forma surpreendente). Algumas dessas pesquisas — por exemplo, *Medieval People* (1924), de Eileen Power — ela chegou a conhecer, porém outras, como o livro *Woman as a Force in History* (1946), de Mary Beard, só foram publicadas após sua morte.

Quando a romancista de Bloomsbury começou a enfrentar o "enfado" da história convencional dominada pelos homens, tais projetos feministas praticamente não existiam mesmo em seu círculo de intelectuais radicais. Na verdade, ainda em 1921 o historiador norte-americano Arthur Schlesinger tinha observado que

> Se o silêncio dos historiadores significa alguma coisa, pareceria que metade de nossa população tem sido um fator desprezível na história do país. Antes de aceitar tal assertiva como verdadeira, os fatos de nossa história precisam ser revistos a partir de nova perspectiva. Não se deve

> esquecer [...] que todos os nossos grandes historiadores têm sido homens, e por isso provavelmente foram influenciados por uma interpretação masculina da história, até mesmo mais efetiva por ser inconsciente.[20]

Embora possa não ter tomado conhecimento do comentário de Schlesinger, Woolf o ecoou pouco após completar *Orlando*: em *Um teto todo seu*, observando com mordacidade que "sem dúvida se visualizaria um estranho monstro ao ler primeiro os historiadores [opinando sobre as mulheres] e depois os poetas: um verme com asas iguais às de uma águia, o espírito da vida e da beleza numa cozinha cortando miúdos de boi". Para superar esse problema, ela sugeriu que as alunas de Newnham e Girton "deviam reescrever a história", uma vez que, observou ironicamente, "ela com frequência parece um pouco estranha, irreal e desequilibrada".[21]

Com tal objetivo, Woolf escreveu diversos ensaios sobre o passado das mulheres e sobre as tradições literárias femininas, mas as tentativas mais incisivas de revisão histórica empreendidas por ela tomaram paradoxalmente a forma de romances. A seu juízo, tal como explicou no ensaio-romance *The Pargiters*, que foi o embrião do romance-história *Os anos* (1937), sua última obra, "seria bem mais fácil escrever história [do que ficção, mas] esse método de dizer a verdade me parece tão elementar e canhestro que prefiro, onde a verdade é importante, escrever ficção".[22] E a essa preferência ela se apegou consistentemente desde o início de sua carreira.

Assim, como a história de um ser que é transformado e se transforma, *Orlando* não constitui uma novidade na obra de Woolf ao criticar as histórias e biografias padronizadas enquanto propõe a possibilidade de uma vida alternativa. Em *A viagem*, o arrogante St. John Hirst considera impossível imaginar que Rachel Vinrace tenha "atingido a idade de vinte e quatro anos sem haver lido Gibbon". Em *O quarto de Jacob* (1922), a forma da biografia se aplica a um personagem ausente — um misterioso jovem "acima do qual nos mantemos suspensos e vibrando". Em *Ao farol*, quando "o tempo passa", os principais eventos públicos são relatados de forma apenas incidental enquanto um narrador não identificado descreve os ataques da natureza contra a casa de verão da família Ramsay, focalizando depois os trabalhos de recuperação empreendidos por duas obscuras criadas. Ao longo desses livros (e de outros), Woolf persistentemente explora a misteriosa relação entre a essência inefável da

realidade humana e a substância enganadora e geralmente patriarcal dos registros históricos. Desse modo, ao compor a "carta de amor" a Vita Sackville-West, ela estava pronta não apenas para o que chamou de "escapadela" mas também para criar o que Leon Edel caracterizou como "uma bem estruturada teoria da biografia", formulada agora como reação às ideias de seu pai, porém igualmente em resposta às teorias de contemporâneos modernistas como Lytton Strachey, o extravagante demolidor de *Eminent Victorians*, e Harold Nicolson, autor de um tratado sobre biografias que seria publicado em 1928 pela Hogarth Press, da qual ela era coproprietária.[23]

Segundo Edel, foi na verdade Strachey quem estimulou Woolf a escrever um romance sob a forma de biografia paródica. Comentando *Mrs. Dalloway*, Strachey propôs a ela que talvez devesse escrever um livro com uma "estrutura mais livre e mais fantástica" do que até então tentara, um "formato que admita tudo, como *Tristram Shandy*".[24] Mas a natureza da história que Woolf adotou como tema e estrutura era bem mais subversiva que qualquer coisa imaginada por Strachey. Isso porque, embora houvesse ridicularizado os costumes pomposos do final do século XIX em seus livros *Eminent Victorians* e *Rainha Vitória*, ele preservara os contornos da história e da biografia tradicionais. Levantando-se contra as convenções patrióticas da elite vitoriana, ele quase sempre concordava com as formalidades mais sutis e machistas de Cambridge, à qual devotou eterna lealdade. Woolf, contudo, gerou algo novo: um relato exuberante de uma vida que, embora aparentemente vivida no limiar da história patriarcal, se apropria dessa história e a transforma.

Assim como a decisão paradoxal de Woolf, de que *Orlando* devia ser "fidedigno mas fantástico", resume precisamente sua visão da transformação de gênero que constitui o cerne do livro, a frase também oferece uma descrição correta da empreitada narrativa de cunho histórico em que ela embarca nas suas "férias de autora". Porque o lorde/Lady Orlando é um jovem nobre que conhecemos inicialmente no século XVI, acompanhamos durante os reinados de Elizabeth I e Carlos II até que assume a embaixada na Turquia, onde *ele* se torna *ela*, voltando a encontrá-la como escritora aristocrata na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, e finalizando por vê-la quando se torna uma autora premiada no "momento atual" de aviões e automóveis. Sem dúvida, no amplo voo que faz sobre as solenes cordilheiras da história, essa vida transcende até

mesmo os parâmetros fantásticos de *Tristam Shandy* prescritos por Strachey. Não obstante, como insistiu Woolf, ele é ao mesmo tempo "fidedigno" por obedecer aos seus esforços para reimaginar a história, assim como por respeitar a visão que ela vinha desenvolvendo com respeito às realidades psicológicas secretas que conformam até a vida das mulheres mais liberadas.

Tal como Vita Sackville-West — e como a própria Virginia Woolf —, Orlando parece gozar desde o nascimento de uma posição privilegiada na sociedade. Além disso, como Woolf e Vita, ele/ela é uma espécie de outsider e até, de uma perspectiva convencional, um louco como seu antepassado literário, *Orlando Furioso*, de Ariosto.[25] Pertencendo à nobreza, ele sempre "teve um fraco pelos plebeus, em particular pelos que sabiam ler e escrever", e, mesmo quando é mais ou menos adotado pela grande rainha Elizabeth, mostra pouco entusiasmo pelas atividades da corte. Durante a longuíssima Grande Geada, quando Londres parece congelada num momento eterno, ele se apaixona pela andrógina Sasha, uma princesa russa para quem "deseja outra paisagem e outra língua", um lugar e um idioma distantes da história pública da Inglaterra que está se formando a seu redor. Quando Sasha é levada pela inundação do tempo que subitamente rompe o gelo, Orlando se retira para sua mansão ancestral no campo a fim de se tornar escritor, mas mesmo no mundo das letras continua a ser um outsider. Enganado e mortificado pelo agente literário Nick Greene, obcecado e maravilhado pelo rosto enigmático de Shakespeare, ele sente que as batalhas que seus antepassados lutaram não foram "nem de longe tão árduas quanto a que agora empreendia contra a língua inglesa para conquistar a imortalidade" (p. 99).

Mais uma vez, como embaixador inglês em Constantinopla e depois como ex-embaixadora vivendo *al fresco* com um bando de ciganos, Orlando nunca está bem adaptado às circunstâncias. No primeiro caso, *ele* causa alarme entre os ingleses ao fazer um casamento desonroso com certa "Rosina Pepita"; no segundo, *ela* perturba os ciganos ao escrever poemas, admirar os poentes e mostrar saudades de sua mansão inglesa. Por fim, quando regressa à Inglaterra, Lady Orlando está sempre de passo errado na marcha do tempo ao seu redor. No século XVIII, veste-se como homem a fim de poder visitar as comunidades das prostitutas de Londres e ouvir suas histórias. No século XIX, casa-se com um capitão naval e produz "um lacrimoso borrão após o outro" (p. 220) de poesia, porém seu marido é um

explorador excêntrico e não um patriarca vitoriano, além de que os versos sentimentais que escreve iam "de encontro ao seu temperamento natural". No século XX, ela por fim ganha um prêmio pelo poema "The Oak Tree" [O carvalho], mas envia por telegrama um comentário sardonicamente em código sobre o significado do triunfo literário: "as palavras 'Rattigan Glumphoboo', que resumiam tudo de forma precisa" (pp. 249-50). Malgrado estar sempre nas margens da história, ela vê de passagem a rainha Elizabeth, Shakespeare, Carlos II, Nell Gwyn, Alexander Pope, os Carlyle e até mesmo, na primeira versão do livro, uma certa "Volumnia Fox" — pseudônimo da própria Virginia Woolf.[26] Mas seu olhar passa por esses luminares com a luminosa indiferença, digamos, do feixe de luz de um farol. Mesmo avistando a costa, ela continua sempre no mar, nas águas mais agitadas da história.

Mesmo assim, da forma como Woolf o/a descreve, Orlando é história, quando nada porque a luz de sua mente serve como uma lâmpada ao iluminar o transcurso do tempo para os leitores, e a mansão, que resiste a todas as mudanças com seus alegoricamente ressoantes 365 quartos e 52 escadas, representa a metáfora utilizada pela autora para significar a duração da existência humana. Seja no mar, seja na fímbria do tempo, a perspectiva supostamente marginal de Orlando, uma perspectiva que poderia ter sido rechaçada ou ignorada tanto por Stephen quanto por Strachey, se torna o ponto de vista central a partir do qual necessitamos ver o mundo ao tentar aceitar as condições da história. Na verdade, à medida que Woolf lida com tais condições — examinando-as de esguelha, apropriando-se espertamente delas, revisando-as subversivamente —, elas se transformam nas condições de Orlando, e a própria história se torna a história de Orlando, o relato sobre um corpo por vezes masculino, por vezes feminino. Esse corpo contém a verdade alternativa que, no livro *Um teto todo seu*,Woolf chama de "a vida comum que é a vida real", em contraste com "as vidinhas separadas [...] que vivemos como indivíduos".[27]

Assim, o desenvolvimento psicossexual dessa criatura sem pais (pois Woolf nunca os apresenta em sua "biografia") constitui realmente uma novidade em termos de narração, pois ela é generalizada, parodiada e por fim transcendida no curso das fantásticas intercessões de Orlando com a história. Redefinindo e questionando simultaneamente a periodização convencional, o dito período elisabetano recapitula a infância e a pré-

adolescência de Orlando, com uma longuíssima geada pré-edipiana e uma inundação edipiana que exageram e ridicularizam o significado de "crescer". De forma similar, o século XVII, com a mudança de sexo, oferece a Orlando um novo tipo de adolescência, assinalando comicamente o momento de transformação e realização sexuais, enquanto o século XVIII representa o que deveria ser a ostensiva juventude da Lady. Já o século XIX reproduz sua embaraçosa confrontação com as exigências da maturidade feminina tal como definida pelo sistema patriarcal (casamento, maternidade); e o século XX, com seu prenúncio de um "novo mundo" apocalíptico, reflete um "momento de ser" maduro, um encontro libertador com o "eu-comandante, o eu-chave, que amalgama e controla todos os outros" (p. 271).

Nessa extraordinária fusão do pessoal e do político, tanto a sequência de "um rei atrás do outro", que constitui a história oficial, quanto as permutações das "vidas dos obscuros", que constituem a "outra história", parecem, para usar a frase de Wallace Stevens, "mais verdadeiras e mais estranhas". Em particular, a história que a própria Woolf sempre definira como "masculina" aqui se torna também "feminina" — se torna, com efeito, aquilo que a autora havia até então definido implicitamente como uma contradição em termos: a história pública de uma mulher privada — na medida em que Orlando, voltando por fim da Turquia para reivindicar sua herança inglesa, se torna figurativamente a senhoria da Inglaterra.*

Por certo também é relevante o fato de que *Orlando* realmente constitui a biografia fantástica e a história de família de determinada mulher que Virginia Woolf amou, não apenas porque a romancista desejava lisonjear e imortalizar a amiga, não apenas porque tal amiga era casada com o teórico da biografia Harold Nicolson, mas também porque seu apelido, Vita, usado habitualmente, significa "vida", de tal modo que a *Vita Nuova* criada em homenagem a ela sugere de forma jocosa a Vida Nova que é a Vida da Nova Mulher. Dessa maneira, assim como muitas das ilustrações que o livro contém são fotografias da própria Vita ou de antepassados da família Sackville, vários detalhes da trama refletem pormenores de sua biografia real: a primeira paixão por Violet Trefusis (que aqui se torna a russa Sasha porque Vita a chamava de "Lushka"); a avó espanhola (aqui, como na vida real, "Rosina Pepita"); a corte que lhe faz o tolo aristocrata lorde Lascelles (aqui o duque/duquesa de Scand-op-Boom); as viagens para o Oriente (aqui o episódio na Turquia); seu travestismo (aqui as aventuras

no século XVIII); o fato de ter ganhado o prêmio Hawthornden por *The Land* (aqui o prêmio Burdett Coutts por "The Oak Tree"); sua luta judicial para reaver a propriedade de família (aqui, como na vida real, sua Grande Ação Judicial); seu casamento com o compreensivo bissexual Harold Nicolson (aqui chamado de Marmaduke Bonthrop Shelmerdine); e assim por diante.[28]

Igualmente importante, as transformações fantásticas desses detalhes feitas por Woolf servem para fortalecer Vita. Essa *Vita Nuova* ficcional não apenas lhe concede "a vida e o amante" que ela deseja na figura de Orlando, mas muitas vidas e muitos amantes. Assim, também, porque Vita crescera sentindo ser um rapaz — até, no auge do caso com Violet Trefusis, passando-se por um soldado ferido chamado "Julian" — e perseguida por sua ansiedade com relação à "dupla" sexualidade, Woolf lhe assegura que, sim, se ela se sentia como um rapaz, então era de fato um rapaz. Na verdade, como se respondendo à esperança manifestada por Vita em sua autobiografia (à época ainda inédita) de que "com o passar dos séculos [...] os sexos se tornarão bem mais próximos devido às suas crescentes semelhanças",[29] Woolf sugere, em sua revisão simultânea da história e da sexualidade, que os séculos já se passaram e os sexos se mesclaram, ou nunca foram separados de todo — pois, "apesar de diferentes, os sexos se misturam" (p. 179). Dessa forma, tendo Vita sido impedida de herdar a propriedade dos Sackville — Knole — por causa de seu sexo, Woolf lhe concede a posse perpétua daquela mansão fazendo com que o esbulhado homem/mulher tenha a seu dispor não um, mas 365 cômodos — um número cujas conotações simbólicas, ainda que baseadas na realidade extravagante de Knole, significam que ele/ela herdou não só um lugar no tempo, porém o próprio tempo.[30]

Nessas condições, como uma "teoria da biografia", *Orlando* é tanto um comentário sobre a história quanto uma meditação sobre o tempo. Para começar, no seu papel de metabiógrafa — uma escritora que ao mesmo tempo utiliza e critica a forma em que está trabalhando — Woolf parodia com humor as especulações indiscretas e frequentemente absurdas do autor que supõe conhecer a "verdade" sobre a "vida" e o "eu" do indivíduo que constitui seu tema. Cada um de nós, ela argumenta ao dotar Orlando de diversos trajes e carreiras, tem muitas "vidas" e muitos "eus", os quais, por sua multiplicidade, jamais poderão ser adequadamente compreendidos pelo pesquisador voyeurístico. Ao deixar de descrever certos momentos

capitais da história de Orlando (por exemplo, sua mudança de sexo, alguns de seus romances, o nascimento do filho e até mesmo a composição do poema "The Oak Tree"), Woolf simultaneamente zomba do falso puritanismo dos biógrafos, que tremem diante dos escândalos mesmo enquanto os recontam, e enfatiza a singularidade, a opacidade e a privacidade — na verdade, a incognoscibilidade (ao menos por outrem) — dos principais "eventos" na vida de qualquer pessoa.

Também importante, ao rechaçar a definição tradicional da extensão de uma vida (setenta anos), Woolf indica que a percepção de duração de determinado indivíduo, bem como a consciência das variedades de sua experiência emocional e intelectual, pode ser muito mais dramática do que imaginamos normalmente. Da adolescência à idade adulta, uma pessoa pode sofrer metamorfoses tão radicais quanto as mudanças públicas associadas com a transformação do fértil e indisciplinado "período elisabetano" no racional e ordeiro "período vitoriano". E a pessoa pode sentir, com o "passar do tempo", que o abismo entre a adolescência e a idade adulta é tão imenso que deveria ser medido não naquilo que chamamos de "anos", mas de "séculos".

Inversamente, ao associar de modo arbitrário os "períodos" históricos definidos pela tradição com a vida de uma pessoa específica, Woolf propõe que nossas definições dos momentos históricos — os períodos "elisabetano", "romântico", "vitoriano", "moderno" — podem ser igualmente arbitrárias. Se Orlando, como uma espécie de espírito paradigmático das letras inglesas, se mantém persistentemente ele/ela, único embora múltiplo, vários embora o mesmo no curso dessas aparentes metamorfoses da sociedade inglesa, talvez as próprias "mudanças" históricas não sejam tão facilmente explicáveis ou descritas como nos ensinaram. Sem dúvida, a retórica jovial que Woolf adota (no papel de biógrafa/historiadora ao anunciar cada nova "era") deflaciona a pretensão dos autores que sugerem que as complicações do passado são passíveis de interpretação mediante rótulos e categorias simplistas.[31]

A passagem mais engraçada e mais bem conhecida dessa retórica é provavelmente aquela em que, enquanto Orlando contempla o "sereno e bem-ordenado" panorama de Londres no século XVIII, recordando as "tortuosas estradas elisabetanas", sua biógrafa paródica de repente descreve uma "massa turbulenta de nuvens" que se forma sobre a cidade quando soam as doze badaladas da meia-noite, proclamando que agora

"tudo era escuridão; tudo era dúvida; tudo era confusão. O século XVIII terminava, nascia o século XIX" (p. 207). É claro que Woolf está indicando aqui, de forma sucinta e metafórica, a diferença entre o "espírito" de uma "era" e o "espírito" de outra, porém o caráter súbito e o absurdo da mudança que ela descreve questionam a própria ideia da "transição" histórica. Como e por que o "hipotético caráter ordeiro" do século XVIII deu lugar à suposta "nebulosidade" do século XIX são questões mais difíceis do que a maioria dos historiadores está pronta a admitir.

Por fim, como mostra Woolf, o próprio tempo — o material que tanto os biógrafos quanto os historiadores têm de enfrentar — é muito mais misterioso do que o intelectual médio gostaria de reconhecer. O tempo é aquilo que experimentamos ou o que nos dizem que experimentamos? Em outras palavras, vivemos principalmente sob o comando de relógios internos e pessoais ou somos de fato governados por uma cronologia abstrata e culturalmente imposta? Essas são perguntas com as quais Woolf já havia se defrontado em várias obras. Em *Mrs. Dalloway*, por exemplo, o tempo público e oficial é representado pelo "Big Ben [...] ditando a lei com sua majestade, tão solene, tão justo", enquanto aquilo que podemos chamar de tempo privado e individualmente vivenciado é simbolizado pelo "outro relógio, o que dava as horas dois minutos depois do Big Ben", e que "chegava arrastando os pés e trazendo uma porção de bugigangas [...] todo tipo de pequenas coisas [...] inundando, fazendo ondinhas e dançando na esteira daquelas badaladas solenes".[32] E, como vimos, em *Ao farol* o tempo construído culturalmente pelo qual a história é em geral medida — o tempo dos cronistas, o tempo de nascimentos, mortes e guerras dos historiógrafos — está tão envolto numa espécie de tempo "natural" e indiferenciado que os principais eventos são relatados em declarações parentéticas enquanto o transcurso de dez anos parece tomar apenas uma noite.

Entretanto, como meditação sobre questões comparáveis em matéria de temporalidade, *Orlando* é bem mais radical do que esses textos precedentes. Sem dúvida, a elasticidade do meio em que se move o protagonista do livro é metafisicamente crucial: por um lado, metade da vida de Orlando se expande para abarcar cinco séculos da história social e cultural da Inglaterra; por outro lado, cinco séculos da história inglesa por assim dizer encolhem para caber dentro de metade da vida desse ser mágico. Além disso, Woolf vez por outra não apenas comenta a

arbitrariedade das "eras" em que o tempo histórico foi organizado por diversos historiadores, mas também a arbitrariedade das próprias unidades de tempo. Em certo ponto, por exemplo, seu narrador ridiculariza o calendário, que, como ela observa ironicamente, não tem nenhum significado próprio a menos que nele se introduza um significado humano:

> Estamos em novembro. Depois de novembro vem dezembro. Mais tarde, janeiro, fevereiro, março e abril. Depois de abril, vem maio. Seguem-se junho, julho e agosto. O próximo é setembro. Então outubro, e eis que estamos de volta em novembro, com um ano inteiro consumado.
>
> Este método de escrever biografias, embora tenha seus méritos, talvez seja um tanto pobre [...] [pp. 237-8].

Em outro ponto, contudo, Woolf celebra a centralidade que o calendário — e o relógio — pode assumir quando seu significado abstrato coincide com a plenitude da experiência humana. Atingindo esse tipo de epifania joyciana no século XX, Orlando observa que

> o túnel imensamente longo em que parecia estar viajando por centenas de anos se alargou; a luz penetrou nele; seus pensamentos se tornaram misteriosamente hirtos e tensos, como se um afinador de piano houvesse posto a chave em suas costas e retesado ao máximo os nervos; ao mesmo tempo, sua audição ganhou em acuidade — podia ouvir cada murmúrio e cada estalido na sala, de modo que o tiquetaque do relógio em cima da lareira soava como um martelo. E assim, durante alguns segundos, a luz se tornou mais e mais brilhante, e ela viu tudo mais e mais claramente, e o relógio tiquetaqueou mais e mais alto até que ocorreu uma tremenda explosão junto ao seu ouvido. Orlando deu um salto como se houvesse sido golpeada violentamente na cabeça. Foi atingida dez vezes. Na verdade, eram dez horas da manhã. Do dia 11 de outubro. Do ano de 1928. Era o momento presente.
>
> Ninguém precisa se surpreender por Orlando ter se assustado, levando a mão ao coração e empalidecendo. Pois pode haver revelação mais terrível de que se saber no momento presente? O fato de sobrevivermos ao choque só é possível porque o passado nos protege de um lado e o futuro de outro [pp. 261-2].

Embora hiperbolicamente, essa passagem expressa a intensidade radiosa

da experiência temporal — o "momento de ser", para utilizar a frase da própria Woolf — que a autora continuamente buscou capturar em seu complexo papel de biógrafa/historiadora/romancista revisionista e que, em *Orlando*, doou triunfantemente a Vita Sackville-West.

Ao terminar *Orlando*, Woolf começou a ter dúvidas sobre o romance que tinha iniciado com tamanho entusiasmo e exuberância em suas "férias de autora". "Pode malograr por não ser nem uma coisa nem outra, longo demais para uma piada, frívolo demais para um livro sério", ela se inquietava em 22 de março de 1928, menosprezando a obra um mês depois como "um monstrengo".[33] No entanto, para sua surpresa, o primeiro "crítico" — Leonard Woolf, a quem ela costumava submeter todos os seus manuscritos para comentário tão logo sentisse que estavam completos — acolheu o livro "mais seriamente do que [ela] havia antecipado". Ele "acha que, de certa forma, é melhor que *Ao farol*", registrou a romancista no seu diário em 31 de maio, "sobre coisas mais interessantes, mais ligado à vida, mais amplo [...]. Diz que é muito original".[34]

E Leonard nem era uma exceção entre os primeiros leitores do romance, pois, nas palavras de sua própria mulher, "a acolhida [de *Orlando*] ultrapassou todas as expectativas"[35] nos jornais e revistas dos dois lados do Atlântico. Escrevendo no *New York Herald Tribune*, a romancista e ensaísta feminista Rebecca West definiu o livro como "uma obra-prima poética de primeira grandeza",[36] elogio que deixou Woolf "um pouco envergonhada e abobalhada", enquanto outros críticos igualmente entusiasmados louvaram sua "prosa ligeira e brilhante", sua "deliciosa" fantasia, sua "refinada" poesia e um "humor que reluz como relâmpagos no verão". "Nunca, talvez, a sra. Woolf escreveu com tamanha verve: sem dúvida sua imaginação nunca foi tão audaciosa", proclamou o *The Times Literary Supplement*. E, conquanto as encomendas anteriores à publicação houvessem sido decepcionantes porque, como Woolf explicou a si própria em seu diário, "ninguém quer biografias"[37] — nem mesmo, evidentemente, falsas biografias —, as vendas após a publicação foram as maiores que a escritora jamais teve. "L. acaba de me consultar sobre uma terceira edição de *Orlando*", ela anotou em dezembro de 1928, acrescentando que "vendemos mais de 6 mil exemplares e as vendas continuam a ser incrivelmente robustas — por exemplo, 150 hoje, na maior parte do tempo entre cinquenta e sessenta por dia, sempre para minha surpresa". Com efeito, o sucesso da "escapadela" literária de Woolf assinalou um ponto de

inflexão em sua carreira profissional. Finalmente ela foi capaz de sentir que "meu sustento está assegurado. Pela primeira vez desde que me casei [...] estou gastando algum dinheiro".[38]

Nas últimas décadas, porém, diversos críticos e estudiosos de Woolf têm revelado a tendência de atribuir menos valor a *Orlando* do que o fizeram seus primeiros leitores. Quentin Bell, por exemplo, mostra seu desdém pelo livro com o débil elogio de que é "fácil de ler, divertido, direto em sua narração". Embora conceda que "de todos os romances de Virginia [este é] aquele que mais se aproxima do sentimento sexual, ou antes homossexual", ele caracteriza seu protagonista como "semelhante [...] às criações glamorosas dos romances açucarados".[39] Adotando tom parecido, Alex Zwerdling observa de modo depreciativo que em *Orlando* "temas sérios de Woolf, como a androginia, a passagem do tempo e a dedicação artística, são tratados ironicamente e ridicularizados", enquanto Jane Marcus observa com dureza que "algo mais do que uma 'explicação simpática' se faz necessária para ver [no livro] um mito moderno do desenvolvimento histórico, aquilo que Rebecca West chamou de 'alta fonte' do gênio". Mais recentemente, John Batchelor o avalia como "não [...] uma obra importante" e sim "um experimento malsucedido".[40] Na verdade, malgrado os elogios dos resenhistas, a própria Woolf, em novembro de 1929, descreveu o livro de forma zombeteira não apenas como um "monstrengo", mas, pior ainda, como "mera brincadeira de criança".[41]

No entanto, não se deve ignorar a impressão inicial que *Orlando* causara em Woolf como "não desejado" mas "extraordinariamente potente por si próprio [...] como se tivesse empurrado tudo para o lado a fim de nascer". Isso porque, além de ser uma "escapadela" feliz, uma encantadora "carta de amor", uma exuberante análise dos papéis de gênero e uma meditação espirituosa sobre a história, o livro ocupa uma posição particularmente interessante e "potente" no conjunto da obra de Woolf: ela começou a projetar *Orlando* pouco depois de completar *Ao farol*, o estudo elegíaco de uma tradicional família da alta classe média no período vitoriano que se destinava em parte a exorcizar os fantasmas de seus pais, de seu próprio passado; e, após terminar *Orlando*, ela comentou que "desejo escrever no mesmo estilo a história de, digamos, Newnham ou do movimento feminista",[42] dedicando-se quase imediatamente a seu primeiro tratado feminista de peso, *Um teto todo seu*. Em certo sentido, pode-se argumentar

que *Orlando* funciona como uma ponte crucial entre esses dois textos superficialmente tão diferentes.

A própria Woolf compreendia muito bem a importância psíquica que *Ao farol* teve para ela. Ao conceber inicialmente o romance, notou que "o centro é o personagem de meu pai sentado num bote, recitando 'Nós morremos cada qual a sós' enquanto amassa uma cavalinha moribunda",[43] e, após terminá-lo, observou que "uma vez escrito, acabou a obsessão que eu tinha com minha mãe. Não ouço mais sua voz; não a vejo".[44] No estudo intitulado *Virginia Woolf and the Fictions of Psychoanalysis*, Elizabeth Abel afirma que "as duas versões de Woolf sobre a gênese de seu texto retratam inspirações diferentes com respeito a seu pai e sua mãe, assim como processos de escrita distintos que reproduzem as disputas psicanalíticas acerca da prioridade narrativa de um e de outro".[45] No entanto, talvez não seja necessário decidir sobre a "prioridade narrativa" de seu pai ou de sua mãe caso se entenda que a proposta básica do romance é tanto um exorcismo quanto uma elegia ao papel sexual de cada um deles, tal como prescrito durante os anos em que Woolf estava crescendo. "Suponho que fiz por mim o que a psicanálise faz para seus pacientes. Expressei uma emoção sentida há muito tempo e de forma muito profunda. E, ao expressá-la, expliquei-a e a enterrei."[46] Com essas palavras Woolf rememorou a escrita de *Ao farol*, pois sem dúvida foi então que ela "enterrou" os fantasmas das figuras dos pais, tal como tradicionalmente definidas, que haviam assombrado suas obras desde *A viagem*.

Orlando é, de fato, o primeiro romance de Woolf cuja trama não é dominada de alguma forma por uma meditação sobre as configurações da família tal como estruturada em torno do estereotípico casal heterossexual. Em vez disso, essa "biografia" paródica, mas em última análise séria, toma como ponto de partida um personagem que, pode-se dizer, evoluiu tanto de Lily Briscoe, a artista decididamente solteirona de *Ao farol*, quanto de Vita Sackville-West. O que teria sido a vida de Lily, sugere *Orlando*, se ela tivesse tido a liberdade de perambular através da história e descobrir que aquilo que a sra. Ramsay considerava a "lei universal" do casamento (assim como os papéis sexuais sobre os quais tal lei se fundamentava) era um mero artifício, comparável às roupas que ela usava ou, em sua própria pintura, às "relações entre os volumes"? E como teria sido a vida de Lily se toda a história fosse, para ela, um espaço surpreendentemente livre em que

qualquer um pudesse ser fácil e despreocupadamente homem *ou* mulher? E mais, como as criações da história pareceriam a esse tipo de ser tão radicalmente novo? Será que as duas histórias — a crônica masculina solenemente produzida pelo Big Ben e o registro feminino mais tímido oferecido pelo "outro relógio" — se manteriam apartadas, permaneceriam divididas?

Depois de haver explorado essas questões em *Orlando*, Woolf nunca mais retomou os tipos de representação da família tradicional que a haviam preocupado em suas primeiras obras. *Um teto todo seu*, a obra seguinte, foi obviamente pioneira não apenas em seu esforço de desenterrar a história das mulheres, mas ao advogar uma androginia criativa que traz à mente a celebração de Edward Carpenter de um "terceiro sexo" ou um "sexo intermediário", assim como em sua ressurreição imaginativa da poeta perdida "Judith Shakespeare". *As ondas* (1931), que Woolf vinha planejando ainda enquanto escrevia *Orlando* e começava a escrever *Um teto todo seu*, focaliza seis personagens (três mulheres e três homens) cujo passado familiar é tão vago que se poderia imaginar que cada qual foi fruto de uma partenogênese. E, embora em seus dois últimos romances, *Os anos* e *Entre os atos*, Woolf tenha voltado ao exame das dinâmicas de família, ela então aborda a história, os problemas e os prazeres da "heterossexualidade compulsória" de forma ainda mais cética e irônica do que fazia antes que *Orlando* houvesse "empurrado tudo para o lado a fim de nascer".

Ao mesmo tempo, contudo, essas obras levantam uma questão que estava implícita na história revisionista, as especulações sobre o passado e o presente, que tanto haviam ocupado a criadora de um fantástico herói/heroína que vive durante quinhentos anos de modificação cultural. Se a história pode ser reimaginada e os papéis sexuais, reconstituídos mediante tal reimaginação, qual pode ser o *futuro* rumo ao qual conduziriam um passado recém-concebido e o presente? Esse era um tópico sobre o qual Woolf também meditara ao longo de sua carreira, a começar, ainda bem cedo, com o "Journal of Mistress Joan Martyn", cuja personagem confessa em seu diário que todas as manhãs "com o rosto encostado no vidro da janela, gosto de imaginar que estou fazendo a maior pressão possível contra o pesado muro do tempo, que está sempre se levantando, recuando e abrindo novos espaços de vida para nós".[47] Mesmo durante seus últimos anos como escritora, como nos recorda Alex

Zwerdling, Woolf ainda estava cuidando desse assunto. "O esboço de *Reading at Random*, a história cultural que ela deixou inacabada ao morrer", ele observa, "é razoavelmente familiar e direto da Idade Média até o século XIX. Mas então surge a recomendação 'Pular o presente. Um capítulo sobre o futuro'." Todavia, como ele também observa, "o que escapou a ela foi a compreensão de como o presente podia concebivelmente conduzir ao futuro por ela imaginado" — um futuro, acrescento, no qual a liberação simbolizada pelas joviais metamorfoses de Orlando e o gênio ressuscitado de "Judith Shakespeare" seriam possíveis não apenas literariamente mas literalmente.[48]

Entretanto, talvez tenha sido através da intensidade da linguagem altamente metafórica, lírica e mesmo encantatória com que *Orlando* termina que Woolf começou a imaginar pelo menos o começo de um futuro que seria radicalmente diferente do passado que ela revisara com tamanha ânsia. Sem dúvida, à medida que seu retrato de uma história modificada e em processo de modificação atinge um clímax quase erótico na "quinta-feira, 11 de outubro de 1928", ela nos oferece — não apenas comicamente, mas com seriedade — uma visão de promessa transformadora que constitui uma espécie de anunciação, uma impregnação da "realidade" pelas forças da "fantasia". Chamando autoritariamente seu marido enquanto postada junto ao objeto natural totêmico que foi seu tema estético durante séculos ("'Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!', ela gritou, de pé junto ao carvalho"), Orlando desnuda "os seios para a lua [...] de tal modo que as pérolas reluziram como os ovos de alguma enorme aranha lunar" (p. 284). E, ao fazê-lo, ela aciona um "momento de ser" que é também um momento de mudança misteriosa.

Abaixo dela, Orlando vê o que é figurativamente a "grande casa" do passado, onde tudo está "iluminado como se à espera de uma rainha morta". Acima dela, paira o "belo capitão de marinha" Shelmerdine, "chegando mais e mais perto" num avião. E então, numa alusão ao gesto de anunciação — a epifania da pomba ou do cisne — através do qual o sobrenatural intervém nos assuntos humanos, "um único pássaro selvagem" surge sobre a cabeça de Shelmerdine. Juntos, Woolf sugere, o passado de uma rainha morta e o presente de outubro de 1928, a cultura da casa e do avião, a natureza da lua e os "ovos da lua", o mar de Shelmerdine, o explorador e a terra de Orlando, a senhoria, todos

encarnados no amor revisionista de um homem "feminino" e de uma mulher "masculina", podem conspirar para conceber uma *vita nuova* "não desejada" mas "potente".

*Aqui a autora faz um jogo intraduzível com as palavras "land-lady" (senhoria, dona da terra), "*the Lady Or-land-o*" (Lady Orlando, com a "terra" no meio do nome), *Ur-land-o* (proto-terra, terra de origem) e *Her-land-o* (terra dela). [N. T.]

Orlando
uma biografia

Para
V. Sackville-West

Prefácio da autora

Muitos amigos me ajudaram a escrever este livro. Alguns estão mortos e são tão ilustres que mal ouso mencionar seus nomes, porém ninguém pode ler ou escrever sem incorrer numa dívida eterna para com Defoe, Sir Thomas Browne, Sterne, Sir Walter Scott, lorde Macaulay, Emily Brontë, De Quincey e Walter Pater — para mencionar os primeiros que me ocorrem. Outros, embora talvez tão igualmente ilustres, estão vivos e por isso inspiram menos temor reverencial. Sou particularmente grata ao sr. C. P. Sanger, sem cujo conhecimento sobre as leis imobiliárias este livro nunca poderia ter sido escrito. A ampla e especial erudição do sr. Sydney-Turner me impediu, assim espero, de cometer alguns erros lamentáveis. Tirei proveito — o quanto só eu própria posso avaliar — do conhecimento de chinês do sr. Arthur Waley. A sra. Lopokova (esposa de J. M. Keynes) sempre se dispôs a corrigir o meu russo. Devo à simpatia e à imaginação ímpares do sr. Roger Fry a compreensão da arte da pintura que eu possa ter. Espero haver me beneficiado das críticas especialmente penetrantes, ainda que severas, de meu sobrinho, o sr. Julian Bell. As incansáveis pesquisas da srta. M. K. Snowdon nos arquivos de Harrogate e Cheltenham não foram menos árduas por terem se provado infrutíferas. Outros amigos me ajudaram de formas variadas demais para que eu possa especificá-las. Devo contentar-me em mencionar o sr. Angus Davidson; sra. Cartwright; srta. Janet Case; lorde Berners (cujo conhecimento de música elisabetana se revelou inestimável); sr. Francis Birrell; meu irmão, dr. Adrian Stephen; sr. F. L. Lucas; sr. e sra. Desmond MacCarthy; o mais encorajador dos críticos, meu cunhado, sr. Clive Bell; sr. G. H. Rylands; Lady Colefax; srta. Nellie Boxall; sr. J. M. Keynes; sr. Hugh Walpole; srta. Violet Dickinson; exmo. sr. Edward Sackville West; sr. e sra. St. John Hutchinson; sr. Duncan Grant; sr. e sra. Stephen Tomlin; sr. e Lady Ottoline Morrell; minha sogra, sra. Sidney Woolf; sr. Osbert Sitwell; sra. Jacques Raverat; coronel Cory Bell; srta. Valerie Taylor; sr. J. T. Sheppard; sr. e sra. T. S. Eliot; srta. Ethel Sands; srta. Nan Hudson; meu sobrinho, sr. Quentin Bell (um velho e apreciado colaborador na área da ficção); sr. Raymond Mortimer; Lady Gerald Wellesley; sr. Lytton Strachey; viscondessa Cecil; srta. Hope Mirrlees; sr. E. M. Forster; exmo. sr. Harold Nicolson; e minha irmã, Vanessa Bell — mas a lista ameaça se alongar

demais e já é muitíssimo ilustre. Embora me traga as mais agradáveis recordações, ela inevitavelmente suscitará expectativas no leitor que o livro só poderá frustrar. Por isso, concluo agradecendo aos funcionários do Museu Britânico e do Arquivo Nacional por sua habitual cortesia; a minha sobrinha, srta. Angelica Bell, por um favor que só ela poderia prestar, e a meu marido, pela paciência com que sempre me auxilia nas pesquisas e pelo profundo conhecimento histórico ao qual estas páginas devem o grau de precisão que possam ter alcançado. Por fim, eu agradeceria, caso não houvesse perdido seu nome e endereço, ao cavalheiro nos Estados Unidos que generosa e gratuitamente corrigiu a pontuação, a botânica, a entomologia, a geografia e a cronologia de trabalhos anteriores de minha autoria e, assim espero, não deixará de fazê-lo nesta ocasião.

1

Ele — pois não poderia haver dúvida quanto ao seu sexo, embora a moda da época contribuísse para disfarçá-lo — estava golpeando a cabeça de um mouro[49] pendurada nas vigas do teto. Era da cor de uma velha bola de futebol e mais ou menos de igual formato, exceto pela face encovada e alguns fios de cabelo crespos e secos, como os pelos de um coco. O pai de Orlando, ou talvez seu avô, tinha cortado do tronco de um avantajado pagão que saltara diante dele numa noite de luar nas terras bárbaras da África, e agora balançava de leve, sem cessar, na brisa que nunca parava de soprar nos cômodos do sótão da gigantesca casa do senhor que o matara.

Os antepassados de Orlando haviam cavalgado nos campos de abróteas,[50] em campos coalhados de pedras e em campos banhados por estranhos rios, tendo decepado muitas cabeças multicores de muitos ombros e as trazido para pendurá-las nas vigas. Assim faria também Orlando, ele jurava. Mas, como só tinha dezesseis anos e era moço demais para acompanhá-los nas incursões à África ou à França, saía às ocultas de perto de sua mãe e dos pavões no jardim escapando para seu quarto no sótão, onde dava estocadas e cortava o ar com golpes de espada a torto e a direito. Às vezes cindia a corda e a cabeça tombava no chão, obrigando-o a prendê-la de novo com tal cavalheirismo que seu inimigo lhe sorria triunfalmente com os lábios murchos e enegrecidos. O crânio oscilava porque a casa, no alto da qual ele vivia, era tão vasta que parecia aprisionar o próprio vento, soprando para um lado e para o outro no verão e no inverno. A tapeçaria verde com as figuras dos caçadores estava sempre em movimento. Seus antepassados eram nobres desde tempos imemoriais. Surgiram das brumas do norte com pequenas coroas nas cabeças.[51] Os raios de sol, varando o imenso brasão formado pelos vitrais da janela, criavam faixas de sombra no quarto e manchas amarelas que tornavam o chão quadriculado. Orlando estava agora de pé no meio do corpo amarelo de um leopardo heráldico.[52] Ao abrir a janela, sua mão, pousada no peitoril, se coloriu instantaneamente de vermelho, azul e amarelo, como uma asa de borboleta. Assim, aqueles que gostam de símbolos e têm uma queda para decifrá-los podem observar que, embora

as pernas bem-feitas, o corpo elegante[53] e os ombros fortes estivessem todos decorados com tons variados da luz heráldica, o rosto de Orlando, ao abrir de par em par a janela, era iluminado apenas pelo sol. Impossível encontrar um rosto mais cândido e taciturno. Feliz a mãe que gerou tal ser, mais feliz ainda a biógrafa que registra sua vida! Ela nunca se aborrecerá ou ele invocará a ajuda de alguma romancista ou poeta. De feito em feito, de glória em glória, de cargo em cargo ele irá, com um escriba o seguindo, até galgarem uma posição tão elevada quanto desejem. Orlando, bastava vê-lo, estava fadado a ter uma carreira assim. O vermelho de suas bochechas era recoberto por uma penugem de pêssego, pouco mais rala que o buço. Os lábios eram finos e ligeiramente repuxados sobre os dentes de uma brancura extraordinária, qual amêndoas. Nada perturbava o voo curto e preciso do nariz reto como uma flecha; os cabelos eram pretos, as orelhas pequenas e bem rentes à cabeça. Mas, infelizmente, não se pode encerrar esse rol de beleza juvenil sem mencionar a testa e os olhos. Pena que raramente alguém nasça sem todos os três, pois, pousando a vista em Orlando de pé junto à janela, seria forçoso admitir de pronto que seus olhos pareciam violetas encharcadas, tão grandes que a água dava a impressão de ter chegado até a borda e os alargado; e a testa lembrava a protuberância de uma abóbada de mármore imprensada entre os dois medalhões em branco que eram suas têmporas. Tão logo vemos os olhos e a testa, cantamos suas loas. Tão logo vemos os olhos e a testa, precisamos admitir mil coisas desagradáveis que todo bom biógrafo busca ignorar. Certas visões o perturbavam, como a de sua mãe, uma bela senhora vestida de verde que vai alimentar os pavões com a criada Twitchett caminhando atrás dela; outras visões o exaltavam — os pássaros e as árvores — ou o faziam se apaixonar pela morte — o céu ao anoitecer, as gralhas que voltam a casa; e assim, subindo a escada caracol para chegar a seu cérebro — que era bem espaçoso —, todas essas visões, como também os sons do jardim, o bater do martelo, a madeira sendo cortada, provocavam a turbulência e confusão de paixões e emoções que todo bom biógrafo detesta. Mas continuemos: Orlando afastou a cabeça da janela, sentou-se à mesa e, com o ar semiconsciente de quem faz a mesma coisa todos os dias àquela hora, abriu um caderno intitulado "Aethelbert: uma tragédia em cinco atos"[54] e mergulhou no tinteiro uma velha e manchada pena de ganso.

Em breve ele havia enchido dez ou mais páginas com versos. Sem dúvida

era fluente, porém abstrato. A crueldade, o crime e a miséria eram os personagens de seu drama; havia reis e rainhas de territórios impossíveis; tramas horrendas os embaralhavam; sentimentos nobres os invadiam; nenhuma das palavras usadas seria dita por ele, mas, considerando-se sua idade — não fizera ainda dezessete — e o fato de que o século XVI ainda duraria alguns anos mais, tudo era bastante notável graças à fluidez e doçura da composição. Entretanto, finalmente fez uma pausa. Como todos os jovens poetas sempre fazem, estava descrevendo a natureza e, para combinar o tom preciso de verde, ele olhou (e nisso mostrou mais audácia do que a maioria deles) para aquilo que tinha em mente, por acaso um arbusto de loureiro debaixo da janela. Depois disso, naturalmente, não conseguiu mais escrever. O verde na natureza é uma coisa, o verde na literatura é outra. A natureza e as letras parecem ter uma antipatia visceral; junte as duas, e se estraçalham mutuamente. O matiz de verde que Orlando viu naquele momento estragou sua rima e fraturou sua métrica. Além disso, a natureza tem seus próprios truques. Basta que a pessoa olhe pela janela para as abelhas em meio às flores, para um cachorro bocejando, para o sol se pondo; basta que pense "quantas vezes mais verei o sol se pôr" etc. etc. (o pensamento é tão banal que não vale a pena discorrer sobre ele), para deixar de lado a pena, pegar a capa, sair do cômodo com passos largos e tropeçar numa arca pintada. Porque Orlando era um pouco desastrado.

Tomou cuidado para não encontrar ninguém. Stubbs, o jardineiro,[55] vinha pela aleia em sua direção. Escondeu-se atrás de uma árvore até ele passar. Escapuliu por um pequeno portão no muro do jardim. Evitou todos os estábulos, canis, carpintarias, lavanderias e locais onde se fabricavam cerveja e velas de sebo, se matavam bois, se forjavam ferraduras e se costuravam gibões — porque a casa era uma pequena cidade[56] reverberando ao som das atividades dos homens que exerciam seus diversos ofícios — e tomou a trilha ladeada de samambaias que subia a colina através do parque sem ser visto. Como há talvez um parentesco entre atributos, um deles se fazendo acompanhar de outro, o biógrafo precisa chamar a atenção aqui para o fato de que essa falta de jeito frequentemente está associada ao amor pela solidão. Tendo tropeçado na arca, Orlando naturalmente amava os lugares solitários, as vastas paisagens, o sentir-se sozinho para todo o sempre.

Por isso, após um longo silêncio, "Estou só", enfim exalou, abrindo os

lábios pela primeira vez neste relato. Tinha andado muito rapidamente colina acima em meio às samambaias e espinheiros, espantando veados e pássaros selvagens, até um local coroado por um único carvalho.[57] Era muito alto, tão alto que de lá era possível avistar dezenove condados ingleses e, num dia claro, trinta ou quarenta se o tempo estivesse muito bom. Às vezes se podia ver o canal da Mancha, ondas que se sucediam sem fim. Era possível ver rios com barcos de passeio deslizando, assim como galeões rumando para o alto-mar e navios de guerra, de onde saíam pequenas nuvens de fumaça e subia o ribombar surdo dos canhões; e fortes na costa, e castelos em meio às campinas; aqui uma torre de vigia, ali uma fortaleza; e mais além alguma ampla mansão como a do pai de Orlando, aninhada como uma cidadezinha no vale e cercada de muralhas. A leste havia os pináculos de Londres e a fumaceira da cidade; e quem sabe, na linha do horizonte, quando o vento soprava do quadrante certo, surgiam entre as nuvens até mesmo os cimos escarpados e o contorno serrilhado das montanhas de Snowdon.[58] Por um momento Orlando lá ficou contando, contemplando, reconhecendo. Essa era a casa de seu pai; aquela, a de seu tio. Sua tia era dona dos três grandes torreões circundados por árvores acolá. A charneca lhes pertencia, assim como a floresta, os faisões e veados, as raposas, os texugos e as borboletas.

Ele suspirou fundo e se atirou — havia uma paixão em seus movimentos que justifica tal palavra — no chão, aos pés do carvalho. Na transitoriedade do verão, ele adorava sentir debaixo de seu corpo a coluna dorsal da terra, pois assim considerava a dura raiz do carvalho; ou, como uma imagem suscitava outra, eram as costas de um grande cavalo montado por ele, ou o convés de um navio balouçante — na verdade, qualquer coisa desde que sólida, pois sentia a necessidade de algo a que pudesse amarrar seu coração à deriva, o coração que batia forte em seu peito, o coração que parecia varrido por ventanias olorosas e românticas todas as noites, por volta dessa hora, quando saía para passear. Amarrou-o ao carvalho e, lá deitado, gradualmente as palpitações dentro dele e à sua volta se amainaram; as pequenas folhas deixaram de tremer, os veados se imobilizaram; as pálidas nuvens de verão pausaram; seus membros se tornaram pesados em contato com o chão; e ele ficou tão quieto que, aos poucos, os veados se aproximaram, as gralhas voltearam ao seu redor, as andorinhas deram mergulhos e voaram em círculos, as libélulas passaram velozes, como se toda aquela fertilidade e atividade amorosa de um fim de

tarde de verão envolvessem seu corpo como uma teia.

Após mais ou menos uma hora — o sol se punha rapidamente, as nuvens brancas haviam se tornado vermelhas, as colinas eram cor de violeta, as florestas roxas, os vales negros — soou um clarim. Orlando se pôs de pé de um salto. O som estridente vinha do vale. De um ponto escuro lá embaixo, um local compacto e bem definido, um labirinto; uma cidadezinha, embora cercada de muros; veio do coração de sua própria mansão no vale, a qual, antes às escuras, mesmo enquanto ele a olhava e o clarim solitário se duplicava e reduplicava em outros sons agudos, ficou crivada de luzes. Algumas eram luzinhas pressurosas, como se criados corressem pelos corredores atendendo a muitos chamados; outras eram altas e reluzentes, como se iluminassem salões de banquetes vazios mas prontos a receber convivas que não tinham vindo; outras ainda mergulhavam e oscilavam, desapareciam e ressurgiam, como se levadas nas mãos por tropas de criados que se curvavam, ajoelhavam e levantavam para receber, proteger e escoltar para dentro da casa, com toda a dignidade, uma grande princesa que descia de sua carruagem. Coches faziam manobras no pátio. Cavalos meneavam nervosamente seus penachos. A rainha tinha chegado.

Orlando parou de olhar. Saiu desabalado colina abaixo. Entrou por uma portinhola. Galgou às pressas a escada em espiral. Chegou a seu quarto. Jogou as meias para um lado, o gibão para outro. Molhou a cabeça. Lavou as mãos escrupulosamente. Aparou as unhas. Com apenas vinte centímetros de espelho e um par de velas usadas para ajudá-lo, vestiu os calções carmesins, a gola de renda, o colete de tafetá e sapatos com rosetas do tamanho de grandes dálias em menos de dez minutos contados pelo relógio da cavalariça. Estava pronto. Estava ruborizado. Estava excitado. Mas estava terrivelmente atrasado.

Pelos atalhos que conhecia muito bem, atravessou uma infinidade de cômodos e escadas para chegar ao salão de banquetes, a cinco acres de distância, no outro lado da mansão. No entanto, parou a meio caminho, nos fundos da casa, onde ficavam os criados. A porta da sala de estar da sra. Stewkley estava aberta — ela sem dúvida havia saído, levando todas as chaves, para servir à patroa. Mas, sentado à mesa dos serviçais, com uma caneca ao lado e um papel à sua frente, havia um homem bem gordo e mal-ajambrado, com uma gola de tufos bastante suja e roupas de lã grosseira tingida de marrom.[59] Segurava uma pena mas não escrevia. Parecia ocupado em fazer rolar um pensamento dentro da cabeça, para

cima e para baixo, de um lado para o outro, até lhe dar uma forma ou impulso que lhe agradasse. Seus olhos, redondos e anuviados como uma pedra verde de textura incomum, estavam vidrados. Não viu Orlando. Malgrado toda a sua pressa, Orlando ficou paralisado. Seria um poeta? Estaria escrevendo poesia? "Conte-me", ele queria perguntar, "tudo do mundo todo" — pois tinha as ideias mais estapafúrdias, absurdas e extravagantes sobre os poetas e a poesia —, mas como falar com um homem que não o vê? Que, em vez disso, vê ogros, sátiros, talvez o fundo do mar? Por isso, Orlando o observou enquanto o homem, girando a pena entre os dedos para cá e para lá, meditava com o olhar perdido. E então, muito rapidamente, escreveu meia dúzia de linhas e ergueu a vista. Ao que Orlando, tomado pela timidez, saiu correndo e chegou ao salão de banquetes justo a tempo de se prostrar de joelhos e, curvando a cabeça, confuso, oferecer uma tigela de água de rosas à grande rainha.[60]

Tamanha era sua timidez que só viu dela as mãos com os anéis dentro d'água, mas era o suficiente. Tratava-se de uma mão memorável, fina e com longos dedos sempre curvados como se empunhando um orbe ou um cetro; mão nervosa, ossuda e entortada, doentia; mas também poderosa, que bastava ser erguida para fazer tombar uma cabeça; a mão, ele imaginou, presa a um velho corpo que cheirava como um armário onde os casacos de pele fossem guardados com cânfora; e, no entanto, um corpo ataviado com todo tipo de brocados e pedras preciosas; que se mantinha muito ereto embora talvez padecendo de dores no ciático; que nunca se intimidava apesar de acometido de mil temores; e os olhos da rainha eram amarelo-claros. Ele sentiu tudo isso quando os grandes anéis faiscaram na água e então algo pressionou seus cabelos — o que, possivelmente, explica ele não ter visto nada mais passível de ser usado por algum historiador. E, na verdade, tantas coisas opostas se acumulavam em sua mente — a noite e as velas chamejantes, o poeta esmolambado e a grande rainha, os campos silenciosos e o barulho feito pelos criados — que não podia ver nada, ou somente aquela mão.

Em contrapartida, a própria rainha só poderia ter visto uma cabeça. Mas, se a partir da mão é possível deduzir um corpo, com todos os atributos de uma grande rainha, sua rabugice, coragem, fragilidade e terror, sem dúvida uma cabeça pode ser igualmente fértil quando vista do alto de um trono por uma senhora cujos olhos, se podemos confiar nas estátuas de cera da abadia, sempre estiveram bem abertos. Os cabelos longos e encaracolados,

a cabeça escura curvada com tamanha reverência e inocência diante dela, insinuavam um par das mais belas pernas que já sustentaram um jovem nobre; e olhos cor de violeta; e um coração de ouro; e lealdade e encanto viril — todas as qualidades que a velha senhora mais e mais amava à medida que as perdia. Pois ela estava envelhecendo, ficando gasta e torta antes do tempo. O som das canhonadas não saía de seus ouvidos. Via sempre a gota reluzente de veneno e o longo estilete. Sentada à mesa ela aguçava os ouvidos, escutava os canhões no canal da Mancha;[61] ela temia — seria aquilo uma maldição, seria aquilo um sussurro? Inocência e simplicidade eram ainda mais importantes para ela contra o negro pano de fundo em que as projetava. E foi naquela mesma noite, assim diz a tradição, quando Orlando dormia a sono solto, que ela, apondo sua assinatura e sinete no pergaminho, formalizou a doação ao pai de Orlando da grande casa monástica[62] que pertencera ao arcebispo e depois ao rei.

Orlando dormiu a noite toda sem nada saber. Fora beijado por uma rainha sem saber disso. E, talvez, como são intricados os corações das mulheres, tenham sido sua ignorância e o sobressalto que teve quando os lábios dela o tocaram que mantiveram viva a recordação do jovem primo (pois tinham sangue em comum). Seja como for, não haviam transcorrido dois anos dessa tranquila vida no campo, e Orlando não escrevera provavelmente mais do que vinte tragédias, uma dúzia de romances e uns vinte sonetos, quando chegou uma mensagem dizendo que ele deveria se apresentar à rainha em Whitehall.

"Lá vem", disse ela ao vê-lo avançar pela longa galeria em sua direção, "meu inocente!" (Ele irradiava uma serenidade que sempre dava a impressão de inocência, mesmo quando, tecnicamente, a palavra não era mais aplicável.)

"Venha!", disse. Estava sentada junto à lareira com as costas bem empertigadas. Mandando que parasse a trinta centímetros de distância, examinou-o de alto a baixo. Estaria cotejando suas especulações da noite em que o vira com a realidade agora visível? Suas suposições tinham sido comprovadas? Olhos, boca, nariz, peito, quadris, mãos — repassou um por um; seus lábios se contraíram ostensivamente ao fazê-lo, mas, quando viu as pernas, riu alto. Ele era a própria imagem do cavalheiro nobre. Mas, e por dentro? Cravou os olhos amarelos de águia sobre ele como se fosse lhe perfurar a alma. O jovem sustentou o olhar, seu rosto adquirindo apenas um tom rosa adamascado que lhe caía muito bem. Força, graça,

romantismo, loucura, poesia, juventude — ela o leu como a uma página. Imediatamente tirou um anel do dedo (a junta estava bem inchada) e, ao enfiá-lo no dele, o nomeou seu tesoureiro e senescal; em seguida, pendurou em seu pescoço os colares correspondentes a essas funções; e, ordenando que dobrassse o joelho, prendeu em volta da parte mais fina a Ordem da Jarreteira, adornada com pedras preciosas. Depois disso, nada lhe foi negado. Quando ela participava de alguma parada, ele seguia à porta da carruagem. Mandou-o à Escócia numa triste missão junto à rainha infeliz. Estava prestes a embarcar para as guerras polonesas quando ela o chamou de volta. Pois como poderia ao menos pensar que aquela tenra carne seria dilacerada, que aquela cabeça de cabelos encaracolados rolaria por terra? Manteve-o junto a si. No auge de seu triunfo, quando os canhões estrondeavam na Torre,[63] o ar estava tão carregado de pólvora que provocava espirros, e as aclamações do povo ressoavam debaixo das janelas, ela o puxou para as almofadas onde as damas de companhia a haviam deitado (estava tão velha e acabada) e o obrigou a enfiar a cara naquela surpreendente indumentária — não trocava de roupa havia um mês — que, ele pensou recordando os tempos de menino, cheirava exatamente como o velho armário em sua casa onde se guardavam as peles da mãe. Ele se pôs de pé, quase sufocado pelo abraço. "Esta", ela suspirou, "é a minha vitória!" — no momento mesmo em que um foguete estourou e coloriu seu rosto de vermelho.

Pois a velha senhora o amava. E a rainha, capaz de conhecer um homem de verdade quando o via (embora, segundo se dizia, não na forma usual), planejou para ele uma carreira esplêndida e ambiciosa. Ela lhe daria terras e casas. Ele seria um filho na sua velhice, um esteio na sua enfermidade, o carvalho em que se apoiaria na sua decadência. Em voz rouca, sentada com as costas bem retas e vestindo seus rígidos brocados, ela fez tais promessas com uma ternura estranhamente autoritária (encontravam-se agora em Richmond)[64] junto à lareira, que, por mais lenha que nela se pusesse, nunca chegava a aquecê-la.

Enquanto isso, os meses de inverno se alongavam. Todas as árvores no parque estavam polvilhadas pela geada. O rio fluía preguiçosamente. Certo dia, quando a neve cobria o chão e os escuros aposentos revestidos de lambris se enchiam de sombras, e os veados bramiam no parque, ela viu através da porta, no espelho que sempre trazia consigo pelo temor de ser espionada, um rapaz — poderia ser Orlando? — beijando uma moça —

quem, com mil demônios, era aquela rapariga sem-vergonha? Arrebatando sua espada com punho de ouro, golpeou violentamente o espelho. O vidro se partiu; muitas pessoas acorreram; ela foi erguida e reposta na cadeira; mas não se recuperou depois disso e, com seus dias chegando ao fim, nunca mais deixou de se queixar amargamente da infidelidade dos homens.

Talvez tenha sido culpa de Orlando; mas, afinal, devemos culpá-lo? Estávamos no período elisabetano; suas normas morais não são as nossas; nem seus poetas; nem seu clima; nem mesmo suas verduras. Tudo era diferente. Até o clima, o calor e o frio do verão e do inverno eram, pode-se crer, de natureza totalmente diversa. Os dias claros e amorosos eram tão precisamente distintos das noites quanto a terra da água. O pôr do sol era sempre mais vermelho e mais intenso; a alvorada, mais branca e mais radiosa. Eles nada sabiam de nossas meias-luzes crepusculares e dilatadas penumbras. A chuva caía com veemência ou não caía. O sol resplandecia ou reinava a escuridão. Transportando isso para as regiões espirituais, como é de hábito entre eles, os poetas cantavam lindamente como as rosas murcham e as pétalas tombam. O momento é breve, proclamavam, o momento termina; todos então dormirão uma longa noite. Usar os artifícios da estufa ou do viveiro para prolongar ou preservar aqueles frescos cravos e rosas, isso não era com eles. Desconheciam as complexidades e ambiguidades ressequidas de nossa era mais gradual e duvidosa. A violência era tudo. A flor vicejava e fenecia. O sol se levantava e se punha. O amante amava e partia. E aquilo que os poetas diziam em rimas os jovens traduziam na prática. As moças eram rosas, e suas estações tão breves quanto as das flores. Cumpria colhê-las antes do anoitecer, pois o dia era curto e o dia era tudo. Assim, se Orlando foi guiado pelo clima, pelos poetas, pela própria época, e colheu sua flor no vão da janela mesmo com a neve no chão e a rainha vigilante no corredor, dificilmente podemos concordar em culpá-lo. Ele era jovem, pouco mais que um menino; fez o que a natureza lhe ordenou. Quanto à moça, assim como a própria rainha Elizabeth, desconhecemos seu nome. Podia ser Doris, Chloris, Delia ou Diana,[65] uma vez que ele fez versos para cada uma delas; podia igualmente ser uma dama da corte ou alguma camareira. Porque o gosto de Orlando era amplo; ele não amava apenas as flores de jardim; sempre sentiu fascínio pelas plantas silvestres e pelas ervas daninhas.

Aqui, na verdade, revelamos sem rebuços, como um biógrafo pode fazer, um traço curioso nele, justificado talvez pelo fato de uma de suas avós ter

usado avental e carregado vasilhames de leite. Alguns grãos do solo de Kent ou de Sussex tinham se misturado ao fino e delicado fluido que lhe viera da Normandia. Ele afirmava ser positiva essa mistura de terra parda e sangue azul. O certo é que sempre teve um fraco pelos plebeus, em particular pelos que sabiam ler e escrever, cuja inteligência tão frequentemente os mantém em posição inferior, como se com eles tivesse alguma afinidade ditada pelo sangue. Naquela altura da vida, quando sua mente fervilhava de rimas e ele nunca ia dormir sem antes ter algum lampejo verbal, a face da filha de um estalajadeiro parecia mais fresca, e as tiradas da sobrinha de um guarda florestal, mais brilhantes que as das damas da corte. Por isso, começou a frequentar à noite as Wapping Old Stairs[66] e as cervejarias, envolto numa capa cinza para ocultar a estrela pendurada no pescoço e a liga no joelho. Lá, com uma caneca à sua frente, em meio às ruelas com piso de areia, aos gramados onde se jogava boliche e a toda a arquitetura simples daqueles lugares, ele ouvia as histórias contadas pelos marinheiros sobre as privações, o horror e a crueldade nas costas do Caribe, como muitos haviam perdido os dedos do pé, outros o nariz — pois a história oral nunca foi tão completa ou finamente embelezada quanto a escrita. Ele gostava em particular de ouvi-los cantar a plenos pulmões as canções dos Açores, enquanto os papagaios trazidos daquelas regiões picavam os brincos em suas orelhas e, com seus bicos duros e insaciáveis, batiam de leve nos rubis em seus dedos, dizendo tantos palavrões quanto seus donos. As mulheres eram quase tão desabusadas em seu linguajar e livres em seus modos quanto os pássaros. Encarapitavam-se nos seus joelhos, passavam os braços em volta de seu pescoço e, adivinhando que algo especial se escondia sob a capa de lã grossa, tinham tanta ânsia de chegar à verdade dos fatos quanto o próprio Orlando.

E nem faltavam oportunidades. Era intenso o movimento no rio, a qualquer hora, de barcaças, botes a remo e embarcações de todo tipo. Não passava um dia sem que algum imponente navio zarpasse rumo às Índias; vez por outra um barco enegrecido e avariado, tripulado por homens cabeludos, chegava penosamente para lançar âncora. Ninguém sentia falta de um rapaz ou de uma moça que se demorassem um pouco a bordo depois de o sol se pôr, ou erguia a sobrancelha se corresse o rumor de que eles tinham sido vistos dormindo profundamente, abraçados, entre os sacos que continham tesouros. Pois foi isso, na verdade, o que se passou com Orlando, Sukey e o conde de Cumberland.[67] O dia estava quente;

haviam feito amor intensamente; adormeceram em meio aos rubis. Tarde da noite, o conde, cuja fortuna estava muito ligada aos negócios espanhóis, veio conferir o butim sozinho com uma lanterna. Iluminou um barril. Recuou assustado, proferindo uma praga. Enroscados junto ao tonel, dois espíritos dormiam. Supersticioso por natureza, e com muitos crimes lhe pesando na consciência, o conde tomou o casal — estavam embrulhados num manto vermelho e os seios de Sukey eram quase tão brancos quanto as neves eternas na poesia de Orlando — por um fantasma que tivesse escapado dos túmulos de marujos afogados para reprová-lo. Fez o sinal da cruz. Jurou arrependimento. O conjunto de asilos de pobres que ainda se vê na Sheen Road é o fruto palpável daquele momento de pânico. Doze velhas da paróquia hoje bebem chá e à noite darão graças a Deus por terem um teto sobre suas cabeças. Assim, aquele amor ilícito num navio carregado de tesouros… mas a lição moral é dispensável.

Cedo, contudo, Orlando se cansou, não apenas do desconforto desse estilo de vida e das ruas labirínticas da vizinhança, mas dos modos primitivos daquela gente. Porque, cumpre lembrar, o crime e a pobreza não tinham para os elisabetanos nem um pouco da atração que têm para nós. Eles não compartilhavam minimamente de nossa vergonha moderna pela cultura livresca; de nossa crença de que ser filho de um açougueiro é uma bênção e não saber ler, uma virtude; não tinham a ilusão de que aquilo que chamamos de "vida" e "realidade" está de alguma forma associado à ignorância e à brutalidade; nem, na verdade, possuíam qualquer equivalente para essas duas palavras. Não foi em busca da "vida" que Orlando conviveu com eles; não à procura da "realidade" que os deixou. Mas, após ouvir vinte vezes como Jakes perdeu o nariz e Sukey, a honra — e ambos contavam essas histórias admiravelmente, é forçoso admitir —, ele começou a se entediar com a repetição, pois um nariz só pode ser cortado de uma maneira e a virgindade, perdida de outra — ou assim lhe parecia —, enquanto a grande diversidade das artes e das ciências excitava profundamente sua curiosidade. Por isso, sempre se recordando deles com prazer, parou de frequentar as cervejarias e os jogos de boliche, pendurou a capa cinza no armário, deixou a estrela brilhar no pescoço e a jarreteira luzir no joelho, voltando a aparecer na corte do rei Jaime. Era jovem, era rico, era bonito. Ninguém poderia ter sido recebido de forma mais calorosa.

É certo que muitas damas estavam prontas a lhe conceder seus favores.

Os nomes de pelo menos três foram livremente vinculados ao seu na condição de noivas — Clorinda, Favilla e Euphrosyne[68] —, assim as tendo chamado em seus sonetos.

Tomando-as pela ordem: Clorinda era uma senhorita de modos muito doces e gentis — de fato, Orlando ficou caído por ela durante seis meses e meio; mas tinha pestanas brancas e não suportava ver sangue. Uma lebre assada, servida à mesa de seu pai, a fazia desmaiar. Também era muito influenciada pelos padres, economizando nas roupas de baixo para dar aos pobres. Decidiu reformar Orlando para livrá-lo de seus pecados, o que o aborreceu tanto que desistiu de se casar com ela, não lamentando demais quando morreu pouco depois, de varíola.

Favilla, que vem a seguir, tinha um temperamento totalmente diferente. Filha de um cavalheiro pobre de Somersetshire, graças apenas à sua tenacidade e à beleza de seus olhos, havia conseguido subir na corte, onde a destreza na equitação, o elegante arco de seus pés e a graça ao dançar tinham conquistado a admiração de todos. Certa feita, no entanto, ela cometeu a imprudência de chicotear um *spaniel* que rasgara uma de suas meias de seda (e, para ser justo com Favilla, é preciso lembrar que ela tinha poucas meias, a maioria de lã), quase o matando debaixo da janela de Orlando. Apaixonado que era por animais, ele então notou que os dentes de Favilla eram tortos, os dois da frente virados para dentro, o que, segundo disse, era sinal inconfundível de um caráter perverso e cruel numa mulher, razão pela qual naquela noite mesmo rompeu para sempre o noivado.

A terceira, Euphrosyne, foi de longe a mais séria de suas paixões. Pertencia à família dos Desmond irlandeses e, por isso, possuía uma árvore genealógica tão antiga e com raízes tão profundas quanto a do próprio Orlando. Era loura, de pele rosada e um pouquinho lerda. Falava italiano bem, tinha os dentes superiores perfeitos, embora os da arcada inferior fossem algo desbotados. Jamais era vista sem um *whippet* ou um *spaniel* a seu lado, que alimentava com pão branco de seu próprio prato; cantava docemente acompanhando os virginais; e nunca estava completamente arrumada antes do meio-dia, devido ao extremo cuidado que dedicava à sua pessoa. Em suma, teria sido uma esposa perfeita para um nobre como Orlando, e os preparativos tinham chegado a tal ponto que os advogados de ambas as partes se ocupavam dos acordos, contratos de doação e usufruto, avenças, cessão de moradias, enfiteuses e tudo o mais que se faz

necessário antes que uma grande fortuna possa se unir a outra, quando, com a brusquidão e o rigor que então caracterizavam o clima inglês, ocorreu a Grande Geada.

A Grande Geada,[69] dizem os historiadores, foi a mais rigorosa que visitou estas ilhas. Pássaros se enregelavam em pleno voo e caíam por terra como pedras. Em Norwich, uma jovem camponesa que gozava de excelente saúde começou a atravessar a estrada e foi vista se transformando em pó, sendo soprada por cima dos telhados quando uma lufada glacial a atingiu na esquina. A mortandade entre as ovelhas e o gado foi enorme. Muitos cadáveres enregelados não puderam ser arrancados dos lençóis. Não era incomum ver uma vara de porcos congelados bloqueando a estrada. Os campos estavam coalhados de pastores, lavradores, parelhas de cavalos e meninos que espantavam pássaros imobilizados em determinado momento, um com a mão no nariz, outro com uma garrafa na boca, um terceiro segurando a pedra que seria jogada nos corvos que, como se empalhados, haviam pousado sobre a cerca a um metro dele. Foi tamanho o rigor da geada que às vezes ocorria uma espécie de petrificação; era voz corrente que o grande aumento de pedras em certas partes de Derbyshire não se devia a alguma erupção, pois nenhuma foi registrada, e sim à solidificação de viajantes infelizes literalmente transformados em pedras no local onde se encontravam. A Igreja pouco podia ajudar e, embora alguns proprietários de terra tivessem providenciado para que aqueles restos mortais fossem benzidos, a maioria preferiu usá-los como marcos de estrada, postes onde as ovelhas podiam se coçar ou, quando a forma das pedras permitia, como cochos para o gado, fins a que ainda servem, em geral de modo admirável, até os dias de hoje.

No entanto, enquanto os moradores do campo sofriam as maiores vicissitudes e o comércio do país estava paralisado, Londres vivia um período de grande brilho. Com a corte em Greenwich, o novo rei aproveitou a oportunidade de sua coroação para ganhar as boas graças dos cidadãos. Ordenou que o rio, congelado até uma profundidade de quase sete metros e por mais de dez a doze quilômetros em cada margem, fosse varrido e enfeitado para tomar o aspecto de um parque de diversões, com pavilhões, labirintos, aleias, barracas de bebidas etc. — tudo isso por sua conta. Para si próprio e os cortesãos, reservou um espaço em frente aos portões do palácio, que, separado do público apenas por uma corda de seda, logo se tornou o centro da mais fulgurante sociedade da Inglaterra.

Grandes homens de Estado, com suas barbas e golas plissadas, despachavam assuntos oficiais debaixo do toldo carmesim do Pavilhão Real. Soldados planejavam a conquista dos mouros e a derrubada dos turcos em caramanchões com cobertas listradas e cercados por penas de avestruzes. Almirantes, carregando lunetas com que varriam o horizonte, caminhavam de um lado para o outro nas estreitas aleias contando histórias sobre a passagem do noroeste e a Armada espanhola.[70] Amantes flertavam em divãs recobertos de peles de zibelina. Rosas congeladas eram atiradas sobre as cabeças da rainha e de suas damas de companhia quando saíam a passeio. Balões coloridos se mantinham imóveis no ar. Aqui e ali ardiam vastas fogueiras de lenhos de cedro e de carvalho, com generosas doses de sal a fim de que as chamas fossem verdes, cor de laranja e roxas. Mas, por mais intenso o fogo, o calor não era suficiente para derreter o gelo que, embora de singular transparência, tinha a dureza do aço. Na verdade, tão límpido era ele que se podia ver, congelados a certa profundidade, aqui um golfinho, acolá um linguado. Cardumes de enguias jaziam imóveis, mas os filósofos eram incapazes de dizer se estavam mortas ou meramente num estado de animação suspensa, podendo reviver com o calor. Perto da ponte de Londres,[71] onde o rio congelara até uma profundidade de vinte braças, um bote avariado era claramente visível no leito do rio após haver afundado no outono anterior, sobrecarregado de maçãs. A velha dona do bote, que levava frutas para o mercado na margem de Surrey, lá estava sentada com sua manta de lã axadrezada e suas anquinhas, o colo cheio de maçãs, como se, para todos os efeitos, estivesse prestes a servir um freguês, conquanto os lábios azulados insinuassem a verdade. Era uma cena que o rei Jaime se comprazia especialmente em ver, trazendo um punhado de cortesãos para contemplá-la junto com ele. Em suma, nada podia exceder o brilho e a alegria do espetáculo durante o dia. Mas era à noite que os folguedos se tornavam mais divertidos. Pois, como persistia a geada, as noites eram absolutamente calmas; a lua e as estrelas brilhavam com a dura fixidez de diamantes, e os cortesãos dançavam ao som da linda música das flautas e trombetas.

Orlando, verdade seja dita, não se contava entre os que dançavam com mais leveza a corrente e a volta,[72] sendo algo canhestro e desatento. Sem dúvida preferia as danças simples de sua própria região, que praticara quando criança, a esses fantásticos compassos estrangeiros. Ao final de alguma quadrilha ou minueto, tinha acabado de juntar os pés por volta das

seis horas da tarde do dia 7 de janeiro quando viu, saindo do pavilhão da embaixada moscovita, uma figura de rapaz ou de mulher (pois a túnica e as calças largas à moda russa servem para disfarçar o sexo) que lhe causou imensa curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse seu nome ou sexo, tinha estatura mediana e um corpo muito esbelto, e estava inteiramente vestida de veludo cor de ostra com guarnições de uma pele esverdeada que ele desconhecia. Mas tais detalhes eram obscurecidos pela extraordinária sedução que ela irradiava por inteiro. As mais extremadas e extravagantes imagens e metáforas se entrelaçaram e deram voltas em sua mente. Ele a comparou a um melão, um abacaxi, uma oliveira, uma esmeralda e uma raposa em meio à neve, tudo no espaço de três segundos; não sabia se a havia escutado, provado, visto ou tudo junto. (Pois, embora não devamos interromper nem por um momento a narrativa, cumpre aqui observar rapidamente que todas as suas imagens naquela época eram simples ao extremo a fim de se equipararem a seus sentidos, sendo extraídas em geral das coisas cujo gosto o encantara quando criança. Mas, se eram simples seus sentidos, eram ao mesmo tempo muitíssimo fortes. No entanto, está fora de questão fazer uma pausa a fim de procurar a razão das coisas.) Um melão, uma esmeralda, uma raposa em meio à neve — assim ele delirava, assim a olhava fixamente. Quando o rapaz, ah, porque tinha de ser um rapaz — nenhuma mulher seria capaz de patinar com tal velocidade e vigor —, passou voando por ele quase na ponta dos pés, Orlando estava pronto a arrancar os cabelos de irritação por ser alguém do seu sexo, tornando impensáveis quaisquer afagos. Mas o patinador chegou mais perto. Pernas, mãos, porte eram típicos de um rapaz, porém nenhum rapaz tinha uma boca como aquela; nenhum rapaz tinha aqueles seios; nenhum rapaz tinha olhos que pareciam pescados das profundezas do mar. Por fim, parando e fazendo com toda a graça uma ampla reverência para o rei, que passava de braços dados com algum camareiro, a patinadora desconhecida se imobilizou. Encontrava-se a um palmo de distância. Era uma mulher. Orlando a fitou fixamente; estremeceu; sentiu calor; sentiu frio; teve vontade de dar cambalhotas no ar de verão; esmagar sob os pés bolotas de carvalho; balançar os braços em harmonia com as faias e os carvalhos. Na realidade, repuxou os lábios por sobre os dentes brancos e pequenos; abriu-os talvez um centímetro e meio como se fosse morder; fechou-os como se houvesse mordido. A srta. Euphrosyne estava pendurada a seu braço.

A estranha, ficou sabendo, era a princesa Marousha Stanilovska Dagmar Natacha Iliana Romanovitch,[73] e viera assistir à coroação na comitiva do embaixador moscovita, que talvez fosse seu tio ou seu pai. Muito pouco se sabia sobre os moscovitas. Com suas longas barbas e chapéus de pele, ficavam sentados praticamente em silêncio, tomando uma bebida escura que vez por outra cuspiam no gelo. Nenhum deles falava inglês, e o francês, com que alguns tinham ao menos certa familiaridade, nessa época era pouco falado na corte inglesa.

Foi por causa disso que Orlando e a princesa se conheceram. Estavam sentados frente a frente na grande mesa posta sob um imenso toldo para servir às pessoas ilustres. Ladeavam a princesa dois jovens cavalheiros, lorde Francis Vere e o conde de Moray. Foi engraçado ver a situação difícil em que ela os colocou porque, embora fossem a seu modo excelentes rapazes, qualquer criança antes de nascer sabia tanto francês quanto eles. No começo do jantar, ambos se mostraram extremamente embaraçados quando a princesa se voltou para o conde e, com um encanto que arrebatou o coração de Orlando, disse: "*Je crois avoir fait la connaissance d'un gentilhomme qui vous était apparenté en Pologne l'été dernier*", ou "*La beauté des dames de la cour d'Angleterre me met dans le ravissement. On ne peut voir une dame plus gracieuse que votre reine, ni une coiffure plus belle que la sienne*".[74] Lorde Francis lhe serviu uma enorme porção de molho de raiz-forte, enquanto o conde assobiou para seu cachorro e o fez implorar por um osso com tutano. Diante disso, a princesa não pôde mais conter o riso, e Orlando, capturando seu olhar em meio às cabeças de javali e aos pavões recheados, riu também. Ele riu, mas a admiração fez com que o riso se congelasse em seus lábios. Até então, quem ele havia amado, o que ele havia amado?, Orlando se perguntou num tumulto de emoção. Uma velha que era só pele e ossos, respondeu. Prostitutas de bochechas vermelhas, numerosas demais para serem mencionadas. Uma freira choramingas. A aventureira calculista e com uma boca cruel. Uma sonolenta massa de rendas e normas de etiqueta. O amor nada representara para ele além de serragem e cinzas. Os prazeres que lhe proporcionara eram insípidos ao extremo. Admirava-se de ter sido capaz de ter feito aquilo sem bocejar. Porque, enquanto a olhava, seu espesso sangue se diluiu; o gelo se transformou em vinho nas suas veias; ouviu as águas correndo e os pássaros cantando; a primavera desfez a lúgubre paisagem de inverno; sua virilidade despertou; empunhou uma espada e

atacou um inimigo mais ousado que qualquer polonês ou mouro; mergulhou em águas profundas; viu a flor do perigo crescendo numa fenda; estendeu a mão — na verdade, estava compondo velozmente um de seus mais apaixonados sonetos, quando a princesa se dirigiu a ele: "O senhor teria a bondade de me passar o sal?".

Ele corou violentamente.

"Com o maior prazer do mundo, madame", respondeu, falando francês com uma pronúncia perfeita. Porque, graças aos céus, falava a língua tão bem quanto a dele: a aia de sua mãe lhe havia ensinado. Entretanto, talvez tivesse sido melhor nunca ter aprendido aquele idioma; nunca ter respondido àquela voz; nunca ter seguido a luz daqueles olhos…

A princesa continuou. Quem eram aqueles dois campônios, perguntou, sentados ao seu lado e com modos de cavalariços? O que era aquela mistura nauseabunda que haviam derramado em seu prato? Cachorros e homens comiam na mesma mesa na Inglaterra? Aquela figura ridícula na cabeceira, com o cabelo igual a um mastro em dia de festa (*comme une grande perche mal fagotée*), era mesmo a rainha? E o rei sempre babava daquele jeito? E quem, entre esses papagaios, era George Villiers?[75] Embora de início tais perguntas tivessem incomodado muito a Orlando, foram feitas com tal impertinência e brejeirice que ele não pôde deixar de rir; e, como viu pelas caras inexpressivas dos presentes que ninguém tinha entendido uma só palavra, respondeu com igual liberdade falando, como ela, um francês imaculado.

Assim começou uma intimidade entre os dois que em breve foi motivo de escândalo na corte.

Cedo ficou patente que Orlando dava muito mais atenção à moscovita do que o exigido pela mera cortesia. Raramente se afastava dela, e suas conversas, conquanto ininteligíveis para os demais, eram conduzidas com tamanha animação, provocavam tantos rubores e risos que até os mais néscios eram capazes de adivinhar o assunto. Além disso, a mudança ocorrida no próprio Orlando era extraordinária. Ninguém nunca o vira tão bem-disposto. Da noite para o dia deixara para trás a falta de jeito juvenil; o rapazinho arisco, incapaz de entrar num quarto de mulher sem derrubar metade dos enfeites sobre a mesa, se transformara num fidalgo cheio de encanto e cortesia viris. Vê-lo conduzir a moscovita (como era chamada) até seu trenó, ou lhe oferecer a mão para uma dança, ou recolher o lenço sarapintado que ela deixara cair, ou cumprir qualquer

outra dessas múltiplas obrigações que a suprema dama exige e o amante se apressa em antecipar, era algo capaz de fazer brilhar os olhos opacos dos idosos e acelerar o pulso já tão rápido dos jovens. No entanto, uma nuvem pairava sobre tudo aquilo. Os velhos davam de ombros. Os moços sorriam à socapa. Todos sabiam que Orlando tinha uma noiva. Lady Margaret O'Brien O'Dare O'Reilly Tyrconnel (pois esse era o verdadeiro nome da Euphrosyne dos sonetos) usava a esplêndida safira de Orlando no anular da mão esquerda. Era ela quem tinha o direito inegável a suas atenções. Contudo, ela poderia deixar cair no gelo todos os lenços de seu guarda-roupa (e tinha muitas dezenas deles) que Orlando jamais se abaixaria para pegá-los. Poderia esperar vinte minutos para que ele a levasse a seu trenó, e no fim teria de se contentar com os serviços de seu criado africano. Quando patinava, o que fazia de forma muito canhestra, ninguém estava junto a ela para encorajá-la e, se caísse, o que fazia pesadamente, ninguém a erguia e sacudia a neve de suas saias. Embora fosse fleumática por temperamento, não se ofendendo com facilidade, e se mostrasse mais relutante que a maioria das pessoas em crer que uma simples estrangeira podia fazê-la perder a afeição de Orlando, até mesmo Lady Margaret foi por fim obrigada a suspeitar que algo estava se armando para ameaçar sua paz de espírito.

De fato, com o passar dos dias Orlando tomou menos cuidados para esconder seus sentimentos. Apresentando uma desculpa ou outra, ausentava-se tão logo terminavam de jantar, ou escapulia da companhia dos patinadores, que se organizavam em grupos para uma quadrilha. No momento seguinte se via que a moscovita também tinha desaparecido. Mas o que mais chocou a corte, e a feriu no seu ponto mais sensível, que é a vaidade, foi que o casal era frequentemente visto passando por baixo da corda de seda que separava o recinto real da parte pública do rio, misturando-se à multidão de plebeus. Pois de repente a princesa batia o pé e gritava: "Leve-me daqui. Detesto essa sua gentinha inglesa", referindo-se nesses termos à própria corte da Inglaterra, que não tolerava mais. Segundo ela, estava cheia de velhas intrometidas, que a seguiam com os olhos o tempo todo, e jovens arrogantes que lhe pisavam os pés. Cheiravam mal. Seus cachorros corriam por entre as pernas dos donos. Era como estar numa jaula. Na Rússia havia rios com quinze quilômetros de largura sobre cujo leito congelado seis cavalos podiam galopar lado a lado durante todo o dia sem que se encontrasse vivalma. Além disso, ela queria

ver a Torre, seus guardas, as cabeças decapitadas em Temple Bar e as joalherias na cidade. E foi por isso que Orlando a levou à cidade, mostrou os guardas e as cabeças dos traidores, comprou tudo que agradou a ela no Royal Exchange.[76] Mas não foi suficiente. Cada vez mais ambos desejavam a companhia um do outro, a sós e o dia todo, onde não fossem admirados ou vistos por ninguém. Assim, em vez de tomar a estrada para Londres, rumavam na direção contrária e em breve se distanciavam das multidões ao chegar às gélidas margens mais distantes do Tâmisa, onde não encontravam um ser vivo com exceção das aves marinhas e de alguma velha camponesa quebrando o gelo no esforço infrutífero de obter um balde d'água ou catar alguns gravetos e folhas secas que a ajudassem a fazer fogo. Os pobres se mantinham bem perto de seus casebres, enquanto os mais abonados se congregavam na cidade em busca de calor e diversão.

Assim, Orlando e Sasha (como a chamava para encurtar e por ser o nome de uma raposa branca russa[77] que tivera quando criança — criatura fofa como a neve mas com dentes de aço, que o mordeu tão ferozmente que seu pai mandou matá-la) tinham o rio só para si. Aquecidos pela patinação e pelo amor, deitavam-se em algum local solitário onde os vimeiros amarelos cresciam na margem e, envoltos num grande manto de peles, Orlando a tomava nos braços e — assim murmurava — conhecia pela primeira vez as delícias do amor. Findo o êxtase, prostrados e aconchegados sobre o gelo, ele lhe falava de seus outros amores e de como, comparados a ela, tinham sido não mais que madeira, estopa e cinzas. Rindo da veemência dele, Sasha se aninhava de novo em seus braços, fazendo-lhe mais uma carícia amorosa. Maravilhavam-se com o fato de que o gelo não houvesse derretido com o calor que irradiavam, sentindo pena da pobre velha que, não dispondo dos mesmos meios naturais para derretê-lo, precisava golpeá-lo com um cutelo de aço frio. E então, agasalhados pelos casacos de zibelina, falavam sobre todas as coisas: paisagens e viagens; mouros e pagãos; da barba de fulano e da pele de sicrana; de um rato que comera da mão dela à mesa; da tapeçaria que se movia sem cessar no salão de sua casa;[78] de um rosto, de uma pluma. Nada era pequeno demais nessas conversas, nada grande demais.

Depois, de repente, Orlando tinha uma de suas crises de melancolia, talvez pela visão da velha coxeando sobre o gelo, talvez por coisa nenhuma; jogava-se então de cara no gelo, contemplava as águas congeladas e pensava na morte. Pois tem razão o filósofo[79] ao dizer que

nada mais espesso do que a lâmina de uma faca separa a felicidade da melancolia, opinando que as duas são almas gêmeas para daí concluir que todos os sentimentos extremados estão associados à loucura; por isso, nos convida a buscar abrigo na verdadeira Igreja (em seu caso, a anabatista), único porto e ancoradouro, segundo ele, para os que estão à deriva neste mar encapelado.

"Tudo termina em morte", dizia Orlando, sentando-se empertigado, o rosto ensombrecido pela tristeza. (Pois era assim que então sua mente funcionava, com violentas oscilações entre a vida e a morte, sem nada no meio, de tal forma que o biógrafo também não deve se deter, correndo velozmente a fim de acompanhar as ações impensadas, apaixonadas e tolas de Orlando, assim como as palavras inesperadas e extravagantes a que ele se entregava, é impossível negar, naquela fase de sua vida.)

"Tudo termina em morte", dizia Orlando, sentando-se empertigado no gelo. Mas Sasha, que afinal não tinha uma gota de sangue inglês e vinha da Rússia, onde o pôr de sol dura mais tempo, a alvorada é menos repentina e as frases com frequência ficam inacabadas pela dúvida de como seria melhor finalizá-las, Sasha o olhava fixamente, talvez com certa dose de escárnio, porque ele devia lhe parecer uma criança, e não dizia nada. Mas por fim o gelo esfriava debaixo deles, coisa de que ela não gostava, e, puxando-o para que se erguesse, Sasha lhe falava de modo tão encantador, tão espirituoso e tão sábio (embora infelizmente sempre em francês, o que, como é bem sabido, perde o sabor com a tradução) que ele esquecia as águas congeladas ou a noite que chegava ou a velha camponesa ou o que quer que fosse, e procurava então lhe dizer — mergulhando e se debatendo em meio a mil imagens tão desgastadas quanto as mulheres que as haviam inspirado — como ela era. Neve, creme, mármore, cerejas, alabastro, fio de ouro? Nenhuma dessas coisas. Ela era como uma raposa ou uma oliveira; como as ondas do mar quando vistas do alto; como uma esmeralda; como o sol numa colina verdejante mas enevoada — como nada que ele tivesse visto ou conhecido na Inglaterra. Por mais que vasculhasse a linguagem, as palavras lhe faltavam. Queria outra paisagem, outro idioma. O inglês era demasiado franco, demasiado cândido, demasiado meloso para ser usado com Sasha. Porque, em tudo que ela dizia, por mais aberta e voluptuosa que parecesse, sempre havia algo oculto; em tudo que fazia, por mais ousado, sempre havia algo escondido. Da mesma maneira que a chama verde parece oculta na esmeralda, ou o sol aprisionado numa colina, a

limpidez estava só do lado de fora; por dentro era uma labareda errante. Ia e vinha, nunca brilhava com a luz invariável de uma mulher inglesa — nesse ponto, contudo, relembrando Lady Margaret e suas saias, Orlando entrava em delírio e a arrastava sobre o gelo, mais e mais depressa, jurando que perseguiria a chama, que mergulharia em busca da pedra preciosa, e assim por diante, as palavras escapando a cada arquejo com a paixão de um poeta cujos versos são em parte gerados pela dor.

Mas Sasha permanecia calada. Quando Orlando terminava de dizer que ela era uma raposa, uma oliveira ou o topo de uma colina verdejante, além de contar toda a história de sua família, como a mansão era uma das mais antigas da Grã-Bretanha, como eles tinham vindo de Roma com os césares e tinham o direito de passear pelo Corso (a rua principal de Roma) sob um palanquim enfeitado com borlas, segundo dizia um privilégio reservado apenas aos de sangue imperial (pois ostentava uma credulidade nascida do orgulho que era bastante simpática), ele fazia uma pausa e perguntava onde era a casa dela, que fazia seu pai, se tinha irmãos, por que estava lá sozinha com o tio. Então, por algum motivo, embora ela respondesse sem qualquer embaraço, criava-se um clima de constrangimento entre os dois. Orlando suspeitou de início que a posição social dela não fosse tão elevada quanto Sasha desejaria; ou que tivesse vergonha da selvageria de seu povo, pois ele ouvira dizer que as mulheres na Moscóvia usavam barba e os homens eram cobertos de pelos da cintura para baixo; que pessoas de ambos os sexos se besuntavam com sebo para se proteger do frio, rasgavam a carne com os dedos e viviam em choupanas onde um nobre inglês teria escrúpulos de abrigar seu gado; por isso se absteve de pressioná-la. Mas, pensando melhor, concluiu que seu silêncio não podia ser por tais razões; ela própria não tinha nenhum pelo no queixo, vestia-se de veludo e pérolas, e suas maneiras certamente não eram as de uma mulher criada num estábulo.

O que, então, ela escondia dele? A dúvida que solapava a tremenda força de seus sentimentos era como a areia movediça sob um monumento, que se desloca de repente e faz estremecer toda a estrutura. A angústia o tomava de súbito. Ela não sabia como aquietar suas explosões de ira. Talvez não quisesse acalmá-lo; talvez seus ataques de fúria lhe agradassem e ela os provocasse de propósito — tal é a curiosa malícia dos moscovitas.

Para continuar a história: patinando mais longe que de hábito, certo dia chegaram a um lugar onde os navios ancorados tinham ficado presos no

meio do rio congelado. Entre eles estava o da embaixada moscovita, com sua águia negra de duas cabeças tremulando no mastro principal, que também exibia pingentes de gelo multicores de vários metros de comprimento. Sasha deixara algumas roupas a bordo e, supondo que o navio estivesse deserto, eles subiram ao convés para apanhá-las. Relembrando certas passagens de seu próprio passado, Orlando não teria se surpreendido se alguns bons cidadãos houvessem buscado tal refúgio antes deles; e foi o que aconteceu. Não haviam ido longe quando surgiu um belo jovem, interrompido em meio a alguma atividade que executava atrás de um rolo de cordas; aparentemente dizendo em russo que era membro da tripulação e ajudaria a princesa a encontrar o que desejava, acendeu um toco de vela e desapareceu com Sasha nas entranhas do navio.

O tempo passava e Orlando, imerso em seus próprios devaneios, pensava apenas nos prazeres da vida; em sua joia, em sua raridade, nos meios de fazê-la irrevogável e indissoluvelmente sua. Havia obstáculos e dificuldades a superar. Ela estava decidida a viver na Rússia, onde existiam rios congelados, cavalos selvagens e homens, ela dizia, que se degolavam. É verdade que uma paisagem de pinheiros e neve, hábitos de lascívia e mortandade não o atraíam. Nem ele estava ansioso para abrir mão de suas agradáveis rotinas rurais em matéria de esporte e plantio de árvores; demitir-se de seu cargo; arruinar sua carreira; caçar renas em vez de lebres; beber vodca em vez de vinho branco das Canárias, e carregar uma faca na manga — sem saber para que ela serviria. Seja como for, tudo isso e muito mais ele faria por ela. Quanto a seu casamento com Lady Margaret, embora marcado para dali a uma semana, a coisa era tão patentemente absurda que não merecia um segundo de sua atenção. Os parentes dela o insultariam por abandonar uma grande dama; os amigos zombariam dele por arruinar a mais promissora carreira do mundo por uma cossaca e um deserto coberto de neve — mas, posto na balança, isso pesava menos que uma palha em comparação com a própria Sasha. Eles escapariam na primeira noite escura. Embarcariam num navio para a Rússia. Assim ele ponderava, assim ele planejava enquanto andava de um lado para o outro no convés.

Voltou à realidade ao se virar para oeste e ver o sol suspenso como uma laranja na cruz da catedral de São Paulo.[80] Era cor de sangue e se punha rapidamente. Devia ser quase noite. Sasha já estava ausente havia mais de uma hora. Assaltado imediatamente pelos pressentimentos lúgubres que

lançavam sombra sobre seus pensamentos mais confiantes com relação a ela, desceu pelo caminho que tinha visto os dois tomarem rumo ao porão do navio; e, após esbarrar no escuro em várias arcas e barricas, se deu conta, graças a uma tênue luz num canto, de onde eles estavam. Por um segundo, teve a visão dos dois: Sasha no colo do marinheiro, curvando-se na direção dele e os dois se abraçando, antes que a luz fosse apagada pela nuvem vermelha de sua fúria. Seu urro de angústia ecoou por todo o navio. Sasha se atirou entre eles, senão o marinheiro teria sido estrangulado antes que sacasse seu alfanje. Orlando foi então tomado por um mal-estar mortífero, e eles tiveram de deitá-lo no chão e lhe dar conhaque para que se reanimasse. Recuperado, fizeram-no sentar-se numa pilha de sacos no convés, e Sasha se inclinou sobre ele, passando diante de seus olhos aturdidos com movimentos suaves, sinuosos, como a raposa que o tinha mordido, ora adulando, ora repreendendo, de modo que ele acabou por duvidar do que vira. A vela não teria se derretido, as sombras não teriam se movido? A caixa era pesada, ela disse, o homem a estava ajudando a mudá-la de lugar. Orlando acreditou nela por um instante — pois como podia ter certeza de que sua raiva não havia pintado aquilo que ele mais temia encontrar? —, mas no instante seguinte se tornou mais violento, indignado com a falsidade dela. Sasha então ficou pálida, bateu o pé no convés e disse que partiria naquela noite, clamando a seus deuses para que a destruíssem caso ela, uma Romanovitch, houvesse se entregado a um simples marujo. Na verdade, vendo-os juntos (o que ele só fazia com grande dificuldade), Orlando se envergonhava pela vileza de sua imaginação, capaz de haver concebido uma criatura tão delicada nas patas daquele hirsuto e grosseiro homem do mar. Ele era enorme, um metro e noventa calçando meias, usava brincos de arame nas orelhas, e parecia um cavalo de carga sobre o qual pousara uma cambaxirra ou um sabiá. Por isso ele cedeu; acreditou nela, pediu-lhe perdão. No entanto, quando desciam pelo costado do navio, outra vez enamorados, Sasha fez uma pausa com a mão na escada e dirigiu àquele monstro de cara larga e tez morena uma saraivada de saudações, gracejos ou expressões carinhosas em russo, não tendo Orlando entendido uma só palavra. Mas havia algo em seu tom (talvez por culpa das consoantes em russo) que lembrou Orlando de uma cena, algumas noites antes, quando ele a encontrara roendo em segredo, num canto, um coto de vela apanhado do chão. Na verdade, era cor-de-rosa e dourado, tendo vindo da mesa do rei; mas era feito de sebo e

ela o roía. Ajudando-a a pisar no gelo, ele pensou se não havia algo de grosseiro nela, algo de sabor ordinário, um toque de camponesa? E a visualizou aos quarenta anos, pesadona embora agora fosse esbelta como um junco, e letárgica embora agora fosse tão alegre como uma cotovia. Mas, outra vez, ao patinarem de volta a Londres tais suspeitas se dissolveram em seu peito, e ele sentiu como se houvesse sido fisgado pelo nariz por um grande peixe e puxado através das águas sem querer, mas de fato com seu consentimento.

Era uma noite de beleza estonteante. À medida que o sol se punha, todas as cúpulas, campanários, torreões e pináculos de Londres se erguiam como silhuetas negras contra o vermelho furioso das nuvens no poente. Aqui estava a ornada cruz em Charing; ali a cúpula da catedral de São Paulo; mais além a massa compacta dos prédios da Torre; acolá, como um pequeno bosque de árvores desfolhadas exceto por uma protuberância arredondada na ponta, viam-se as cabeças espetadas nos ferros de Temple Bar. Naquela hora, as janelas da abadia estavam acesas e reluziam como um multicolorido escudo celestial (na imaginação de Orlando); todo o oeste parecia uma janela dourada com tropas de anjos (mais uma vez na imaginação de Orlando) subindo e descendo sem cessar as escadarias do céu. Todo o tempo eles tinham a sensação de estar patinando nas insondáveis profundezas do ar, de tão azul o gelo se tornara; e tão lisa era a superfície que deslizaram mais e mais rápido rumo à cidade com as gaivotas brancas dando voltas acima deles, suas asas cortando o ar em movimentos tão majestosos quanto aqueles que os dois traçavam no gelo com seus patins.

Sasha, como se desejando tranquilizá-lo, foi mais carinhosa que de costume e ainda mais encantadora. Raramente falava de seu passado, porém lhe contou como, nos invernos da Rússia, ela escutava os lobos uivando nas estepes; e, para lhe mostrar o que ouvia, por três vezes imitou o som que faziam. Depois disso ele falou dos veados na neve em sua casa, de como entravam no grande salão em busca de calor e eram alimentados por um velho com mingau trazido num balde.[81] Ela o elogiou por seu amor pelos animais, por seus galanteios, por suas pernas. Enlevado pelos elogios e envergonhado por havê-la caluniado ao imaginar que pudesse se sentar no colo de um marinheiro qualquer e ficar gorda e letárgica aos quarenta anos, ele se declarou incapaz de encontrar palavras para louvá-la; mas de imediato se recordou de que ela era como a primavera e a grama

verde e as águas saltitantes, e apertando-a com mais força do que nunca atravessou com ela metade do rio, levando juntas as gaivotas e os biguás. Por fim parando, sem fôlego, ela disse, ligeiramente ofegante, que ele era como uma árvore de Natal com um milhão de velinhas (como costumam ter na Rússia) e repleta de bolas amarelas; suficientemente incandescente para iluminar toda uma rua (se assim se pode traduzir suas palavras); pois, com o rosto em brasa, os cachos negros, a capa preta e carmesim, ele parecia estar ardendo com brilho próprio, iluminado de dentro por alguma lâmpada.

Todas as cores, exceto o vermelho no rosto de Orlando, em breve esmaeceram. Fez-se noite. O alaranjado do poente foi substituído pelo espantoso clarão branco que vinha dos archotes, fogueiras, lamparinas e outros recursos com os quais o rio foi iluminado e que causaram as mais estranhas transformações. Várias igrejas e palácios de nobres, cujas fachadas eram de pedra branca, ganharam listras e manchas, como se flutuassem no ar. Da catedral de São Paulo, em particular, só restou a cruz dourada. A abadia aparecia como o esqueleto cinzento de uma folha. Tudo se estreitava, se alterava. Ao se aproximarem do parque de diversões, ouviram uma nota grave, semelhante à produzida por um diapasão, que foi crescendo em volume até se tornar um tumulto. Vez por outra um grito coletivo acompanhava a subida de um foguete. Gradualmente, eles conseguiram discernir pequenas figuras que se apartavam da grande multidão e giravam para cá e para lá como mosquitos na superfície de um rio. Acima e em torno desse círculo brilhante se erguia uma muralha de escuridão, o negror profundo de uma noite de inverno. E então, em meio a essas trevas, começaram a aparecer, com intervalos que mantinham vivas as expectativas e abertas as bocas, foguetes que se abriam como flores, meias-luas, serpentes e coroas. Em dado momento, os bosques e as colinas distantes se coloriram de verde como num dia de verão; um instante depois tudo era de novo inverno e escuridão.

A essa altura, Orlando e a princesa estavam próximos do recinto real e se viram bloqueados por uma grande multidão de gente do povo, que se comprimia tão perto da corda de seda quanto podia. Pouco dispostos a perder sua privacidade e enfrentar os olhares ávidos que estariam esperando por eles, o casal foi ficando por ali, em meio a aprendizes, alfaiates, peixeiras, mercadores de cavalos, caçadores de coelhos,[82] estudantes esfomeados, arrumadeiras de touca e avental, vendedoras de

laranjas, cavalariços, cidadãos sérios, taverneiros licenciosos, e uma horda de moleques de rua como sempre se vê nas margens de qualquer aglomeração, gritando e se metendo por entre as pernas das pessoas — na verdade, lá estava toda a ralé de Londres, brincando e se acotovelando, jogando dados, lendo a sorte, empurrando uns aos outros, fazendo cócegas, dando beliscões; aqui aos berros, ali taciturnos; alguns boquiabertos, outros tão pouco impressionados quanto gralhas no telhado de uma casa; todos vestidos de formas variadas, segundo o permitiam suas posses e posição social: uns com peles e lãs finas; outros em farrapos, os pés embrulhados em trapos para se proteger do gelo. Aparentemente, a multidão era mais compacta diante de uma tenda ou palco similar àqueles onde se realizam espetáculos de marionetes.[83] Um negro sacudia os braços e vociferava. Havia uma mulher de branco deitada numa cama. Embora a encenação fosse precária, com os atores subindo e descendo dois degraus e às vezes tropeçando, os espectadores aplaudiam batendo com os pés e assoviando ou, quando entediados, jogavam cascas de laranja no gelo que eram imediatamente devoradas por algum cachorro; apesar de tudo isso, a melodia surpreendente e sinuosa das palavras emocionou Orlando como se fosse música. Pronunciadas com extrema rapidez e com uma audaciosa agilidade verbal que o fazia se lembrar dos marinheiros cantando nas cervejarias ao ar livre de Wapping, as palavras, mesmo sem sentido, eram inebriantes como o vinho. Vez por outra, contudo, uma única frase chegava até ele por sobre o gelo como se arrancada do fundo de seu coração. O delírio do mouro se parecia com o dele e, quando sufocou a mulher na cama, foi Sasha que ele matou com suas próprias mãos.

Por fim, a peça terminou. Tudo ficou às escuras. As lágrimas corriam por seu rosto. Olhando para o céu, lá também só havia escuridão. Ruína e morte, ele pensou, resumem tudo. A vida do homem acaba no túmulo. Os vermes nos devoram.

Creio que deveria haver agora um grande eclipse
Do Sol e da Lua, e o mundo, assustado,
Iria bocejar…[84]

Enquanto declamava esses versos, uma estrela algo pálida se ergueu em sua memória. A noite estava escura, negra como breu; mas era por uma noite assim que tinham esperado, era numa noite assim que haviam planejado escapar. Ele se lembrou de tudo. Era chegada a hora. Num

assomo de paixão, puxou Sasha para perto e lhe sussurrou no ouvido: "*Jour de ma vie!*".[85] Era a senha deles. À meia-noite se encontrariam numa estalagem perto de Blackfriars. Os cavalos lá estariam à espera. Tudo pronto para a fuga. Por isso se separaram, Sasha rumo à tenda dela, ele, à sua. Faltava ainda uma hora.

Bem antes da meia-noite Orlando já aguardava. As trevas eram tão profundas que um homem podia atacar outro antes de ser visto, o que era muito bom, mas, como também reinava o mais solene silêncio, o casco de um cavalo ou o choro de uma criança podia ser ouvido a um quilômetro de distância. Caminhando de um lado para o outro no pequeno pátio, Orlando prendia a respiração ao ouvir os passos regulares de um cavalo ressoando nos paralelepípedos, ou o farfalhar das saias de uma mulher. Mas o viajante era apenas algum mercador voltando tarde para casa; ou alguma moradora do quarteirão cuja caminhada não era tão inocente. Eles passavam e a rua ficava ainda mais quieta do que antes. Aos poucos, as luzes que ardiam no andar térreo das casas pequenas e amontoadas que abrigavam os pobres da cidade subiam para os quartos de dormir, até serem apagadas uma a uma. Os lampiões de rua eram poucos naqueles arredores, e a negligência dos vigias noturnos com frequência permitia que se apagassem muito antes da aurora. A escuridão se fazia então ainda mais profunda. Orlando examinou o pavio de sua lanterna, verificou a barrigueira da sela, preparou as pistolas, testou os coldres; e fez isso ao menos uma dúzia de vezes até não encontrar mais nada que exigisse sua atenção. Embora ainda faltassem vinte minutos para a meia-noite, ele não se decidia a entrar na sala da estalagem, onde a dona continuava a servir xerez e o tipo mais barato de vinho branco das Canárias para alguns marinheiros que lá ficavam entoando alegremente suas canções e contando histórias de Drake, Hawkins e Grenville,[86] até caírem dos bancos e rolarem adormecidos no chão coberto de areia. A escuridão era mais leniente com seu coração dilatado e tumultuoso. Ele prestou atenção em cada passada, especulou sobre cada som. Os gritos dos bêbados e os gemidos de algum infeliz caído na rua, ou sofrendo de outra forma, feriam seu coração como um mau presságio para a aventura. No entanto, ele não temia por Sasha. Sua coragem tornava banal a aventura. Ela viria sozinha, vestindo capa, calças e botas de homem. Mesmo naquele silêncio seria difícil ouvir seus passos, de tão leves que eram.

Assim, esperou no escuro. De repente, foi atingido no lado do rosto por

um golpe, brando porém firme. A expectativa o deixara tão tenso que teve um sobressalto e levou a mão à espada. O golpe foi repetido uma dezena de vezes na testa e na face. A geada seca havia durado tanto tempo que ele precisou de um minuto para se dar conta de que eram gotas de chuva, que os golpes eram dados pela chuva. De início, caíram devagar, com deliberação, uma por uma. Mas logo depois seis gotas se transformaram em sessenta, em seiscentas, até se unirem formando uma catadupa contínua. Era como se o céu enrijecido se derramasse sob a forma de fonte abundante. Em cinco minutos, Orlando estava encharcado dos pés à cabeça.

Abrigando rapidamente os cavalos, ele se protegeu sob o lintel da porta, de onde ainda podia observar o pátio. O ar estava agora mais carregado do que nunca, e o aguaceiro levantava tanto vapor e era tão ruidoso que não seria possível ouvir as passadas de nenhuma pessoa ou animal. As estradas, sempre muito esburacadas, estariam cobertas de água e talvez intransitáveis. Mas ele mal pensou sobre o efeito que isso teria na fuga. Todos os seus sentidos estavam concentrados em observar o caminho pavimentado de pedras — brilhando à luz da lanterna — por onde Sasha chegaria. Às vezes, na escuridão, pensava vê-la envolta na cortina de chuva. Mas a imagem ilusória desaparecia. Súbito, num tom terrível e sinistro, num tom cheio de horror e alarme que encrespou a alma de Orlando, o relógio da catedral de São Paulo soou a primeira badalada da meia-noite. Soou quatro vezes mais, sem dó nem piedade. Com a superstição de um amante, Orlando se convencera de que ela chegaria na sexta badalada. Mas a sexta ecoou, e então a sétima, e a oitava, e para sua mente apreensiva elas pareceram notas que no começo anunciavam a morte e a desgraça para depois proclamá-las. Ao soar a décima segunda, ele soube que sua ruína estava selada. Inútil que a parte racional de seu ser pensasse que ela podia ter se atrasado ou ficado retida, que houvesse se perdido no caminho. O coração apaixonado e fremente de Orlando sabia a verdade. Outros relógios responderam com seus sons metálicos, um após o outro. O mundo inteiro parecia ressoar com a notícia da falsidade dela e da humilhação dele. As antigas suspeitas, que persistiam no fundo de sua alma, vieram à tona com toda a força. Ele foi mordido por um magote de cobras, cada qual mais venenosa que a anterior. Permaneceu na porta sob a tremenda chuva sem se mover. Com o passar dos minutos, seus joelhos se dobraram um pouco. O aguaceiro não cessava, acompanhado pelo

ribombar do que pareciam ser grandes canhões. Ouviam-se outros ruídos pavorosos, como se os carvalhos estivessem sendo despedaçados e derrubados, além de berros arrepiantes e terríveis gemidos inumanos. Mas Orlando lá ficou, imóvel, até o relógio da catedral dar duas horas, e então, com todos os dentes à mostra e gritando a plenos pulmões com medonha ironia "*Jour de ma vie!*", ele atirou a lanterna no chão, montou o cavalo e galopou a esmo.

Incapaz de raciocinar, algum instinto cego deve tê-lo levado a seguir pela margem do rio em direção ao mar. Pois, quando o sol raiou, o que ocorreu com invulgar rapidez, o céu adquirindo uma coloração amarelo-clara e a chuva quase parando, ele se encontrava às margens do Tâmisa na altura de Wapping. Ali, seus olhos se depararam com uma visão extraordinária. Onde por mais de três meses havia uma massa sólida de gelo, com tal espessura que parecia tão permanente quanto uma pedra e tinha sustentado uma cidade dedicada à diversão, corriam agora águas amarelas e turbulentas. O rio ganhara sua liberdade durante a noite. Era como se uma fonte de enxofre (opinião esposada por muitos filósofos) tivesse se erguido de regiões vulcânicas subterrâneas e rompido o gelo com tal violência que varria furiosamente para o lado fragmentos grandes e pesados. A simples visão das águas era estonteante, havia uma vasta desordem e confusão. O rio estava coalhado de blocos de gelo. Alguns tão largos quanto um campo de boliche e tão altos quanto uma casa, outros não maiores que o chapéu de um homem, porém quase todos fantasticamente retorcidos. Ora surgia um comboio de blocos afundando tudo à sua frente. Ora, fazendo redemoinhos e girando como uma serpente torturada, o rio dava a impressão de se atirar por entre os fragmentos e jogá-los de uma margem para a outra, de modo que era possível ouvi-los se chocando com os embarcadouros e pilares. Todavia, o que era mais pavoroso e inspirava maior terror era a visão dos seres humanos que haviam sido apanhados na armadilha durante a noite e agora caminhavam em extrema agonia naquelas ilhas precárias e instáveis. Quer saltassem na corrente, quer ficassem sobre o gelo, seu fim era certo. Às vezes essas pobres criaturas apareciam em grupo, algumas ajoelhadas, outras dando de mamar aos filhos. Um velho aparentemente lia em voz alta um livro sagrado. Outras vezes, e seu destino talvez fosse o mais terrível, um infeliz ainda vinha a sós dentro de sua acanhada casinha. Levados de roldão para o mar, alguns suplicavam em vão por ajuda, fazendo promessas

desesperadas de que se regenerariam, confessando os pecados e jurando doar riquezas e construir altares se Deus ouvisse suas preces. Outros, de tão atemorizados, se sentavam imóveis e calados, olhando fixamente para a frente. Um bando de jovens barqueiros ou estafetas, a julgar por seus uniformes, urrava as mais indecentes canções das tavernas por pura bravata, mas foi atirado contra uma árvore, indo todos ao fundo com blasfêmias nos lábios. Um velho nobre — pois assim proclamava sua camisola de dormir com peles e o colar de ouro — submergiu não longe de onde Orlando se encontrava, clamando por vingança contra os rebeldes irlandeses[87] que, segundo denunciou até o último instante, haviam planejado aquela perversidade diabólica. Muitos morreram apertando contra o peito uma jarra de prata ou algum outro tesouro, e ao menos uns vinte miseráveis se afogaram devido à sua própria cupidez, jogando-se da margem na correnteza para impedir que um copo de ouro escapasse de suas mãos ou para não assistir ao desaparecimento de um manto de peles. Pois móveis, coisas de valor, objetos de todo tipo foram levados nos blocos de gelo. Entre outras cenas estranhas, foi possível ver uma gata amamentando os filhotes, uma mesa suntuosamente posta para vinte pessoas, um casal na cama, e um número extraordinário de utensílios de cozinha.

Aturdido e entorpecido, Orlando nada pôde fazer por algum tempo senão observar a corrida aterradora das águas diante de seus olhos. Por fim, parecendo se recuperar do pasmo, esporeou seu cavalo e galopou velozmente pela margem do rio em direção ao mar. Vencendo uma curva do rio, chegou ao local onde, a menos de dois dias, os navios dos embaixadores estavam imobilizados pelo gelo. Em segundos repassou todos: o francês, o espanhol, o austríaco, o turco. Flutuavam ainda, embora o francês tivesse se desprendido das amarras, e o turco, com uma grande avaria no casco, fizesse água rapidamente. Mas o navio russo não estava à vista. Por um momento Orlando imaginou que pudesse ter afundado; porém, erguendo-se nos estribos e protegendo da luz seus olhos de falcão, pôde divisar no horizonte a forma de um navio. As águias negras tremulavam no topo do mastro. O navio da embaixada moscovita velejava rumo ao mar.

Saltando do cavalo, ele deu a impressão de que em sua fúria iria desafiar a correnteza. Com água até os joelhos, lançou na direção da mulher infiel todos os insultos que desde sempre pesam sobre seu sexo. Falsa, volúvel,

inconstante, ele a chamou; demônio, adúltera, traidora; e as águas em turbilhão guardaram suas palavras e atiraram a seus pés um jarro quebrado e um pedacinho de palha.

2

Agora o biógrafo enfrenta uma dificuldade: será melhor confessar que existe ou fingir o contrário? Até aqui, ao narrar a vida de Orlando, documentos particulares e históricos permitiram cumprir o primeiro dever do biógrafo, que é seguir, sem olhar para a direita ou a esquerda, as pegadas indeléveis da verdade,[88] não se deixando atrair pelas flores, sem dar atenção às sombras; marchar metodicamente até desabar dentro da cova e escrever *finis* na lápide acima de nossas cabeças. Mas agora chegamos a um episódio que está atravessado em nosso caminho, de modo que não se pode ignorá-lo. E, no entanto, ele é obscuro, misterioso e não documentado, de modo que não se pode explicá-lo. Muitos volumes podem ser escritos no afã de interpretá-lo, sistemas religiosos inteiros podem ser fundados sobre o seu significado. Nosso simples dever é relatar os fatos tal como são conhecidos, e deixar que o leitor os entenda como quiser.

No verão daquele desastroso inverno em que ocorreram a geada, a inundação, as mortes de muitos milhares de pessoas e a completa ruína das esperanças de Orlando — pois foi exilado da corte, desacreditado perante os mais poderosos nobres de seu tempo; a casa irlandesa dos Desmond enraiveceu-se com toda a razão; o rei já tinha suficientes problemas com os irlandeses para não desejar mais um —, naquele verão Orlando se retirou para sua grande casa no campo e lá viveu em total solidão. Numa manhã de junho — era sábado, dia 18 —, ele deixou de se levantar na hora de costume e, quando o camareiro foi chamá-lo, o encontrou dormindo a sono solto. Nem foi possível acordá-lo. Lá ficou, como se num transe, sem respirar de forma perceptível; e, embora tenham feito os cachorros latir debaixo de sua janela, tocado pratos, tambores e castanholas sem parar em seu quarto, posto um ramo de tojo sob seu travesseiro e aplicado emplastros de mostarda em seus pés, ainda assim ele não acordou, não comeu nem mostrou qualquer sinal de vida durante sete dias seguidos. No sétimo dia, despertou à hora de sempre (um quarto para as oito, precisamente) e expulsou do quarto toda a horda barulhenta de carpideiras e curandeiros da aldeia, o que era bastante natural, porém o mais estranho

é que ele não manifestava nenhuma consciência do transe, tendo se vestido e ordenado que trouxessem o cavalo como se estivesse acordando de uma única noite de sono. No entanto, alguma mudança, assim se suspeitava, devia ter ocorrido nos desvãos de seu cérebro, porque, embora perfeitamente racional e parecendo ter um comportamento mais sério e mais tranquilo do que antes, dava a impressão de recordar imperfeitamente seu passado. Ouvia as pessoas falarem da Grande Geada, da patinação ou do parque de diversões sem dar nenhum sinal de que ele próprio houvesse testemunhado aquelas coisas, exceto por passar a mão pela testa como quem afasta uma nuvem. Quando se discutiam os acontecimentos dos últimos seis meses, ele parecia mais perplexo do que angustiado, como se perturbado por recordações confusas de um tempo muito distante ou se tentasse relembrar histórias contadas por outrem. Notava-se que, caso houvesse menção à Rússia, princesas ou navios, mergulhava num desalento agitado, levantava-se para olhar pela janela, ou chamava para perto um dos seus cachorros, ou pegava uma faca para entalhar um pedaço de cedro. Mas os médicos da época não eram mais sábios do que são hoje e, após receitarem descanso e exercício, jejuns e fartas refeições, companhia e solidão, que ficasse na cama o dia inteiro ou cavalgasse sessenta quilômetros entre o almoço e o jantar, além dos costumeiros sedativos e excitantes, suplementados, conforme a fantasia de cada doutor, por chás feitos com baba de lagartixa ao acordar ou com fel de pavão ao deitar, por fim o deixaram por sua própria conta, diagnosticando que ele tinha dormido por uma semana.

Mas, se assim fosse, impossível deixar de perguntar de que natureza eram tais sonos. Medidas terapêuticas — transes nos quais as recordações mais mortificantes, fatos provavelmente capazes de danificar uma vida para sempre — são ligeiramente tocadas por uma asa negra que apaga as amarguras e dá a tais lembranças, mesmo às mais feias e vis, certo brilho, certa incandescência? Será que o dedo da morte precisa vez por outra pousar sobre o tumulto da vida para não sermos despedaçados? Será que somos feitos de tal forma que devemos provar da morte em pequenas doses diárias para poder levar adiante a empreitada de viver? E, então, que estranhos poderes são esses que penetram em nossos recantos mais secretos e modificam nossos bens mais valiosos sem que o queiramos? Teria Orlando, exaurido por seu sofrimento extremo, morrido por uma semana e depois retornado à vida? Nesse caso, qual é a natureza da morte e qual a

natureza da vida?[89] Tendo esperado mais de meia hora para obter alguma resposta a essas perguntas, e como nada nos foi dito, vamos continuar com a narrativa.

Orlando entregou-se então a uma vida de absoluta solidão. Isso se explica em parte por sua desgraça na corte e a virulência de seu pesar, mas, como não fez nenhum esforço para se defender e raramente convidava alguém a visitá-lo (embora tivesse muitos amigos que de bom grado o fariam), tudo indicava que estar sozinho na grande casa de seus antepassados combinava com seu estado de espírito. A solidão era de sua escolha. Como passava o tempo, ninguém sabia ao certo. Os criados, que ele mantinha em grande número apesar de terem como tarefa principal tirar o pó de cômodos vazios e alisar as colchas de camas em que ninguém dormia, observavam, enquanto comiam bolos e bebiam cerveja, uma luz que passava na escuridão da noite ao longo das galerias e dos salões de banquetes, subia as escadas e entrava nos quartos de dormir, sabendo que o patrão perambulava sozinho pela casa. Nenhum deles ousava segui-lo, pois a casa era assombrada por uma grande variedade de fantasmas, e seu tamanho tornava fácil alguém se perder e cair por alguma escada oculta ou abrir uma porta que, caso o vento a fechasse, deixaria a pessoa trancada para sempre — acidentes não tão incomuns conforme evidenciado pela descoberta frequente de esqueletos de homens e animais em poses de grande agonia. A luz então desapareceria de vez, e a sra. Grimsditch,[90] a governanta, dizia para o sr. Dupper, o capelão, como ela esperava que seu amo não tivesse sofrido nenhum acidente. O sr. Dupper opinava que o amo estaria sem dúvida ajoelhado em meio aos túmulos de seus antepassados na capela, a qual estava situada no Pavilhão do Bilhar, a uns oitocentos metros de distância na ala sul. Isso porque, temia o sr. Dupper, ele tinha pecados na consciência; ao que a sra. Grimsditch retrucava, com bastante rispidez, que assim tínhamos quase todos nós; e a sra. Stewkley, a sra. Field e a velha babá Carpenter erguiam suas vozes em louvor do patrão; os palafreneiros e camareiros juravam que era uma imensa pena ver um nobre tão fino ficar à toa dentro de casa quando podia estar caçando raposas ou perseguindo veados; e até as criadas da lavanderia e da copa, as Judys e Faiths que serviam as canecas de cerveja e os bolos, davam seu testemunho sobre o cavalheirismo do patrão, pois nunca existiu alguém tão gentil ou mais generoso com aquelas moedinhas de prata que servem para comprar um laço de fita ou pôr um ramalhete no cabelo; até a

negra do norte da África, que eles chamavam de Grace Robinson para fazer dela uma mulher cristã, compreendia a discussão e concordava que o patrão era um cavalheiro bonito, agradável e encantador da única forma que podia, isto é, mostrando todos os dentes de uma só vez num largo sorriso. Em suma, os homens e mulheres que o serviam tinham, sem exceção, grande respeito por ele, e amaldiçoavam a princesa estrangeira (embora usassem palavra mais grosseira) que o levara àquela situação.

No entanto, embora fosse provavelmente a covardia ou o amor pela cerveja quente que faziam o sr. Dupper imaginar que o patrão estava a salvo entre os túmulos e que por isso não precisava ir procurá-lo, é possível que ele tivesse razão. Orlando naquela época derivava um estranho prazer de pensar sobre a morte e a ruína, e, depois de caminhar pelas longas galerias e salões de baile com uma vela na mão, contemplando retrato após retrato como se buscasse a imagem de alguém que era incapaz de encontrar, subia para a área da capela reservada à sua família e lá ficava durante horas observando os estandartes tremularem e o luar tremeluzir na companhia apenas de um morcego ou de uma mariposa esfinge-caveira. Mesmo isso não era suficiente, e ele precisava descer para a cripta onde jaziam seus antepassados,[91] caixão empilhado sobre caixão, dez gerações ali congregadas. O lugar era tão pouco visitado que os ratos tinham se refestelado com as peças de chumbo, de tal forma que agora um fêmur se enganchava em sua capa quando ele passava ou o crânio de algum antigo Sir Malise era esmagado ao rolar sob seus pés. Era um sepulcro horripilante, escavado bem abaixo dos alicerces da casa, como se o primeiro lorde da família, vindo da França com o Conquistador, houvesse desejado declarar que toda a pompa se fundamenta na decomposição, como o esqueleto está por baixo da carne, como nós, que dançamos e cantamos aqui em cima, iremos jazer lá embaixo; como o veludo carmesim se transforma em pó; como o anel perde o rubi (aqui Orlando, baixando a lanterna, pegava um círculo de ouro, sem a gema, que correra para um canto) e os olhos, antes tão brilhantes, não mais reluzem. “Nada resta de todos esses príncipes”, Orlando disse, permitindo-se um desculpável exagero na definição de seus títulos, “exceto um dedo”, e tomou a mão de um esqueleto, dobrando as juntas para cá e para lá. “Que mão seria esta?”, ele então perguntou. “A direita ou a esquerda? De um homem ou de uma mulher, alguém velho ou jovem? Teria ela impelido um cavalo de guerra ou trabalhado com uma agulha? Colhido a rosa ou empunhado o

aço frio? Teria ela…" — mas aqui sua imaginação o desertou ou, o que é mais provável, lhe forneceu tantas alternativas do que a mão podia fazer que ele, como de costume, desistiu de empreender o trabalho essencial da composição poética que consiste na eliminação, e a pôs junto a outros ossos, lembrando que havia um escritor chamado Thomas Browne,[92] professor em Norwich, cujos escritos sobre esses assuntos ele considerava notáveis.

Assim, pegando sua lanterna e verificando que os ossos estavam arrumados, pois, apesar de ser um romântico, ele era particularmente metódico e odiava ver no chão um pedaço de barbante (e muito menos o crânio de um antepassado), Orlando retomava aquelas caminhadas curiosas e melancólicas pelas galerias, procurando algo nos quadros até ser interrompido por um verdadeiro ataque de choro ao ver uma cena de neve pintada por um artista holandês desconhecido. Pareceu-lhe então que não valia a pena continuar a viver. Esquecendo dos ossos de seus ancestrais e de como a vida tem por base uma sepultura, ele lá ficou, sacudido pelos soluços, tudo pelo desejo por uma mulher vestindo calças russas, com olhos oblíquos, lábios carnudos e pérolas no pescoço. Ela havia partido. Ela o havia abandonado. Ele nunca a veria de novo. E por isso soluçava. Enfim descobriu o caminho de volta para seus aposentos; e a sra. Grimsditch, vendo a luz na janela, afastou a caneca da boca e deu graças a Deus pelo amo estar de volta a seu quarto são e salvo, pois ela vinha pensando durante todo aquele tempo que ele fora cruelmente assassinado.

Orlando puxou então a cadeira para perto da mesa; abriu as obras de Sir Thomas Browne e começou a investigar a delicada articulação de uma das cogitações mais longas e mais maravilhosamente contorcidas do mestre.

Porque, embora essas não sejam matérias que um biógrafo possa elaborar com proveito, quem exerce corretamente as funções de leitor percebe com clareza o perfil de uma pessoa viva a partir das insinuações feitas aqui e ali; no que apenas sussurramos, pode ouvir a voz de um ser vivo; frequentemente, quando nada dizemos sobre isso, pode visualizar sua aparência exata; saber, sem uma palavra para guiá-lo, precisamente o que ele pensava — e é para esses leitores que escrevemos. Para tal leitor, será óbvio que em Orlando estavam estranhamente presentes muitos estados de espírito — melancolia, indolência, paixão, amor pela solidão, para não falar de todas aquelas contorções e sutilezas de humor indicadas na primeira página, quando ele golpeou com a espada a cabeça de um negro

morto; cortou a corda em que ela estava pendurada; amarrou-a cavalheirescamente de novo fora de seu alcance e foi para o assento da janela com um livro. O gosto pelos livros vinha de cedo. Quando criança, era às vezes encontrado à meia-noite com uma página por terminar. Tomaram-lhe a vela, e ele criou vaga-lumes para servir a seu propósito. Tomaram-lhe os vaga-lumes, e ele quase incendiou a casa com um pau em brasa. Para resumir, deixando que o romancista alise a seda amarrotada e todas as suas implicações, ele era um nobre afligido pelo amor à literatura. Muitas pessoas de seu tempo, em particular as de sua posição social, escaparam a essa infecção e, por conseguinte, podiam correr, cavalgar ou fazer amor como bem entendessem. Mas alguns foram contaminados por um germe que se dizia provir do pólen das abróteas[93] e ter sido soprado desde os campos da Grécia e da Itália, o qual era tão letal que conseguia fazer tremer a mão erguida para bater, enevoar a vista que busca a presa, e fazer a língua gaguejar ao declarar uma paixão. Era parte da natureza mortífera dessa enfermidade substituir a realidade por uma ilusão, de tal modo que Orlando, a quem a sorte propiciara todas as oferendas — baixelas de prata, roupas finas de cama e mesa, casas, criados, tapetes, camas em abundância —, precisava apenas abrir um livro para que toda essa vasta acumulação fosse encoberta por uma névoa. Os nove acres de pedra que constituíam sua casa desapareciam; cento e cinquenta serviçais que trabalhavam na própria mansão sumiam; seus oitenta cavalos de montaria se tornavam invisíveis; levaria muito tempo para contar os tapetes, sofás, enfeites, porcelanas, baixelas de prata, galheteiros, rescaldeiros e outros objetos, frequentemente folheados a ouro,[94] que se evaporavam como uma neblina marinha sob aquele miasma doentio. Assim era, e Orlando ficava sentado a sós, lendo, um homem nu.

A enfermidade o invadiu rapidamente em sua solidão. Muitas vezes ele entrava pela noite, lendo durante seis horas; e, quando vinham lhe pedir ordens com respeito ao abate de animais ou à colheita de trigo, afastava o livro e dava a impressão de não ter entendido o que lhe havia sido dito. Isso era muito ruim, causando tristeza em Hall, o falcoeiro, em Giles, o camareiro, na sra. Grimsditch, a governanta, e no sr. Dupper, o capelão. Um cavalheiro tão distinto, diziam, não tinha a menor necessidade de livros. Que os deixasse para os paralíticos ou os moribundos. Mas o pior ainda estava por vir. Uma vez que a doença da leitura se apodera do organismo, ela o enfraquece de tal modo que o torna presa fácil para o

outro flagelo que reside no tinteiro e grassa na pluma. O infeliz passa a escrever. Enquanto isso é bastante maléfico num homem pobre, cuja única propriedade é uma cadeira e uma mesa situadas sob uma goteira — pois, afinal, ele não tem muito a perder —, a situação de um homem rico, que possui casas e gado, criadas, mulas e roupas finas de cama, e apesar disso escreve livros, é lamentável ao extremo. Ele perde a capacidade de apreciar qualquer coisa; é crivado de ferros em brasa; roído por animais pestilentos. Daria cada centavo que tem (tal é a malignidade do germe) para escrever um pequeno livro que o faça famoso; entretanto, todo o ouro do Peru não pode lhe comprar o tesouro de uma frase bem formulada. Por isso ele definha e adoece, castiga o cérebro, volta o rosto para a parede. Não importa em que atitude o encontrarão. Atravessou os portões da morte e conheceu as labaredas do inferno.

Por sorte, Orlando tinha uma constituição forte e a enfermidade (pelas razões adiante expostas) nunca o abateu como a muitos de seus pares. Mas, como será visto, ele ficou bastante abalado. Após ler por uma hora ou mais os escritos de Sir Thomas Browne, e tendo o bramir de um veado macho e o sinal do vigia noturno mostrado que a noite ia alta e todos dormiam em segurança, atravessou o quarto, pegou uma chave de prata no bolso e abriu as portas de um grande armário marchetado que ficava num canto. Dentro dele havia cinquenta gavetas de cedro[95] e em cada uma delas um rótulo preenchido com clareza na caligrafia de Orlando. Ele fez uma pausa, como se hesitasse sobre qual seria aberta. Uma dizia "A morte de Ajax", outra "O nascimento de Píramo", outras ainda "Ifigênia em Áulis", "A morte de Hipólito", "Meléagro" e "O retorno de Ulisses" — na verdade, talvez não houvesse uma só gaveta em que não constasse o nome de algum personagem mitológico num momento crítico de sua trajetória. Em cada gaveta havia um documento de tamanho considerável inteiramente escrito na caligrafia de Orlando. A verdade é que Orlando já sofria daquela doença havia muitos anos. Nunca nenhum menino implorou mais por maçãs do que Orlando por papel, nem implorou mais por doces do que ele por tinta. Evitando conversas e brincadeiras, escondia-se atrás de cortinas, em esconderijos de padres ou no armário atrás do quarto de sua mãe, que tinha um grande buraco no chão e cheirava horrivelmente a esterco de estorninho, com um tinteiro numa das mãos, uma pluma na outra e no colo um rolo de papel. Assim, antes de completar vinte e cinco anos, tinha escrito cerca de quarenta e sete peças

de teatro, histórias, romances, poemas; alguns em prosa, outros em verso; alguns em francês, outros em italiano; todos românticos e todos longos. Um ele mandara imprimir por John Ball, da firma Feathers and Coronet, em frente à St. Paul's Cross, no Cheapside; mas, embora a mera visão do livro lhe desse imenso prazer, nunca ousara mostrá-lo nem mesmo à mãe, uma vez que escrever, e mais ainda publicar, era, ele sabia, uma desgraça imperdoável para um nobre.

Agora, contudo, como era noite alta e ele estava sozinho, escolheu do repositório um grosso documento intitulado "Xenófila, uma tragédia" ou algo parecido, e um fino, intitulado simplesmente "O carvalho" (este era o único cujo nome correspondia apenas a um substantivo comum), e então chegou perto do tinteiro, pegou a pluma e executou outros movimentos com que as pessoas que têm aquele vício começam seu ritual. Mas se deteve.

Como tal pausa é de extrema importância em sua história, na realidade bem mais do que muitas ações que fazem os homens se ajoelharem e rios de sangue correrem, cumpre a nós perguntar por que ele parou; e respondermos, após a devida reflexão, que foi pela seguinte razão. A natureza, que tem nos pregado tantas peças estranhas, nos moldando a partir de uma mistura muito desigual de barro e diamantes, de arco-íris e granito,[96] para depois empacotar tudo isso num invólucro muitas vezes incongruente, pois o poeta tem cara de açougueiro e o açougueiro, cara de poeta; a natureza, que se compraz com a confusão e o mistério, de tal modo que mesmo agora (1º de novembro de 1927) não sabemos por que subimos ao segundo andar ou por que descemos depois, já que nossos mais corriqueiros movimentos cotidianos são como a passagem de um navio por mares desconhecidos e os marinheiros na gávea perguntam, apontando as lunetas para o horizonte: "Aquilo é terra ou não?", ao que, caso sejamos profetas, respondemos que "sim" e, se somos honestos, dizemos que "não"; a natureza, que tem tanto a se explicar porque, além da extensão talvez intratável desta frase, complicou ainda mais sua tarefa e aumentou nossa confusão ao prover não apenas uma perfeita miscelânea de miudezas dentro de nós — um retalho das calças de um policial lado a lado com o véu de noiva da rainha Alexandra —, mas conseguiu fazer com que toda essa mixórdia fosse cosida precariamente com um único fio. A memória é a costureira, e por sinal bastante imprevisível. A memória faz correr a agulha para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não

sabemos o que vem a seguir, ou o que virá depois. Assim, o mais banal movimento no mundo, tal como sentar-se a uma mesa e puxar para perto o tinteiro, pode agitar mil fragmentos díspares e desconexos, alguns brilhantes, outros obscuros, pendurados, balançando, mergulhando e tremulando como as roupas de baixo de uma família de catorze membros presas a uma corda durante forte ventania. Em vez de serem algo simples, direto e inequívoco de que ninguém deveria se envergonhar, nossos atos mais comezinhos são acompanhados por um nervoso bater de asas, por um acender e apagar de luzes. Assim foi que Orlando, mergulhando a pena no tinteiro e vendo o rosto zombeteiro da princesa perdida, se fez de imediato um milhão de perguntas que eram como flechas embebidas em fel. Onde estaria ela e por que o abandonara? O embaixador era seu tio ou seu amante? Tinham planejado tudo em segredo? Será que ela havia sido forçada? Seria casada? Estaria morta? — cada pergunta o envenenando tanto que, como se para descarregar sua agonia em outro lugar, mergulhou a pena tão fundo no tinteiro que a tinta espirrou sobre a mesa, o que, seja qual for a explicação que se dê (e talvez nenhuma explicação seja possível: a memória é inexplicável), imediatamente substituiu o rosto da princesa por outro totalmente diferente. Mas de quem seria?, perguntou-se. E precisou esperar talvez meio minuto contemplando a nova figura que se sobrepunha à anterior, como um diapositivo é visto através do outro, antes que pudesse se dizer: "Este é o rosto do homem bastante gordo e andrajoso na sala de Twitchett[97] muitos anos atrás, quando a velha rainha Bess veio jantar aqui, e eu o vi", continuou Orlando, agarrando outro daqueles pequenos trapos coloridos, "sentado à mesa quando dei uma olhada ao descer, e ele tinha os olhos mais incríveis, mas quem diabo era ele?", Orlando indagou, pois aqui a memória acrescentou à testa e aos olhos uma gola pregueada barata e sebenta, depois um gibão marrom e por fim um par de botas grossas do tipo usado pelos moradores de Cheapside. "Não um nobre, não um de nós", disse Orlando (e não o teria dito em voz alta, pois era um cavalheiro muito cortês; mas isso mostra o efeito que um berço aristocrático exerce na mente e, de sobra, como é difícil para um nobre ser escritor),[98] "um poeta, ouso pensar". Em condições normais, já o havendo perturbado suficientemente, a memória deveria agora ter apagado todo o episódio ou oferecido algo tão tolo e descabido — como um cachorro caçando um gato ou uma velha assoando o nariz num lenço vermelho de algodão — que, desesperado por ter de obedecer a seus

caprichos, Orlando aplicaria a pena no papel para valer. (Pois é possível, se assim decidimos, expulsar de casa a memória e toda a ralé que a acompanha.) Mas Orlando fez uma pausa. A memória ainda mantinha diante dele a imagem de um homem esmolambado de olhos grandes e reluzentes. Continuou a contemplá-lo, permaneceu parado. Essas pausas são nossa perdição. É então que a rebelião penetra na fortaleza, e nossas tropas se insurgem. Ele já se detivera antes, e o amor havia irrompido com seu horrível tumulto, suas charamelas, seus címbalos e as cabeças decapitadas com os cabelos ainda ensanguentados.[99] Por amor sofrera as torturas dos condenados. Agora, mais uma vez, ficou parado, e pela brecha assim aberta entraram de um salto a ambição, aquela megera, a poesia, uma bruxa, e o desejo de fama, a marafona; todas se deram as mãos e fizeram do coração de Orlando sua pista de dança. De pé, sozinho no quarto, jurou que seria o poeta-mor de sua raça e traria glória imortal a seu nome. Disse (recitando os nomes e os feitos de seus antepassados) que Sir Boris derrotara os pagãos e os matara; Sir Gawain, os turcos; Sir Miles, os poloneses; Sir Andrew, os francos; Sir Richard, os austríacos; Sir Jordan, os franceses; Sir Herbert, os espanhóis.[100] Entretanto, o que restara de todas essas matanças e campanhas militares, dos excessos de bebida e de sexo, dos gastos, caçadas, cavalgadas e banquetes? Um crânio, um dedo. Enquanto, disse ele, voltando à página de Sir Thomas Browne aberta sobre a mesa… e mais uma vez parou. Como um encantamento vindo de todas as partes do quarto, do vento noturno e do luar, subiu a divina melodia daquelas palavras que, para não empanarem esta página, deixaremos onde jazem sepultadas, não mortas, mais exatamente embalsamadas, tão viva é sua cor, tão forte sua respiração — e Orlando, comparando tal façanha com a de seus antepassados, declarou que eles e seus feitos eram pó e cinzas, mas aquele homem e suas palavras eram imortais.

Cedo, no entanto, se deu conta de que as batalhas que Sir Miles e os demais haviam travado contra cavaleiros de armadura para se apoderar de um reino não foram nem de longe tão árduas quanto a que agora empreendia contra a língua inglesa para conquistar a imortalidade. Qualquer um que conheça ao menos um pouco os rigores da escrita não precisará que a história lhe seja contada em detalhe; como escrevia, e aquilo lhe parecia bom; lia, e achava ruim; corrigia e rasgava; eliminava e acrescentava; ficava em êxtase, em desespero; tinha noites boas, e péssimas

manhãs; apreendia certas ideias com esforço, e as perdia; via claramente o livro à sua frente, e ele desaparecia; desempenhava o papel de seus personagens enquanto comia; reproduzia suas falas enquanto caminhava; ora chorava, ora ria; vacilava entre um estilo e outro; num momento preferia o heroico e pomposo; no outro, o simples e direto; agora os vales do Tempe,[101] logo depois os campos de Kent ou da Cornualha; e não tinha como decidir se era o mais divino dos gênios ou o maior idiota do mundo.

Foi para resolver esta última questão que ele decidiu, depois de muitos meses de trabalho febril, romper a solidão de vários anos e se comunicar com o mundo exterior. Tinha um amigo em Londres, um certo Giles Isham, de Norfolk,[102] que, embora de boa família, mantinha relações com escritores e sem dúvida poderia pô-lo em contato com algum membro daquela fraternidade abençoada e, na verdade, sagrada. Pois, para Orlando, no estado em que então se encontrava, a glória de alguém que havia escrito e publicado um livro ofuscava todas as glórias do sangue e da posição social.[103] Em sua imaginação, parecia que até mesmo os corpos daqueles seres habitados por pensamentos tão divinos seriam transfigurados. Deviam ter auréolas em vez de cabelos, incenso em vez de hálito, e rosas cresciam entre seus lábios — o que certamente não era o caso dele ou do sr. Dupper. Não concebia felicidade maior do que ser autorizado a se sentar por trás de uma cortina e ouvi-los conversar. Ao imaginar o que seria essa troca de ideias audaciosa e variegada, lembrou como eram rústicas ao extremo as conversas que tinha com seus amigos cortesãos — sobre cachorros, cavalos, mulheres e jogos de cartas. Sentiu-se orgulhoso de ter sido sempre chamado de intelectual, e de o escarnecerem por seu amor à solidão e aos livros. Nunca fora muito hábil na formulação de belas frases. Numa sala de visitas feminina, ficava paralisado, corava, caminhava como um granadeiro. Caíra duas vezes do cavalo por pura distração. Quebrara certa vez o leque de Lady Winchilsea[104] ao fazer um verso. Relembrando avidamente esses e outros exemplos de sua inaptidão para a vida em sociedade, foi tomado por uma esperança indizível de que toda a turbulência de sua juventude, sua falta de jeito, seus rubores, suas longas caminhadas e seu amor pelo campo provassem que pertencia à raça sagrada e não à nobreza — era, de nascença, antes um escritor que um aristocrata. Pela primeira vez, desde a noite da grande inundação, se sentiu feliz.

Instruiu então o sr. Isham de Norfolk a entregar ao sr. Nicholas

Greene,[105] de Clifford's Inn, um documento em que manifestava admiração por seus trabalhos (pois Nick Greene era naquela época um escritor muito famoso) e o desejo de conhecê-lo, o que mal ousava solicitar por nada ter a oferecer em troca; mas, se o sr. Nicholas Greene condescendesse em visitá-lo, uma carruagem puxada por quatro cavalos estaria na esquina de Fetter Lane, na hora que lhe fosse mais conveniente, a fim de trazê-lo em segurança à casa de Orlando. Pode-se completar as frases seguintes e imaginar a alegria de Orlando quando, sem grande demora, o sr. Greene aceitou o convite do nobre lorde, tomou assento na carruagem e foi levado ao salão no sul do prédio principal pontualmente às sete horas de uma segunda-feira, dia 21 de abril.

Muitos reis, rainhas e embaixadores tinham sido recebidos ali; juízes tinham se postado lá com suas vestes enfeitadas de arminho. As mais lindas damas do país tinham estado lá, assim como os mais implacáveis guerreiros. Ali se encontravam expostos os estandartes que haviam tremulado em Flodden e Agincourt,[106] os brasões com leões, leopardos e suas coroas. Havia longas mesas com baixelas de ouro e prata, e enormes lareiras de mármore italiano trabalhado onde, a cada noite, um carvalho inteiro, com seus milhões de folhas e os ninhos de gralhas e garriças, se transformava em cinzas. Trazendo numa das mãos uma maleta e vestido com simplicidade, lá estava agora o poeta Nicholas Greene, usando um chapéu de abas largas e moles e um gibão preto.

Era inevitável que, apressando-se em recebê-lo, Orlando houvesse ficado algo decepcionado. O poeta tinha altura mediana, e era uma figura medíocre, magro e algo encurvado. Tropeçando no mastim ao entrar, foi por ele mordido. Além disso, malgrado seu amplo conhecimento da humanidade, Orlando teve dificuldade em situá-lo. Havia algo nele que não correspondia a um criado, a um cavalheiro ou a um nobre. A cabeça, com a testa arredondada e o nariz adunco, era boa, porém tinha o queixo retraído. Os olhos eram brilhantes, mas os lábios pendiam frouxos e babavam. O mais inquietante, contudo, era a expressão geral do rosto. Não se via aquela compostura solene que torna tão agradável olhar a face dos nobres, nem o digno servilismo de um criado bem treinado; era um rosto vincado, franzido, murcho. Embora se tratasse de um poeta, dava a impressão de estar mais acostumado a repreender do que a lisonjear; a discutir do que a falar docemente; a lutar contra a corrente do que a se deixar levar; a pelejar do que a descansar; a odiar do que a amar. Isso

também era visível na rapidez de seus movimentos, e num quê belicoso e suspeito em seu olhar. Orlando ficou ligeiramente confuso. Mas foram jantar.

Nesse momento, Orlando, que de hábito não se importava com essas coisas, pela primeira vez se sentiu inexplicavelmente envergonhado com o número de criados e o esplendor de sua mesa. Mais estranho ainda, lembrou-se com orgulho — pois tal lembrança lhe era normalmente desagradável — da avó Moll, que ordenhava as vacas. Estava prestes a mencionar aquela humilde mulher e seus baldes quando o poeta o impediu ao dizer que estranhamente, embora o nome Greene fosse bastante comum, a família tinha vindo com o Conquistador e pertencia à mais alta nobreza na França. Infelizmente, haviam decaído socialmente e feito pouco mais que legar o nome ao burgo real de Greenwich. Mais comentários desse tipo se seguiram — sobre castelos perdidos, brasões, primos que eram baronetes no norte, casamentos de conveniência com famílias nobres do oeste, como certos membros do clã Greene soletravam o nome com um "e" no final e outros não — até que a carne de veado foi servida. Orlando conseguiu então falar alguma coisa sobre a avó Moll e suas vacas, já tendo aliviado um pouco o peso no coração quando a ave silvestre chegou à mesa. Mas só depois que o Malmsey[107] passou a correr generosamente foi que Orlando ousou suscitar o que lhe parecia ser um assunto mais importante que os Greene ou as vacas, isto é, a sagrada questão da poesia. À primeira menção da palavra, os olhos do poeta flamejaram: ele deixou de lado os ares de fino cavalheiro que tinha assumido, bateu com o copo na mesa e se lançou numa das mais longas, complexas, apaixonadas e amargas histórias que Orlando ouvira até então, exceto dos lábios de uma mulher rejeitada, sobre uma peça de autoria dele, outro poeta e um crítico. Quanto à natureza da poesia propriamente dita, Orlando só ficou sabendo que era mais difícil vendê-la do que prosa e que, embora as linhas fossem mais curtas, levavam mais tempo para serem escritas. A conversa se desdobrou em ramificações intermináveis, até que Orlando se arriscou a insinuar que ele próprio tivera a audácia de escrever — mas nesse instante o poeta saltou da cadeira. Um camundongo havia chiado atrás dos lambris, ele disse. A verdade é que, explicou, seus nervos se encontravam em tal estado que o guincho de um camundongo o perturbava por duas semanas. Sem dúvida a casa estava cheia de bichos, porém Orlando não os tinha escutado. O poeta então contou tudo sobre sua saúde nos últimos

dez anos. Tinha passado tão mal que era uma surpresa ainda estar vivo. Sofrera de paralisia, gota, malária, hidropisia e três tipos de febre, uma após a outra; além de ter coração dilatado, baço aumentado e fígado doente. Mas, acima de tudo, segundo relatou a Orlando, era sujeito a sensações indescritíveis na espinha. Havia um calombo na terceira vértebra de cima para baixo que queimava como brasa; outro, na segunda de baixo para cima, era frio como gelo. Às vezes ele acordava com o cérebro parecendo feito de chumbo. Outras vezes, como se mil velas de cera estivessem acesas e soltassem fogos de artifício dentro dele. Dava para sentir uma pétala de rosa através do colchão, disse; e praticamente conhecia as ruas de Londres pela sensação que lhe transmitiam as pedras do calçamento. Em suma, era uma máquina tão finamente construída e tão curiosamente montada (nesse ponto levantou a mão, como se de modo inconsciente, e na verdade ela tinha um formato muito elegante) que era uma vergonha pensar que só havia vendido quinhentos exemplares de seu poema, mas isso, obviamente, se devia em grande parte à conspiração contra ele. Tudo o que podia dizer, concluiu, batendo com a mão na mesa, era que a arte da poesia estava morta na Inglaterra.

Desfiando os nomes de seus heróis favoritos — Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, Browne, Donne,[108] todos ainda ativos ou tendo escrito no passado, Orlando não podia entender sua afirmação.

Greene riu ironicamente. Shakespeare, admitiu, havia escrito algumas cenas bem boas, embora copiando-as principalmente de Marlowe. Marlowe era um rapaz simpático, porém o que se podia dizer de um garotão que morreu antes dos trinta? Browne gostava de escrever poesia em prosa, e as pessoas logo se cansam de tais afetações. Donne era um charlatão, que escondia sua falta de substância usando palavras difíceis. Os bobos haviam sido enganados, mas o estilo sairia de moda dentro de um ano. Quanto a Ben Jonson, este era seu amigo, e ele nunca falava mal dos amigos.

Não, ele concluiu, a idade de ouro da literatura havia passado, tinha sido a grega; a era elisabetana era inferior à grega em todos os sentidos. Naqueles tempos os homens nutriam uma ambição divina que ele gostava de chamar de *La Gloire* — que Orlando custou a entender porque a pronunciava como "*glór*". Agora todos os jovens escritores estavam a soldo dos livreiros e produziam qualquer porcaria que vendesse. Shakespeare era o maior culpado, e já estava pagando um preço por isso.

A época moderna, falou Greene, era caracterizada por ideias especiosas e experimentos radicais — que os gregos não teriam tolerado por um só momento. Embora lhe doesse muito dizer isso — pois amava a literatura tanto quanto a vida —, ele não via nada de bom no presente e não tinha a menor esperança no futuro. Ao que se serviu de mais um copo de vinho.

Orlando ficou chocado com tais opiniões, mas não pôde deixar de observar que o próprio crítico não parecia de modo algum deprimido. Pelo contrário, quanto mais denunciava os tempos atuais, mais complacente se tornava. Lembrava-se, disse ele, de uma noite na Taverna do Galo da Fleet Street,[109] quando lá se encontrava Kit Marlowe na companhia de outras pessoas. Kit estava muito alegre, bastante bêbado (como ficava com facilidade) e disposto a dizer tolices. Podia vê-lo ainda agora, brandindo o copo diante dos presentes e falando em meio aos soluços: "Cáspite, Bill" (dirigindo-se a Shakespeare), "vem aí uma grande onda e você está no topo dela", querendo com isso dizer, Greene explicou, que estavam no limiar de uma grande era na literatura inglesa, e que Shakespeare seria um poeta de certa importância. Felizmente para ele, Marlowe foi morto duas noites depois numa briga de bêbados, não vivendo assim para ver como se concretizara sua predição. "Pobre coitado", disse Greene, "falar uma coisa dessas! Certamente uma época de ouro — a grande era elisabetana!"

"Por isso, meu caro senhor", ele continuou, acomodando-se confortavelmente na cadeira e esfregando o copo de vinho com os dedos, "precisamos aproveitar ao máximo isso tudo, prezar o passado e honrar aqueles escritores — ainda há alguns poucos por aqui — que tomam a Antiguidade como modelo e escrevem não por dinheiro, mas pela *glór*". (Orlando desejava que ele tivesse uma pronúncia melhor.) "A *glór*", continuou Greene, "é o acicate das mentes nobres. Tivesse eu uma pensão de trezentas libras anuais pagas trimestralmente, viveria apenas para a *glór*. Passaria as manhãs na cama lendo Cícero.[110] Imitaria seu estilo a ponto de ninguém poder apontar a diferença entre nós. É isso que eu chamo de escrever bem", disse Greene, "é isso que chamo de *glór*. Mas é preciso ter uma pensão para fazer isso."

A essa altura Orlando abandonara qualquer esperança de discutir seus próprios trabalhos com o poeta; mas isso não importou tanto porque a conversa passou a versar sobre a vida e os personagens de Shakespeare, de Ben Jonson e dos demais, que Greene conhecera intimamente e sobre os quais tinha mil anedotas divertidíssimas para contar. Orlando nunca havia

rido tanto na vida. Esses, então, eram os seus deuses! Metade deles bêbados, todos devassos. A maioria brigava com as esposas; nenhum estava acima de uma mentira ou de uma intriga, por mais vil que fosse. A poesia deles era rabiscada em plena rua no verso de um rol de roupa para lavar apoiado na cabeça de algum aprendiz de tipógrafo. Assim *Hamlet* foi impressa; assim, *Lear*; assim, *Otelo*. Não era de admirar, segundo Greene, que essas peças tivessem tantos defeitos. O resto do tempo era gasto em farras e folguedos nas tavernas e nas cervejarias ao ar livre, quando se diziam coisas incríveis para fazer graça e se faziam coisas que tornavam inocentes as mais extremas travessuras dos cortesãos. Tudo isso foi contado por Greene com tal brio que despertou em Orlando o maior prazer. Ele tinha uma capacidade de mímica que ressuscitava os mortos, e era capaz de dizer as coisas mais belas sobre livros, desde que escritos trezentos anos atrás.[111]

Assim passou o tempo, Orlando sentindo por seu convidado uma estranha mistura de simpatia e desdém, de admiração e pena, bem como algo indefinido demais para receber um único nome, mas que continha um quê de medo e de fascinação. Embora falasse incessantemente sobre si próprio, ele era uma companhia tão boa que se podia ouvir durante horas a história de seu ataque de malária. E era muito espirituoso, irreverente, usando com grande liberdade os nomes de Deus e das mulheres; conhecia muitos ofícios curiosos, guardava muita sabedoria estranha na cabeça; podia preparar uma salada de trezentas maneiras diferentes; sabia tudo sobre as misturas de vinhos; tocava meia dúzia de instrumentos musicais, e foi a primeira pessoa, e talvez a última, a torrar queijo na grande lareira italiana. O fato de que não distinguia um gerânio de um cravo, um carvalho de uma bétula, um mastim de um galgo, um carneirinho de uma ovelha adulta, trigo de cevada, terra arada de terreno pousio; que desconhecia a rotação de culturas; que pensava que as laranjas nascem debaixo da terra e os nabos em árvores; que preferia a vista das cidades a qualquer paisagem campestre — tudo isso e muito mais era motivo de espanto para Orlando, que jamais conhecera alguém como ele. Até mesmo as criadas, que o desprezavam, davam risadinhas abafadas com suas piadas, enquanto os criados, que o detestavam, rondavam por perto para ouvir suas histórias. Na verdade, a casa nunca esteve tão animada quanto no tempo em que ficou lá — fazendo com que Orlando pensasse bem sobre aquilo e comparasse esse estilo de vida com o anterior. Lembrou-se do tipo

de conversa que costumava ter sobre a apoplexia do rei da Espanha ou o acasalamento de uma cadela; recordou-se de que passava os dias entre as cocheiras e o quarto de vestir; relembrou como os lordes roncavam por sobre os copos de vinho e odiavam quem os acordasse. Rememorou como eram enérgicos e valentes em matéria física, como eram preguiçosos e tímidos em matéria intelectual. Preocupado com tais pensamentos, e incapaz de alcançar um equilíbrio razoável, chegou à conclusão de que admitira em sua casa um pestilento espírito de desordem que nunca mais lhe permitiria dormir tranquilamente.

No mesmo momento, Nick Greene chegara à conclusão exatamente oposta. Pela manhã, deitado numa cama com os mais fofos travesseiros e entre os mais macios lençóis, olhando pela janela com balcão envidraçado para um gramado que durante séculos não conhecera um dente-de-leão ou uma só erva daninha, ele pensou que, se não conseguisse escapar em breve, morreria sufocado. Levantando-se e ouvindo os pombos arrulharem, vestindo-se e ouvindo o som das fontes, pensou que, se não pudesse escutar o barulho das carroças nos paralelepípedos da Fleet Street, jamais escreveria um novo verso. Se isso continuar por mais tempo, pensou, ouvindo o lacaio reavivar a lareira e servir a mesa no cômodo vizinho com pratos de prata, vou cair no sono e (dando um bocejo fenomenal) morrerei dormindo.

Por isso, procurou Orlando em seu quarto e explicou que não conseguira pregar o olho a noite inteira por causa do silêncio. (Na realidade, a casa era cercada por um parque com vinte e cinco quilômetros de circunferência e um muro com mais de três metros de altura.) O silêncio, disse, era a coisa mais opressiva para seus nervos. Com a permissão de Orlando, terminaria a visita naquela manhã mesmo. Orlando sentiu algum alívio, mas também uma grande relutância em deixar que se fosse. A casa, pensou, iria parecer muito monótona sem ele. No momento da partida (pois até então não mencionara o assunto), teve a temeridade de entregar ao poeta sua peça sobre a morte de Hércules e lhe pedir a opinião sobre o trabalho. O poeta a recebeu, murmurou algo acerca da *glór* e de Cícero, que Orlando interrompeu ao prometer que pagaria a pensão trimestral. Com isso, em meio a muitos protestos de afeição, Greene pulou para dentro da carruagem e se foi.

O grande salão nunca parecera tão vasto, tão esplêndido ou tão vazio como quando a carruagem se afastou. Orlando sabia que jamais sentiria

vontade de tostar queijo na lareira italiana. Nunca seria suficientemente espirituoso para fazer piadas sobre quadros italianos; nunca teria a habilidade de preparar um ponche com a mistura certa de ingredientes; nunca se divertiria com mil gracejos e ideias fantásticas. No entanto, que alívio estar livre do som daquela voz lamuriosa, que luxo estar de novo sozinho! — isso ele não pôde deixar de refletir ao soltar o mastim que tinha estado preso por seis semanas porque nunca via o poeta sem mordê-lo.

Naquela tarde Nick Greene foi deixado na esquina de Fetter Lane, e encontrou tudo mais ou menos como deixara. A sra. Greene estava em trabalho de parto no cômodo ao lado; Tom Fletcher bebia gim em outro. Havia livros espalhados pelo chão; o jantar — se é que merecia tal nome — foi servido numa penteadeira onde as crianças tinham feito bolinhos de lama. Mas essa, no entender de Greene, era a atmosfera para se escrever, lá ele era capaz de criar, e foi o que fez. O tema lhe caía como uma luva. Um grande senhor em sua casa. Uma visita a um nobre no campo — o novo poema teria um título nessa linha. Tomando a pena com a qual seu filho mais moço estava fazendo cócegas na orelha do gato, e a mergulhando na taça para ovos quentes que servia de tinteiro, Greene compôs de imediato uma sátira muito espirituosa. Era tão precisa que ninguém duvidaria ser Orlando o jovem lorde ali ridicularizado; lá estavam retratadas com perfeição suas falas e ações mais privadas, seus entusiasmos e loucuras, até a própria cor de seus cabelos e o jeito estrangeiro de rolar os "r". E, se ainda houvesse alguma dúvida, Greene cuidou de eliminá-la ao apresentar, praticamente sem qualquer disfarce, passagens daquela tragédia aristocrática, "A morte de Hércules", que, como seria de esperar, ele havia achado verbosa e bombástica ao extremo.

O panfleto, que rapidamente teve diversas edições e cobriu as despesas do décimo parto da sra. Greene, foi logo enviado a Orlando pelos amigos que cuidam dessas coisas. Ao acabar de lê-lo, o que fez do começo ao fim com total serenidade, ele tocou a sineta para chamar o lacaio, entregou o documento na ponta de um tenaz e lhe deu ordens de jogá-lo no local mais imundo da maior estrumeira da propriedade. E então, quando o homem dava meia-volta para partir, ele o fez parar. "Pegue o cavalo mais veloz do estábulo", ele disse, "e cavalgue como se perseguido pelo demônio até Harwich. Lá, embarque num navio que vá para a Noruega. Compre, no canil do próprio rei, os melhores cães caçadores de alce[112] da linhagem

real, um macho e uma fêmea. Traga-os para mim sem demora. Pois", murmurou baixinho, voltando-se para seus livros, "não quero mais saber dos homens."

O lacaio, perfeitamente treinado para cumprir suas funções, fez uma reverência e desapareceu. Executou a tarefa com tanta eficiência que estava de volta três semanas mais tarde trazendo preso pela correia um casal de esplêndidos caçadores de alce; a fêmea naquela mesma noite deu à luz, debaixo da mesa de jantar, uma ninhada de oito belos cachorrinhos, que Orlando mandou levar para seu quarto de dormir.

"Porque", ele disse, "não quero mais saber dos homens."

Não obstante, pagava a pensão trimestralmente.

Assim, aos trinta anos ou por volta dessa idade, esse jovem nobre tivera não apenas todas as experiências que a vida pode oferecer, como também vira que nenhuma tinha o menor valor. Amor e ambição, mulheres e poetas eram todos igualmente vãos. A literatura era uma farsa. Depois de ler o poema *Visita a um nobre no campo* de Greene, ele queimou à noite, numa grande fogueira, cinquenta e sete obras poéticas, guardando apenas "O carvalho", que representava seu sonho juvenil e era muito curta. Duas coisas apenas mereciam agora sua confiança: cachorros e a natureza, um caçador de alces e uma roseira. O mundo, com toda a sua variedade, e a vida, com toda a sua complexidade, tinham sido reduzidos a isso. Cães e um arbusto eram tudo. Assim, sentindo-se livre de uma imensa montanha de ilusões e, consequentemente, um homem desnudado, Orlando chamou seus cachorros e caminhou a passos largos pelo parque.

Tinha ficado tanto tempo enclausurado, escrevendo e lendo, que quase se esquecera das amenidades da natureza, as quais podem ser excepcionais em junho. Ao atingir o topo da colina de onde, num dia claro, é possível avistar metade da Inglaterra e um bom pedaço do País de Gales e da Escócia, ele se jogou debaixo de seu carvalho predileto e sentiu que seria capaz de atravessar os anos que lhe restavam num estado de tolerável satisfação se nunca mais precisasse falar com nenhum homem ou mulher enquanto vivesse; se seus cachorros não desenvolvessem o dom da fala; e se jamais voltasse a encontrar um poeta ou uma princesa.

Para lá retornou dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano. Viu as faias se tornarem douradas e as samambaias novas se abrirem; viu a lua com a forma de uma foice e depois redonda; viu — mas provavelmente o leitor pode imaginar a passagem que se seguiria e como

cada árvore e planta nas vizinhanças é descrita primeiramente verde e depois dourada; como as luas sobem no céu e os sóis se põem; como a primavera vem depois do inverno e o outono depois do verão; como a noite sucede ao dia, e o dia à noite; como, após uma tempestade, vem a bonança; como as coisas permanecem praticamente iguais durante dois ou três séculos, exceto por alguma poeira e um punhado de teias de aranha que qualquer velha pode limpar em meia hora; conclusão que, impossível negar, poderia ter sido alcançada mais rapidamente pelo mero registro de que "o tempo passou"[113] (com a indicação da duração precisa entre parênteses) e nada aconteceu.

Mas o tempo, infelizmente, embora faça com que os animais e os vegetais vicejem e se estiolem com incrível pontualidade, não exerce efeito tão simples sobre a mente humana. A mente do homem, ademais, afeta de forma igualmente estranha o corpo do tempo. Uma hora, depois de instalada no estranho universo do espírito humano, pode alongar por cinquenta ou cem vezes sua duração no relógio; por outro lado, uma hora pode ser representada perfeitamente por um segundo no relógio mental. Essa singular discrepância entre o tempo do relógio e o tempo da mente é menos conhecida do que deveria ser e merece uma investigação adicional. Mas o biógrafo, cujos interesses, como já foi dito, são muito restritos, precisa se limitar a uma afirmação simples: quando um homem chega aos trinta anos, como Orlando, o tempo que ele passa pensando se torna imoderadamente longo; o tempo em que está agindo, imoderadamente breve. Por isso, Orlando dava ordens e conduzia os negócios de suas vastas propriedades num átimo; mas, tão logo se via sozinho na colina, sob o carvalho, os segundos se arredondavam e se inflavam como se jamais fossem passar. Além disso, enchiam-se com uma curiosa variedade de objetos. Pois ele não apenas se confrontava com problemas que deixaram perplexos os mais sábios dos homens — tais como: O que é o amor? E a amizade? E a verdade? — como, ao pensar neles, imediatamente todo o seu passado, que lhe parecia extremamente longo e diversificado, se precipitava para dentro do segundo que ia passar e o fazia ficar doze vezes maior, o coloria com mil matizes, o entupia com todo tipo de quinquilharias.

Ele gastou meses e anos de sua vida pensando assim (se é que devemos chamar isso de pensamento). Não seria exagero dizer que saía depois do café da manhã com trinta anos e voltava para jantar com pelo menos

cinquenta e cinco. Algumas semanas acrescentavam um século à sua idade, outras não mais que três segundos. De modo geral, a tarefa de estimar a duração da vida humana (não nos atrevemos a falar sobre a dos animais) está acima da nossa capacidade, pois, tão logo dizemos que é longuíssima, somos lembrados de que é mais breve do que a queda de uma pétala de rosa no chão. Das duas forças que alternada e, o que é mais confuso, concomitantemente dominam nossas tolas existências — a brevidade e a diuturnidade —, Orlando estava algumas vezes sob a influência da divindade com pés de elefante, em outras de um mosquito em pleno voo. A vida lhe parecia ter uma duração prodigiosa. No entanto, passava num instante. Mesmo quando se alongava ao máximo, e os momentos se inchavam ao máximo, e ele tinha a impressão de estar vagando a sós nos desertos de uma vasta eternidade,[114] não havia tempo para alisar e decifrar aqueles pergaminhos amassados que trinta anos de convívio com homens e mulheres haviam alojado em seu coração e em seu cérebro. Nem terminara de refletir sobre o amor (enquanto o carvalho fizera brotar suas folhas e as sacudira ao chão uma dúzia de vezes), e a ambição já o atirava para o lado, sendo substituída mais tarde pela amizade ou pela literatura. E, como o primeiro problema não tinha sido resolvido — O que é o amor? —, ele retornava à menor provocação ou mesmo sem motivo algum, empurrando para a margem os livros, as metáforas e as razões de viver, que lá deviam aguardar até verem a oportunidade de voltar correndo para o meio do campo. O processo se tornava ainda mais longo por ser profusamente ilustrado, não apenas com imagens, como a da velha rainha Elizabeth recostada em seu divã com estofado de brocado cor-de-rosa, segurando uma caixa de rapé de marfim e tendo a seu lado uma espada com cabo de ouro, mas com aromas — ela era muito perfumada — e com sons — os veados bramiam no Richmond Park naquele dia de inverno. E, assim, seus pensamentos sobre o amor eram coloridos pela neve e pelo inverno; pela lenha queimando; por mulheres russas, espadas de ouro, o bramido de veados; pela baba do velho rei Jaime e fogos de artifício e sacos de tesouro nos porões de veleiros elisabetanos. Ao tentar deslocar algo em sua mente, ele logo encontrava o mesmo lugar ocupado por outra coisa, como um caco de vidro que, após passar um ano no fundo do mar, se funde com espinhas, libélulas, moedas e as tranças de mulheres afogadas.

"Por Júpiter, outra metáfora!", ele exclamou ao dizer isso (o que demonstra o modo desordenado e tortuoso como sua mente funcionava,

além de explicar por que razão o carvalho floresceu e feneceu tantas vezes antes que ele chegasse a qualquer conclusão acerca do amor). “E qual o propósito disso?”, perguntava a si próprio. “Por que não dizer simplesmente em poucas palavras…”, e então tentava pensar por meia hora — ou seriam dois anos e meio? — como dizer simplesmente e em poucas palavras o que é o amor. “Uma imagem como essa é evidentemente mentirosa”, argumentava, “porque nenhuma libélula, exceto em circunstâncias muito excepcionais, poderia viver no fundo do mar. E, se a literatura não é a noiva e companheira da verdade, o que será ela? Raios o partam!”, gritou, “por que dizer companheira quando já se disse noiva? Por que não dizer com simplicidade o que se deseja, e fazer um ponto final?”

Por isso, ele tentou dizer que a grama é verde e o céu azul a fim de ganhar as boas graças do austero espírito da poesia, a quem, apesar de muito distante, ele não podia deixar de reverenciar. “O céu é azul”, disse, “a grama é verde.” Olhando para cima, viu que, ao contrário, o céu é como os véus que mil madonas deixaram cair de seus cabelos; e a grama corre veloz e escurece como uma revoada de moças que fogem aos abraços de sátiros cabeludos vindos de bosques encantados. “Para dizer a verdade”, disse (pois adquirira o mau hábito de falar sozinho), “não vejo que uma seja mais verdadeira que a outra. Ambas são absolutamente falsas.” E perdeu a esperança de resolver o problema do que é a poesia e do que é a verdade, caindo em profunda depressão.

E aqui podemos nos beneficiar de uma pausa em seu solilóquio para refletir como era estranho ver Orlando estendido no chão e apoiado sobre um cotovelo num dia de junho, como um belo homem com todas as faculdades mentais e um corpo saudável, conforme provavam seu rosto e seus membros — alguém que nunca pensara duas vezes antes de liderar um ataque ou lutar um duelo —, estivesse tão sujeito à letargia do pensamento, e por isso fosse tão suscetível que, em matéria de poesia ou de sua própria competência naquele campo, se comportava com a timidez de uma garotinha atrás da porta da cabana de sua mãe. A nosso ver, a ridicularização de sua tragédia por Greene o feriu tanto quanto a ridicularização de seu amor pela princesa. No entanto, tratemos de voltar…

Orlando continuou a pensar. Ficou olhando para a grama e para o céu, tentando imaginar o que diria sobre eles um poeta de verdade, com versos

publicados em Londres. Enquanto isso, a memória (cujos hábitos já foram descritos) mantinha firme diante de seus olhos o rosto de Nicholas Greene, como se esse homem mordaz de beiço caído, traiçoeiro como provou ser, fosse a Musa em pessoa, a quem Orlando deveria reverenciar. Por isso, naquela manhã de verão, ele lhe ofereceu uma variedade de frases, algumas simples, outras figuradas, mas Greene não parou de sacudir a cabeça, rindo com escárnio e murmurando alguma coisa sobre a *glór* e Cícero e a morte da poesia em nossos tempos. Por fim, pondo-se de pé (era inverno e fazia muito frio), Orlando fez um dos juramentos mais notáveis de sua vida, do qual se tornou escravo: "Que os céus me fulminem se eu voltar a escrever uma só palavra, ou tentar escrever uma só palavra, para agradar a Nick Greene ou à Musa. Bem, mal, ou de forma medíocre, a partir de hoje escreverei apenas para agradar a mim mesmo"; e nesse momento fez o gesto de quem rasga um grosso maço de papéis e os atira na cara daquele homem sardônico e beiçudo. Ao que, assim como um cão vira-lata se esquiva caso alguém lhe atire uma pedra, a memória afastou a efígie de Nick Greene de sua vista, substituindo-a… por nada.

Mas, apesar disso, Orlando continuou a pensar. Na verdade, tinha muito em que pensar. Porque, ao rasgar o pergaminho, ele também destruiu, num gesto escralopado,[115] o documento ornado de brasões que fizera em seu próprio favor e na solidão de seu quarto pelo qual se nomeava, como o rei nomeia embaixadores, poeta-mor de seu povo e maior escritor de sua época, conferindo imortalidade à sua alma e concedendo a seu corpo um túmulo cercado de lauréis e dos estandartes intangíveis da reverência perpétua de uma nação. Por mais eloquente que fosse tudo aquilo, ele o rasgou e atirou na cesta de papéis. "A fama", disse, "é como" (e, não havendo nenhum Nick Greene para detê-lo, decidiu se deleitar com imagens das quais escolheremos apenas uma ou duas das mais tranquilas) "um casaco trançado que tolhe os braços e as pernas; uma jaqueta de prata que confina o coração; um escudo pintado que cobre um espantalho" etc. Na essência, suas frases diziam que a fama cerceia e constringe, enquanto a obscuridade envolve um homem como uma névoa; a obscuridade é ampla e livre; a obscuridade permite que a mente siga seu caminho sem obstáculos. Sobre o homem obscuro se espraia uma misericordiosa sombra. Ninguém sabe aonde ele vai ou de onde vem. Pode buscar a verdade e a exprimir; só ele é livre; só ele é verdadeiro; só ele está em paz. E por isso Orlando ficou sereno debaixo do carvalho, a dureza de suas

raízes, expostas acima do chão, parecendo-lhe mais confortável do que incômoda.

Imerso por longo tempo em pensamentos profundos sobre o valor da obscuridade, e a delícia de não ter um nome, mas ser como uma onda que volta à massa enorme do mar; pensando como a obscuridade livra a mente dos transtornos da inveja e do despeito; como faz correr nas veias as águas puras da generosidade e da magnanimidade; como permite dar e receber sem acompanhá-los de agradecimentos ou louvores; o que, ele supunha, deveria ter ocorrido com todos os grandes poetas (embora seu conhecimento de grego não fosse suficiente para confirmá-lo), pois, imaginava, Shakespeare deve ter escrito da mesma forma como trabalham os construtores de igrejas, anonimamente, não precisando de gratidão ou de ser conhecidos pelo nome, mas apenas pelo prazer do que fazem durante o dia e de um pouco de cerveja à noite — "Que vida admirável!", ele pensou, esticando as pernas sob o carvalho. "E por que não gozá-la agora mesmo?" O pensamento o atingiu como uma bala. A ambição caiu como um chumbo. Libertado da angústia do amor rechaçado, da vaidade recriminada e de todos os outros ferrões e espinhos com que as urtigas da vida o haviam ferido quando ambicionava a fama, mas que não mais podiam molestar quem desdenhava da glória, ele abriu os olhos, que tinham se mantido abertos o tempo todo mas só haviam visto pensamentos, e avistou sua casa, aninhada lá embaixo no vale.

Lá estava ela ao sol suave da primavera.[116] Parecia mais uma cidadezinha que uma casa, mas uma cidade construída não ao azar, atendendo a desejos individuais, e sim com ponderação, por um único arquiteto com uma ideia clara na cabeça. Pátios e prédios, cinzentos, vermelhos ou cor de ameixa, distribuíam-se de forma ordenada e simétrica; alguns pátios eram oblongos, outros quadrados; num se via uma fonte, noutro uma estátua; certos prédios eram baixos, outros tinham tetos pontudos; aqui havia uma capela, ali um campanário; áreas da grama mais verde separavam pequenos bosques de cedros dos canteiros de flores coloridas; o conjunto era cercado por um muro maciço, porém tão bem-disposto que cada parte dava a impressão de poder se alargar comodamente; a fumaça de inumeráveis chaminés subia perpetuamente em espiral. Aquela imensa mas bem-proporcionada construção, capaz de abrigar mil homens e talvez dois mil cavalos, foi erguida, Orlando refletiu, por trabalhadores cujos nomes eram desconhecidos. Aqui viveram, por mais séculos do que se pode

contar, as gerações obscuras de obscuras famílias. Nenhum dos Richard, John, Anne, Elizabeth deixou qualquer marca atrás de si, porém todos, trabalhando com suas pás e suas agulhas, seus amores e seus partos, haviam deixado aquilo.

A casa nunca parecera mais nobre e humana.

Por que, então, ele desejara se pôr acima de tal gente? Pois era de uma futilidade e arrogância extremas tentar superar aquele trabalho anônimo de criação, o labor daquelas mãos desaparecidas. Melhor morrer sem ser conhecido e deixar atrás um arco, um depósito de vasos de plantas, um muro onde os pêssegos amadurecem, do que pegar fogo como um meteoro de que não restam nem as cinzas. Pois, afinal, disse cada vez mais entusiasmado ao ver lá embaixo a grande casa em meio ao relvado, os lordes e damas desconhecidos que lá viveram nunca tinham esquecido de pôr de lado alguma coisa para os que viriam depois; para o teto que terá goteiras; para a árvore que tombará. Havia sempre na cozinha um canto aquecido para o velho pastor, e comida para os famintos; as taças eram sempre polidas embora eles pudessem estar doentes, e as janelas eram iluminadas embora estivessem moribundos. Apesar de lordes, aceitavam rumar para a obscuridade na companhia de caçadores de toupeiras e pedreiros. Nobres obscuros, construtores olvidados — assim Orlando se dirigia a eles com um calor que desmentia cabalmente aqueles críticos que o chamavam de frio, indiferente, preguiçoso (pois, na verdade, uma qualidade muitas vezes se encontra do outro lado do muro onde a procuramos) — assim ele se dirigia à sua casa e à sua gente com emoção e eloquência, mas, chegada a hora da peroração — e o que seria da eloquência na falta de uma peroração? —, ele tartamudeou. Gostaria de terminar com um floreio, prometendo seguir as pegadas dos trabalhadores e acrescentar outra pedra à construção. No entanto, como o prédio já ocupava nove acres, acrescentar uma só pedra seria algo supérfluo. Seria possível mencionar móveis numa peroração? Falar de cadeiras, mesas, tapetinhos ao lado das camas? Pois, o que quer que a peroração necessitasse, era disso também que a casa precisava. Deixando por enquanto o discurso inacabado, desceu a colina com passos vigorosos, decidido a se dedicar dali por diante a mobiliar a mansão. A notícia — de que se apresentasse a ele imediatamente — marejou de lágrimas os olhos da boa sra. Grimsditch, já então bem idosa. Juntos percorreram a casa.

Faltava um pé no porta-toalhas do quarto do rei ("e foi do rei Jaiminho,

meu senhor”,[117] ela disse, insinuando que havia muito tempo nenhum soberano dormia sob seu teto; mas os odiosos dias do regime parlamentar tinham terminado e mais uma vez havia uma coroa na Inglaterra); faltavam suportes para os jarros no pequeno cômodo que levava à sala de espera do pajem da duquesa; com seu horrível hábito de fumar cachimbos, o sr. Greene fizera uma mancha no tapete que ela e Judy, por mais que esfregassem, nunca tinham conseguido tirar. Na verdade, quando Orlando avaliou com cuidado o que significava mobiliar com cadeiras de pau-rosa e armários de cedro, com bacias de prata, tigelas de louça e tapetes persas cada um dos trezentos e sessenta e cinco quartos[118] da casa, entendeu que os gastos não seriam modestos; e, se ainda sobrassem alguns milhares de libras de sua fortuna, isso daria apenas para pendurar tapeçarias em algumas galerias, prover o salão de jantar de elegantes cadeiras talhadas, e guarnecer os dormitórios reais com espelhos de prata maciça e cadeiras do mesmo metal (pelo qual ele tinha uma paixão desmedida).

Começou então a trabalhar com afinco, como se pode comprovar, sem sombra de dúvida, examinando seus livros de contabilidade. Basta observar o inventário do que foi comprado naquela época, com os gastos anotados na margem — mas esses nós omitiremos.

Por cinquenta pares de lençóis espanhóis, idem cortinas de tafetá carmesim e brancas; sanefas de cetim branco bordadas com seda carmesim e branca…

Por setenta cadeiras de cetim amarelo e sessenta banquetas, com entretelas adequadas…

Por sessenta e sete mesas de nogueira…

Por dezessete dúzias de caixas, cada caixa contendo cinco dúzias de copos de Veneza…

Por cento e duas passadeiras, cada qual com trinta metros de comprimento…

Por noventa e sete almofadas de damasco vermelho enfeitadas com renda prateada e escabelos e cadeiras com forros de tecidos adequados…

Por cinquenta braços com doze luminárias cada…

Já — e este é um efeito que as listas têm sobre nós — começamos a bocejar. Mas, se paramos, é apenas por ser o rol tedioso, e não porque tenha chegado ao fim. Há mais noventa e nove páginas de itens, e a soma total gasta monta a muitos milhares de libras — o que equivaleria a

milhões na moeda de hoje. E, se passava o dia cuidando disso, lorde Orlando podia ser encontrado à noite calculando quanto custaria nivelar um milhão de montinhos de terra levantados pelas toupeiras se os homens fossem pagos a dez centavos por hora, e quantas arrobas de pregos a vinte centavos o litro seriam necessárias para reparar a cerca em torno do parque, que tinha vinte e cinco quilômetros de circunferência. E assim por diante.

A narrativa, como dissemos, é tediosa, porque um guarda-louça é igual a outro, e um montinho de toupeira não difere muito do milhão de outros montinhos. A tarefa também lhe valeu algumas viagens agradáveis e divertidas aventuras, por exemplo, quando pôs toda uma cidade de mulheres cegas perto de Bruges para bordar os cortinados do dossel de prata de uma cama. E a história de seu encontro com um mouro em Veneza, de quem comprou (mas somente à ponta de espada) uma escrivaninha laqueada, poderia, em outras mãos, ser contada com proveito. Nem faltou variedade ao trabalho; pois em certo momento, puxadas por juntas de cavalos, chegavam de Sussex grandes árvores para serem serradas e transformadas em assoalho das galerias;[119] mais tarde era entregue uma arca da Pérsia, cheia de lã e serragem, da qual, por fim, ele retirava um único prato ou um anel de topázio.

Finalmente, contudo, não havia espaço nas galerias para mais uma mesa; nenhum espaço nas mesas para outra estante; nenhum espaço nas estantes para outro vaso de flores; nenhum espaço nos vasos para outro punhado de pétalas e de folhas aromáticas; não havia espaço para nada em lugar nenhum; em suma, a casa estava mobiliada. No jardim, campânulas brancas, açafrões, jacintos, magnólias, rosas, lírios, ásteres, todas as variedades de dálias, pereiras, macieiras, cerejeiras e amoreiras, assim como uma enorme quantidade de arbustos raros e floridos e de árvores sempre verdes e perenes, ocupavam com suas raízes todos os espaços, não havendo nenhum gramado sem sombra. Além disso, ele importara aves exóticas de plumagens alegres; e dois ursos da Malásia, cujo comportamento pouco amigável escondia, ele tinha certeza, corações leais.

Tudo agora estava pronto; e, quando caía a noite e os incontáveis candelabros de prata eram acesos e a aragem que circulava continuamente pelas galerias e agitava a tapeçaria azul e verde, dando a impressão de que os caçadores estavam cavalgando e Dafne voava; quando a prataria reluzia, os móveis laqueados brilhavam e a lenha crepitava; quando as

cadeiras talhadas abriam seus braços e os golfinhos nadavam nas paredes levando sereias nas costas;[120] quando tudo isso e muito mais ficou pronto e a seu gosto, Orlando caminhava pela casa com seus caçadores de alces e se sentia satisfeito. Agora, pensou, tinha assunto para finalizar a peroração. Talvez fosse melhor refazer todo o discurso. Entretanto, ao passear pelas galerias, sentia que ainda faltava algo. Cadeiras e mesas, ainda que ricamente esculpidas e recobertas de folhas de ouro, sofás sustentados por patas de leões e pescoços de cisnes, camas com as mais macias cobertas de penugem de cisne não são suficientes por si sós. Pessoas sentadas nos sofás e deitadas nas camas os tornam incrivelmente melhores. Por isso, Orlando deu início a uma série de esplêndidas festas para a nobreza e as melhores famílias da vizinhança. Os trezentos e sessenta e cinco quartos foram ocupados, em certa ocasião por um mês. Os convidados se acotovelavam nas cinquenta e duas escadas. Trezentos criados se azafamavam nas copas e despensas. Havia banquetes quase todas as noites. Assim, em poucos anos Orlando gastou a felpa de seus veludos e metade de sua fortuna, tendo porém conquistado as boas graças de seus vizinhos, exercido vários cargos no condado e recebido a cada ano uma dúzia ou mais de volumes dedicados em termos bajulatórios à sua senhoria por poetas agradecidos. Pois, embora tivesse tido o cuidado de não se dar naquela época com escritores e se mantivesse sempre longe de senhoras de sangue estrangeiro, ele não obstante se mostrava excessivamente generoso com mulheres e poetas, que o adoravam.

Entretanto, quando a festa estava no auge e seus convidados mais se divertiam, ele costumava se retirar sozinho para o quarto. Lá, com a porta fechada e sua privacidade assegurada, pegava um velho caderno, cosido com seda roubada da cesta de costura de sua mãe e intitulado, numa caligrafia redonda de colegial,[121] "O carvalho, um poema". Nele escrevia mesmo depois de soar a meia-noite. Mas riscava tantas linhas que o número de versos era com frequência, no final do ano, menor do que no começo, dando a impressão de que, no processo de composição, o poema seria totalmente eliminado. Pois cabe ao historiador literário observar que ele alterara seu estilo de forma surpreendente. Os floreios excessivos tinham sido escoimados, a abundância refreada; a era da prosa estava congelando aquelas fontes de água cálida. Mesmo a paisagem lá fora continha menos grinaldas e as próprias urzes eram menos espinhosas e intrincadas. Talvez os sentidos se houvessem embotado um pouco, o mel e

o creme, se tornado menos sedutores ao paladar. Sem dúvida, também, o estilo era afetado pelo fato de as ruas serem mais bem drenadas e as casas, mais iluminadas.

Certo dia, quando acrescentava com enorme esforço um verso ou dois ao poema "O carvalho", viu uma sombra pelo rabo do olho. Logo verificou que não era uma sombra, e sim uma dama muito alta, de capuz e manto de montaria, que cruzava o pátio quadrangular diante de seu quarto. Como se tratava do local mais íntimo da mansão e ele não conhecia a dama, foi uma surpresa para Orlando ela ter chegado lá. Três dias depois, a aparição voltou a ser vista; e, ao meio-dia de quarta-feira, mais uma vez se fez presente. Desta feita, Orlando estava decidido a segui-la, e ela aparentemente não temia ser descoberta porque diminuiu o passo quando ele se aproximou e o encarou corajosamente. Qualquer outra mulher assim apanhada nos domínios particulares de um lorde teria demonstrado medo; qualquer outra mulher com aquele rosto, penteado e aspecto teria usado a mantilha que trazia sobre os ombros para cobrir a cabeça. Pois aquela senhora se parecia muitíssimo com uma lebre; uma lebre assustada mas obstinada; uma lebre cuja timidez era suplantada por imensa e insensata audácia; uma lebre que se erguia sobre as patas traseiras e encarava seu perseguidor com olhos grandes e protuberantes; com as orelhas em pé, embora tremelicantes; com o nariz apontando para a frente, embora se contraindo repetidamente. Além disso, a lebre tinha um metro e oitenta e, de quebra, usava um penteado antiquado que a fazia parecer mais alta ainda. Assim confrontada, ela olhou fixamente para Orlando com uma estranha combinação de timidez e ousadia.

Primeiro, ela lhe pediu, com uma reverência adequada porém algo canhestra, que desculpasse sua intromissão. Em seguida, retomando toda a sua altura, que deveria ultrapasssar um metro e oitenta e oito, disse — mas com um acesso de riso nervoso e tantas hesitações que Orlando pensou que ela houvesse escapado de um asilo de loucos — ser a arquiduquesa Harriet[122] Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom, natural da Romênia. Desejava acima de tudo conhecê-lo, continuou. Estava hospedada em cima de uma padaria em Park Gates. Vendo seu retrato, notou a grande semelhança com uma de suas irmãs que — e nesse momento soltou uma gargalhada — havia morrido muitos anos antes. Estava de visita à corte inglesa. A rainha era sua prima, o rei um ótimo sujeito, mas que raramente ia para a cama sóbrio. Mais risinhos nervosos

ao dizer isso. Em resumo, não havia nada a fazer senão convidá-la para entrar e lhe oferecer uma taça de vinho.

Dentro de casa, seu comportamento retomou a altivez natural de uma arquiduquesa romena; e, não tivesse ela demonstrado um conhecimento de vinhos raro numa dama, além de fazer alguns comentários bastante sensatos sobre armas de fogo e os costumes da caça esportiva em seu país, teria faltado espontaneidade à conversa. Por fim, pondo-se de pé de um salto, anunciou que voltaria no dia seguinte, fez uma reverência prodigiosa e partiu. No outro dia, Orlando se ausentou a cavalo. Um dia depois, deu-lhe as costas; no terceiro, fechou as cortinas. No quarto, choveu e, como não podia deixar que uma dama se molhasse, além de não estar avesso a uma companhia, convidou-a a entrar e pediu sua opinião se a armadura de certo antepassado era obra de Jacobi ou de Topp.[123] Ele achava que era de Topp. Ela defendeu outra opinião — pouco interessa qual. Mas tem muita importância para nossa história que, ao ilustrar seu argumento, que tinha a ver com o funcionamento das peças de articulação, a arquiduquesa Harriet houvesse ajustado a caneleira de ouro à perna de Orlando.

Já se disse antes que ele possuía o par de pernas mais bonitas que até hoje sustentou um nobre.

Talvez alguma coisa no modo como ela afivelou a caneleira, ou sua postura recurvada, ou o longo isolamento de Orlando; ou a simpatia natural que existe entre os sexos; ou o vinho da Borgonha; ou o fogo — qualquer dessas causas pode ter sido culpada; pois sem dúvida há culpa de um lado ou de outro quando um nobre da estirpe de Orlando, recebendo em sua casa uma dama bem mais velha do que ele, com um rosto de um metro de comprimento e olhos esbugalhados, ridiculamente vestida com um manto e capa de montaria embora fizesse calor — há culpa quando um nobre é tão repentina e violentamente acometido de certo tipo de paixão que precisa sair da sala.

Entretanto, caberia perguntar, que sorte de paixão seria essa? E a resposta é tão dúplice quanto o próprio amor. Pois o amor… mas, deixando por enquanto o amor fora da discussão, o que aconteceu foi o seguinte:

Quando a arquiduquesa Harriet Griselda se curvou para apertar a fivela, Orlando ouviu, súbita e inexplicavelmente, o distante bater de asas do amor. O longínquo movimento daquela plumagem macia despertou nele mil recordações de águas velozes, de encantos na neve e da infidelidade na

inundação; e o som se aproximou; e ele ficou ruborizado e tremeu; e se emocionou como pensou que jamais voltaria a se emocionar; e estava pronto a erguer as mãos e deixar que o pássaro da beleza pousasse em seus ombros, quando… horror!, um som rangente como o dos corvos ao dar cambalhotas sobre as árvores começou a reverberar; o ar pareceu escurecer com rudes asas negras; vozes crocitaram; pedaços de palha, gravetos e penas caíram; e sobre seus ombros desceu a mais pesada e vil das aves, que é o abutre. Por isso ele saiu correndo da sala e mandou o lacaio conduzir a arquiduquesa à sua carruagem.

Porque o amor, ao qual podemos agora retornar, tem duas faces: uma branca, a outra negra; dois corpos: um liso, o outro peludo. Tem duas mãos, dois pés, duas caudas, na verdade dois de cada membro, um o exato oposto do outro. Todavia, estão unidos tão firmemente que é impossível separá-los. Nesse caso, o amor de Orlando começou a voar em sua direção com a face branca visível, mostrando o corpo liso e encantador. Foi se aproximando mais e mais, precedido por uma brisa de puro prazer. De repente (presumivelmente ao ver a arquiduquesa), deu meia-volta e exibiu o outro lado; mostrou-se negro, hirsuto, animalesco; e foi o abutre da lascívia, não o amor, a ave-do-paraíso, que desabou sobre seus ombros com uma carga de repugnante podridão. Por isso ele fugiu, por isso chamou o lacaio.

Mas a harpia não é banida assim tão facilmente. Não apenas a arquiduquesa continuou a se hospedar em cima da padaria, mas Orlando foi perseguido noite e dia pelos mais imundos fantasmas. Aparentemente, ele havia guarnecido em vão a casa com pratarias e coberto as paredes com tapeçarias, já que a qualquer momento uma ave suja de esterco podia se aboletar sobre sua escrivaninha. Lá estava ela, batendo as asas em meio às cadeiras; ele a via bamboleando de modo deselegante ao caminhar pelas galerias. Logo depois, empoleirou-se pesadamente sobre um guarda-fogo. Ao enxotá-la, ela voltou e bicou a vidraça até quebrá-la.

Compreendendo assim que sua casa era inabitável e que cumpria tomar providências imediatas, ele fez o que qualquer outro homem ainda moço faria em seu lugar, pedindo ao rei Carlos que o enviasse como embaixador extraordinário para Constantinopla. O rei passeava em Whitehall de braços dados com Nell Gwyn,[124] que atirava avelãs sobre ele. Era uma grande maldade, suspirou a amorosa dama, que um par de pernas como aquelas deixasse o país.

Entretanto, o destino foi cruel. Ela só pôde lhe jogar um beijo por cima do ombro antes que Orlando zarpasse.

3

É de fato uma grande infelicidade e algo bastante lamentável que disponhamos de pouquíssima informação sobre essa fase da carreira de Orlando, quando desempenhou um papel muito importante na vida pública do país. Sabemos que cumpriu suas obrigações de forma admirável — basta dizer que recebeu a Ordem do Banho e o título de duque.[125] Sabemos que participou das negociações extremamente delicadas entre o rei Carlos e os turcos, de que dão testemunho os tratados nos registros do Arquivo Nacional. Mas a revolução que eclodiu durante sua missão e o incêndio[126] que então ocorreu danificaram ou destruíram todos os documentos que continham informações confiáveis, a tal ponto que só podemos oferecer um quadro deploravelmente incompleto. Muitas vezes o papel estava chamuscado, exibindo uma mancha marrom bem no meio da frase mais relevante. Quando estávamos prestes a elucidar um segredo que intriga os historiadores há um século, deparávamos com um buraco no manuscrito grande o suficiente para enfiar o dedo. Fizemos o possível para elaborar um parco sumário a partir dos fragmentos carbonizados que restam, porém frequentemente foi necessário especular, inferir e até mesmo usar a imaginação.

Aparentemente, o dia de Orlando obedecia à seguinte rotina. Levantando-se por volta das sete, cobria-se com um longo manto turco, acendia um charuto[127] e plantava os cotovelos no parapeito. Lá ficava observando a cidade a seus pés, encantado com a vista. Nessa hora o nevoeiro era tão denso que as cúpulas de Santa Sofia[128] e os topos de outros prédios pareciam flutuar; aos poucos a névoa os desvelava e via-se que as bolhas estavam firmemente fixadas à terra; surgia o rio com a ponte Gálata; pedindo esmolas, peregrinos com turbantes verdes mas sem olhos ou narizes; cachorros abandonados se alimentando de lixo; mulheres cobertas de véus; inumeráveis burros; homens a cavalo carregando longas varas. Em breve, toda a cidade se agitava com o estalar dos chicotes, o soar dos gongos, os chamados para a oração, o açoitar das mulas, o estrépito das rodas revestidas de bronze, enquanto odores acres, dos pães em fermentação, do incenso e das especiarias, subiam até as alturas de Pera e

pareciam ser o próprio hálito da população estridente, multicolorida e bárbara.

Contemplando a paisagem que agora resplandecia ao sol, ele refletia que nada poderia ser menos parecido com os condados de Surrey e Kent ou as cidades de Londres e Tunbridge Wells. À direita e à esquerda erguiam-se os contrafortes rochosos e despidos de vegetação das inóspitas montanhas asiáticas, nos quais podiam se alojar um ou dois áridos castelos de grandes salteadores de estrada; mas não havia nenhum presbitério, nenhuma mansão, nenhuma cabana, nem carvalhos, olmos, violetas, heras ou madressilvas silvestres. Não havia sebes onde crescessem as samambaias, nenhum campo para as ovelhas pastarem. As casas eram brancas e nuas como cascas de ovo. Sendo um inglês genuíno, surpreendia-o que pudesse exultar diante daquele panorama agreste até o mais fundo do coração, e contemplasse sem cessar os passos e picos distantes planejando excursões que faria sozinho a pé[129] em lugares antes só palmilhados por cabras e pastores; que pudesse sentir uma verdadeira paixão pelas flores brilhantes que não respeitavam as estações do ano, e até mais amor pelos sarnentos vira-latas do que por seus caçadores de alce, e que inalasse com avidez o cheiro acre e pungente das ruas. Entrando depois para tomar banho, ele se perguntou se, na época das Cruzadas, algum antepassado seu teria se unido a uma camponesa circassiana;[130] achou que isso era possível e explicaria um quê mais escuro em sua tez.

Uma hora mais tarde, devidamente perfumado, com os cachos penteados e a pele ungida, recebia a visita de secretários e outros altos funcionários que traziam, um após o outro, caixas vermelhas que só podiam ser abertas com sua chave de ouro. Dentro havia documentos da maior importância, dos quais restam apenas fragmentos, aqui um ornato, ali um lacre firmemente afixado a um pedaço de seda queimada. Assim, não podemos falar de seus conteúdos, mas somente garantir que Orlando era mantido ocupado com a cera e os sinetes, várias fitas coloridas que precisavam ser amarradas de formas diferentes, o traçado mais grosso das letras dos títulos e os ornamentos em torno das maiúsculas, até a hora do almoço — uma refeição esplêndida que poderia ter até trinta pratos.

Depois do almoço, lacaios anunciavam que sua carruagem puxada por seis cavalos estava à porta e, precedido por janízaros[131] de uniformes roxos que corriam a pé agitando grandes abanos de penas de avestruz acima de suas cabeças, ele partia para visitar outros embaixadores ou

dignitários do governo local. A cerimônia era sempre a mesma. Chegando ao pátio, os janízaros batiam com seus abanos na porta principal, que imediatamente se abria para revelar um grande aposento esplendidamente mobiliado. Lá estavam sentadas duas figuras, geralmente de ambos os sexos. Trocavam-se profundas reverências e mesuras. Nessa primeira sala, só era permissível mencionar o tempo. Tendo dito que fazia sol ou chovia, que estava quente ou frio, o embaixador passava para o outro cômodo, onde mais uma vez duas pessoas se levantavam para cumprimentá-lo. Ali só era permissível comparar Constantinopla a Londres como lugar para residir: o embaixador naturalmente dizia que preferia Constantinopla, enquanto seus anfitriões naturalmente diziam preferir Londres, conquanto não a conhecessem. No cômodo seguinte, a saúde do rei Carlos e a do sultão precisavam ser discutidas em pormenores. No próximo, discutia-se a saúde do embaixador e a da esposa de seu anfitrião, mas de forma mais breve. No cômodo seguinte, o embaixador cumprimentava o anfitrião por sua mobília, e o anfitrião o cumprimentava por suas vestimentas. Mais adiante, eram servidos doces, com o anfitrião se queixando de sua má qualidade e o embaixador lhes louvando a excelência. Ao final da cerimônia, fumava-se um narguilé[132] e bebia-se uma taça de café, mas, embora os gestos relacionados ao fumar e ao beber fossem seguidos rigorosamente, não havia tabaco no cachimbo nem café na taça, porque, caso contrário, o corpo humano não suportaria o excesso. Pois, tão logo o embaixador terminava uma dessas visitas, outra teria de ser feita. O mesmo ritual era observado precisamente na mesma ordem seis ou sete vezes nas casas de outros funcionários importantes, de modo que, com frequência, só tarde da noite o embaixador voltava à casa. Apesar de executar essas tarefas de modo admirável e nunca negar que talvez fossem a parte mais importante dos deveres de um diplomata, elas sem dúvida o fatigavam e costumavam deprimi-lo tanto que Orlando preferia jantar sozinho na companhia de seus cachorros. Com eles, na realidade, falava em sua própria língua. E, às vezes, segundo consta, atravessava os portões tarde da noite tão bem disfarçado que nem as sentinelas o reconheciam. Misturava-se então com a multidão na ponte Gálata ou vagava pelos bazares; ou tirava os sapatos e se juntava aos fiéis nas mesquitas. Certa feita, quando foi noticiado que estava acamado com febre, pastores, ao trazerem as cabras para o mercado, relataram ter encontrado um lorde inglês no alto da montanha orando para seu Deus. Pensou-se que era o

próprio Orlando, e que a oração constituía sem dúvida um poema declamado em voz alta, pois sabia-se que ele ainda carregava consigo, sob o manto e junto ao peito, um manuscrito muito rabiscado; e os criados, escutando à porta, ouviam o embaixador entoando alguma coisa numa voz monótona quando se encontrava a sós.

É com fragmentos desse tipo que fazemos o possível para descrever a vida e a personalidade de Orlando naquela época. Correm até hoje boatos, lendas e histórias vagas e não confirmadas sobre seu comportamento em Constantinopla (só algumas aqui mencionadas), comprovando que, na flor da idade, ele possuía o poder de estimular a fantasia e de prender o olhar, mantendo assim fresca uma recordação muito depois que houvesse sido esquecido tudo aquilo que as qualidades mais duradouras podem contribuir para preservá-la. O poder é misterioso, uma mescla de beleza, berço e um dom mais raro que, para simplificar as coisas, podemos chamar de charme. Como Sasha havia dito, "um milhão de velinhas" ardia dentro dele sem que Orlando tivesse tido o trabalho de acender uma única. Movia-se como um grande cervo, sem precisar pensar em suas pernas. Falava em tom natural, e o eco era mais forte que um gongo de prata. Por isso gerava inúmeros rumores. Foi adorado por muitas mulheres e alguns homens. Não era necessário que falassem com ele ou mesmo que o vissem: evocavam diante de si, em especial quando o cenário era romântico ou o sol se punha, a figura de um nobre cavalheiro usando meias de seda. Ele exercia sobre as pessoas pobres e sem instrução o mesmo poder que sobre os ricos. Pastores, ciganos e tropeiros ainda cantam canções acerca do lorde inglês "que jogou suas esmeraldas no poço", referindo-se indubitavelmente a Orlando, que certa vez, assim parece, arrancou as joias que trazia e, num momento de raiva ou embriaguez, as atirou numa fonte, de onde foram pescadas por um pajem. Mas esse poder romântico, como é bem sabido, está com frequência associado a uma natureza extremamente reservada. Tudo indica que Orlando não fez nenhum amigo. Tanto quanto se saiba, não criou quaisquer relacionamentos. Certa dama de alto coturno foi da longínqua Inglaterra para estar perto dele e o importunou com suas atenções, mas ele continuou a cumprir os deveres diplomáticos de forma tão incansável que, antes de completar dois anos e meio como embaixador na Sublime Porta, o rei Carlos manifestou a intenção de lhe conceder o mais elevado título de nobreza. Os invejosos disseram que se tratava do tributo de Nell Gwyn à recordação de um par de pernas. Mas, como ela só

o vira uma vez e quando se encontrava ocupada em atirar avelãs em seu senhor e soberano, é provável que Orlando tenha conquistado o título de duque por seus méritos e não por suas panturrilhas.

Aqui devemos fazer uma pausa, pois atingimos um momento de grande significado em sua carreira. A concessão do título de duque deu origem a um incidente muito famoso e bastante controvertido, que precisamos descrever agora abrindo caminho da melhor maneira possível em meio a papéis queimados e pedacinhos de fita. Foi no final do grande jejum de Ramadã[133] que a Ordem do Banho e a patente de nobreza chegaram numa fragata comandada por Sir Adrian Scrope, tendo Orlando aproveitado a ocasião para dar a mais esplêndida festa que Constantinopla já viu. Era uma noite linda, os convidados muito numerosos, e as janelas da embaixada estavam feericamente iluminadas. Mais uma vez nos faltam detalhes, já que o fogo consumiu todos os registros e deixou apenas precários fragmentos que mantêm obscuros os pontos mais importantes. Entretanto, segundo o diário de John Fenner Brigge,[134] um oficial da Marinha inglesa que se encontrava entre os convidados, ficamos sabendo que, no pátio, pessoas de todas as nacionalidades "estavam imprensadas umas contra as outras como arenques num barril". Tão inconfortável era o aperto da multidão que Brigge logo trepou numa árvore-de-judas para melhor observar os acontecimentos. Havia circulado um boato entre os locais (prova adicional do misterioso poder de Orlando sobre a imaginação) de que ocorreria algum tipo de milagre. "Assim", escreveu Brigge (mas seu manuscrito é chamuscado em partes e cheio de buracos, tornando algumas frases quase ilegíveis),

> quando os foguetes começaram a subir, houve considerável mal-estar entre nós, dada a possibilidade de que a população nativa fosse tomada… prenhe de consequências desagradáveis para todos… as senhoras inglesas ali presentes, confesso francamente que levei a mão a meu alfanje. Felizmente,

ele prossegue em seu estilo algo tedioso,

> tais temores pareceram de momento infundados e, observando o comportamento dos locais… cheguei à conclusão de que aquela demonstração de nosso domínio da arte da pirotecnia era valiosa,

> quando nada por imprimir na mente deles… a superioridade dos britânicos… Na verdade, foi um espetáculo de indescritível magnificência. Vi-me alternadamente louvando a Deus por haver permitido… e desejando que minha querida mãezinha … Por ordem do embaixador, as compridas janelas, que são uma característica tão imponente da arquitetura oriental, pois embora ignorante em muitas áreas… estavam abertas de par em par; e, lá dentro, podia-se apreciar um *tableau vivant* ou exibição teatral em que damas e cavalheiros ingleses… usando máscaras, representavam uma peça da autoria de… As palavras eram inaudíveis, mas a visão de tantos de nossos compatriotas, homens e mulheres, vestidos com grande elegância e distinção…despertou emoções de que certamente não me envergonho, embora incapaz… Estava prestando muita atenção na surpreendente conduta de Lady…, que atraía os olhares de todos, trazendo descrédito para seu sexo e seu país, quando…

— infelizmente, um galho da árvore-de-judas se partiu e o tenente Brigge caiu ao chão, de modo que o resto da entrada registra apenas sua gratidão à Providência (que ocupa papel de destaque no diário) e a natureza precisa de seus ferimentos.

Por sorte, a srta. Penelope Hartopp, filha do general do mesmo nome, viu a cena de dentro da casa e dá continuidade ao relato numa carta, também muito apagada, que chegou por fim às mãos de uma amiga em Tunbridge Wells. A srta. Penelope não foi menos pródiga que o bravo oficial em seu entusiasmo. "Assombroso", ela exclama dez vezes numa página,

> maravilhoso… totalmente impossível de ser descrito…baixelas de ouro… candelabros… negros vestindo calças de pelúcia… pirâmides de gelo… fontes de sangria quente… gelatinas no formato dos navios de Sua Majestade… cisnes representando nenúfares… pássaros em gaiolas douradas… cavalheiros vestindo calções de veludo vermelho com cortes ornamentais… penteados de mulheres com *pelo menos* um metro e oitenta de altura… caixas de música… O sr. Peregrine disse que eu estava *absolutamente* encantadora, o que só repito para você, minha querida, porque sei… Ah! Que saudade de todos vocês!… superando qualquer coisa que vimos na Pantiles… bebidas em profusão… alguns cavalheiros foram além … Lady Betty adorável… pobre Lady Bonham, cometeu o

triste engano de se sentar sem ter uma cadeira debaixo dela… cavalheiros muito elegantes… pensei mil vezes em você e na querida Betsy… Mas a grande atração, a estrela-guia… como todos admitiam, pois ninguém seria tão maldoso a ponto de negá-lo, era o próprio embaixador. Que pernas! Que rosto!! Que maneiras principescas!!! O modo como entrou no salão! E como saiu! Há algo *interessante* na sua expressão, que faz a gente sentir, sem saber por quê, que ele *sofreu* muito! Dizem que uma dama foi a causadora disso. Monstro sem coração! Como é possível que alguém de nosso *chamado sexo fraco* possa ter tido tal desfaçatez!!! Ele é solteiro, e metade das senhoras daqui está louca por ele… Mil beijos para Tom, Gerry, Peter, e para o querido Mew [presumivelmente seu gato].

Num jornal da época se lê que,

quando o relógio deu meia-noite, o embaixador apareceu na sacada central, de que pendiam tapeçarias de valor incalculável. Seis turcos da Guarda Imperial, todos com mais de um metro e oitenta de altura, o ladeavam segurando tochas. Foguetes foram lançados quando ele surgiu, ouvindo-se uma grande aclamação dos presentes, que o embaixador retribuiu com profunda reverência e algumas palavras de agradecimento em turco, sendo um de seus dons falar aquele idioma fluentemente. A seguir, no uniforme de gala de almirante britânico, Sir Adrian Scrope avançou, o embaixador dobrou um joelho e o almirante lhe pôs no pescoço o Colar da Mui Honorável Ordem do Banho, prendendo depois a Estrela em seu peito; feito isso, outro cavalheiro do corpo diplomático, aproximando-se solenemente, colocou sobre seus ombros o manto ducal e, sobre uma almofada carmesim, entregou a respectiva coroa.

Por fim, com um gesto de extraordinária majestade e graça, primeiro fazendo uma funda mesura e depois se empertigando com orgulho, Orlando tomou o círculo dourado de folhas de morango e o pôs na cabeça com um movimento inesquecível para todos que o testemunharam. Foi nesse instante que começou o primeiro distúrbio. Ou as pessoas esperavam um milagre — alguns dizem que havia sido profetizada uma chuva de ouro — que não aconteceu, ou esse foi o sinal escolhido para iniciar o ataque; ninguém sabe ao certo; mas, tão logo Orlando pôs a coroa na cabeça, ouviu-se um grande clamor. Soaram sinos; os gritos estridentes dos

profetas levantaram-se acima do alarido da multidão; muitos turcos se lançaram ao solo e tocaram a terra com a testa. Uma porta foi aberta de supetão. Os nativos correram para os salões de banquete. Mulheres soltaram gritos agudos. Certa dama, que se dizia estar morrendo de amor por Orlando, pegou um candelabro e o atirou ao chão. Não fosse pela presença de Sir Adrian Scrope e um pelotão de jaquetas azuis,[135] ninguém poderá dizer o que teria acontecido. Mas o almirante ordenou que fossem tocadas as cornetas; cem marinheiros imediatamente se mobilizaram; a desordem foi abafada e, ao menos por algum tempo, a calma voltou a imperar.

Até então estamos trilhando o caminho seguro, embora estreito, da verdade comprovada. Mas ninguém jamais soube com certeza o que se passou depois naquela noite. No entanto, o testemunho das sentinelas e de outros parece comprovar que a embaixada estava vazia e fechada como de praxe por volta das duas horas. O embaixador foi visto ao se retirar para o quarto, ainda portando as insígnias de sua nova posição, e fechar a porta. Alguns dizem que a trancou, o que não era seu hábito. Outros sustentam ter ouvido mais tarde música de um gênero rústico, como a dos pastores, sendo tocada no pátio debaixo da janela do embaixador. Uma lavadeira, que ficou acordada com dor de dente, disse ter visto um vulto de homem, envolto numa capa ou num roupão, chegar à sacada. Depois, segundo ela, uma mulher muito agasalhada, mas aparentemente de origem camponesa, foi içada por uma corda que o homem deixou cair da sacada. Uma vez lá, ainda segundo a lavadeira, eles se abraçaram apaixonadamente "como amantes", e entraram juntos no quarto, cerrando as cortinas de modo que nada mais pôde ser visto.

Na manhã seguinte, o duque, como agora devemos chamá-lo, foi encontrado por seus secretários mergulhado num sono profundo em meio às roupas de cama bastante desarrumadas. O quarto estava em desordem, tendo a coroa rolado para o chão, o manto e a jarreteira amontoados sobre uma cadeira. A mesa estava coberta de papéis. Inicialmente ninguém suspeitou de nada, pois a noite anterior fora muito cansativa. Mas, como à tarde ele ainda dormia, foi chamado um médico, que lhe aplicou os remédios usados em situações anteriores, tais como emplastros, urtigas e eméticos, mas sem sucesso. Orlando continuou dormindo. Seus secretários julgaram então que era seu dever examinar os papéis sobre a mesa. Muitos estavam rabiscados com poesias onde eram frequentes as menções a um

carvalho. Havia também diversos documentos oficiais e outros de cunho privado, relativos à administração de suas propriedades na Inglaterra. Mas por fim encontraram algo de importância muito maior. Na verdade, nada mais, nada menos do que um contrato de casamento, formulado, assinado e testemunhado entre sua senhoria Orlando, cavaleiro da Ordem da Jarreteira etc. e tal, e Rosina Pepita,[136] dançarina, de pai desconhecido mas tido como cigano, mãe também desconhecida mas tida como vendedora de ferro-velho no mercado junto à ponte Gálata. Os secretários se entreolharam, horrorizados, enquanto Orlando continuava a dormir. Manhã e noite o observaram, mas, exceto pela respiração regular e pelas faces como sempre rosadas, ele não dava sinal de vida. Tudo que a ciência e o engenho podiam fazer para acordá-lo foi feito. Porém, ele ainda dormia.

No sétimo dia de seu transe (quinta-feira, 10 de maio), foi disparado o primeiro tiro da terrível e sanguinolenta insurreição cujos primeiros sintomas tinham sido detectados pelo tenente Brigge. Os turcos se levantaram contra o sultão, incendiaram a cidade e passaram à espada todos os estrangeiros que encontraram ou lhes aplicaram bastonadas[137] nas solas dos pés. Alguns ingleses conseguiram escapar; mas, como era de esperar, os cavalheiros da embaixada britânica preferiram morrer na defesa de suas caixas vermelhas[138] ou, em casos extremos, engolir molhos de chaves a deixá-los cair nas mãos dos infiéis. Os rebeldes invadiram o quarto de Orlando, mas, vendo-o estirado com a aparência de morto, deixaram-no intocado, roubando apenas a coroa e as vestes da Ordem da Jarreteira.

E agora, de novo, caem as trevas, e na verdade desejaríamos que fossem ainda mais negras! Desejaríamos, nossos corações quase exclamam, que fossem tão profundas que nada pudéssemos ver através de sua opacidade! Que pudéssemos tomar a pena e dar por encerrado nosso trabalho! Que poupássemos o leitor do que está por vir e lhe disséssemos, em poucas palavras, que Orlando morreu e foi enterrado. No entanto, a verdade, a franqueza e a honestidade, essas deusas austeras que vigiam e protegem o tinteiro do biógrafo, gritam Não! Levando seus clarins de prata aos lábios, exigem num toque tonitruante: a verdade! E novamente ordenam: a verdade! E, pela terceira vez, a uma só voz, demandam a verdade e nada mais que a verdade!

Ao que — e agradecemos aos céus por nos conceder uma pausa para

retomar o fôlego — as portas se abrem docemente, como se um sopro do mais suave e sagrado zéfiro as houvesse empurrado, e três figuras entram.[139] Primeiro, chega Nossa Senhora da Pureza, cuja fronte é cingida com fitas da mais branca lã de cordeiro, cujos cabelos são uma avalanche de neve soprada pelo vento e em cuja mão repousa a pena branca de uma gansa virgem. Atrás dela, mas com passadas mais soberbas, vem Nossa Senhora da Castidade, que traz na testa, como um torreão eternamente em brasas, um diadema de pingentes de gelo; seus olhos são estrelas de brilho puro e seus dedos, caso toquem em alguma pessoa, a congelam até os ossos. Pouco depois, abrigando-se à sombra de suas irmãs mais majestáticas, vem Nossa Senhora da Modéstia, a mais frágil e mais bela das três; cujo rosto só é visto como a lua nova, quando é fina, tem formato de foice e está semioculta entre as nuvens. Todas avançam para o centro do quarto onde Orlando dorme; e, com gestos ao mesmo tempo convidativos e autoritários, *Nossa Senhora da Pureza* fala em primeiro lugar:

"Sou a guardiã do corço adormecido; a neve me é cara, como a lua nascente e o mar prateado. Com meus mantos cubro os ovos da galinha pintada e as conchas mosqueadas; cubro o vício e a pobreza. Sobre todas as coisas frágeis, escuras ou duvidosas desce meu véu. Por isso, nada fales, nada reveles. Misericórdia, oh, misericórdia!"

Nesse momento soam as trombetas.

"Fora, Pureza! Parte, Pureza!"

Então fala *Nossa Senhora da Castidade*:

"Eu sou aquela cujo toque congela e cujo olhar petrifica. Fiz parar a estrela em sua dança e a onda ao quebrar. Os mais altos picos são minha morada; e, quando caminho, os relâmpagos brilham em meus cabelos; meus olhos matam o que veem. Em vez de deixar que Orlando acorde, eu o congelarei até os ossos. Misericórdia, oh, misericórdia!"

Nesse momento soam as trombetas.

"Fora, Castidade! Parte, Castidade!"

Então fala *Nossa Senhora da Modéstia*,tão baixinho que é quase inaudível:

"Eu sou aquela que os homens chamam de Modéstia. Sou virgem e sempre serei. Não foram feitos para mim os campos dadivosos e os vinhedos férteis. Detesto tudo que cresce; e, quando as maçãs brotam ou os rebanhos se multiplicam, eu corro, eu fujo; deixo meu manto cair. Os

cabelos me cobrem os olhos. Nada vejo. Misericórdia, oh, misericórdia!"

Nesse momento soam as trombetas.

"Fora, Modéstia! Parte, Modéstia!"

Com gestos de pesar e lamentação, as três irmãs se dão as mãos e dançam lentamente, agitando os véus e cantando:

"Verdade, não saias do teu horroroso tugúrio. Esconde-te ainda mais, verdade terrível. Pois tu expões à luz brutal do sol coisas que melhor estariam se não sabidas ou não feitas; tu desvelas o vergonhoso, clareias o obscuro. Esconde-te! Esconde-te! Esconde-te!"

Fizeram menção de cobrir Orlando com seus véus. Enquanto isso, as trombetas ainda soavam forte.

"A verdade e nada menos que a verdade."

As irmãs tentaram então abafar com seus véus as bocas das trombetas, mas em vão porque agora todas ressoaram em uníssono.

"Horríveis irmãs, parti!"

Perturbadas, as irmãs se lamuriaram em conjunto, dançando ainda em círculos e agitando os véus para cima e para baixo.

"Nem sempre foi assim! Mas os homens não nos querem mais, as mulheres nos odeiam. Saiamos daqui. Vamo-nos. Eu (*diz a Pureza*) para o poleiro das galinhas. Eu (*diz a Castidade*) para as colinas ainda não violadas de Surrey. Eu (*diz a Modéstia*) para qualquer canto onde haja muitas heras e cortinas."

"Pois lá, e não aqui" (todas falam ao mesmo tempo, dando-se as mãos e fazendo gestos de despedida e desespero na direção da cama onde Orlando jaz adormecido) "nos ninhos e nos toucadores, nos escritórios e nos tribunais, reside ainda quem nos ame, quem nos honre; virgens e comerciantes; advogados e médicos; aqueles que proíbem; aqueles que negam; aqueles que fazem reverências sem saber por quê; aqueles que louvam sem entender; a tribo ainda muito numerosa (graças aos Céus!) das pessoas respeitáveis; que preferem não ver; desejam não saber; amam a escuridão; os que ainda nos adoram, e com razão, pois lhes demos riqueza, prosperidade, conforto, bem-estar. Vamos rumo a eles e te deixamos sozinho. Vinde, irmãs, vinde! Aqui não é nosso lugar."

Partem às pressas, sacudindo os véus sobre as cabeças, como se para apagar algo que não ousam contemplar, fechando a porta atrás de si.

Assim, estamos agora inteiramente a sós no quarto com o adormecido Orlando e os trombeteiros, que, enfileirados, tocam um estrondoso "A

VERDADE!", acordando Orlando.

Espreguiçou-se. Levantou-se. Ficou de pé diante de nós, sem roupa nenhuma, e, enquanto as trombetas rugiam Verdade! Verdade! Verdade!, não temos escolha senão confessar — era uma mulher.

O som das trombetas foi se desvanecendo enquanto Orlando permanecia de pé, nua em pelo. Nenhum ser humano, desde que o mundo é mundo, foi tão belo. Em sua figura se combinavam a força de um homem e a graça de uma mulher. As trombetas de prata prolongaram a nota final, como se relutantes em abandonar aquela encantadora visão despertada por seu toque clamoroso; e a Castidade, a Pureza e a Modéstia, sem dúvida inspiradas pela Curiosidade, espiaram pela porta e jogaram na direção da figura despida algo que servisse para cobri-la, mas que, infelizmente, caiu a alguns centímetros de distância. Orlando se olhou de cima a baixo num longo espelho sem mostrar nenhum sinal de inquietação, e caminhou presumivelmente para o banho.

Podemos nos beneficiar desta pausa na narrativa para fazer alguns comentários. Orlando havia se transformado em mulher — isso é inegável. Mas, em todos os demais aspectos, continuava a ser precisamente como era antes. A mudança de sexo, embora viesse a alterar o futuro deles, nada fizera para lhes mudar a identidade. Seus rostos permaneceram, como provam os retratos, praticamente os mesmos. A memória dele — mas daqui em diante, para obedecer às convenções, devemos dizer "sua" e não "seu", e "ela" e não "ele" —, ou seja, a memória dela percorria todos os eventos do passado sem encontrar o menor obstáculo. Talvez houvesse uma ligeira nebulosidade, como se algumas gotas negras tivessem caído no límpido poço da memória; certas coisas haviam ficado um pouco turvas, mas isso era tudo. A mudança parecia ter ocorrido de forma indolor e completa, não causando nenhuma surpresa a Orlando. Muitas pessoas, levando isso em conta e considerando que tal mudança de sexo é contrária à natureza, fizeram ingentes esforços para provar que (1) Orlando sempre fora mulher e (2) que Orlando naquele momento era homem. Deixemos que os biólogos e psicólogos decidam. Para nós, basta expressar o simples fato de que Orlando foi homem até os trinta anos, quando se transformou na mulher que continua a ser desde então.

Todavia, que outras penas cuidem do sexo e da sexualidade,[140] pois abandonamos esses assuntos odiosos tão logo isso é possível. Tendo se

lavado e vestido os casacos e calças turcos que podem ser usados indiferentemente por ambos os sexos, Orlando foi obrigado a considerar sua posição. Que era precária e extremamente embaraçosa deve ter sido o primeiro pensamento de qualquer leitor que tenha seguido esta história com simpatia. Moça, nobre e bonita, ela acordara para se encontrar numa das mais delicadas situações que possamos conceber para uma jovem dama da alta nobreza. Não a censuraríamos caso tivesse tocado a sineta, gritado ou desmaiado. Mas Orlando não mostrou nenhum desses sinais de perturbação. Todos os seus atos deram prova de extrema deliberação, na verdade pareceriam ter sido premeditados. Primeiro, ela examinou cuidadosamente os papéis sobre a mesa; pegou os que continham versos e os guardou junto aos seios; em seguida, chamou o galgo *saluki*,[141] que não saíra de sua cama durante todos aqueles dias apesar de faminto, o alimentou e penteou; depois, enfiou um par de pistolas no cinto; por fim, amarrou pelo corpo vários cordões de esmeraldas e pérolas de brilho excepcional que tinham feito parte de seu guarda-roupa de embaixador. Feito isso, debruçou-se para fora da janela, assoviou baixinho e desceu as escadarias quebradas e manchadas de sangue, agora atapetadas com o lixo das cestas de papéis — tratados, despachos, selos, lacre etc. —, chegando ao pátio. Lá, à sombra de uma gigantesca figueira, esperava-a um velho cigano montado num burro e trazendo outro pela rédea. Orlando passou a perna por cima do animal e, escoltada por um cão magro, o embaixador da Grã-Bretanha na corte do sultão de Constantinopla deixou a cidade.

Cavalgaram durante vários dias e noites, vivendo uma série de aventuras, algumas por conta dos homens, outras por conta da natureza, que Orlando enfrentou com coragem. Em uma semana chegaram ao planalto próximo a Broussa,[142] na época a principal área onde acampava a tribo de ciganos a que Orlando se aliara. Quantas vezes ela contemplava aquelas montanhas de sua sacada na embaixada; quantas vezes sentira vontade de estar lá. E, quando alguém dado à reflexão se vê num lugar em que sempre desejou estar, sempre tem muito a pensar. No entanto, durante algum tempo ela estava tão feliz com a mudança que não fazia sentido prejudicá-la com pensamentos. Bastava o prazer de não ter documentos a selar ou a assinar, nenhum adorno a fazer nas letras, nenhuma visita a realizar. Os ciganos seguiam o capim; quando as pastagens estavam exauridas, punham-se mais uma vez em marcha. Ela se banhava em córregos, se é que se banhava; nenhuma caixa — vermelha, azul ou verde — lhe era apresentada; não

havia uma única chave, muito menos feita de ouro, em todo o acampamento; quanto às "visitas", a palavra era desconhecida. Ela ordenhava as cabras, coletava gravetos, vez por outra roubava um ovo de galinha, mas sempre deixava uma moeda ou uma pérola em seu lugar; tomava conta do rebanho, colhia uvas e as amassava com os pés, enchia o odre feito de pele de cabra e bebia dele; quando se lembrava como, àquela hora do dia, estaria fingindo beber e fumar utilizando uma xícara de café vazia e um cachimbo sem fumo, ela ria alto, cortava outro pedaço de pão e implorava para dar uma tragada no velho cachimbo de Rustum, embora estivesse cheio de esterco de vaca.

Os ciganos, com quem obviamente ela se comunicava secretamente antes da rebelião, pareciam tomá-la como uma deles (que é sempre o maior cumprimento que um povo pode prestar), e seus cabelos escuros e tez morena confirmavam a crença de que era uma cigana de nascimento, apanhada quando bebê numa nogueira por um duque inglês e levada para aquela terra de bárbaros onde as pessoas vivem em casas porque são fracas e doentes demais para resistir ao ar livre. Assim, embora inferior a eles em muitos aspectos, todos desejavam ajudá-la a se integrar plenamente à tribo e lhe ensinaram as artes de fabricar queijo e tecer cestos, assim como a ciência de roubar e de pegar pássaros nas armadilhas, estando mesmo preparados para considerar que se casasse com um deles.

Mas Orlando havia contraído na Inglaterra alguns hábitos ou doenças (como quer que o leitor os defina) que, aparentemente, não podem ser suprimidos. Certa tarde, quando todos se encontravam sentados em torno da fogueira do acampamento e o pôr do sol refulgia sobre as colinas da Tessália,[143] Orlando exclamou:

"Que bom de comer!" (Os ciganos não dispõem de uma palavra para "bonito". Essa expressão é o que existe de mais próximo.)

Todos os moços e moças caíram na gargalhada. O céu bom de comer, realmente! Os mais velhos, no entanto, já tendo visto mais estrangeiros que os jovens, ficaram desconfiados. Notaram que Orlando muitas vezes se sentava durante horas sem fazer nada exceto olhar para aqui e para ali; deparavam com ela no topo de uma colina mirando fixamente à frente, sem se importar se as cabras pastavam ou se desgarravam. Começaram a suspeitar que tinha outras crenças que não as deles, e os homens e as mulheres mais idosos acharam provável que ela houvesse caído na garra do mais maléfico e cruel de todos os deuses, que é a Natureza. E nem estavam

muito errados. A doença inglesa, o amor pela natureza, era inato nela, e ali, onde a natureza era muito mais vasta e poderosa que na Inglaterra, Orlando foi contaminada como nunca antes. A enfermidade é por demais conhecida e tem sido descrita com tamanha frequência que não é necessário voltar a fazê-lo, bastando alguns breves comentários. Havia montanhas, havia vales, havia rios. Ela escalava as montanhas; vagava pelos vales; sentava-se à margem dos rios. Comparava as montanhas a fortificações, a peitos de pombos, a flancos de vacas. Comparava as flores a esmaltes, a grama a tapetes turcos muito gastos. As árvores eram bruxas ressequidas, rochas cinzentas eram carneiros. Tudo, de fato, era alguma outra coisa. Encontrou um laguinho no alto da montanha e quase se atirou dentro dele para buscar a sabedoria que pensou estar lá escondida; e quando do pico mais alto divisou a grande distância, mais além do mar de Mármara, as planícies da Grécia e avistou a Acrópole (seus olhos eram admiráveis) com um ou dois traços brancos que imaginou pertencerem ao Partenon,[144] sua alma se expandiu como seus globos oculares, e ela rezou para que lhe fosse permitido partilhar a majestade das serras, conhecer a serenidade das planícies etc., como fazem todos os crentes. Então, olhando para baixo, o jacinto vermelho e a íris roxa a fizeram soltar uma exclamação de êxtase pela bondade e formosura da natureza; voltando a levantar os olhos, avistou uma águia voando cada vez mais alto e se apropriou do prazer que a ave devia sentir. Ao retornar, saudou cada estrela, cada montanha e cada fogueira das sentinelas como se todas se comunicassem apenas com ela; e, por fim, quando se deitou na esteira da tenda dos ciganos, sentiu-se compelida a repetir "Que bom de comer! Que bom de comer!" (pois, curiosamente, embora os seres humanos tenham meios de comunicação tão imperfeitos que precisam dizer "que bom de comer" quando querem dizer "bonito" e vice-versa, eles preferem enfrentar o ridículo e a incompreensão a guardar para si qualquer experiência). Todos os jovens ciganos riram. Porém Rustum el Sadi, o velho que conduzira Orlando para fora de Constantinopla em seu burro, continuou sentado em silêncio. Tinha o nariz qual uma cimitarra, o rosto sulcado como se bombardeado havia décadas por pelotas de ferro, a tez muito escura e olhos penetrantes; sentado e sugando com força o narguilé, observava Orlando atentamente. Alimentava profunda suspeita de que o Deus dela era a natureza. Certo dia a encontrara debulhando-se em lágrimas e, entendendo que seu Deus a punira, disse-lhe que não estava

surpreso. Mostrou os dedos da mão esquerda, ressequidos por uma geada; mostrou o pé direito, esmagado por uma pedra. Isso, disse ele, era o que o Deus dela fazia com os homens. Quando Orlando respondeu: "Mas é tão bonito", usando a palavra inglesa, ele sacudiu a cabeça; e, quando ela repetiu a palavra, Rustum se irritou. Viu que ela não acreditava no que ele acreditava, e isso foi suficiente, apesar de velho e sábio, para enfurecê-lo.

A diferença de opinião perturbou Orlando, que até então tinha sido perfeitamente feliz. Ela começou a pensar se a natureza era bela ou cruel e então se perguntou o que era aquela beleza: se estava nas próprias coisas ou apenas dentro de si; daí passou para a natureza da realidade, o que a levou à verdade, a qual, por sua vez, conduziu ao amor, à amizade, à poesia (como outrora no topo da colina em sua mansão natal); meditações essas que, como ela não podia expressar por escrito, a fizeram sentir a falta, como nunca antes, de pena e tinta.

"Ah, se ao menos eu pudesse escrever!", exclamou (pois tinha a estranha ilusão daqueles que escrevem de que as palavras escritas são compartilhadas). Ela não possuía tinta e somente um pouco de papel. Mas, tendo produzido tinta com bagas silvestres e vinho, encontrou algumas margens e espaços em branco no manuscrito de "O carvalho" e conseguiu, usando abreviações, descrever a paisagem num longo poema em versos livres, sustentando um diálogo sucinto consigo própria sobre aquela beleza e a verdade.

Isso a manteve extremamente feliz por horas a fio. Mas os ciganos ficaram desconfiados. Primeiro, repararam que ela não exibia a habilidade de antes na ordenha e na preparação de queijos; em segundo lugar, com frequência hesitava antes de responder e, certa ocasião, um rapaz cigano que dormia acordou assustado ao sentir que ela o olhava fixamente. Às vezes toda a tribo, composta de algumas dezenas de adultos de ambos os sexos, sentia esse mal-estar, originado pela sensação (e seus sentidos eram muito agudos e bem mais avançados que seu vocabulário) de que tudo que faziam virava pó em suas mãos. A velha que tecia um cesto ou o menino que tosquiava uma ovelha estaria cantarolando feliz enquanto trabalhava quando Orlando chegava ao acampamento e, deixando-se ficar perto da fogueira, contemplava as chamas. Não precisava olhá-los para sentirem que ali estava alguém que duvidava (utilizamos uma tradução informal da linguagem cigana), alguém que não faz as coisas por fazer, nem olha por olhar; alguém que não crê na lã do carneiro ou no cesto; mas enxerga (e

nesse momento passavam os olhos apreensivos em torno da tenda) algo mais. Uma sensação vaga porém bastante desagradável dominava o menino e a velha. O vime se partia, o dedo sofria um corte. Eram tomados por uma grande raiva. Desejavam que Orlando saísse da tenda e nunca mais chegasse perto deles. No entanto, reconheciam que ela era alegre e prestativa; e que uma de suas pérolas era suficiente para comprar o melhor rebanho de cabras em Broussa.

Aos poucos, Orlando começou a sentir que havia uma diferença entre ela e os ciganos que às vezes a fazia hesitar em se casar e viver para sempre em seu meio. De início, tentou explicar isso dizendo a si mesma que pertencia a uma raça antiga e civilizada, enquanto aqueles ciganos eram um povo ignorante, não muito superior a simples selvagens. Uma noite, quando lhe faziam perguntas sobre a Inglaterra, não pôde deixar de descrever com orgulho a casa onde nascera, como tinha trezentos e sessenta e cinco quartos e já estava nas mãos de sua família havia quatrocentos ou quinhentos anos. Seus antepassados eram condes ou mesmo duques, acrescentou. Ao dizer isso, notou de novo que os ciganos se mostravam pouco à vontade, embora não enraivecidos como quando louvara a beleza da natureza. Agora foram corteses, apesar de embaraçados como pessoas de boa formação quando um estranho se vê obrigado a revelar que tem origem modesta ou nasceu muito pobre. Rustum a seguiu ao sair da tenda e lhe disse que não precisava se importar por seu pai ser um duque e possuir todos os quartos e mobílias que descrevera. Nenhum deles pensaria mal dela por causa disso. Orlando sentiu então uma vergonha que nunca sentira antes. Era claro que Rustum e os outros ciganos achavam paupérrima uma linhagem de apenas quatrocentos ou quinhentos anos. Suas próprias famílias remontavam a pelo menos dois ou três mil anos. Para os ciganos, cujos antepassados haviam construído as Pirâmides séculos antes de Cristo nascer, a genealogia dos Howard e dos Plantageneta[145] não era nem melhor nem pior que a dos Smith e dos Jones: ambas eram insignificantes. Além disso, o fato de que o menino pastor tinha uma linhagem tão antiga não era algo especialmente memorável ou desejável, uma vez que vagabundos e pedintes também a possuíam. Por fim, embora ele fosse demasiado delicado para dizê-lo abertamente, era evidente que, no entender do cigano, não havia ambição mais vulgar do que possuir quartos às centenas (estavam no alto de um morro ao conversar; era noite; as montanhas se erguiam em volta deles) quando toda

a Terra é nossa. Do ponto de vista dos ciganos, um duque, Orlando compreendeu, era apenas um aproveitador ou ladrão que se apoderara das terras e do dinheiro de pessoas que davam pouco valor a tais coisas, alguém que não encontrava nada mais útil para fazer do que construir trezentos e sessenta e cinco quartos, quando um bastava e nenhum era ainda melhor. Ela não podia negar que seus ancestrais haviam acumulado campo após campo, casa após casa, honra após honra, mesmo não sendo santos ou heróis ou grandes benfeitores da humanidade. E nem podia contestar o argumento (Rustum era fino demais para insistir, porém ela entendeu) de que qualquer homem que fizesse agora o que os antepassados dela haviam feito trezentos ou quatrocentos anos antes seria denunciado — em particular e mais veementemente pela família dela — como um arrivista vulgar, um aventureiro, um *nouveau riche*.

Ela procurou responder a tais argumentos pelo método familiar, conquanto oblíquo, de caracterizar a vida cigana como rude e bárbara; assim, em pouco tempo se criou uma forte animosidade entre eles. Na verdade, diferenças de opinião desse tipo são suficientes para causar derramamento de sangue e revoltas. Cidades foram saqueadas por menos, e um milhão de mártires preferiram sofrer amarrados a um poste a ceder um só centímetro em qualquer dos pontos aqui debatidos. Nenhuma paixão é mais potente no peito do homem que o desejo de fazer os outros acreditarem no que ele crê. Nada atinge mais duramente a raiz de sua felicidade e o enche de ódio do que saber que outrem menospreza aquilo que ele mais valoriza. Liberais, conservadores e trabalhistas — por que se batem senão por seu próprio prestígio? Não é o amor à verdade, e sim o desejo de prevalecer que lança facção contra facção, que faz uma paróquia querer a ruína de outra paróquia. Cada qual busca paz de espírito e subserviência em vez do triunfo da verdade e a exaltação da virtude — mas essas moralidades pertencem ao historiador e devem ser deixadas a ele, pois são tão tediosas quanto a água das valas.

"Quatrocentos e setenta e seis quartos nada significam para eles", suspirava Orlando.

"Ela prefere um pôr do sol a um rebanho de cabras", diziam os ciganos.

Orlando não sabia o que fazer. Deixar os ciganos e se tornar outra vez embaixador lhe parecia intolerável. Mas era igualmente impossível permanecer para sempre onde não havia nem tinta nem papel, nenhuma reverência pelos Talbot nem respeito por uma multiplicidade de quartos.

Sobre isso ela pensava numa bela manhã, nas escarpas do monte Athos,[146] enquanto tomava conta das cabras. E então a natureza, em que confiava, lhe pregou uma peça ou fez um milagre — mais uma vez, as opiniões são muito divergentes para que se possa dizer ao certo. Orlando fitava bastante desanimada a íngreme encosta à sua frente. Era meados do verão e, se fosse necessário comparar a paisagem a alguma coisa, seria a um osso seco, ao esqueleto de uma ovelha, a um crânio gigantesco descarnado por mil abutres. O calor era intenso, e a pequena figueira sob a qual Orlando se refugiara só servia para imprimir desenhos de folhas em seu leve albornoz.[147]

De repente, uma sombra — embora ali não houvesse nada capaz de projetar uma sombra — surgiu na encosta despida de vegetação. Ficou rapidamente mais escura e logo apareceu um buraco verde onde antes só existia a rocha nua. Enquanto ela observava, o buraco se aprofundou e alargou, abrindo-se um espaço semelhante a um parque no flanco da montanha. Dentro, ela podia ver um gramado ondulante, carvalhos aqui e ali, tordos saltitando entre os galhos. Podia ver os cervos se movendo delicadamente de uma sombra para a outra, e podia até ouvir o zumbir dos insetos e os doces suspiros e tremores de um dia de verão na Inglaterra. Observou extasiada aquela cena por algum tempo, até que começou a nevar; em breve toda a paisagem estava pontilhada de tons violeta em vez da luz amarela do sol. Ela então viu pesadas carroças vindo pelas estradas, carregadas de troncos de árvores[148] que, bem sabia, seriam serrados e transformados em lenha; depois apareceram os telhados, os campanários, as torres e os pátios de sua própria casa. Os flocos caíam continuamente, e ela era capaz de ouvir agora o deslizar e o baque da neve ao escorregar pelo telhado e cair ao chão. Subia aos céus a fumaça de mil chaminés. Tudo era tão claro e preciso que ela pôde ver uma gralha catando minhocas na neve. Depois, gradualmente, as sombras de cor violeta se adensaram até toldar as carroças, os gramados e a própria mansão. Tudo foi tragado. Nada restava do buraco gramado e, em vez das verdes relvas, via-se apenas a encosta ardente de que mil abutres pareciam haver arrancado toda a carne. Foi quando ela caiu num pranto convulsivo e, caminhando com passos largos de volta para o acampamento dos ciganos, lhes disse que precisava viajar para a Inglaterra no dia seguinte mesmo.

Foi uma felicidade para ela ter feito isso. Os rapazes já haviam planejado matá-la. A honra, diziam, assim o exigia porque ela não pensava como

eles. Entretanto, ficariam penalizados de lhe cortar a garganta e receberam de bom grado a notícia de sua partida. Por sorte, como um navio mercante inglês se preparava para zarpar rumo à Inglaterra, Orlando, arrancando mais uma pérola do colar, pagou a passagem e ainda ficou com algumas notas de sobra na carteira. Gostaria de dá-las de presente aos ciganos. Mas, sabendo que desprezavam a riqueza, teve de se contentar com abraços que, de sua parte, eram sinceros.

4

Com alguns dos guinéus que sobraram da venda da décima pérola de seu colar, Orlando comprou um enxoval completo das roupas que as mulheres usavam à época e, vestida como uma jovem inglesa de alta classe, sentou-se no convés do *Enamoured Lady*. Apesar de estranho, a verdade é que, até aquele momento, ela praticamente não havia pensado em seu sexo. Talvez as calças turcas que usara até então houvessem contribuído para distrair seus pensamentos; e as ciganas, exceto em um ou dois aspectos importantes, pouco diferem dos ciganos. De qualquer modo, ela só se deu conta — com um sobressalto — das desvantagens e dos privilégios de sua posição quando sentiu as saias enroscadas nas pernas e o capitão se ofereceu, com suma cortesia, para providenciar um toldo no convés. Mas aquele sobressalto não era do tipo que se poderia esperar.

Isso porque não foi causado simples e exclusivamente pela ideia de sua castidade e de como poderia preservá-la. Em condições normais, uma encantadora jovem que viaja sozinha não pensaria em outra coisa; todo o edifício da governança feminina repousa sobre essa única pedra fundamental; a castidade é sua joia, seu esteio, e elas se esforçam loucamente para protegê-la, morrendo quando a veem arruinada. Mas, se alguém tiver sido homem durante mais ou menos trinta anos, e de quebra embaixador; se alguém tiver tido uma rainha em seus braços e uma ou duas outras damas (a julgar pelos rumores) de classe menos elevada; se alguém tiver sido casado com uma certa Rosina Pepita e outras coisas do gênero, então não há grandes razões para se sobressaltar. A surpresa de Orlando foi de uma espécie muito complexa, incapaz de ser resumida em poucas palavras. Na verdade, ela jamais foi acusada de ser uma dessas pessoas apressadinhas que chegam ao final das coisas num minuto. Com efeito, levou toda a viagem para extrair o significado moral de seu sobressalto, e assim vamos segui-la adotando seu próprio ritmo.

"Meu Deus", ela pensou ao se recuperar do sobressalto, espreguiçando-se sob o toldo, "esta é sem dúvida uma maneira muito agradável e indolente de passar o tempo. Mas", continuou a pensar, movimentando as pernas, "é um inferno ter essas saias em volta dos tornozelos, embora o

tecido — *paduasoy*[149] com desenhos florais — seja o mais lindo do mundo. Nunca vi minha própria pele (nesse momento levou a mão ao joelho) tão bem. Mas daria para pular por cima da amurada e nadar com essas roupas? Não! Por isso, vou precisar confiar na proteção de um marinheiro. Sou contra isso? Será que sou?", ela se perguntou, encontrando aqui o primeiro nó na meada de seu raciocínio.

A hora do jantar chegou antes que ela o tivesse desatado, e então foi o próprio comandante do navio — o capitão Nicholas Benedict Bartolus, de aspecto distinto — quem o desfez ao lhe servir uma fatia de carne em conserva.

"Um pouquinho de gordura, minha senhora?", ele perguntou. "Deixe-me cortar uma fatia bem fininha, do tamanho de sua unha." Ao ouvir essas palavras, um delicioso tremor percorreu seu corpo. Os passarinhos cantaram, as águas correram velozes. Relembrou a sensação de prazer indescritível ao ver Sasha pela primeira vez, centenas de anos antes. Naquela oportunidade, era Orlando quem havia perseguido, agora foi Orlando quem fugiu. Qual é o êxtase maior? O do homem ou o da mulher? Não serão talvez iguais? Não, ela pensou, este é o mais delicioso (agradecendo ao capitão, mas declinando), recusar, vê-lo franzir a testa. Bem, já que ele havia oferecido, ela aceitaria a menor fatia, a mais fininha do mundo. Essa era a delícia maior, ceder e fazê-lo sorrir. "Pois nada", ela pensou depois de voltar ao divã no convés e retomar o raciocínio, "é mais divino do que resistir e ceder; ceder e resistir. Certamente, nada causa mais arrebatamento ao espírito. Por isso, talvez eu me atire ao mar pelo simples prazer de ser salva por um marinheiro."

(Cumpre lembrar que ela se sentia como uma criança que ganha acesso a um armário de brinquedos ou um jardim fechado com escorrega e balanço. Seu debate interno não faria sentido para mulheres maduras, que já lidaram com aqueles argumentos por toda a vida.)

"Mas o que nós, a bordo do *Marie Rose*, costumávamos dizer de uma mulher que se jogava ao mar pelo prazer de ser salva por um marujo?", ela se perguntou. "Tínhamos um nome para isso. Ah! Lembrei..." (Mas devemos omitir tal palavra por ser extremamente desrespeitosa e pouco apropriada para os lábios de uma dama.) "Meu Deus! Meu Deus!", voltou a exclamar ao concluir seu raciocínio, "será que devo começar a respeitar a opinião do outro sexo, por mais monstruosa que me pareça? Se uso saias, se não posso nadar, se preciso ser salva por um marinheiro, meu Deus,

então não há outra saída!" E com isso a melancolia se abateu sobre ela. Franca por natureza e avessa a qualquer tipo de ambiguidade, mentir a aborrecia. Parecia uma forma tortuosa de fazer as coisas. No entanto, refletiu, se o tecido com desenhos florais e o prazer de ser salva por um marinheiro só podiam ser obtidos por vias indiretas, então ela supunha que assim teria de ser. Lembrou-se de como, quando homem, insistira em que as mulheres fossem obedientes, castas, perfumadas e bem cuidadas. "Agora vou ter de pagar pessoalmente por esses desejos, pois as mulheres não são (a julgar por minha breve experiência deste sexo) obedientes, castas, perfumadas e bem cuidadas por natureza. Só conseguem essas graças, sem as quais não gozam nenhuma das delícias da vida, mediante a mais tediosa disciplina. Há o cuidado com os cabelos", ela pensou, "que, por si só, toma uma hora da minha manhã; mais uma hora me olhando no espelho; dar todos os laços no espartilho; banhar-me e aplicar pó de arroz; mudar de seda para renda, de renda para brocado; ser casta entra ano, sai ano…" Nesse momento, ela fez um movimento impaciente com o pé e mostrou alguns centímetros do tornozelo. Um marinheiro no topo do mastro, que por acaso olhou para baixo no mesmo instante, teve um sobressalto tão violento que perdeu o equilíbrio e só se salvou por um triz. "Se a visão dos meus tornozelos significa a morte para um sujeito honesto, que sem dúvida tem uma esposa e família para sustentar, não posso deixar de mantê-los cobertos", pensou Orlando. No entanto, as pernas eram um de seus maiores atrativos, e isso a fez pensar como era estranho que toda a beleza de uma mulher precisasse ser encoberta para evitar que um marinheiro caísse do topo do mastro. "Com mil demônios!", ela disse, entendendo pela primeira vez que, em outras circunstâncias, lhe teriam ensinado quando criança as sagradas responsabilidades de ser mulher.

"E esta é a última praga que vou poder rogar", pensou, "até pôr os pés em solo inglês. E nunca mais vou poder quebrar a cabeça de um homem ou dizer que ele é um vil mentiroso, nem desembainhar minha espada e furar seu corpo, nem sentar em meio a meus pares ou usar uma coroa, participar de uma procissão, condenar alguém à morte, comandar um exército, desfilar por Whitehall montado num cavalo de batalha, usar setenta e duas medalhas diferentes no peito. Depois que pisar em solo inglês, tudo que vou poder fazer é servir chá e perguntar a meus senhores como gostam de bebê-lo. Prefere com açúcar? Prefere com creme?" E, pronunciando as frases com afetação, ficou horrorizada ao perceber que opinião desprezível

ela vinha formando a respeito do outro sexo, o masculino, ao qual antes se orgulhara de pertencer. "Cair do alto de um mastro por ver os tornozelos de uma mulher; vestir-se como Guy Fawkes[150] e se exibir para ser admirado pelas mulheres; negar que uma mulher possa estudar com medo de que ela ria dele; ser escravo da rapariga mais assanhada só porque usa saias e, apesar disso, se imaginar o rei da Criação — Céus!", ela pensou. "Como nos fazem de tolas, e que tolas nós somos!" E aqui pareceria que, dada a ambiguidade dos termos usados, ela estava censurando igualmente ambos os sexos como se não pertencesse a nenhum deles; e, de fato, naquela época, ela dava a impressão de vacilar: era homem, era mulher, conhecia os segredos e compartilhava as fraquezas de cada qual. Tratava-se de um estado de espírito muito perturbador, que mudava a cada instante como se ela fosse um pião. Os consolos da ignorância lhe eram totalmente negados. Não passava de uma pluma soprada pela ventania. Assim, não é de surpreender que, ao confrontar um sexo com o outro, achasse alternadamente que cada um sofria das mais deploráveis enfermidades. Insegura quanto ao sexo a que pertencia, não é de admirar que estivesse pronta a anunciar em voz alta que regressaria à Turquia para voltar a ser cigana quando a âncora caiu n'água com uma grande pancada; as velas foram arriadas sobre o convés; e ela notou (tão imersa estava em seus pensamentos que nada vira durante vários dias) que o navio se encontrava ancorado diante da costa da Itália. O comandante imediatamente mandou indagar se ela lhe daria a honra de acompanhá-lo no escaler em que iria a terra.

Retornando na manhã seguinte, estendeu-se no divã sob o toldo e arrumou as saias com o máximo de decoro em volta dos tornozelos.

"Pobres e ignorantes como somos quando comparadas ao outro sexo", ela pensou, continuando a frase que deixara inacabada no dia anterior, "com todo o armamento de que dispõem enquanto nos impedem até de aprender o alfabeto" (e, por essas palavras iniciais, fica evidente que algo acontecera durante a noite para empurrá-la na direção do sexo feminino, pois estava falando mais como mulher do que como homem, embora fazendo certo sentido), "ainda assim, eles caem do topo do mastro." Nesse ponto, soltou um enorme bocejo e adormeceu. Ao acordar, o navio velejava bafejado por uma brisa ligeira e tão próximo à costa que as cidades situadas nas bordas das falésias pareciam impedidas de escorregar para dentro d'água apenas pela interposição de alguma grande rocha ou

pelas raízes retorcidas de alguma velha oliveira. O perfume das laranjas, exalado por um milhão de árvores carregadas de frutas, chegou a ela no convés. Um cardume de golfinhos azuis, flexionando as caudas, saltava bem alto de tempos em tempos. Esticando os braços (que, ela já aprendera, não têm o mesmo efeito fatal das pernas), deu graças aos céus por não estar desfilando garbosamente em Whitehall montada num cavalo de guerra, nem condenando um homem à morte. "É melhor", pensou, "portar as vestes da pobreza e da ignorância, que são os trajes humildes do sexo feminino; melhor deixar o governo e a disciplina do mundo para outros; melhor estar livre da ambição marcial, da ânsia de poder e de todos os demais desejos masculinos se assim for possível desfrutar inteiramente dos mais elevados prazeres que conhece o espírito humano e que são", falando então em voz alta, como de hábito quando muito emocionada, "a contemplação, a solidão e o amor."

"Graças a Deus que sou mulher!", exclamou, e estava prestes a se entregar à loucura extrema — e a mais lastimável de todas tanto numa mulher quanto num homem — de ter orgulho de seu sexo, quando se deteve na palavra peculiar que, por mais que tentemos pô-la de lado, surgiu sub-repticiamente no final da última frase: amor. "Amor", disse Orlando. De imediato — tal é sua impetuosidade —, o amor tomou forma humana — tal é seu orgulho. Pois, enquanto outros pensamentos se contentam em permanecer abstratos, nada o satisfaz caso não surja em carne e osso, mantilhas e saias, meias e gibão. E, como todos os amores de Orlando haviam sido mulheres, agora, devido à condenável demora da condição humana em se adaptar às convenções, conquanto ela própria fosse mulher, foi uma mulher que ela amou; e, se a consciência de ser do mesmo sexo teve algum efeito, foi o de estimular e aprofundar aqueles sentimentos que tivera quando homem, pois mil sugestões e mistérios, antes incompreensíveis, agora se aclaravam. A penumbra que aparta os sexos e permite a proliferação de incontáveis impurezas havia sido removida. E, se faz sentido o que o poeta diz sobre a verdade e a beleza, aquela afeição ganhou em beleza o que perdeu em falsidade. Por fim, exclamou, conhecia Sasha a fundo e, no calor dessa descoberta, buscando todos aqueles tesouros agora revelados, ela estava tão extasiada e maravilhada, como se uma bala de canhão houvesse explodido junto a seu ouvido, quando uma voz de homem disse: "Permita-me, senhora", e a mão de um homem a ajudou a se pôr de pé; e os dedos de um homem, com um

veleiro de três mastros tatuado no dedo médio, apontaram para o horizonte.

"Os penhascos da Inglaterra, minha senhora", disse o comandante, fazendo-lhes uma continência com a mão que apontara para o céu. Orlando teve um sobressalto mais violento que o primeiro.

"Jesus Cristo!", gritou.

Felizmente, a visão da terra natal após uma longa ausência serviu como desculpa para o sobressalto e a exclamação, sem o que teria sido difícil explicar ao capitão Bartolus as emoções tempestuosas e conflitantes que ferviam no seu íntimo. Como lhe dizer que ela, agora trêmula em seu braço, tinha sido um duque e um embaixador? Como explicar que, agora envolta como um lírio nas dobras do *paduasoy*, havia cortado cabeças e deitado com meretrizes em meio a sacos de tesouro nos porões de navios piratas em noites de verão, quando as tulipas floresciam e abelhas zumbiam nas vizinhanças das Wapping Old Stairs? Nem para si própria era capaz de explicar o imenso sobressalto que teve quando a resoluta mão do capitão naval indicou as escarpas das Ilhas Britânicas.

"Como é delicioso recusar e ceder", ela murmurou, "como é magnífico perseguir e conquistar; como é sublime perceber e persuadir." Nenhuma dessas palavras assim unidas lhe pareceu errada; no entanto, à medida que se aproximaram das falésias de greda branca, ela se sentiu culpada, desonrada, devassa — o que era estranho para alguém que nunca se preocupara com o assunto. Mais e mais perto chegaram, até que os catadores de funcho-marinho,[151] pendurados a meia altura nos penhascos, ficaram visíveis a olho nu. E, ao observá-los, ela sentiu, subindo e descendo dentro dela como um fantasma galhofeiro que a qualquer momento pode levantar as saias e se escafeder, Sasha, aquela que se perdera, Sasha, a memória, cuja realidade acabava de experimentar de modo tão surpreendente — Sasha fazendo caretas, beicinhos e todo tipo de gestos desrespeitosos na direção das falésias e dos catadores de funcho; e, quando os marinheiros começaram a cantar "Então adeus, damas da Espanha", as palavras ecoaram no coração triste de Orlando, e ela se deu conta de que, embora o desembarque significasse conforto, significasse opulência, significasse importância e destaque sociais (pois ela sem dúvida escolheria algum digno príncipe e reinaria, como sua consorte, sobre metade de Yorkshire),[152] mesmo assim, se também significasse convencionalismo, se significasse escravidão, se significasse falsidade, se significasse negar seu

amor, tolher suas pernas e braços, franzir os lábios e controlar as palavras, então ela daria meia-volta com o navio e retornaria aos ciganos.

Todavia, em meio ao alvoroço desses pensamentos, alguma coisa se ergueu, como uma cúpula de mármore branco e liso, que, verdadeira ou imaginária, impressionou tanto sua fervilhante imaginação que Orlando se fixou sobre ela como um enxame de vibrantes libélulas pousa, com evidente satisfação, sobre a redoma de vidro que protege alguma tenra plantinha. Seu formato, por um capricho da fantasia, lembrava aquela memória antiga e tão persistente — o homem de testa alta na sala de estar de Twitchett, o homem que, sentado, escrevia ou olhava para a frente, mas certamente não para ela, pois nunca pareceu ter notado o lindo e bem trajado rapaz que inegavelmente ela havia sido então — e, sempre que pensava nele, o pensamento se espraiava como a lua nascendo sobre águas turbulentas, um lençol de prateada tranquilidade. Trouxe então a mão ao peito (a outra ainda continuava aos cuidados do capitão), onde as páginas do poema eram escondidas com toda a segurança. Era como se ali guardasse um talismã. Diminuiu a aflição com o sexo — qual era o dela e o que significava —, e passou a pensar apenas na glória da poesia, enquanto os grandes versos de Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson e Milton começaram a ressoar e reverberar como se um badalo de ouro golpeasse um sino também de ouro na torre de catedral que era sua mente. Na verdade, a imagem da cúpula de mármore que seus olhos haviam divisado inicialmente de modo tão tênue que sugeria a testa de um poeta,[153] dando assim origem a uma série de ideias irrelevantes, não era imaginária, mas real; e, quando o navio subiu o Tâmisa com um forte vento a favor, a imagem e todas as suas associações deram lugar à verdade, revelando ser nada mais, nada menos que o domo de uma vasta catedral que se elevava em meio a um emaranhado de torres brancas.

"A catedral de São Paulo", disse o capitão Bartolus, que continuava ao lado dela. "A Torre de Londres", continuou. "O Hospital de Greenwich, erguido em memória da rainha Maria por seu marido, o falecido Guilherme III. A abadia de Westminster. As Casas do Parlamento." Enquanto falava, cada um desses prédios famosos se fez visível. Era uma bela manhã de setembro. Um sem-número de embarcações cruzava o rio de margem a margem. Raramente um espetáculo mais alegre ou mais interessante se ofereceu ao olhar de um viajante em seu regresso. Orlando se postou na proa, maravilhada com a vista. Seus olhos tinham se

acostumado por tempo demais com selvagens e com a natureza para não se encantarem por tais glórias urbanas. Aquela, então, era a cúpula da catedral de São Paulo que o sr. Wren havia construído durante sua ausência. Perto dali, uma urna dourada surgiu na ponta de uma coluna — o capitão Bartolus estava ao lado dela para informar que aquilo era o Monumento, que tinha havido uma peste e um incêndio durante sua ausência. Por mais que se esforçasse para conter as lágrimas, seus olhos ficaram marejados até que, lembrando que fica bem para uma mulher chorar, ela as deixou correr. Lá, pensou, tinha sido instalado o grande parque de diversões. Acolá, onde as ondas batiam com força, ficava o Pavilhão Real. Aqui ela encontrara Sasha pela primeira vez. Mais ou menos ali (olhou para o fundo das águas cristalinas) todos se acostumaram a ver a mulher do bote congelada, com as maçãs no colo. Todo aquele esplendor e depravação eram coisas do passado. Haviam terminado também a noite escura, o monstruoso dilúvio, os violentos vagalhões da inundação. Ali, onde blocos de gelo amarelados tinham corrido em rodopios carregando uma tripulação de infelizes aterrorizados, flutuava agora um bando de cisnes, orgulhosos, ondulantes, soberbos.[154] A própria Londres havia mudado totalmente desde que a vira pela última vez. Naquela época, ela se lembrava, era um amontoado de pequenas casas acanhadas e lúgubres. As cabeças dos rebeldes sorriam irônicas no alto das lanças em Temple Bar. Os paralelepípedos das ruas fediam a lixo e esterco. Agora, enquanto o navio passava diante de Wapping, ela viu de relance ruas largas e bem-ordenadas. Carruagens imponentes, puxadas por juntas de cavalos bem alimentados, eram vistas à porta de casas em que as janelas salientes e arredondadas, assim como as vidraças e aldrabas bem polidas, testemunhavam a riqueza e recatada dignidade de seus moradores. Senhoras com vestidos de seda florida (ela usou a luneta do capitão) caminhavam pelas calçadas erguidas acima do nível das ruas. Homens em casacos bordados cheiravam rapé nas esquinas, debaixo dos lampiões. Tabuletas agitadas ao vento com desenhos de tabaco, tecidos, seda, ouro, prataria, luvas, perfumes e mil outros artigos mostravam a grande variedade do que era vendido nas lojas. Enquanto o navio se aproximava do ancoradouro próximo à ponte de Londres, só foi possível ver de passagem as janelas dos cafés em cujas sacadas abertas, uma vez que fazia um belo dia, grande número de dignos cidadãos se refestelavam com pratos de porcelana à sua frente e cachimbos de barro ao lado, enquanto

um deles, que lia o jornal, era frequentemente interrompido pelo riso ou pelos comentários dos demais. Seriam tavernas, seriam intelectuais, seriam poetas?, perguntou ao capitão Bartolus, que lhe informou amavelmente que, mesmo agora — se ela virasse a cabeça um pouquinho para a esquerda e olhasse onde apontava seu indicador — assim —, estavam passando diante da Cocoa Tree, onde — sim, lá estava ele — podia-se ver o sr. Addison tomando café; os outros dois senhores — "lá, minha senhora, um pouco à direita do lampião, um deles corcunda, o outro igual a nós" — eram o sr. Dryden e o sr. Pope.** "Pobres-diabos", disse o capitão, querendo com isso dizer que eram papistas,[155] "mas, não obstante, homens de talento", acrescentou, correndo para a popa a fim de supervisionar os preparativos de atracação.

"Addison, Dryden, Pope", Orlando repetiu as palavras como se fossem um sortilégio. Por um instante viu as altas montanhas acima de Broussa; no momento seguinte pisou em sua terra natal.

Mas agora Orlando precisava aprender quão pouco vale a mais tempestuosa excitação diante do semblante férreo da lei; como é ela mais dura que as pedras da ponte de Londres e mais severa que a boca de um canhão. Nem bem voltara à sua casa em Blackfriars e logo ficou sabendo, por uma sucessão de agentes da Bow Street e outros sombrios emissários dos Tribunais de Justiça, que era ré em três grandes processos[156] movidos contra ela em sua ausência, bem como em numerosos litígios menores, alguns resultantes e outros dependentes das ações principais. As mais sérias acusações eram: (1) que morrera e, portanto, não podia possuir nenhum bem; (2) que era mulher, com iguais consequências; e (3) que era um duque inglês e se casara com a dançarina Rosina Pepita, com quem tivera três filhos, que, declarando estar o pai morto, reclamavam a posse de todas as suas propriedades. Naturalmente, acusações tão graves exigem tempo e dinheiro para serem resolvidas. Todas as suas propriedades ficaram sob o controle do lorde Chanceler[157] e os títulos, suspensos enquanto os processos seguiam seu curso. Assim, foi numa condição extremamente ambígua, sem saber se estava viva ou morta, se era homem ou mulher, duque ou joão-ninguém, que ela viajou para a mansão no campo, onde, à espera do julgamento, tinha permissão legal de residir desde que se mantivesse incógnito ou incógnita, a depender da futura decisão.

Chegou numa linda tarde de dezembro, quando caía a neve e as sombras de cor violeta eram tão oblíquas quanto as que vira do topo da montanha

em Broussa. A grande mansão parecia mais uma cidade que uma casa, marrom e azul, rosa e púrpura em meio à neve, com todas as chaminés energicamente ocupadas em lançar rolos de fumaça como se possuíssem vida própria. Não pôde conter um grito ao vê-la tranquila e maciça, aninhada entre os prados. Quando a carruagem amarela entrou no parque e desceu cambaleando a alameda margeada de árvores, os veados vermelhos ergueram atentamente a cabeça, e observou-se que, em vez de exibirem a timidez natural da espécie, seguiram a carruagem e permaneceram em torno do pátio quando ela parou. Alguns agitaram as galhadas, outros escarvaram o chão com a pata quando o estribo foi baixado e Orlando desceu. Um deles, segundo dizem, na verdade se ajoelhou na neve à sua frente. Ela não teve tempo de alcançar a aldraba antes que as duas folhas da grande porta se abrissem de par em par, e lá, com lâmpadas e tochas acima da cabeça, estavam a sra. Grimsditch, o sr. Dupper e um séquito de criados para recebê-la. Mas o ordeiro cortejo foi interrompido inicialmente pela impetuosidade de Canute,[158] o caçador de alces, que se atirou com tanto ardor sobre sua dona que quase a jogou ao chão; em seguida, pela agitação da sra. Grimsditch, que, ao ensaiar uma reverência, foi tomada pela emoção e só conseguia dizer com voz entrecortada "Meu senhor! Minha senhora! Minha senhora! Meu senhor!", até que Orlando a confortou com um vigoroso beijo em cada face. O sr. Dupper começou então a ler um pergaminho, mas não fez grande progresso com os cães latindo, os caçadores soprando as trompas e os veados, que tinham entrado no pátio durante a confusão, bramindo para a lua. Com isso, o grupo se dispersou pela casa após se comprimir em volta de sua senhora e lhe demonstrar de todas as formas possíveis a grande alegria geral por seu retorno.

Ninguém demonstrou a menor suspeita de que Orlando não fosse o Orlando que tinham conhecido. Caso houvesse alguma dúvida nas mentes humanas, o comportamento dos veados e dos cães seria bastante para dirimi-la, pois as criaturas sem fala, como é bem sabido, julgam melhor do que nós tanto a identidade quanto o caráter das pessoas. Além disso, como disse a sra. Grimsditch ao sr. Dupper ao tomar chá naquela noite, se o senhor era agora senhora, ela nunca vira nenhuma tão bonita, e nem havia por que escolher entre os dois: ambos eram bem-dotados, tão semelhantes quanto dois pêssegos num galho. Segundo a sra. Grimsditch, assumindo um tom confidencial, ela sempre tivera suas suspeitas (sacudindo a cabeça

de forma muito misteriosa), não havendo de sua parte nenhuma surpresa (acenando como quem sabe de tudo) e sim um grande alívio; pois, com as toalhas necessitando ser consertadas e as franjas das cortinas na sala de estar do capelão roídas pelas traças, era tempo de terem uma senhora na casa.

"E alguns pimpolhos depois", acrescentou o sr. Dupper, cujas sagradas funções lhe davam o privilégio de falar abertamente de assuntos tão delicados.

Assim, enquanto os velhos criados mexericavam em suas dependências, Orlando pegou um castiçal de prata e vagou mais uma vez pelos salões, galerias, pátios e quartos; viu de novo se inclinarem sobre ela os rostos sombrios de seus antepassados, dentre eles vários lordes chanceleres e camareiros-mor; sentou-se no trono e se reclinou num divã delicioso; contemplou a tapeçaria agitada pela brisa; observou os caçadores cavalgando e Dafne voando; banhou a mão, como adorava fazer em criança, na poça de luz amarelada que o luar projetava através do leopardo heráldico no vitral da janela; deslizou pelas tábuas bem enceradas das galerias, cuja parte inferior era de madeira áspera; tocou aqui uma seda, ali um cetim; imaginou que os golfinhos esculpidos nadavam; alisou os cabelos com a escova de prata do rei Jaime; mergulhou o rosto no *pot-pourri*,[159] que era feito como o Conquistador ensinara muitos séculos antes e usando as mesmas rosas; olhou para o jardim e visualizou os açafrões e dálias adormecidos; viu as frágeis ninfas brilhando brancas em meio à neve e, atrás delas, as grandes e negras cercas vivas de teixos, grossas como uma casa; viu as estufas onde se criavam laranjeiras e as grandes nespereiras; viu tudo isso, e cada visão e cada som, apesar de aqui descritos de forma rude, encheram seu coração com um prazer tão ardente e balsâmico que, por fim, exausta, ela entrou na capela e se deixou cair na velha poltrona vermelha onde seus antepassados costumavam assistir ao ofício religioso. Lá acendeu um charuto (hábito trazido do Oriente) e abriu o livro de orações.

Tratava-se do livrinho encadernado em veludo e costurado com fios de ouro que a rainha Maria da Escócia levava nas mãos quando subiu ao patíbulo, e um olhar benévolo podia detectar a mancha marrom que se dizia ter sido feita por uma gota do sangue real.[160] Mas, sabendo-se que, de todas as comunhões, aquela com a divindade é a mais inescrutável, quem ousaria dizer que sentimentos piedosos isso despertou em Orlando

ou que paixões malignas fez adormecer? Romancistas, poetas e historiadores hesitam todos quando prestes a abrir essa porta; nem o próprio crente nos esclarece, pois estará ele mais pronto para morrer do que as outras pessoas, ou mais desejoso de compartilhar seus bens? Será que ele não tem tantas criadas e cavalos de tiro quanto os demais? E, no entanto, apesar de tudo, professa uma fé que diz que tais bens são fruto da vaidade e que a morte é desejável. No livro de orações da rainha, além da mancha de sangue, havia uma mecha de cabelo e uma migalha de doce; Orlando agora acrescentou a essas relíquias uma lasca de tabaco, e assim, lendo e fumando, foi levada pela mixórdia humana de tudo aquilo — cabelo, doce, mancha de sangue, tabaco — a um estado de contemplação que lhe imprimiu um ar reverente adequado às circunstâncias, embora se dissesse que ela não transitava nos mesmos círculos do Deus usual. Todavia, nada pode ser mais arrogante, embora nada seja mais comum, do que presumir que de deuses só existe um e, de religiões, apenas a de quem fala. Orlando, ao que parece, tinha uma fé própria. Com todo o ardor religioso do mundo, refletiu então sobre seus pecados e as imperfeições que tinham se insinuado em seu espírito. A letra "s", ponderou, é a serpente do Éden do poeta. Por mais que se esforçasse, havia ainda um número exagerado desses répteis pecaminosos nas primeiras estrofes de "O carvalho". Mas o "s", a seu ver, não era nada quando comparado com as terminações em "ndo", estas, sim, o diabo em pessoa, agora que estava num lugar onde se crê em demônios. Evitar tais tentações é o primeiro dever do poeta, ela concluiu, pois, como o ouvido é a antessala da alma, a poesia pode adulterar e destruir mais seguramente que a concupiscência ou a pólvora. Assim, a função do poeta é a mais elevada de todas, continuou. Suas palavras alcançam onde outras jamais chegam. Uma tola canção de Shakespeare fez mais pelos pobres e infelizes do que todos os pregadores e filantropos do mundo. Por isso, nenhum gasto de tempo, nenhuma devoção será grande demais caso torne o veículo de nossa mensagem menos deformador. Precisamos moldar as palavras até que se transformem no mais fino invólucro de nossos pensamentos. Os pensamentos são divinos etc. É óbvio, portanto, que ela estava de volta aos limites de sua própria religião, que só fizera se fortalecer durante a longa ausência, e rapidamente adquiria a intolerância da crença.

"Estou crescendo", pensou, pegando por fim a vela. "Perdendo algumas ilusões", ela disse, fechando o livro da rainha Maria, "talvez para adquirir

outras", e desceu para os sepulcros onde jaziam os ossos de seus antepassados.

Mas até mesmo os ossos dos ancestrais — Sir Miles, Sir Gervase e os outros — tinham perdido algo de sua santidade desde que Rustum el Sadi sacudira a mão naquela noite nas montanhas da Ásia. De algum modo, ela sentiu um imenso remorso pelo fato de que apenas trezentos ou quatrocentos anos antes aqueles esqueletos haviam sido homens abrindo caminho no mundo como qualquer arrivista moderno, e que o tivessem feito acumulando casas e cargos, jarreteiras e condecorações como qualquer outro arrivista, enquanto poetas, talvez, e homens de grande talento e formação tinham preferido a quietude do campo pagando por tal escolha com a extrema pobreza, e agora vendiam jornais no Strand ou tomavam conta dos carneiros nos pastos. Ainda na cripta, pensou nos ossos que jazem debaixo das pirâmides egípcias; e as vastas e desoladas montanhas que se elevam acima do mar de Mármara pareceram, naquele momento, uma residência mais bela do que a mansão de inumeráveis quartos em que não faltava colcha em nenhuma cama ou tampa de prata em nenhuma terrina também de prata.

"Estou crescendo", pensou, pegando a vela. "Perdendo algumas ilusões, talvez para adquirir outras", e caminhou pelo longo corredor até seu quarto. Tratava-se de um processo desagradável e bem difícil. Mas surpreendentemente interessante, ela pensou, esticando as pernas para perto da lareira (pois não havia por ali nenhum marujo), e repassou, como se percorresse uma avenida ladeada de grandes edifícios, o progresso de sua personalidade no passado.

Como amara os sons quando menino, achando que a saraivada de sílabas tumultuosas saídas dos lábios fosse a mais elevada poesia. Depois — talvez por conta de Sasha e da desilusão que lhe causara —, deixou cair uma gota negra nesse imenso frenesi, transformando sua rapsódia em indolência. Aos poucos, dentro dela se abriu um intrincado espaço com muitos cômodos, só passível de ser explorado com uma tocha, em prosa e não em verso; e ela se recordou com que paixão havia estudado aquele mestre de Norwich, Browne,[161] cujo livro estava ao alcance da mão. Construíra ali, em solidão e após os incidentes com Greene — ou tentara construir, pois Deus sabe como essas coisas são demoradas —, um espírito dotado de resistência. "A partir de hoje", havia dito, "escreverei apenas para agradar a mim mesmo", e com isso destruíra vinte e seis volumes. No entanto,

apesar de suas viagens e aventuras, apesar das profundas meditações e avanços numa e noutra direção, ela se encontrava ainda no processo de construção. Somente Deus sabia o que o futuro poderia trazer. A mudança era incessante, talvez fosse eterna. Fortalezas de pensamento,[162] hábitos que pareciam tão duradouros quanto pedras, desfaziam-se como sombras ao toque de outra mente, deixando em seu lugar um céu sem nuvens e novas estrelas brilhando. Nesse momento, foi à janela e, malgrado o frio, não pôde deixar de abri-la. Debruçou-se no ar úmido da noite. Ouviu uma raposa regougar no bosque e o farfalhejar de um faisão passando por entre os galhos. Ouviu a neve escorregar no telhado e cair ao chão. "Céus!", exclamou, "isto é mil vezes melhor do que a Turquia. Rustum", gritou, como se estivesse discutindo com o cigano (e, com esse novo poder de desenvolver um argumento mentalmente e debater com alguém que não estava presente para contraditá-la, ela mostrou mais uma vez a evolução de seu espírito), "você estava errado. Aqui é melhor do que a Turquia. Cabelo, doce, tabaco — de que mistura de elementos somos compostos",[163] ela disse (pensando no livro de orações da rainha Maria). "Que fantasmagoria é a mente, quantas dessemelhanças ali se mesclam! Em dado momento deploramos nosso berço e riqueza, aspirando a uma exaltação ascética; no momento seguinte, somos invadidos pelo aroma de uma velha aleia no parque e choramos ao ouvir os tordos cantando." E assim, maravilhada como de hábito pela multiplicidade de coisas que exigem explicação e anunciam alguma mensagem sem deixar a menor pista de seu significado, ela atirou o charuto pela janela e foi para a cama.

Na manhã seguinte, dando sequência a esses pensamentos, pegou pena e papel e retomou "O carvalho" do início, pois é uma delícia inconcebível possuir tinta e papel em abundância quando antes foi preciso se contentar com frutinhas e margens das páginas. Assim, alcançava agora as profundezas do desespero ao eliminar um verso para depois atingir o píncaro do êxtase ao compor novo verso, quando uma sombra escureceu a página. Escondeu às pressas o manuscrito.

Como sua janela dava para o pátio mais central e ela passara ordens de não receber visitas, como não conhecia ninguém e era ela própria legalmente desconhecida, primeiro se surpreendeu com a sombra, depois se indignou e por fim (quando viu quem a causara) foi tomada pela alegria. Pois era uma sombra familiar, uma sombra grotesca, a sombra nada mais, nada menos que da arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e

Scand-op-Boom, do território romeno. Ela atravessava o pátio com grandes passadas, usando como antes seu velho traje preto de montaria e capa. Nem um fio de seu cabelo havia mudado. Tratava-se da mesma mulher que a expulsara da Inglaterra! Ali estava o ninho daquele abutre obsceno[164] — o próprio pássaro fatal! Orlando riu alto ao pensar que fugira para a Turquia a fim de evitar suas seduções (agora de todo inócuas). Havia algo inexprimivelmente cômico naquela visão. Como Orlando achara antes, ela se parecia com uma lebre monstruosa. Tinha os olhos esbugalhados, as bochechas flácidas e os cabelos eriçados desse animal. Agora havia parado, como uma lebre se senta empertigada no milharal quando pensa que ninguém a observa, e encarou Orlando, que também a olhou fixamente da janela. Depois de se fitarem assim por algum tempo, não restou alternativa a Orlando senão convidá-la a entrar, e em breve as duas damas trocavam cumprimentos enquanto a arquiduquesa sacudia a neve de sua capa.

"Diabo que carregue as mulheres!", disse Orlando para si própria indo buscar uma taça de vinho no guarda-louça, "nunca deixam ninguém em paz por um momento. Não existe gente mais intrometida, curiosa, bisbilhoteira. Foi para escapar a este varapau que fui embora da Inglaterra, e agora…" — nesse momento se voltou para entregar à arquiduquesa a bandeja e, surpresa!, em seu lugar estava um cavalheiro alto, vestido de preto. Algumas roupas se amontoavam no guarda-fogo da lareira. Ela se encontrava a sós com um homem.

Conscientizando-se de repente de seu sexo, que esquecera por completo, e do dele, suficientemente remoto para ser também perturbador, Orlando se sentiu à beira de um desmaio.

"Oh!", exclamou, pondo a mão no quadril, "como você me assustou!"

"Gentil criatura", gritou a arquiduquesa, pondo-se sobre um joelho enquanto levava a taça aos lábios de Orlando, "perdoe-me por tê-la enganado dessa forma!"

Orlando tomou um gole de vinho e o arquiduque, ajoelhando-se, lhe beijou a mão.

Em resumo, eles desempenharam com grande elã os papéis de homem e mulher durante dez minutos, passando depois a conversar com naturalidade. A arquiduquesa (mas que doravante deve ser conhecida como arquiduque) contou sua história: que era homem e sempre fora; que vira um retrato de Orlando e se apaixonara perdidamente por ele; que,

para atingir seus objetivos, se vestira de mulher e se hospedara na casa do padeiro; que ficara desolado quando ele fugiu para a Turquia; que ouvira falar de sua transformação e acorrera para oferecer seus préstimos (nesse ponto gargalhou de modo intolerável). Para ele, disse o arquiduque Harry, ela seria sempre o pináculo, a pérola e a perfeição do sexo dela. Os três "p" teriam sido mais persuasivos caso não fossem entremeados com as mais estranhas gargalhadas, que soavam como relinchos. "Se isto é amor", Orlando pensou, olhando para o arquiduque do outro lado do guarda-fogo e agora da perspectiva de uma mulher, "há algo nele de profundamente ridículo."

Pondo-se de joelhos, o arquiduque Harry fez a mais candente declaração: disse-lhe que tinha cerca de vinte milhões de ducados num cofre em seu castelo; possuía mais acres que qualquer nobre na Inglaterra; a caça era excelente, podendo prometer uma boa mescla de lagópodes e tetrazes que nenhum pântano inglês, ou mesmo escocês, seria capaz de rivalizar. Verdade que os faisões tinham sido atacados de gogo[165] durante sua ausência e as corças haviam abortado suas crias, porém isso poderia ser resolvido, e o seria, com a ajuda dela quando vivessem juntos na Romênia.

Enquanto falava, enormes lágrimas se formaram em seus olhos bastante proeminentes e escorreram pelas vertentes arenosas de suas bochechas frouxas e compridas.

Que os homens choram com tanta frequência e tão sem razão quanto as mulheres, Orlando sabia por sua própria experiência como membro do sexo oposto; mas estava começando a se dar conta de que as mulheres deviam se mostrar chocadas quando os homens exibem suas emoções na presença delas, e por isso ficou chocada.

O arquiduque pediu desculpas. Controlou-se o bastante para dizer que a deixaria naquele instante, porém voltaria no dia seguinte a fim de conhecer sua resposta.

Isso foi numa terça-feira. Veio na quarta, veio na quinta, veio na sexta, e veio no sábado. É fato que cada visita começou, continuou e terminou com uma declaração de amor, mas entre elas houve tempo para o silêncio. Sentavam-se em cada lado da lareira e às vezes o arquiduque derrubava as tenazes, cabendo a Orlando arrumá-las de novo.[166] O arquiduque então recordava como matara um alce na Suécia, e Orlando perguntava se era dos grandes, e o arquiduque dizia que não tão grande quanto a rena que matara na Noruega; e Orlando perguntava se ele já havia matado um tigre,

e o arquiduque dizia que matara um albatroz, e Orlando perguntava (quase ocultando o bocejo) se um albatroz era tão grande quanto um elefante, e o arquiduque respondia — algo muito sensato, sem dúvida, porém Orlando não escutava, pois estava olhando para sua escrivaninha, pela janela ou para a porta. Ao que o arquiduque disse: "Eu te adoro!", no mesmo momento em que Orlando disse: "Olha, está começando a chover", fazendo com que ambos ficassem muito embaraçados e se ruborizassem violentamente, nenhum dos dois sabendo o que dizer a seguir. Na realidade, Orlando já não tinha mais sobre o que conversar e, caso não tivesse se lembrado de um jogo chamado Fly Loo,[167] no qual grandes somas podem ser perdidas com um ínfimo gasto de inteligência, ela teria sido obrigada a se casar com o arquiduque, assim supunha, por não saber como se livrar dele. Todavia, graças a esse artifício — por sinal bem simples, exigindo apenas três torrões de açúcar e suficiente número de moscas —, o embaraço da conversação foi superado e a necessidade do casamento, evitada. Pois agora o arquiduque apostava com ela quinhentas libras de cada vez que uma mosca pousaria em dado torrão e não em outro. Tinham assim com o que se ocupar durante toda uma manhã, observando as moscas (que, naturalmente lentas naquela estação do ano, por vezes levavam uma hora ou mais dando voltas no teto) até que, por fim, alguma varejeira fazia sua escolha e o lance terminava. Muitas centenas de libras trocaram de mãos entre eles durante o jogo, que o arquiduque, um jogador nato, jurava ser tão bom quanto a corrida de cavalos, propondo-se a jogá-lo para sempre. Mas Orlando cedo começou a se cansar.

"De que serve ser uma linda mulher, na flor da idade", ela se perguntou, "se preciso passar todas as minhas manhãs olhando varejeiras na companhia de um arquiduque?"

Começou a detestar a simples visão do açúcar, as moscas a deixavam tonta. Imaginava que devia haver alguma saída para o problema, mas ainda era uma novata nas artes de seu sexo e, como não mais podia quebrar a cabeça de um homem ou transpassá-lo com um espadim, foi incapaz de pensar em método melhor do que este: pegou uma varejeira e a apertou delicadamente até lhe tirar a vida (ela já estava semimorta, ou sua bondade para com os seres irracionais não lhe permitiria fazê-lo), prendendo-a com uma gota de goma arábica a um torrão de açúcar. Enquanto o arquiduque olhava para o teto, ela habilidosamente punha esse

torrão no lugar daquele em que apostara e, gritando "Loo! Loo!", declarava ter ganhado a partida. Ela acreditava que o arquiduque, com todo o seu conhecimento de esportes e corrida de cavalos, detectaria a fraude e seria suficientemente másculo para se recusar a vê-la de novo (como trapacear no jogo de Fly Loo é o mais vil dos crimes, homens já foram definitivamente banidos da sociedade humana para a de macacos nos trópicos por causa disso). Mas subestimou a simplicidade do gentil cavalheiro. Ele não era um bom juiz de moscas. Uma mosca morta era para ele idêntica a uma viva. Ela executou a manobra vinte vezes e o arquiduque teve de lhe pagar 17 250 libras (que correspondem a 40 885 libras, seis xelins e oito *pence* nos dias de hoje) antes que Orlando roubasse de forma tão grosseira que nem ele pôde continuar a ser enganado. Quando por fim percebeu a verdade, ocorreu uma cena dolorosa. O arquiduque levantou-se e endireitou as costas, assumindo toda a sua altura. Ficou rubro. As lágrimas rolaram por seu rosto, uma a uma. O fato de ela lhe ter tomado uma fortuna não era nada — que fizesse bom proveito; o fato de tê-lo enganado era alguma coisa — feria-o sabê-la capaz disso; mas o haver ludibriado no jogo de Fly Looera tudo. Amar uma mulher que trapaceava no jogo, ele disse, era impossível. Nesse momento chorou desconsoladamente. Por sorte, continuou, recuperando-se um pouco, não havia testemunhas. Afinal, prosseguiu, ela era apenas uma mulher. Em resumo, com a fidalguia de seu coração, estava pronto a perdoá-la, e se inclinava para pedir desculpas pela violência de sua linguagem quando ela encerrou de vez o assunto, introduzindo uma rãzinha entre sua pele e a camisa no instante em que ele curvou a orgulhosa cabeça.

Justiça seja feita, cumpre dizer que ela teria definitivamente preferido um espadim. As rãs são criaturas pegajosas e difíceis de esconder em meio às roupas durante toda uma manhã. Mas, se os espadins estavam fora de cogitação, era necessário recorrer às rãs. Além do mais, as rãs e algumas risadas de permeio às vezes são mais efetivas que o frio aço. Ela riu. O arquiduque ruborizou-se. Ela riu. O arquiduque praguejou. Ela riu. O arquiduque bateu a porta.

"Os céus sejam louvados!", exclamou Orlando, rindo ainda. Ouviu o som das rodas de uma carruagem que saía em disparada do pátio e chocalhava pela alameda. O som foi enfraquecendo até desaparecer de todo.

"Estou sozinha", disse Orlando, em voz alta porque não havia ninguém para ouvir.

Que o silêncio é mais profundo após algum ruído ainda requer a confirmação da ciência. Todavia, muitas mulheres são capazes de jurar que a solidão é mais sensível imediatamente após serem amadas. Ao se extinguir o som das rodas da carruagem, Orlando sentiu que se afastava mais e mais dela um arquiduque (coisa que não importava), uma fortuna (coisa que não importava), um título (coisa que não importava), a segurança e estabilidade da vida de casada (coisa que não importava), mas também a vida e um amante. "A vida e um amante", murmurou e, indo até a escrivaninha, mergulhou a pena no tinteiro e escreveu:

"A vida e um amante" — um verso que não tinha bom ritmo e não fazia sentido com o que vinha antes —, algo acerca do modo correto de banhar as ovelhas a fim de evitar a sarna.[168] Lendo o que escrevera, ficou ruborizada e repetiu:

"A vida e um amante." Depois, pondo a pena de lado, foi para o quarto e se postou diante do espelho, ajeitando um colar de pérolas em volta do pescoço. Como as pérolas não caíam bem com o vestido de algodão estampado, trocou-o por um de tafetá cinza-pombo; depois por outro, cor de flor de pêssego; e mais tarde ainda por um de brocado cor de vinho. Talvez fosse necessário um toque de ruge e, se penteasse os cabelos assim, valorizando a testa, ficaria melhor. Calçou então sapatos de bico fino e pôs no dedo um anel de esmeralda. "Agora, sim", disse quando tudo terminou e acendeu os candelabros de prata de um lado e do outro do espelho. Que mulher não se entusiasmaria ao ver o que Orlando viu então queimando na neve — pois em toda a volta do espelho havia gramados cobertos de neve, e ela era como um fogo, um arbusto ardente, as chamas das velas ladeando sua cabeça tal qual folhas de prata; ou, visto de outro modo, o espelho era uma enseada verde e ela, uma sereia coberta de pérolas, uma sereia numa caverna, cantando de tal forma que os remadores se debruçavam em seus botes e caíam n'água, caíam para abraçá-la; ela era tão escura, tão brilhante, tão dura, tão macia,[169] tão maravilhosamente sedutora que era uma pena incalculável não haver ninguém ali capaz de dizer do fundo do coração: "Cáspite, a senhora é a beleza encarnada", o que era a mais pura verdade. Até Orlando (que não era vaidosa) sabia disso, pois sorriu o sorriso involuntário que sorriem as mulheres quando sua própria beleza, que parece não lhes pertencer, se faz visível como uma

gota que cai ou uma fonte da qual jorra água[170] e as confronta de repente no espelho — esse sorriso ela sorriu e se pôs à escuta por um momento, mas, ouvindo apenas as folhas sendo sopradas e os pardais pipilando, suspirou: "A vida, um amante", ao que deu meia-volta com extraordinária rapidez, arrancou as pérolas do pescoço, despiu os cetins, pôs-se de pé bem ereta nos elegantes calções de seda preta como os de qualquer nobre, e tocou a sineta. Quando o criado chegou, disse-lhe que providenciasse imediatamente uma carruagem puxada por seis cavalos. Assuntos urgentes a esperavam em Londres. Menos de uma hora após a partida do arquiduque, ela estava a caminho.[171]

Enquanto seguia pela estrada, podemos aproveitar a oportunidade, uma vez que a bem conhecida paisagem inglesa não exige descrição, para chamar a atenção do leitor, com maior clareza do que foi possível no momento, com respeito a uma ou duas observações feitas aqui e ali no curso da narrativa. Por exemplo, notou-se que Orlando escondeu o manuscrito quando interrompida. Depois, que se olhou longa e intensamente no espelho; e agora, a caminho de Londres, pôde se verificar seu sobressalto e um grito abafado quando os cavalos galoparam mais depressa do que ela gostava. A modéstia no tocante a seus escritos, a vaidade no tocante à sua pessoa, os receios no tocante à sua segurança, tudo isso parece sugerir que estava deixando de ser totalmente verdadeiro o que se disse há pouco sobre o fato de não ter ocorrido nenhuma mudança entre o homem Orlando e a mulher Orlando. Ela estava se tornando um pouco mais modesta quanto à sua inteligência, como são as mulheres, e um pouco mais vaidosa quanto à sua pessoa, como são as mulheres. Certas suscetibilidades estavam se afirmando, outras definhando. A troca de roupas, diriam alguns filósofos, tinha muito a ver com isso. Meras futilidades, como parecem, as roupas possuem, segundo eles, funções mais importantes do que apenas nos manter aquecidos. Alteram nossa forma de ver o mundo e de sermos vistos pelo mundo. Por exemplo, quando o capitão Bartolus viu a saia de Orlando, imediatamente providenciou a instalação de um toldo para ela, insistiu para que aceitasse outra fatia de carne e a convidou para ir a terra com ele no escaler. Tais cortesias certamente não lhe seriam oferecidas caso suas saias, em vez de esvoaçarem, fossem ajustadas às pernas como os calções amarrados acima dos joelhos. E, quando alguém é objeto de uma cortesia, cumpre retribuí-

la. Orlando fez uma mesura; aceitou o oferecimento; lisonjeou o bom homem como não teria feito se seus elegantes calções fossem as saias de uma mulher e seu casaco bordado, um corpete de cetim. Assim, há forte fundamento para a opinião de que são as roupas que nos usam, e não nós que as usamos; podemos lhes dar o feitio de um braço ou de um busto, mas elas moldam nossos corações, nossos cérebros e nossas línguas a seu bel-prazer. Por isso, usando saias já havia algum tempo, era visível certa transformação em Orlando, mesmo em seu rosto, como o leitor poderá verificar consultando a página 132 acima.[172] Comparando os retratos de Orlando como homem e como mulher, veremos que, embora se trate sem dúvida da mesma pessoa, há algumas mudanças. O homem mantém a mão livre para empunhar a espada, a mulher precisa usar a sua a fim de evitar que o vestido de cetim escorregue dos ombros. O homem olha para o mundo de frente, como se ele tivesse sido feito para servi-lo e criado a seu gosto. A mulher o observa de soslaio, com um olhar prenhe de sutileza, até mesmo de suspeição. Caso usassem as mesmas roupas, é possível que vissem o mundo de forma idêntica.

Essa é a opinião de alguns filósofos e sábios, porém, de modo geral, nos inclinamos por outra. A diferença entre os sexos, felizmente, tem maior profundidade. As roupas simbolizam apenas algo muito bem escondido. Foi uma mudança nela própria que ditou a escolha pelos trajes femininos e pelo sexo feminino. E talvez, nesse processo, ela estivesse simplesmente expressando de modo mais aberto que de costume — sendo a autenticidade a verdadeira essência de sua natureza — alguma coisa que acontece com a maioria das pessoas sem ser manifestada com igual clareza. Pois aqui, mais uma vez, nos defrontamos com um dilema. Apesar de diferentes, os sexos se misturam. Em cada ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e outro, e frequentemente são apenas as roupas que sustentam a aparência masculina ou feminina, enquanto, por baixo delas, o sexo é o oposto do que se vê na superfície. Todos têm experiência das confusões e complicações que daí decorrem, mas devemos agora abandonar a questão geral e observar unicamente o estranho efeito que isso teve no caso particular de Orlando.

Pois foi essa mistura de homem e mulher, um sexo predominando alternadamente sobre o outro, que muitas vezes deu à sua conduta um sentido inesperado. As pessoas curiosas com relação a seu sexo, por exemplo, argumentariam que, se Orlando era mulher,[173] por que nunca

levava mais de dez minutos para se vestir? E não eram suas roupas efetivamente escolhidas ao acaso, com frequência bem surradas? Contestariam, então, que ela não tinha a formalidade de um homem ou sua ânsia de poder. Era excessivamente bondosa. Não suportava ver um burro sendo surrado ou um gatinho sendo afogado. No entanto, observariam, detestava as ocupações domésticas, despertava de madrugada e saía para os campos no verão antes de o sol nascer. Nenhum fazendeiro sabia mais sobre as plantações do que ela. Podia beber como gente grande e gostava de jogos de azar. Montava bem e atravessava a ponte de Londres com seis cavalos a galope. Todavia, conquanto tão audaciosa e ativa quanto um homem, era sabido que a visão de alguém em perigo lhe causava as mais femininas palpitações. Caía em prantos à menor provocação. Nada sabia de geografia, achava a matemática intolerável e cultivava caprichos mais comuns entre as mulheres que entre os homens, como, por exemplo, a noção de que viajar para o sul é o mesmo que descer uma montanha. Assim, é difícil dizer se Orlando era mais homem que mulher, não sendo possível alcançar agora uma decisão, pois sua carruagem já chocalhava ao passar pelas ruas calçadas de paralelepípedo. Chegara à casa da cidade. O estribo estava sendo baixado, os portões de ferro, sendo abertos. Entrava na casa de seu pai em Blackfriars, que, embora as classes mais abastadas estivessem abandonando velozmente aquela parte da cidade, ainda era uma mansão agradável e espaçosa, com jardins que desciam até o rio e um aprazível bosque de nogueiras onde se podia passear.

Lá se instalou e logo começou a procurar aquilo que a fizera vir para a cidade — ou seja, a vida e um amante. Sobre a primeira, pode haver alguma dúvida; o segundo ela encontrou sem a menor dificuldade dois dias após sua chegada. Numa terça-feira chegou à cidade. Na quinta, foi passear no Mall, como era então habitual entre as pessoas da elite. Percorrera a avenida uma ou duas vezes quando foi observada por um grupelho de gente vulgar que lá ia para espiar seus superiores. Ao passar por eles, uma mulher do povo, carregando um bebê no colo, deu um passo à frente, examinou de perto o rosto de Orlando e gritou: “Valha-me Deus se esta não é a Lady Orlando!”. Seus companheiros se amontoaram ao redor, e Orlando cedo se viu no centro de uma multidão de curiosos, cidadãos e mulheres de comerciantes, todos ansiosos para conhecer a

heroína da famosa ação judicial.[174] Era enorme o interesse que o caso havia criado na mente do povo. Na verdade, ela poderia ter sido seriamente incomodada pela pressão do populacho — tendo esquecido que as senhoras não devem andar sozinhas em lugares públicos — se um cavalheiro alto não houvesse se apressado a lhe oferecer a proteção de seu braço. Era o arquiduque. Ao vê-lo, ela foi tomada pela angústia, mas também achou graça. O magnânimo cavalheiro não apenas a havia perdoado, mas, a fim de mostrar que aceitara sem rancor a brincadeira com a rã, encomendara uma joia com o formato daquele réptil, que lhe ofereceu, repetindo suas juras de amor, enquanto a levava até a carruagem.

Devido à multidão, devido ao duque ou devido à joia, o fato é que ela voltou para casa no maior mau humor imaginável. Então não era possível dar um passeio sem ser quase sufocada, sem ser presenteada com uma rã feita de esmeraldas, e sem ser pedida em casamento por um arquiduque? No outro dia, viu tudo sob nova luz ao encontrar na mesa do café da manhã meia dúzia de bilhetes de algumas das principais damas do país — Lady Suffolk, Lady Salisbury, Lady Chesterfield, Lady Tavistock, e outras que, nos termos mais corteses, a recordavam das velhas alianças entre suas famílias e a dela, desejando a honra de conhecê-la. No dia seguinte, um sábado, muitas dessas grandes damas a visitaram pessoalmente. Na terça-feira, por volta do meio-dia, seus lacaios trouxeram convites para diversos saraus, jantares e reuniões no futuro próximo. De tal forma que Orlando foi introduzida sem tardar, e com certa efervescência, nas mais altas esferas da sociedade londrina.

Fazer um relato fidedigno da sociedade londrina naquela época, ou de fato em qualquer tempo, está acima da capacidade do biógrafo ou do historiador. Apenas àqueles que pouco necessitam da verdade ou não a respeitam — os poetas e romancistas — se pode confiar tal tarefa, pois esse é um dos casos em que a verdade não existe. Nada existe. Tudo é um miasma — uma miragem. Para nos fazermos entender bem: Orlando podia voltar para casa de uma dessas festas às três ou quatro da manhã com as faces como uma árvore de Natal e os olhos como estrelas. Desfazia um laço, caminhava pelo quarto, desfazia outro laço, parava, caminhava de novo. Às vezes, o sol ardia sobre as chaminés de Southwark antes que ela pudesse se persuadir a ir para a cama, e lá ficava, rolando de um lado para o outro, rindo e suspirando por uma hora ou mais até por fim cair no sono. E qual era o motivo de toda essa agitação? A sociedade. E o que a

sociedade havia dito ou feito para gerar tamanha excitação numa dama racional? Em linguagem simples, nada. Por mais que vasculhasse a memória, no dia seguinte Orlando nunca se lembrava de uma única palavra digna de nota. Lorde O. tinha sido galante. Lorde A., cortês. O marquês C., encantador. O sr. M., engraçado. Mas, quando tentava relembrar em que consistia a galanteria, a cortesia, o encanto e o humor, via-se obrigada a admitir que sua memória era falha, pois não conseguia identificar coisa alguma. Era sempre o mesmo. Nada sobrava no outro dia, porém a excitação do momento era intensa. Assim, somos forçados a concluir que a sociedade é uma dessas bebidas que as governantas habilidosas servem quentes na época do Natal, cujo sabor depende da mistura correta de uma dúzia de ingredientes. Cada qual por si só é insípido. Pegue o lorde O., o lorde A., o lorde C. ou o sr. M. e, separadamente, nenhum deles vale nada. Misture-os, e eles se combinam para criar o mais inebriante dos sabores, o mais sedutor dos aromas. Entretanto, essa capacidade de inebriar e de seduzir foge inteiramente à nossa análise. A um só tempo, portanto, a sociedade é tudo e a sociedade é nada. A sociedade é a mais potente beberagem no mundo e a sociedade não possui existência concreta. Somente os poetas e os romancistas podem lidar com tal monstro; suas obras estão prodigiosamente repletas desse tipo de tudo-ou-nada; e, com todos os votos de felicidade, ficamos contentes em depositar o assunto nas mãos deles.

Em consequência, seguindo o exemplo de nossos antecessores diremos apenas que a sociedade no reinado da rainha Ana[175] ostentou um brilho sem par. Ingressar nela era o objetivo de toda pessoa bem-nascida. Os refinamentos eram supremos. Os pais instruíam os filhos, as mães instruíam as filhas. Nenhuma educação estava completa para qualquer um dos sexos caso não incluísse a ciência do comportamento, a arte de fazer mesuras e reverências, o domínio da espada e do leque, o cuidado com os dentes, a postura das pernas, a flexibilidade dos joelhos, os métodos corretos de entrar e sair de um aposento, além de mil outras coisas facilmente reconhecíveis por quem já frequentou a sociedade. Como Orlando fora louvado pela rainha Elizabeth pelo modo com que lhe passou uma tigela de água de rosas quando menino, é de supor que tinha suficiente habilidade para satisfazer todos os requisitos. Entretanto, é inegável que sua falta de atenção às vezes a fazia parecer desajeitada; ela tendia a pensar em poesia quando devia estar concentrada no tafetá; seu

andar talvez fosse vigoroso demais para uma mulher, e seus gestos abruptos eram de molde a pôr em risco uma xícara de chá em diversas ocasiões.

Se essa ligeira inaptidão era suficiente para contrabalançar o esplendor de seu porte, ou se ela tinha herdado uma dose excessiva do humor negro que corria nas veias de sua raça, o certo é que não havia frequentado os salões mais de vinte vezes quando se perguntou, tendo apenas a escutá-la seu *spaniel* Pippin:[176] "Que diabos está acontecendo comigo?". Isso ocorreu numa terça-feira, 16 de junho de 1712; ela acabara de voltar de um grande baile em Arlington House; o céu começava a clarear e ela estava tirando as meias. "Não me importo se nunca mais na vida encontrar ninguém", exclamou Orlando, desmanchando-se em lágrimas. Amantes ela poderia ter de sobra, mas a vida, que afinal tem alguma importância, se mostrava inalcançável. "É isso", perguntou sem que houvesse alguém para responder, "é isso", terminou a frase de qualquer modo, "que as pessoas chamam de vida?" O cachorro levantou a pata dianteira em sinal de simpatia e lambeu Orlando. Orlando afagou o *spaniel* e lhe deu um beijo. Em suma, entre eles existia a mais sincera amizade que pode haver entre um cão e sua dona, embora o fato de que os animais não falem represente indubitavelmente um grande obstáculo aos requintes do intercâmbio. Eles abanam o rabo; inclinam a frente do corpo enquanto elevam a traseira; rolam no chão, saltam, dão a pata, ganem, latem, babam, têm todo o tipo de rituais e artifícios próprios, mas nada disso adianta porque não falam. Depositando o cachorro cuidadosamente no chão, pensou que esse era o problema com os dignitários de Arlington House. Eles também abanam o rabo, inclinam a cabeça, rolam, saltam, dão a mão e babam, porém não conseguem conversar. "Durante todos esses meses em que frequento a sociedade", disse Orlando jogando uma das meias para o outro lado do quarto, "não ouvi nada que Pippin não poderia ter dito. Estou com frio. Estou feliz. Estou com fome. Peguei um camundongo. Enterrei um osso. Por favor, beije meu nariz." E isso não era o bastante.

Só podemos tentar explicar como, num espaço de tempo tão curto, ela passou do arrebatamento ao desgosto se admitirmos que essa misteriosa infusão que chamamos de sociedade não é totalmente boa ou má em si mesma, mas possui uma alma, volátil porém potente, que ou nos inebria quando a consideramos deliciosa, como Orlando considerou, ou nos dá dor de cabeça quando a consideramos repugnante, como Orlando

considerou. De que o dom da fala tenha muito a ver com isso é algo que pedimos licença para duvidar. Muitas vezes uma hora de silêncio é o que há de mais encantador: as tiradas brilhantes podem ser cansativas até não poder mais. Entretanto, deixemos que os poetas cuidem disso enquanto seguimos com nossa narrativa.

Orlando atirou a segunda meia na direção da primeira e foi para a cama bem triste, decidida a abandonar de vez a sociedade. Entretanto, como se viu, novamente suas conclusões se revelaram precipitadas. Pois já na manhã seguinte, ao despertar, encontrou sobre a mesa, em meio aos convites habituais, um da condessa de R., dama de grande prestígio. Tendo decidido na noite anterior que jamais voltaria a frequentar a sociedade, só é possível justificar o comportamento de Orlando — que enviou uma mensagem urgente para a residência da condessa, dizendo que atenderia ao convite com o máximo de prazer — pelo fato de que ainda sofria os efeitos das três palavras melífluas sussurradas em seu ouvido no convés do *Enamoured Lady* pelo capitão Nicholas Benedict Bartolus ao subirem o Tâmisa. Addison, Dryden, Pope, ele dissera, apontando para a Cocoa Tree, e Addison, Dryden, Pope haviam desde então reverberado em sua cabeça como um sortilégio. Quem pode acreditar em tal loucura? Mas assim era. Toda a sua experiência com Nick Greene não lhe ensinara nada. Esses nomes ainda exerciam sobre ela o mais poderoso fascínio. Talvez precisemos crer em algo e, como Orlando sabidamente não acreditava em nenhuma das divindades usuais, depositava sua credulidade nos grandes homens — embora com uma distinção, pois almirantes, soldados e estadistas nada lhe diziam. Mas o simples fato de pensar num grande escritor fazia com que sua crença atingisse um tal paroxismo que ela praticamente o tinha como um ser invisível.[177] Seu instinto estava certo. Talvez só se possa crer inteiramente naquilo que não se vê. O olhar de relance que lançara sobre aqueles grandes homens do convés de um navio assumia a natureza de uma visão. Duvidava que a xícara fosse de porcelana, ou o jornal de papel. Quando lorde O. disse em certa ocasião que jantara com Dryden na noite anterior, ela não acreditou nem um pouco. Todavia, o salão de Lady R. tinha a fama de ser a antecâmara da sala de audiências do gênio, o lugar onde homens e mulheres se encontravam para agitar turíbulos e cantar hinos diante do busto do gênio situado num nicho da parede. Às vezes, o próprio Deus condescendia em aparecer por um momento. Os suplicantes só eram admitidos por conta de

sua inteligência, e (segundo constava) nada era dito lá dentro que não desse prova de brilho intelectual.

Assim, foi com grande temor que Orlando entrou no salão. Encontrou os presentes já reunidos em semicírculo ao redor da lareira. Lady R., uma senhora já entrada em anos e de tez morena, com uma mantilha de renda preta na cabeça, ocupava uma grande poltrona no centro. Dessa forma, embora um pouco surda, podia controlar a conversa de ambos os lados, onde se encontravam homens e mulheres de grande distinção. Todos os homens, assim se dizia, haviam sido primeiros-ministros, e todas as mulheres, assim se sussurrava, haviam sido amantes de algum rei. O fato é que eram sem exceção brilhantes e famosos. Orlando se sentou em silêncio, fazendo uma profunda reverência… Três horas depois, fez outra profunda mesura e se retirou.

Mas o que, o leitor perguntará com certa exasperação, aconteceu naquele meio-tempo? Em três horas, num grupo como aquele, devem ter sido ditas as coisas mais espirituosas, mais profundas e mais interessantes do mundo. Realmente, é o que se poderia imaginar. Tudo indica, porém, que nada disseram. Trata-se de uma curiosa característica compartilhada pelas mais fulgurantes sociedades que o mundo já conheceu. A velha Madame du Deffand[178] e seus amigos conversaram durante cinquenta anos sem interrupção. E, de tudo que se falou, o que resta hoje? Talvez três ditos espirituosos. Por isso, estamos justificados em supor que nada foi dito, ou que o montante de três frases espirituosas tomou dezoito mil duzentos e cinquenta noites, o que não indica uma margem generosa de inteligência para nenhuma das sessões.

A verdade parece ser — se ousamos utilizar a palavra com relação a tal assunto — que todos esses grupos de pessoas estão sujeitos a uma espécie de feitiço. A anfitriã é a Sibila dos tempos modernos.[179] É uma bruxa que mantém os convidados sob seu controle mágico. Nesta casa se sentem felizes; naquela, espirituosos; numa terceira, profundos. Tudo não passa de uma ilusão (e que nada tem de condenável, pois as ilusões são as coisas mais valiosas e necessárias, e aquela que consegue criá-las se coloca entre as grandes benfeitoras da humanidade), porém, como é notório que as ilusões viram pó no conflito com a realidade, nenhuma felicidade real, nenhum humor real e nenhuma profundidade real são tolerados ali onde prevalece a ilusão. Isso serve para explicar por que Madame du Deffand só disse três coisas espirituosas ao longo de cinquenta anos. Houvesse dito

mais, seu círculo teria sido destruído. O dito chistoso, ao escapar de seus lábios, derrubou as conversas então em curso como uma bala de canhão, pondo por terra as violetas e as margaridas. Quando ela pronunciou seu famoso "*mot de Saint Denis*", até a grama ficou chamuscada. Seguiram-se a desilusão e a desolação. Nenhuma outra palavra foi pronunciada. "Pelo amor de Deus, poupe-nos de outro assim, madame!", gritaram seus amigos a uma só voz. E ela obedeceu. Durante quase dezessete anos não disse nada memorável, e tudo correu bem. A bela colcha de ilusão permaneceu incólume em seu círculo como no de Lady R. Os convidados se acreditavam felizes, se acreditavam espirituosos, se acreditavam profundos; e, por pensarem assim, outras pessoas davam ainda mais crédito a tal avaliação, passando a ser voz corrente que nada era mais delicioso que uma das reuniões de Lady R.; todos invejavam aqueles que eram admitidos, que, por sua vez, se invejavam porque outros tinham inveja deles; o processo parecia não ter fim — exceto pelo que agora vamos relatar.

Pois, na terceira vez em que Orlando foi lá, ocorreu um incidente. Ela continuava sob a ilusão de que estava ouvindo as mais brilhantes epigramas do mundo, embora, na realidade, o velho general C. estivesse apenas contando, de modo prolixo, como a gota se transferira de sua perna esquerda para a direita, enquanto o sr. L. interrompia à menção de qualquer nome próprio: "R.? Ah! Conheço R. tão bem quanto a mim mesmo. S.? Meu melhor amigo. T.? Passamos duas semanas juntos em Yorkshire" — o que, graças à força da ilusão, soava como uma tirada genial, o mais agudo comentário sobre a condição humana, mantendo o grupo excitadíssimo. Foi então que a porta se abriu e entrou um cavalheiro baixinho cujo nome Orlando não captou. Logo lhe veio uma sensação curiosamente desagradável. A julgar por seus semblantes, o mesmo se passou com os demais. Um senhor se queixou de uma corrente de ar. A marquesa de C. revelou o temor de que houvesse um gato debaixo do sofá. Era como se os olhos do grupo se abrissem lentamente após um sonho prazeroso e se deparassem apenas com um lavatório vulgar e uma colcha suja. Como se as emanações de um vinho delicioso aos poucos se extinguissem. Não obstante, o general falava e o sr. L. se recordava. Mas se tornou mais e mais aparente quão vermelho era o pescoço do general e quão calva era a cabeça do sr. L. Quanto ao que diziam — nada mais enfadonho e trivial podia ser imaginado. Todos se inquietaram nas

cadeiras, os que possuíam leques bocejaram por trás deles. Por fim, Lady R. bateu com seu leque no braço da grande poltrona. Os dois cavalheiros pararam de falar.

Então o cavalheiro baixo disse:

Depois, disse:

Finalmente, disse:***

Nesses casos, é inegável, existia verdadeiro humor, verdadeira sabedoria, verdadeira profundidade. O grupo mergulhou num profundo desalento. Um daqueles ditos já seria bem ruim, mas três, um após o outro, na mesma noite! Nenhuma reunião podia sobreviver a uma coisa dessas!

"Sr. Pope", disse a velha Lady R. numa voz trêmula de fúria sarcástica, "seu humor é um privilégio!" O sr. Pope se ruborizou até a raiz dos cabelos. Ninguém pronunciou uma palavra. Ficaram todos em absoluto silêncio por vinte minutos. Depois, um a um, levantaram-se e saíram furtivamente do salão. Era duvidoso que algum deles voltasse após tal experiência. Os rapazes que carregavam archotes podiam ser ouvidos convocando as carruagens ao longo de toda a South Audley Street.[180] Portas foram batidas e as carruagens partiram. Orlando se encontrou perto do sr. Pope nas escadas. O corpo dele, magro e torto, estava tomado por uma variedade de emoções. Os olhos lançavam dardos de malevolência, raiva, triunfo, espirituosidade e terror (ele tremia como vara verde). Parecia um réptil agachado com um topázio reluzente na testa. Ao mesmo tempo, a mais estranha tempestade de emoção se apoderou da desafortunada Orlando. Uma desilusão tão devastadora quanto aquela que sofrera havia menos de uma hora deixa a mente oscilando de um lado para o outro. Tudo parece dez vezes mais nu e desolado do que antes. Trata-se de um momento altamente perigoso para o espírito humano. Nessas horas, as mulheres se tornam freiras e os homens, padres. Milionários, com uma simples assinatura, abrem mão de suas fortunas, homens felizes cortam a garganta com facas de trinchar. Orlando estava pronta a enfrentar tudo isso, porém havia algo ainda mais difícil a fazer, que ela fez. Convidou o sr. Pope a acompanhá-la à sua casa.

Pois, se é temerário entrar desarmado no covil de um leão, atravessar o Atlântico num bote a remo ou se equilibrar num pé só no topo da cúpula da catedral de São Paulo, mais temerário ainda é ir sozinha para casa com um poeta. Um poeta é o oceano Atlântico e um leão reunidos numa só pessoa. Enquanto um nos afoga, o outro arranca pedaços. Caso

sobrevivamos aos dentes, sucumbimos às ondas. Um homem capaz de destruir ilusões é tanto um animal selvagem quanto uma inundação. As ilusões estão para a alma como a atmosfera para a Terra. Elimine aquele ar gentil, e a planta morre, as cores esmaecem. A terra sobre a qual andamos se transforma em cinzas ressequidas, pedras ardentes queimam nossos pés. A verdade nos destrói. A vida é um sonho. É o despertar que nos mata. Aquele que de nós rouba os sonhos também nos rouba a vida (e, para quem possa gostar disso, seguem-se mais seis páginas na mesma linha, mas o estilo é enfadonho e o restante pode ser omitido).

A julgar por isso, entretanto, Orlando devia ser um monte de cinzas quando a carruagem parou diante de sua casa em Blackfriars. O fato de ainda ser de carne e osso, embora sem dúvida exausta, se deve inteiramente a algo a que chamamos atenção anteriormente nesta narrativa. Quanto menos vemos, mais acreditamos. Ora, naquele tempo, as ruas que separam Mayfair de Blackfriars eram mal iluminadas. Verdade que a iluminação era incomparavelmente superior à da época elisabetana, quando o viajante noturno precisava confiar nas estrelas ou na tocha de algum vigia para evitar os pedregulhos de Park Lane ou os carvalhos onde os porcos fossavam a terra em Tottenham Court Road. Mesmo assim, ficava muito a dever à nossa eficiência moderna. Havia lampiões a querosene mais ou menos a cada duzentos metros, mas entre eles se percorriam longos trechos em total escuridão. Desse modo, durante dez minutos Orlando e o sr. Pope estariam envoltos nas trevas, seguindo-se meio minuto de luz. Isso gerou um estado de espírito muito curioso em Orlando. Quando a luz esmorecia, ela começava a se sentir deliciosamente aliviada. "É de fato uma grande honra para uma jovem mulher estar viajando com o sr. Pope", ela começou a pensar olhando para o perfil do nariz dele. "Sou a mais abençoada das mulheres. A poucos centímetros de mim — de fato, sinto o nó das fitas de sua liga pressionando minha coxa — se encontra o homem mais brilhante do reino de Sua Majestade. As eras futuras pensarão em nós com curiosidade e me invejarão com todas as forças." Outro lampião se aproximava. "Que tola eu sou!", pensava. "Não existe isso que chamam de fama e de glória. No futuro ninguém jamais pensará em mim nem no sr. Pope. O que é na verdade uma 'era'? O que significa 'nós'?" — e cruzaram Berkeley Square como duas formigas cegas, momentaneamente reunidas sem qualquer interesse ou preocupação em comum, através de um deserto às escuras. Ela teve um estremecimento. Mas a escuridão voltou, a ilusão

renasceu. “Como é nobre sua fronte”, refletiu (confundindo no escuro o calombo numa almofada com a testa do sr. Pope). “Quanta genialidade vive ali dentro! Que humor, sabedoria e verdade — que profusão de todas essas joias pelas quais as pessoas estão prontas a dar sua vida! A tua é a única chama que arde para sempre. Não fosse por ti, a peregrinação humana seria feita em meio às trevas mais profundas”; (nesse ponto a carruagem deu um grande solavanco ao atravessar uma vala em Park Lane) “sem o gênio estaríamos angustiados e aniquilados. O mais augusto e mais lúcido feixe de luz!” — ela assim apostrofava o calombo na almofada quando passaram sob um dos lampiões de Berkeley Square e ela se deu conta do erro. A fronte do sr. Pope não era maior que a de qualquer outro homem. “Desgraçado”, pensou, “como me enganaste! Confundi esse calombo com tua testa. Quando o vemos com clareza, quão ignóbil, quão desprezível tu és! Disforme e fraco, não há nada para se venerar em ti, e sim muito que é digno de pena e de desprezo.”

Voltando a escuridão, sua raiva se dissipou tão logo ela foi capaz de ver apenas os joelhos do poeta.

“Mas eu é que sou uma desgraçada”, refletiu ao serem tragados de novo pelas trevas, “pois, por mais vil que tu sejas, eu não serei ainda mais vil? És tu que me alimentas e proteges, que espantas a fera, atemorizas o selvagem, me fazes roupas de seda e tapetes com a lã dos carneiros. Se desejo me entregar à veneração, não é verdade que me ofertaste tua imagem e a puseste no céu? Não há provas de teus cuidados por toda parte? Assim, portanto, como não ser humilde, grata e dócil? Dá-me a alegria de te servir, de te honrar e de te obedecer.”

Nesse momento chegaram ao grande lampião na esquina do que é hoje Piccadilly Circus. Na forte luz, ela viu, além de algumas criaturas desonradas de seu próprio sexo,[181] dois pobres pigmeus numa área totalmente deserta. Estavam ambos nus, solitários e indefesos. Um era impotente para ajudar o outro. Cada qual já tinha muito a fazer cuidando de si mesmo. Encarando o sr. Pope, ela pensou: “É tão presunçoso imaginares que podes me proteger como eu achar que posso te venerar. A luz da verdade cai sobre nós sem fazer uma única sombra, e a luz da verdade é terrivelmente pouco lisonjeira para ambos”.

Durante todo esse tempo, é óbvio, conversaram agradavelmente, como sói acontecer com pessoas de berço e boa educação, sobre o temperamento da rainha e a gota do primeiro-ministro, enquanto a carruagem

atravessava zonas de claridade e escuridão ao longo de Haymarket e do Strand, subindo a Fleet Street e chegando por fim à casa em Blackfriars. Desde algum tempo, os espaços sombrios entre os lampiões vinham se tornando mais claros e os próprios lampiões, menos brilhantes — o que significava que o sol estava nascendo; e foi sob a luz uniforme e difusa de uma manhã de verão, em que se vê tudo mas de forma indistinta, que eles apearam, o sr. Pope dando a mão a Orlando ao descer da carruagem, e Orlando fazendo uma mesura para o sr. Pope a fim de que ele entrasse à sua frente na mansão, cumprindo-se assim escrupulosamente todos os rituais das boas maneiras.

No entanto, não cabe deduzir da passagem anterior que o gênio (mas essa enfermidade se encontra hoje extinta nas Ilhas Britânicas, tendo o falecido lorde Tennyson sido, segundo consta, sua última vítima) esteja constantemente ativo, pois nesse caso veríamos tudo com absoluta clareza e talvez morrêssemos queimados por fazê-lo. Na realidade, suas manifestações se parecem mais com um farol, que envia um feixe de luz e depois se apaga por algum tempo; com a diferença de que o gênio é muito mais caprichoso em suas aparições, podendo emitir seis ou sete feixes em rápida sucessão (como havia feito o sr. Pope nessa noite) e depois mergulhar na escuridão por um ano ou para sempre. Em tais condições, é impossível se guiar por suas luzes, e os homens de gênio, segundo se diz, são bem parecidos com as outras pessoas em seus períodos de obscuridade.

Embora de início frustrante, foi uma felicidade para Orlando que isso acontecesse, pois ela passou a conviver bastante com homens de gênio. Eles nem eram tão diferentes de nós como seria possível imaginar. Addison, Pope e Swift, como ela verificou, provaram gostar muito de chá. Apreciavam um caramanchão. Colecionavam pedacinhos de vidro colorido. Adoravam grutas artificiais. Não eram nem um pouco avessos à projeção social. Deliciavam-se com elogios. Um dia usavam ternos cor de ameixa e, no outro, de cor cinza. O sr. Swift possuía uma linda bengala de junco. O sr. Addison punha perfume nos seus lenços. O sr. Pope sofria de dores de cabeça. Um mexerico não era malvisto. E nem deixavam de ser ciumentos. (Estamos recolhendo algumas observações feitas desordenadamente por Orlando.) A princípio, ela se aborreceu consigo própria por reparar nessas bobagens, e mantinha um livro para anotar seus ditos memoráveis, porém as páginas permaneceram vazias. Apesar disso, recobrou o ânimo e passou a rasgar os convites para as grandes festas,

mantendo livres as noites na expectativa de receber a visita do sr. Pope, do sr. Addison, do sr. Swift — além de muitos outros. Se o leitor consultar *The Rape of the Lock*, o *Spectator* ou *Viagens de Gulliver*,compreenderá perfeitamente o que significam essas palavras misteriosas. Na verdade, os biógrafos e os críticos poderiam se poupar de todo o seu trabalho caso os leitores seguissem tal conselho. Pois, quando lemos:

Se uma ninfa violar a lei de Diana,
Ou macular a fina porcelana,
Manchar sua honra ou veste de brocado,
Não orar ou zombar de um mascarado,
Perder no baile a joia ou o coração.[182]

— sabemos, como se o estivéssemos ouvindo agora, que a língua do sr. Pope vibrava como a de um lagarto, como seus olhos faiscavam, como sua mão tremia, como ele amava, como mentia, como sofria. Em suma, todos os segredos da alma de um escritor, todas as experiências de sua vida, toda a qualidade de sua mente estão claramente expressos em suas obras; no entanto, precisamos de críticos para explicar uns e de biógrafos para revelar outros. O fato de que as pessoas têm tempo de sobra é a única explicação para esse crescimento monstruoso.

Por isso, agora que lemos uma ou duas páginas de *The Rape of the Lock*, sabemos exatamente por que naquela tarde Orlando estava tão animada e tão assustada, tão corada e com os olhos tão brilhantes.

A sra. Nelly bateu à porta e disse que o sr. Addison viera visitá-la. Ouvindo isso, o sr. Pope se levantou com um sorriso sardônico, fez uma mesura de despedida e saiu coxeando. Entrou o sr. Addison. Enquanto ele se senta, leiamos a seguinte passagem extraída do *Spectator*:[183]

> Considero a mulher um animal belo e romântico que pode ser adornado com peles e plumas, pérolas e diamantes, metais e sedas. O lince depositará a pele a seus pés para lhe oferecer uma estola, o pavão, o papagaio e o cisne contribuirão para seu regalo; o mar será explorado por suas conchas, as rochas por suas pedras preciosas, e todas as partes da natureza darão algo para embelezar a criatura que é sua obra mais sublime. Tudo isso eu lhe concedo, mas, quanto à saia de que venho falando, não posso nem permitirei.

Temos esse cavalheiro, com tricórnio e tudo, na palma de nossas mãos. Olhemos mais uma vez através do cristal. Não são nítidas até mesmo as pregas de suas meias? Não estão visíveis para nós cada ondulação e cada curva de seu talento, sua benignidade, timidez e cortesia, incluindo o fato de que casaria com uma condessa e morreria cercado de grande respeito? Tudo isso é claro. E, quando o sr. Addison terminou de dizer o que desejava, ouviu-se uma tremenda batida à porta e o sr. Swift, que era dado a tais rompantes, entrou sem ser anunciado. Espere um momento: onde estão as *Viagens de Gulliver*?[184] Aqui está o livro. Vamos ler um trecho da viagem à terra dos Houyhnhnms:

> Gozei de perfeita saúde e paz de espírito. Não encontrei a traição ou a inconstância de um amigo, nem os males causados por um inimigo ostensivo ou secreto. Não precisei subornar, adular ou servir de alcoviteiro a fim de obter os favores de algum grande homem ou de seu sabujo. Não foi necessário defender-me contra a fraude ou a opressão. Aqui não havia médico para destruir meu corpo ou advogado para arruinar minha fortuna; nenhum informante para registrar minhas palavras e ações, ou inventar acusações contra mim a soldo de alguém; não havia tagarelas, censores, detratores, punguistas, salteadores de estrada, ladrões, causídicos, caftinas, bufões, batoteiros, políticos, geniozinhos, oradores petulantes e tediosos…

Mas para, para por favor, com essa saraivada de palavras duras como ferro, antes que nos esfole vivos, e a ti também! Nada pode ser mais evidente que a violência desse homem. Ele é tão grosseiro, e no entanto tão puro; tão brutal, e no entanto tão bondoso; despreza o mundo inteiro, e no entanto fala em tatibitates com uma menina, e morrerá — é possível duvidar disso? — num manicômio.

Por isso, Orlando serviu chá a todos eles; e, às vezes, quando fazia bom tempo, os levava para a casa de campo e tratava regiamente no Salão Redondo,[185] onde havia pendurado seus retratos formando um círculo, a fim de que o sr. Pope não pudesse dizer que o sr. Addison vinha à frente dele ou vice-versa. Faziam tiradas muito inteligentes (que constam de seus livros) e lhe ensinaram a parte mais importante do estilo, que é o curso natural da voz ao falar — uma qualidade que não pode ser imitada por

quem não a ouviu, nem mesmo Greene com toda a sua habilidade; pois nasce do ar e se quebra como uma onda sobre a mobília, rolando e se dissolvendo para nunca mais ser recapturada, muito menos por aqueles que apuram os ouvidos meio século depois e tentam fazê-lo. Ensinaram-lhe isso apenas pela cadência de suas vozes ao falarem; por isso seu estilo mudou um pouco, e ela escreveu alguns versos agradáveis e talentosos, assim como descrições de personagens em prosa. Oferecendo-lhes generosamente seu vinho e pondo dinheiro (que recebiam de muito bom grado) sob seus pratos nos jantares,[186] ela aceitou as dedicatórias que lhe fizeram e se sentiu altamente honrada com a troca.

Assim passava o tempo, e frequentemente se ouvia Orlando dizer a si própria, com uma ênfase passível de gerar suspeitas no ouvinte: "Juro por minha felicidade, que vida maravilhosa!" (pois continuava à procura desse artigo). Mas as circunstâncias em breve a obrigaram a considerar a questão de forma mais cuidadosa.

Certo dia, ela estava servindo chá ao sr. Pope enquanto, como se pode deduzir dos versos citados acima, ele, retorcido na cadeira ao lado, a observava com olhos muito brilhantes.

"Deus meu", ela pensou ao erguer a pinça de açúcar, "como as mulheres no futuro me invejarão! E, apesar disso…", fez uma pausa, pois o sr. Pope precisava de sua atenção. E, apesar disso — tratemos de terminar por ela —, quando uma pessoa diz "Como o futuro me invejará", é seguro afirmar que ela se encontra muito pouco à vontade no presente. Seria essa vida deveras tão excitante, tão agradável, tão gloriosa como soa quando o memorialista termina de descrevê-la? Para começo de conversa, Orlando tinha verdadeiro ódio de chá; além disso, o intelecto, conquanto divino e digno de ser reverenciado, tem o hábito de se alojar nas carcaças mais deploráveis, e com frequência, infelizmente, age como um canibal no tocante às outras faculdades, de modo que, muitas vezes, onde a mente se agiganta, o coração, os sentidos, a magnanimidade, a caridade, a tolerância, a bondade e outras virtudes mal encontram espaço para respirar. Daí a alta conta em que os poetas se têm, e a baixa conta em que têm as outras pessoas; daí as inimizades, as injúrias, os ciúmes e as trocas espirituosas em que estão constantemente engajados; daí a volubilidade com que emitem suas tiradas; daí a voracidade com que demandam simpatia; tudo isso, que devemos sussurrar para não sermos ouvidos pelos grandes intelectuais, transforma a ação de servir chá em algo mais precário

e, com efeito, mais árduo do que geralmente se admite. Acrescente-se a isso (sussurramos de novo para que as mulheres não nos ouçam) que há um pequeno segredo que os homens compartilham; lorde Chesterfield[187] murmurou para seu filho com rigorosas recomendações de sigilo: "As mulheres não passam de filhas de um ser maior… Um homem sensato se limita a conversar sobre tolices com elas, a brincar, a tratá-las com indulgência e lisonjas". Como as crianças sempre ouvem o que não devem e às vezes até chegam à idade adulta, isso vazou de alguma forma, motivo pelo qual toda a cerimônia de servir chá é curiosa. Uma mulher sabe muito bem que, embora um grande homem lhe envie seus poemas, preze seu julgamento, solicite suas críticas e tome seu chá, isso de maneira alguma significa que ele respeita suas opiniões, admira sua compreensão ou se recusa, apesar de lhe ser negado o espadim, transpassar-lhe o corpo com sua pena. Tudo isso, malgrado tenhamos sussurrado bem baixinho, pode ter sido ouvido; de modo que, mesmo com a jarrinha de creme suspensa e a pinça de açúcar pressionada, as senhoras podem ficar algo desatentas, dar uma olhada pela janela, soltar um pequeno bocejo e, assim, deixar que o açúcar caia com um "ploque" — como Orlando fez agora — na xícara do sr. Pope. Nunca houve um ser humano tão inclinado a suspeitar de um insulto nem tão rápido em vingá-lo quanto o sr. Pope. Ele se voltou na direção de Orlando e lhe ofereceu instantaneamente um primeiro esboço de certo verso famoso de sua obra *Characters of Women*.[188] O verso foi muito burilado mais tarde, porém, mesmo na versão original, era suficientemente chocante. Orlando o recebeu com uma mesura. O sr. Pope se despediu com uma reverência. Orlando, para refrescar o rosto, pois realmente sentia como se o homenzinho a houvesse esbofeteado, passeou pelo bosque de nogueiras na parte baixa do jardim. Em breve a aragem produziu o efeito desejado. Para sua grande surpresa, descobriu que se sentia imensamente aliviada de estar a sós. Observou os botes com pessoas alegres remando rio acima. Sem dúvida essa visão lhe trouxe à memória um ou dois incidentes de seu passado. Sentou-se sob um belo salgueiro em profunda meditação, lá ficando até que as estrelas aparecessem no céu. Levantou-se então, deu meia-volta e entrou na casa seguindo para o quarto de dormir e trancando a porta. Abriu um armário onde ainda continuavam penduradas muitas das roupas que usara como um jovem elegante e, entre todas, escolheu um traje de veludo preto ricamente ornado com rendas venezianas. Na verdade, estava algo fora de moda, mas lhe caía

perfeitamente, fazendo-a parecer um genuíno lorde. Deu uma ou duas voltas diante do espelho para se certificar de que as saias não haviam prejudicado a liberdade de suas pernas, saindo depois secretamente da casa.

Era uma linda noite no início de abril. Mil estrelas se misturando ao brilho de uma lua em forma de foice, reforçadas ainda pelos lampiões de rua, geravam uma luz infinitamente generosa para com a fisionomia humana e as obras arquitetônicas do sr. Wren. Todas as coisas assumiam uma aparência mais delicada, porém, quando prestes a se dissolver, um toque prateado lhes dava nova vida. Era assim que deveria ser a conversação, pensou Orlando (permitindo-se um tolo devaneio); que deveria ser a sociedade, deveria ser a amizade, deveria ser o amor. Pois — e só os céus sabem por quê —, no momento mesmo em que perdemos a fé no relacionamento humano, uma disposição acidental de celeiros e árvores, ou de um monte de feno e uma carroça, surgem diante de nós como símbolos tão perfeitos do que é inalcançável que reiniciamos a busca.

Entrou em Leicester Square ao fazer tais observações. Os prédios exibiam uma simetria etérea, embora formal, que não possuíam durante o dia. A abóboda celeste parecia ter sido lavada com grande perícia para realçar o contorno dos telhados e chaminés. Uma jovem de ar abatido estava sentada num banco sob um plátano no meio da praça, com um braço caído junto ao corpo e o outro descansando no colo: era a própria imagem da graça, da simplicidade e da desolação. Orlando deu uma barretada como qualquer galanteador que cumprimenta uma dama elegante num logradouro público. A jovem levantou a cabeça, muito bem formada, e ergueu os olhos. Orlando viu neles um brilho vez por outra encontrado em bules de chá, mas raramente num rosto humano. Através daquele lustre prateado, a jovem olhou para ele (pois se pensava diante de um homem) com um misto de súplica, esperança, apreensão e medo. Pôs-se de pé e aceitou seu braço. Pois — será necessário enfatizar esse ponto? — a moça pertencia à tribo que todas as noites dá polimento a suas mercadorias e as exibe sobre o balcão à espera de quem dê mais por elas. Levou Orlando ao quarto na Gerrard Street, onde morava. Senti-la apoiada de leve sobre seu braço, embora ainda suplicante, despertou em Orlando todos os sentimentos próprios de um homem. Ela não só tinha a aparência de homem, porém sentia e falava como homem. Entretanto, como ultimamente também tinha sido mulher, suspeitou que a timidez da jovem,

suas respostas hesitantes, a falta de jeito ao introduzir a chave na fechadura, a dobra do casaco e os gestos suaves da mão eram recursos para gratificar sua masculinidade. Subiram, e os esforços feitos pela pobre criatura para decorar o quarto e ocultar o fato de que era seu único abrigo não enganaram Orlando por um só momento. O logro gerava desprezo em Orlando; a verdade a penalizava. Aquele acúmulo de evidências provocou uma curiosa mescla de sentimentos, ela não sabia se ria ou se chorava. Enquanto isso, Nell, como a moça se chamava, desabotoou as luvas ocultando cuidadosamente o polegar da mão esquerda, que precisava ser remendado; esgueirou-se depois para trás de um biombo, onde talvez tenha passado ruge no rosto, ajeitado as roupas e colocado outro lenço em volta do pescoço — tagarelando todo o tempo como costumam fazer as mulheres para distrair seus amantes, conquanto Orlando pudesse jurar, pelo seu tom de voz, que tinha os pensamentos bem longe dali. Quando tudo ficou pronto, ela reapareceu, preparada — mas então Orlando não pôde mais suportar. Num estranho tormento de raiva, alegria e comiseração, desfez-se de todos os disfarces e admitiu que era uma mulher.

Ao que Nell soltou uma gargalhada tão alta que podia ser ouvida do outro lado da rua.

"Bem, minha querida", ela disse quando conseguiu se recuperar um pouco, "não fico nada triste em saber disso. Porque a verdade pura e simples" (e era notável como, ao descobrir que pertenciam ao mesmo sexo, seus modos mudaram e ela abandonou o jeito suplicante e tristonho), "a verdade pura e simples é que não tenho a menor vontade de lidar com o outro sexo esta noite. Na verdade, estou com um problema dos diabos." Atiçando o fogo na lareira e preparando um jarro de ponche, contou a Orlando toda a história de sua vida. Como no momento estamos interessados na vida de Orlando, não é necessário relatar as aventuras da outra mulher, mas por certo Orlando nunca soubera que as horas podiam passar tão depressa ou de modo mais alegre, embora a srta. Nell não possuísse nem uma partícula de talento e, quando o nome do sr. Pope surgiu na conversa, perguntou inocentemente se era parente do fabricante de perucas do mesmo nome que tinha uma loja na Jermyn Street. Todavia, tal era para Orlando o encanto da naturalidade e a sedução da beleza que a conversa da pobre moça, carregada das expressões mais vulgares das ruas, tinha o sabor de vinho depois das belas frases a que se acostumara, e foi forçada a concluir que havia algo no sarcasmo do sr. Pope, na

condescendência do sr. Addison e no segredo de lorde Chesterfield que lhe tirava todo o prazer da companhia dos intelectuais, malgrado continuasse a respeitar profundamente suas obras.

Nell chamou Prue, que chamou Kitty, que chamou Rose — e Orlando verificou que aquelas pobres criaturas formavam uma sociedade para a qual ela foi eleita como membro. Cada uma contou as aventuras que a haviam levado àquela condição. Várias eram filhas naturais de condes e uma tinha uma proximidade maior do que devia com a figura do rei. Nenhuma era tão infeliz ou tão pobre que não possuísse um anel ou um lenço no bolso que lhe servisse de substituto para a linhagem. Reuniam-se em torno do ponche, que Orlando cuidava de suprir generosamente, e foram muitas as histórias interessantes que contaram e muitas as observações engraçadas que fizeram, pois não se pode negar que, quando mulheres se encontram — mas psiu —, sempre tomam cuidado para garantir que as portas estejam fechadas e nenhuma palavra seja publicada. Tudo que desejam — mas, outra vez, psiu — não é o passo de um homem que se ouve na escada? Tudo que desejam, estávamos prestes a dizer quando o cavalheiro tirou as palavras de nossa boca. As mulheres não têm desejos, diz esse cavalheiro ao entrar no quarto de Nell; é tudo fingimento. Sem desejos (ela já o serviu e ele foi embora), suas conversas não podem ter o menor interesse para ninguém. "É bem sabido", diz o sr. S. W., "que, quando lhes falta o estímulo do outro sexo, as mulheres não sabem o que dizer umas às outras. Quando estão sozinhas, não conversam, apenas se arranham." E, uma vez que não sabem conversar quando estão juntas e é impossível se arranhar o tempo todo, e como também é bem sabido (o sr. T. R. o provou) "que as mulheres são incapazes de sentir qualquer afeto por outra mulher e têm a maior aversão mútua", o que se pode imaginar que fazem quando buscam a companhia de outras mulheres?[189]

Como essa não é uma pergunta capaz de interessar a nenhum homem sensato, nos permitiremos, por gozar da imunidade de todos os biógrafos e historiadores com respeito a qualquer sexo, deixá-la sem resposta, afirmando apenas que Orlando derivava grande prazer dos contatos com outras mulheres, e deixando que os cavalheiros comprovem, como tanto gostam de fazer, que isso é impossível.

No entanto, torna-se mais e mais fora de questão oferecer um relato preciso e detalhado da vida de Orlando nessa época. Espreitando e tateando nos pátios mal iluminados, mal calçados e mal ventilados das

vizinhanças da Gerrard Street e Drury Lane, temos às vezes a impressão de vislumbrá-la, mas a perdemos de vista no momento seguinte. A tarefa se torna ainda mais penosa pelo fato de que ela julgou conveniente mudar com frequência de guarda-roupa. Assim, muitas vezes figura nas memórias dos contemporâneos como "lorde fulano", que era na realidade seu primo; sua generosidade é atribuída a ele, assim como a autoria de poemas que na verdade foram escritos por ela. Tudo indica que Orlando não tinha a menor dificuldade em desempenhar os diferentes papéis, pois mudava de sexo com mais naturalidade do que podem conceber aqueles que usaram um único tipo de roupa. Nem pode haver qualquer dúvida de que colhia uma dupla vantagem por conta desse artifício: aumentaram os prazeres da vida, suas experiências se multiplicaram. A probidade dos calções foi trocada pela sedução das saias, e ela usufruiu igualmente o amor dos dois sexos.

Assim, é possível visualizá-la pela manhã num penhoar chinês de gênero ambíguo em meio a seus livros; recebendo depois, com o mesmo traje, uma ou duas pessoas que vinham lhe pedir favores; dava então uma volta pelo jardim, podando as nogueiras[190] — e para isso os calções amarrados em cima do joelho eram convenientes; em seguida, mudava para um vestido de tafetá estampado, mais apropriado para ir de carruagem até Richmond e receber uma proposta de casamento de algum membro da alta nobreza; de volta à cidade, trajava uma roupa longa cor de rapé, como a de um advogado, e visitava os tribunais a fim de acompanhar os processos — pois sua fortuna se esvaía a cada hora e os litígios não pareciam mais próximos de uma conclusão do que tinham estado nos últimos cem anos; por fim, quando caía a noite, no mais das vezes ela se transformava num nobre dos pés à cabeça e caminhava pelas ruas em busca de aventura.

Na época, muitas histórias se contaram sobre essas excursões — como a de que ela participara de um duelo, servira como comandante num navio do rei, fora vista dançando nua numa varanda e fugira com determinada dama para os Países Baixos com o marido no encalço das duas,[191] mas nos recusamos a expressar qualquer opinião acerca da veracidade ou não dessas histórias. Ao regressar do que quer que houvesse feito, ela às vezes fazia questão de passar sob as janelas de um café onde observava os intelectuais sem ser vista, podendo desse modo imaginar, por seus gestos, que coisas sábias, divertidas ou maldosas eles estavam dizendo; e isso sem ouvir uma só palavra, o que talvez fosse uma vantagem. Certa feita, passou

meia hora acompanhando, por trás da cortina, três sombras que bebiam chá na Bolt Court.

Nunca uma peça de teatro foi tão fascinante. Ela teve vontade de gritar Bravo! Bravo! Pois era realmente um belo drama — uma página arrancada do mais denso volume da vida humana! Havia uma pequena sombra com lábios salientes se mexendo o tempo todo na cadeira, irrequieta, petulante, intrometida; havia uma sombra feminina encurvada, enfiando um dedo na xícara para calcular quanto chá ainda restava porque era cega; e havia a sombra corpulenta, de perfil romano, numa grande poltrona — aquela que entrelaçava os dedos de forma tão estranha que movia a cabeça de um lado para o outro e tomava goles imensos de chá. Dr. Johnson, sr. Boswell e sra. Williams — assim se chamavam as sombras.[192] Ela estava tão extasiada pelo espetáculo que se esqueceu de pensar como a invejariam as gerações futuras, embora seja provável que, nesse caso, isso iria mesmo acontecer. Contentava-se em contemplar sem um piscar de olhos. Finalmente, o sr. Boswell se levantou. Cumprimentou secamente a velha senhora. Mas com que humildade se curvou diante da grande sombra romana, que então se pôs de pé assumindo toda a sua altura e, balançando ligeiramente o corpo, pronunciou as mais grandiosas frases até então saídas de quaisquer lábios humanos; assim Orlando as considerou, embora não tenha ouvido uma só palavra dita pelas três sombras enquanto tomavam chá.

Finalmente, certa noite voltou para casa após um desses passeios recreativos e subiu ao quarto. Tirou o casaco ornado com rendas e lá ficou de camisa e calções, olhando pela janela. Alguma coisa que se agitava no ar a impedia de ir para a cama. A cidade estava coberta por uma névoa esbranquiçada porque era uma noite muito fria no meio do inverno. Tinha à sua volta uma vista deslumbrante. Podia ver a catedral de São Paulo, a Torre, a abadia de Westminster, todos os pináculos e cúpulas das igrejas da cidade, o arredondado suave das margens do rio, as curvas opulentas e amplas dos prédios públicos. Ao norte se erguiam as colinas desnudas e sem escarpas de Hampstead e, na direção oeste, refulgiam as ruas e praças de Mayfair. Estrelas cintilantes pairavam no céu sem nuvens sobre esse panorama sereno e bem-ordenado. Na atmosfera extremamente límpida, eram visíveis o contorno de cada telhado, o capelo de cada chaminé e até cada paralelepípedo nas ruas. Orlando não podia deixar de comparar esse cenário tão disciplinado com os bairros irregulares e atravancados que constituíam a cidade de Londres no reino da rainha Elizabeth. Naquela

época, ela se recordava, tal como vista de suas janelas em Blackfriars a cidade, se é que merecia esse nome, era apenas uma populosa aglomeração de casas amontoadas umas sobre as outras. As estrelas se refletiam em fundas poças de água estagnada no meio das ruas. Uma sombra negra na esquina onde antes se erguia a loja de vinhos era muito provavelmente o cadáver de algum homem assassinado. Ela se lembrava dos gritos de muita gente ferida nas brigas noturnas quando era um menininho e a ama o levava no colo até a janela com vidros em forma de losango. Bandos de malfeitores, homens e mulheres incrivelmente conjuminados, cambaleavam pelas ruas ululando canções indecentes, com joias brilhando nas orelhas e facas reluzindo nas mãos. Numa noite clara como aquela, se veria contra o céu o perfil das impenetráveis florestas de Highgate e Hampstead sacudidas pelo vento em complexas contorções. Numa ou noutra das colinas que cercam Londres, havia uma soturna forca com um cadáver a ela pregado para ali apodrecer ou se ressecar; pois o perigo e a insegurança, a lascívia e a violência, a poesia e a imundície pululavam nas tortuosas estradas elisabetanas, zumbindo e fedendo — Orlando podia recordar ainda agora aqueles cheiros em noites quentes — nos cubículos e estreitas vielas da cidade. Agora — ela se debruçou para fora da janela — tudo era luz, ordem e serenidade.[193] Ouviu o leve sacolejar de uma carruagem nas pedras do calçamento e o grito longínquo do vigia noturno: "Meia-noite de uma noite gelada". Tão logo foi dita a última dessas palavras, soou a primeira das doze badaladas. Orlando notou então, pela primeira vez, uma pequena nuvem franzida atrás da cúpula da catedral de São Paulo. À medida que soavam as badaladas, a nuvem cresceu, e ela a viu se enegrecer e expandir com extraordinária rapidez. Ao mesmo tempo, começou a soprar uma leve brisa e, à sexta badalada, todo o céu a leste ficou encoberto por uma escuridão móvel e irregular, embora no oeste e no norte o firmamento permanecesse tão claro quanto antes. A nuvem então se espalhou rumo ao norte. Todas as partes mais altas da cidade foram engolfadas por ela. Só Mayfair, com todo o seu luzeiro chamejante, brilhou ainda mais por conta do contraste. À oitava badalada, alguns farrapos apressados de nuvem se estenderam sobre Picadilly. Deram a impressão de se unir e avançar com incrível velocidade em direção ao oeste. Quando soaram a nona, a décima e a undécima badaladas, as trevas cobriam Londres por inteiro. À décima segunda badalada, o negrume era absoluto. Uma massa turbulenta de nuvens envolvia a cidade. Tudo era

escuridão; tudo era dúvida; tudo era confusão. O século XVIII terminava, nascia o século XIX.

** O capitão estava errado, como se pode verificar consultando qualquer manual de literatura. Porém, como se tratava de um erro bem-intencionado, deixemos que permaneça. [N. A.]

***Esses ditos são por demais conhecidos para serem aqui repetidos, além de constarem de seus trabalhos publicados. [N. A.]

5

A grande nuvem se estendeu não apenas sobre Londres no primeiro dia do século XIX, mas sobre todas as Ilhas Britânicas, e assim ficou, apesar de fustigada constantemente por fortes rajadas de vento, por tempo suficiente para afetar de modo extraordinário os que viviam à sua sombra. O clima da Inglaterra parecia ter mudado. Chovia com frequência, mas somente em pancadas intermitentes, que recomeçavam mal haviam terminado. O sol brilhava, é óbvio, porém estava tão cercado de nuvens e o ar tão saturado de água que seus raios chegavam desmaiados, e os tons sombrios de roxo, cor de laranja e vermelho tomaram o lugar das paisagens mais luminosas do século XVIII. Debaixo desse dossel lúgubre e umbroso, o verde das couves era menos intenso e o branco da neve, enlameado. Mas, o que era pior, a umidade começou a penetrar em todas as casas — a umidade, que é o mais insidioso dos inimigos, pois, enquanto o sol pode ser obstruído por venezianas e a geada combatida pelo fogo, a umidade se insinua subrepticiamente durante nosso sono. A umidade é silenciosa, imperceptível, onipresente. A umidade incha a madeira, cria uma crosta na chaleira, corrói o ferro, apodrece a pedra. O processo é tão gradual que só quando uma cômoda ou um balde para carvão se despedaçam em nossas mãos é que suspeitamos que o mal está em curso.

Assim, furtiva e imperceptivelmente, sem que se saiba o dia e a hora exatos da mudança, a constituição da Inglaterra foi alterada[194] sem que ninguém se desse conta. Os efeitos foram sentidos em toda parte. O robusto proprietário rural que se sentava para comer carne e beber cerveja, numa sala talvez desenhada com dignidade clássica pelos irmãos Adam,[195] agora sentia frio. Surgiram mantas; deixaram-se crescer as barbas; as calças passaram a ser presas embaixo dos pés. A friagem que o proprietário rural sentia nas pernas logo se transferiu para a casa: os móveis foram encobertos, as paredes e mesas revestidas, nada ficou exposto. Tornou-se então essencial uma mudança na dieta. Foram inventados os bolinhos e os pães de minuto que acompanham o chá. O café suplantou o vinho do Porto após o jantar e, como isso exigiu uma sala de estar onde ele fosse tomado, e a sala de estar exigiu redomas, que

exigiram flores artificiais, que exigiram consolos de lareira, que exigiram pianos, que exigiram música de salão, que exigiram (pulando um ou dois estágios) inumeráveis cachorrinhos, panos de mesa e bibelôs de porcelana, a casa — que se tornara extremamente importante — foi mudada de cima a baixo.

Do lado de fora — ainda por causa da umidade —, a hera cresceu numa profusão sem precedentes. Casas feitas de pedra ficaram recobertas de vegetação. Nenhum jardim, por mais formal que fosse seu projeto original, ficou livre de se transformar num matagal, com arbustos em abundância. A luz que penetrava nos quartos onde crianças nasciam era de um verde ofuscante,[196] e a luz que penetrava nas salas de estar ocupadas por adultos de ambos os sexos vinha através de cortinas de pelúcia marrom e roxa. Mas a mudança não se limitou às coisas externas. A umidade atacou internamente. As pessoas sentiram o frio em seu coração, a umidade em seu cérebro. No esforço desesperado de aquecer seus sentimentos, tentou-se um subterfúgio atrás do outro. Amor, nascimento e morte foram cuidadosamente envoltos numa variedade de belas frases. Os sexos se distanciaram mais e mais. Não se tolerava nenhuma conversa franca. Evasivas e dissimulações eram zelosamente utilizadas pelas duas partes. E, da mesma forma que as heras e sempre-vivas proliferavam lá fora na terra úmida, igual fertilidade se fez sentir dentro das casas. A vida normal de uma mulher passou a ser uma sucessão de partos. Ela se casava aos dezenove anos e tinha quinze ou dezoito filhos ao chegar aos trinta, pois abundavam os gêmeos. Assim se criou o Império Britânico;[197] e assim — pois não há como fazer parar a umidade, que penetra nos tinteiros assim como nas madeiras — as frases incharam, os adjetivos se multiplicaram, os poemas líricos se tornaram épicos, e questões insignificantes que costumavam gerar artigos de uma coluna enchiam agora enciclopédias de dez ou vinte volumes. Mas Eusebius Chubb será nossa testemunha acerca do efeito que tudo isso exerceu sobre a mente de um homem sensível incapaz de fazer qualquer coisa para deter o processo. Lá pelo final de suas memórias, ele relata como, após escrever certa manhã trinta e cinco páginas de tamanho grande "a respeito de nada", atarraxou a tampa do tinteiro e foi dar uma volta no jardim. Logo se encontrou enroscado nas ramagens. Inumeráveis folhas estalavam e brilhavam acima de sua cabeça. Tinha a impressão de "esmagar sob seus pés um milhão de outras folhas em decomposição". Um grosso rolo de fumaça subia de uma fogueira

úmida no fundo do jardim. Refletiu que nenhum fogo no mundo seria capaz de consumir aquele imenso entulho vegetal. Para onde quer que olhasse, a vegetação crescia de forma incontrolável. Pepinos "escalopravam[198] pela grama até chegar a seus pés". Gigantescas couves-flores galgavam os patamares até rivalizar, segundo sua imaginação conturbada, com os próprios olmos. As galinhas punham incessantemente ovos sem cor. Então, lembrando-se com um suspiro de sua própria fecundidade e da pobre esposa Jane, naquele momento confinada em casa por conta do décimo quinto trabalho de parto, como, perguntou-se, poderia culpar as aves? Olhou para o céu. Não estaria a hierarquia celestial aprovando aquilo ou mesmo o estimulando? Pois lá, tanto no inverno quanto no verão, ano após ano, as nuvens davam cambalhotas como baleias, ele pensou, ou melhor, como elefantes; mas não, impossível escapar à comparação ditada por mil acres de ar: todo o céu acima das Ilhas Britânicas nada mais era que um imenso colchão de plumas; e a fecundidade indistinta do jardim, do quarto de dormir e do galinheiro apenas reproduzia tal fato. Ele entrou, escreveu a passagem citada acima, enfiou a cabeça num forno a gás e só foi encontrado quando já não havia como reanimá-lo.

Enquanto isso acontecia em todos os recantos da Inglaterra, Orlando se mantinha recolhida em sua casa de Blackfriars e fingia que o clima não tinha mudado; que ainda era possível dizer o que bem entendesse e usar calções ou saias segundo o que lhe desse na veneta. Mas, por fim, até ela foi obrigada a reconhecer que os tempos eram outros. Certa tarde, no início do século, ela estava passando pelo St. James's Park em sua velha carruagem almofadada quando chegou à terra um dos raios do sol que vez por outra, embora isso fosse raro, conseguiam varar as nuvens, enfeitando-as de passagem com curiosas cores prismáticas. Depois dos céus claros e uniformes do século XVIII, tal visão foi suficientemente estranha para fazê-la baixar a janela a fim de contemplar a cena. As nuvens marrom-arroxeadas e cor de flamingo a fizeram pensar com uma angústia prazerosa — comprovando que ela sem saber já estava afetada pela umidade — em golfinhos morrendo no mar Jônico. Mas qual não foi sua surpresa quando, ao atingir o solo, o raio de sol pareceu gerar ou iluminou uma pirâmide, hecatombe ou troféu[199] (pois tinha um quê de mesa de banquete) — seja como for, um amontoado de objetos totalmente heterogêneos e incongruentes, empilhados ao azar num enorme monte

onde hoje se ergue a estátua da rainha Vitória! Envolvendo uma imensa cruz de ouro com filigranas de flores, viam-se trajes de luto de viúvas e véus de noiva; pendurados a outras excrescências, havia palácios de cristal, carrinhos de vime para bebês, capacetes militares, coroas fúnebres, calças, fios de barba, bolos de casamento, canhões, árvores de Natal, telescópios, monstros extintos, globos, mapas, elefantes e instrumentos matemáticos — tudo isso sustentado como um gigantesco brasão de armas, à direita por uma figura feminina numa esvoaçante túnica branca; à esquerda, por um cavalheiro corpulento de sobrecasaca e calças listradas. A incongruência dos objetos, a combinação de figuras totalmente vestidas e outras apenas parcialmente cobertas, o espalhafato das diferentes cores e suas justaposições quadriculadas inspiravam em Orlando o mais profundo horror. Em toda a sua vida, nunca vira nada ao mesmo tempo tão indecente, tão pavoroso e tão monumental. Podia ser, e na verdade devia ser, o efeito do sol no ar saturado de água; desapareceria com a primeira brisa que soprasse; mas, apesar de tudo, ao passar ela teve a impressão de que estava destinado a durar para sempre. Deixando-se afundar num canto da carruagem, sentiu que nada — nem vento, nem chuva, nem sol, nem trovão — jamais poderia demolir aquele espaventoso monturo. Os narizes ficariam salpicados de manchas e as cornetas enferrujariam, mas lá continuariam apontando para leste, oeste, sul e norte, eternamente. Olhou para trás quando a carruagem subiu a Constitution Hill. Sim, lá estava, reluzindo ainda placidamente sob uma luz — tirou o relógio do bolsinho — que era, obviamente, a do meio-dia. Nenhuma outra seria tão prosaica, tão banal, tão avessa a qualquer sugestão de alvorada ou de crepúsculo, aparentemente tão bem calculada a fim de durar para sempre. Estava decidida a não olhar de novo. Já sentia que as marés de seu sangue perdiam a força. No entanto, ainda mais peculiar, um rubor vívido e excepcional invadiu seu rosto quando passou diante do palácio de Buckingham, e seus olhos foram forçados, como por um poder superior, a observar seus joelhos. De repente, notou, com um sobressalto, que estava usando calções pretos. Continuou ruborizada até chegar à casa de campo, o que, levando em conta quanto tempo leva para quatro cavalos trotarem ao longo de quase cinquenta quilômetros, será aceito, assim esperamos, como prova inquestionável de sua castidade.

Uma vez lá, obedecendo ao que se tornara a mais imperiosa necessidade de sua natureza, embrulhou-se o melhor que pôde numa colcha de

damasco arrancada da cama. Explicou para a viúva Bartholomew (substituta da boa e velha sra. Grimsditch como governanta) que estava com muito frio.

"Estamos todos, minha senhora", disse a viúva, dando um profundo suspiro. "As paredes estão úmidas", ela disse, com uma complacência curiosamente lúgubre, e de fato bastava tocar nos painéis de carvalho para deixar estampadas as impressões digitais. A hera tinha crescido tanto que muitas janelas estavam agora bloqueadas. Na cozinha, de tão escura, mal se podia distinguir uma chaleira de um coador. Um pobre gato preto, confundido com carvão, foi jogado ao fogo. A maioria das criadas já usava três ou quatro anáguas de flanela vermelha, embora estivéssemos em agosto.

"Mas é verdade, minha senhora", a boa mulher perguntou, abraçando-se enquanto o crucifixo de ouro subia e descia em seu peito, "que a rainha, Deus a abençoe, está usando uma, como se chama, uma…", a viúva hesitou e corou.

"Uma saia-balão", Orlando a ajudou (pois a palavra já havia chegado a Blackfriars). A sra. Bartholomew assentiu com a cabeça. As lágrimas já rolavam por seu rosto, mas ela sorria ao mesmo tempo que chorava. Porque era agradável chorar. Não eram todas elas frágeis mulheres? Usando saias-balão para melhor esconder o fato, o grande fato, o único fato (embora deplorável), o fato de que toda mulher modesta fazia o possível para negar até que a negação fosse inviável; o fato de que ia ter um filho, na verdade quinze ou vinte filhos, de modo que uma mulher recatada no final das contas passava a vida negando aquilo que, ao menos um dia por ano, se tornava óbvio.

"Os bolinhos ainda estão quentes", disse a sra. Bartholomew enxugando as lágrimas, "na biblioteca."

E, embrulhada na colcha de damasco, Orlando se sentou diante de um prato de bolinhos.

"Os bolinhos ainda estão quentes na biblioteca", Orlando repetiu na entonação chorosa da sra. Bartholomew enquanto tomava — mas não, ela detestava aquela bebida suave — seu chá. Lembrou-se de que nesse mesmo aposento a rainha Elizabeth se postara diante da lareira, com as pernas bem abertas e um canecão de cerveja na mão, que ela repentinamente pousou com violência sobre a mesa quando lorde Burghley usou indelicadamente o imperativo em vez do subjuntivo. "Rapazinho,

rapazinho" — Orlando ainda podia ouvi-la — "é assim que se dirige a um soberano?"[200] E o canecão aterrissou na mesa deixando uma marca que ainda permanecia lá.

Mas, quando Orlando se pôs de pé num salto, como exigia a mera lembrança daquela grande rainha, tropeçou na colcha e caiu de volta na poltrona soltando um impropério. No dia seguinte teria de comprar vinte metros ou mais de bombazina preta,[201] calculou, para fazer uma saia. E então (nesse momento enrubesceu) teria de comprar uma saia-balão e (corando de novo) um berço de vime, e depois outra saia-balão, e assim por diante… Os rubores iam e vinham na mais estranha interação imaginável de recato e vergonha. Podia-se ver o espírito da época soprando ora quente, ora frio em suas faces. E, se o espírito da época soprava de forma um pouco desigual, com a saia-balão sendo causa do rubor antes de ela ter um marido, sua posição ambígua podia desculpá-la (mesmo seu sexo ainda era objeto de disputa), bem como a vida irregular que levara anteriormente.

Por fim, a cor de seu rosto voltou a se estabilizar e pareceu que o espírito da época — se é que era ele mesmo — se manteve adormecido por algum tempo. Orlando então apalpou o peito procurando por baixo da blusa um medalhão ou a relíquia de algum afeto perdido, mas o que de lá retirou não foi nada disso e sim um rolo de papel manchado de sal marinho, manchado de sangue, manchado de tanto viajar: o manuscrito do poema "O carvalho". Ela o tinha carregado consigo durante tantos anos e em circunstâncias tão perigosas que muitas das páginas se encontravam manchadas e outras rasgadas, enquanto a falta de papel para escrever quando estivera com os ciganos a havia obrigado a utilizar as margens e riscar tantos versos que o manuscrito se assemelhava a um cerzido feito com grande zelo. Voltou para a primeira página e leu a data, 1586, escrita na caligrafia de menino. Vinha trabalhando nele fazia quase trezentos anos.[202] Era hora de terminá-lo. Enquanto isso, começou a folhear, a absorver-se, a saltar trechos, pensando ao ler quão pouco mudara ao longo de todos aqueles anos. Tinha sido um rapaz melancólico, apaixonado pela morte, como costumam ser os rapazes; depois, fora amorosa e exuberante; mais tarde, álacre e satírica; às vezes havia tentado a prosa, outras vezes o drama. Entretanto, no curso de todas essas mudanças, ela havia permanecido, assim refletiu, fundamentalmente a mesma. Mantinha o mesmo temperamento meditativo e taciturno, o mesmo amor pelos animais

e pela natureza, a mesma paixão pelo campo e pelas estações do ano.

"Afinal", pensou, levantando-se e caminhando até a janela, "nada mudou. A casa e o jardim continuam exatamente como eram. Nenhuma cadeira foi mudada de lugar, nenhuma quinquilharia vendida. Lá estão as mesmas alamedas, os mesmos relvados, as mesmas árvores e o mesmo laguinho — onde, ouso dizer, vivem as mesmas carpas. É fato que o trono é ocupado pela rainha Vitória e não pela rainha Elizabeth, mas que diferença…"

Nem bem terminara de formular esse pensamento e, como se para condená-lo, a porta foi aberta de par em par e entrou com passos decididos o mordomo Basket, seguido pela governanta Bartholomew, para retirarem a louça do chá. Orlando, que acabara de mergulhar a pena no tinteiro a fim de redigir uma reflexão sobre a eternidade de todas as coisas, ficou muito aborrecida com um borrão que a impediu de fazê-lo ao se expandir e serpentear sob a pena. Problema da pluma, ela imaginou, que estava rachada ou suja. Mergulhou-a outra vez no tinteiro. O borrão cresceu. Tentou continuar com o que estava dizendo: nenhuma palavra lhe ocorreu. Passou então a enfeitar o borrão com asas e bigodes, até que se transformou num monstro de cabeça redonda, uma mistura de morcego e ursinho da Tasmânia. Contudo, escrever poesia com Basket e Bartholomew presentes era impossível. Bastou dizer "impossível" e, para sua surpresa e alarme, a pena começou a curvetear e caracolar com extraordinária fluência. A página foi preenchida, na mais límpida caligrafia italiana inclinada, com os versos mais insípidos que jamais lera em sua vida:[203]

Sou apenas um reles elo a mais
Na corrente tão gasta desta vida,
Mas proferi palavras divinais
Numa prece que espero ser ouvida.
Quando brilharem as lágrimas que chora
À luz da lua a solitária moça,
Sentindo a falta de quem tanto adora,
Murmurará talvez…

escreveu sem fazer uma pausa enquanto Bartholomew e Basket resmungavam e gemiam ao se mover pela sala, atiçando o fogo e recolhendo os bolinhos.

Mais uma vez mergulhou a pena e continuou:

Tão mudada estava a tênue nuvem cor de cravo
Que outrora lhe cobria as faces como essa que à tarde
Paira no céu, brilhando com seu tom rosado:
Empalidecera, dilacerada por rubores
Vívidos e ardentes como tochas do sepulcro.

mas, nesse ponto, num gesto abrupto ela derramou a tinta sobre a página e a ocultou para sempre, assim esperava, dos olhos humanos. Estava muito trêmula, muito agitada. Nada mais repulsivo podia ser imaginado do que sentir a tinta fluindo aos borbotões de inspiração involuntária. O que acontecera com ela? Seria a umidade, seria Bartholomew, seria Basket, o que seria?, perguntou-se. Mas a sala estava vazia. Ninguém lhe respondeu, a menos que o gotejar da chuva sobre a hera pudesse ser tomado por resposta.

Enquanto isso, postada em frente à janela, tomou consciência de um extraordinário formigamento e uma vibração por todo o corpo, como se fosse feita de milhares de cordas em que alguma aragem ou dedos errantes estivessem tocando escalas. Ora eram os dedos dos pés que formigavam, ora a medula dos ossos. Estranhas sensações percorriam seus fêmures. Os cabelos pareciam se eriçar por conta própria. Os braços ressoavam e vibravam como fios de telégrafo estariam ressoando e vibrando dentro de uns vinte anos. Mas toda essa agitação dava a impressão de se concentrar em suas mãos; depois numa única mão, e então num dedo daquela mão, para finalmente se contrair formando um círculo de tremulante sensibilidade em torno do anular da mão esquerda. E, ao erguê-lo para saber o que causava tal agitação, nada viu — nada além da enorme esmeralda solitária que a rainha Elizabeth lhe dera. E isso não era o bastante?, perguntou-se. Era de uma limpidez ímpar. Valia ao menos dez mil libras. A vibração parecia, de forma estranhíssima (mas, cumpre lembrar, estamos lidando com algumas das mais recônditas manifestações da alma humana), dizer "Não, isso não é suficiente"; e, além disso, assumia um tom interrogativo, como se perguntasse o que significava aquele hiato, aquele curioso lapso, até que a pobre Orlando sentiu uma grande vergonha do dedo anular de sua mão esquerda sem ao menos ter ideia da razão. Nesse momento, Bartholomew entrou para indagar que vestido ela deveria preparar para o jantar, e Orlando, cujos sentidos

estavam muito apurados, imediatamente olhou para a mão esquerda de Bartholomew e de pronto percebeu o que nunca notara antes — um grosso anel de um amarelo bem pronunciado no terceiro dedo, que na mão dela não tinha nada.

"Deixe-me ver seu anel, Bartholomew", disse, estendendo a mão para pegá-lo.

Bartholomew reagiu como se um malfeitor lhe houvesse dado uma pancada no peito. Recuou um ou dois passos, cerrou o punho e o afastou de Orlando num gesto de grande nobreza. "Não", disse com resoluta dignidade, a senhora podia olhar se assim desejasse, mas nem o arcebispo, nem o papa, nem a rainha Vitória em seu trono poderiam forçá-la a tirar do dedo a aliança de casamento. Seu marido Thomas a havia posto ali havia vinte e cinco anos, seis meses e três semanas; ela tinha dormido com ela, trabalhado com ela, se lavado com ela, rezado com ela, e tencionava ser enterrada com ela. Na verdade, Orlando a entendeu dizer, embora sua voz estivesse muito carregada de emoção, que era pelo brilho de sua aliança que ela garantiria um lugar entre os anjos, e seu lustre estaria comprometido para sempre se a abandonasse por um único segundo.

"Que os céus nos ajudem", disse Orlando, diante da janela e observando as travessuras dos pombos, "em que mundo vivemos! Sinceramente, que mundo!" Suas complexidades a deixavam perplexa. Parecia-lhe agora que o mundo inteiro estava circundado por uma banda de ouro. Foi jantar. Alianças de casamento por toda parte. Foi à igreja. Alianças por toda parte. Passeou de carruagem. De ouro ou pechisbeque,[204] finas, grossas, lisas, polidas, brilhavam em todas as mãos. As alianças enchiam as joalherias, não os anéis com reluzentes gemas artificiais e diamantes de que Orlando se recordava, e sim aros simples, sem nenhuma pedra engastada. Ao mesmo tempo, ela começou a notar um novo hábito entre as pessoas que moravam nas cidades. Antigamente, era bastante comum encontrar um rapaz se divertindo com uma moça debaixo de uma cerca de pilriteiros. Orlando tinha cutucado mais de um casal com a ponta do chicote, soltando uma risada e seguindo em frente. Agora, tudo isso havia mudado. Os casais marchavam com passos laboriosos pelo meio da estrada indissoluvelmente unidos.[205] A mão direita da mulher estava sempre presa à mão esquerda do homem, os dedos de ambos fortemente entrelaçados. Muitas vezes os focinhos dos cavalos precisavam estar em cima deles para que se afastassem, e então o faziam pesadamente, movendo-se como uma

parelha para o lado da estrada. Orlando só podia supor que alguma nova descoberta havia sido feita a respeito da raça, que de algum modo os casais tinham sido soldados, mas quem fizera isso e quando ela era incapaz de imaginar. Não parecia ser a natureza. Observando os pombos, os coelhos e os caçadores de alces, não podia ver que a natureza houvesse alterado radicalmente ou revisto seu modo de agir pelo menos desde os tempos de Elizabeth. Tanto quanto sabia, não havia nenhuma união indissolúvel entre os animais. Seria a rainha Vitória ou lorde Melbourne?[206] Cabia a eles, então, a grande descoberta do casamento? No entanto, ela refletiu, dizia-se que a rainha gostava muito de cachorros e lorde Melbourne, assim ouvira, gostava muito de mulheres. Havia algo de estranho, ou mesmo de mau gosto, nessa indissolubilidade de corpos que repugnava o senso de decência e de higiene de Orlando. Suas reflexões, contudo, eram acompanhadas de tal formigamento e vibração no dedo afligido que ela mal conseguia organizar as ideias, que definhavam e a contemplavam com um olhar langoroso como os devaneios de uma criadinha doméstica. Elas a faziam corar. Não havia nada a fazer senão comprar um daqueles feios anéis e usá-lo como as outras. Foi o que fez, enfiando-o no dedo, morta de vergonha, atrás de uma cortina; mas em vão. O formigamento persistiu, mais violento e mais indignado do que nunca. Ela não pregou os olhos naquela noite. Na manhã seguinte, ao tomar da pena para escrever, ou não foi capaz de pensar em nada, a pena fazendo um grande e lacrimoso borrão após o outro, ou, coisa ainda mais alarmante, derramando-se em elucubrações melífluas sobre a morte precoce e sobre a perdição. Isso era pior do que não pensar em nada. Pois tudo indica — e seu caso o comprovava — que escrevemos não com os dedos, mas com tudo que somos. O nervo que controla a pena está conectado a todas as fibras de nosso ser, atravessa o coração, perfura o fígado. Embora a fonte de seu problema parecesse ser a mão esquerda, ela se sentia envenenada por inteiro, e por fim se viu forçada a considerar o mais desesperado dos remédios, que consistia em ceder completa e submissamente ao espírito da época arranjando um marido.

Que isso ia de encontro ao seu temperamento natural já foi deixado bem claro. Quando se extinguiu o som das rodas da carruagem do arquiduque, o grito que escapou de seus lábios foi “Vida! Um amante!”, e não “Vida! Um marido!”, tendo sido com tal objetivo que ela se mudara para a cidade e rodara pelo mundo, como se mostrou no capítulo precedente. Todavia, o

espírito da época é tão indômito que demole mais efetivamente quem o defronta do que aqueles que se dobram diante dele. Orlando se inclinara naturalmente diante do espírito elisabetano, diante do espírito da Restauração, diante do espírito do século XVIII, e em consequência quase não percebera a mudança de uma era para a outra. Mas, como o espírito do século XIX lhe era avesso ao extremo, ele a possuiu e a quebrou, tornando-a consciente de sua derrota como nunca fora antes. Pois é provável que o espírito humano tenha um lugar predeterminado no tempo, algumas pessoas nascendo para tal época, outras para aquela; e, agora que Orlando era uma mulher adulta, na verdade um ou dois anos além dos trinta, as linhas de seu caráter estavam fixadas, sendo intolerável violentá-las.

Desse modo, postou-se pesarosa diante da janela da sala de estar (como assim Bartholomew batizara a biblioteca), sobrecarregada pelo peso da saia-balão que resignadamente adotara. Era a roupa mais pesada e mais feia que havia usado até então. Nenhuma impedira tanto seus movimentos. Não mais podia caminhar a passos largos no jardim com seus cachorros nem subir agilmente a alta colina para se deitar debaixo do carvalho. As saias acumulavam folhas e palhas úmidas. O chapéu de plumas sacudia ao vento. Os sapatos finos em pouco tempo ficavam ensopados e cobertos de lama. Seus músculos tinham perdido a flexibilidade. Passou a ter receio de haver ladrões por trás dos lambris e, pela primeira vez, a ter medo de fantasmas nos corredores. Todas essas coisas a levaram, passo a passo, a submeter-se à nova descoberta, fosse ela da rainha Vitória ou de outrem, de que a cada homem correspondia uma mulher por toda a vida, qual dos dois daria o sustento e qual dos dois seria sustentado até que a morte os separasse. Seria um conforto, ela sentiu, apoiar-se, sentar-se; sim, deitar-se, para nunca, nunca, nunca mais se levantar. Dessa forma agiu sobre Orlando o espírito da época a despeito de todo o seu orgulho anterior, e, à medida que ela veio descendo pela escala de emoções até aquele ponto humilde e incomum, os formigamentos e as vibrações, que tinham sido tão ardilosos e tão interrogativos, se transformaram nas mais doces melodias, até parecer que anjos estivessem tangendo com dedos brancos as cordas de uma harpa, e todo o seu ser foi tomado por uma harmonia seráfica.

Mas em quem podia se apoiar? Dirigiu essa pergunta aos bruscos ventos outonais. Pois estávamos em outubro, úmido como sempre. Não no arquiduque, que se casara com uma dama de altíssimo coturno e passara

os últimos anos caçando lebres na Romênia; nem no sr. M., que se convertera ao catolicismo; nem no marquês de C., que fabricava sacos em Botany Bay;[207] nem em lorde O., que havia muito se transformara em comida para os peixes. De um modo ou de outro, todos os seus antigos companheiros tinham partido, e as Nells e Kits de Drury Lane, por mais que gostasse delas, certamente não poderiam lhe servir de apoio.

"Em quem", ela perguntou, contemplando as nuvens revoltas e juntando as mãos ao se ajoelhar sobre o peitoril da janela, compondo assim a imagem perfeita da feminilidade suplicante, "posso me apoiar?" As palavras se formavam por si mesmas, as mãos se uniam involuntariamente, tal como sua pena escrevera por conta própria. Não foi Orlando quem falou, mas o espírito da época. Fosse o que fosse, ninguém respondeu. As gralhas davam cambalhotas em meio às nuvens cor de violeta do outono. A chuva enfim cessara e havia no céu uma iridescência que a tentou a pôr o chapéu de plumas e os sapatinhos de cordões para dar um passeio antes do jantar.

"Todo mundo tem um companheiro, menos eu", refletiu ao atravessar o pátio com ar desconsolado. As gralhas tinham, até Canute e Pippin[208] — embora suas alianças fossem transitórias, todos naquela tarde pareciam ter um par. "Enquanto eu, que sou a dona de tudo", pensou Orlando, fitando de passagem as inumeráveis vidraças com brasões do salão, "continuo solteira e sem ninguém, sozinha."

Tais pensamentos nunca haviam entrado em sua cabeça antes. Agora a esmagavam implacavelmente. Em vez de abrir o portão, deu algumas batidinhas com a mão enluvada para que o porteiro o abrisse. É necessário se apoiar em alguém, pensou, nem que seja somente num porteiro; e sentiu certa vontade de ficar por ali mesmo ajudando-o a grelhar a costeleta num balde cheio de carvão em brasa, mas era tímida demais para pedir. Por isso, entrou pelo parque sozinha, hesitante de início e apreensiva com a possibilidade de haver caçadores ilegais, guardas florestais ou até mesmo mensageiros que estranhariam ver uma grande dama caminhando a sós.

A cada passo olhava nervosamente a seu redor, temendo que algum homem pudesse estar escondido atrás de uma moita de tojo ou uma vaca bravia se aprestasse a chifrá-la. No entanto, só havia as gralhas se exibindo no céu. Uma pluma azul cor de aço caiu sobre as urzes. Ela adorava as penas de aves silvestres. Costumava colecioná-las quando menino. Pegou-a do chão e enfiou-a no chapéu. Seja como for, uma leve brisa lhe agitou a

alma e a reanimou. Enquanto as gralhas continuavam a dar voltas e mais voltas acima de sua cabeça, e as penas caíam uma após a outra cintilando no ar arroxeado, Orlando seguiu os pássaros, com sua longa capa esvoaçante, cruzando as charnecas e galgando a colina. Havia anos que não ia tão longe. Já havia apanhado na relva seis penas,[209] que alisara entre os dedos e levara aos lábios para sentir a maciez e o brilho da penugem, quando viu, reluzindo na encosta, uma poça prateada, tão misteriosa quanto o lago em que Sir Bedivere atirou a espada de Artur.[210] Uma pena solitária tremulou ao vento e caiu no meio da poça. Orlando foi então tomada por um estranho êxtase. Uma ideia louca de seguir os pássaros até o fim do mundo, de se jogar no gramado esponjoso e lá beber o esquecimento, enquanto o riso rouco das gralhas soava acima dela. Acelerou o passo, correu, tropeçou. As duras raízes do mato a atiraram ao chão. Havia quebrado o tornozelo. Não conseguia se pôr de pé. Mas lá ficou, contente. O aroma da murta e da rainha-dos-prados lhe invadia as narinas. Nos ouvidos ressoava o áspero gargalhar das gralhas. "Descobri meu companheiro", murmurou. "É o campo. Sou noiva da natureza", sussurrou, entregando-se arrebatada aos frios abraços da grama enquanto se embrulhava na capa e se deitava numa pequena cavidade junto à poça. "Vou ficar aqui. (Uma pena caiu em sua testa.) Encontrei um laurel mais verde que a folha do loureiro. Minha testa será sempre fresca. Essas são as penas dos pássaros silvestres — da coruja, do curiango. Vou sonhar sonhos tresloucados. Minha mão não usará nenhuma aliança", continuou, retirando o anel do dedo. "As raízes vão se enroscar nela. Ah!", suspirou, pressionando a cabeça voluptuosamente no travesseiro esponjoso, "procurei a felicidade ao longo de muitas épocas, e não a achei; procurei a fama, e a perdi; o amor, e não o conheci; a vida — e eis que a morte é melhor. Conheci muitos homens e muitas mulheres, mas não entendi nenhum deles. É melhor que eu fique aqui em paz, com o céu apenas acima de mim — como o cigano falou anos atrás na Turquia." E olhou diretamente para a maravilhosa espuma dourada em que as nuvens haviam se transformado em suas contorções, vendo logo depois uma trilha de camelos que passavam em fila indiana pelo deserto rochoso entre nuvens de poeira avermelhada; passados os camelos, só viu as altíssimas montanhas, com grandes fendas e pináculos de rocha, e imaginou ouvir os sinos das cabras ressoando nos passos e nas dobras dos montes com seus campos de íris e gencianas. O céu então mudou e ela foi baixando a vista

até se fixar na terra enegrecida pela chuva e na grande corcova das South Downs, que fluíam como uma onda ao longo da costa; onde as elevações se dividiam, viam-se as águas com embarcações passando. E imaginou que ouvia um canhão em alto-mar, pensando de início "É a Armada", e depois "Não, é Nelson",[211] até se dar conta de que aquelas guerras tinham terminado e se tratava de operosos navios mercantes, enquanto as velas no rio serpenteante pertenciam a barcos de passeio. Viu também o gado espalhado pelos campos escuros, ovelhas e vacas, assim como as luzes que começavam a brilhar, aqui e ali, nas janelas das casas de fazenda e as lanternas que se moviam entre os rebanhos enquanto os pastores e vaqueiros faziam suas rondas; depois disso, as luzes se apagaram e as estrelas se embaralharam no céu. Na verdade, ela estava caindo no sono, com as penas molhadas sobre o rosto e o ouvido colado no chão, quando ouviu, vindo do fundo do seu ser, um malho golpeando uma bigorna — ou seria um coração batendo? Malho na bigorna ou coração no centro da terra, algo batia até que, enquanto ouvia, pensou que o som se transformava no trote de um cavalo; contou um, dois, três, quatro; ouviu depois um tropeção e, quando os sons se aproximaram, o estalido de um graveto e o chapinhar dos cascos no solo encharcado. O cavalo estava agora muito perto. Sentou-se, com as costas bem retas. Viu uma silhueta negra e alta contra o céu amarelado do amanhecer, com tordos esvoaçando em seu redor: era um homem a cavalo.[212] Ele teve um sobressalto. O cavalo parou.

"Minha senhora!", exclamou o homem saltando do cavalo. "Está ferida!"

"Estou morta, meu senhor!", ela respondeu.

Alguns minutos depois tinham ficado noivos.

Na manhã seguinte, ao se sentarem para tomar o café da manhã, ele disse seu nome: Marmaduke Bonthrop Shelmerdine.[213]

"Eu sabia!", ela disse, pois havia na pessoa dele algo de romântico e fidalgo, apaixonado e melancólico, embora decidido, que combinava com o nome incomum e engalanado — um nome que, na mente de Orlando, tinha o brilho azul metálico das asas das gralhas, o riso rouco de seu crocitar, a queda ondulante de suas penas num lago prateado, e mil outras coisas que serão descritas mais tarde.

"O meu é Orlando", disse. Ele adivinhara. Pois, explicou, quando se vê um navio com todas as velas enfunadas e iluminadas pelo sol singrando

orgulhosamente o Mediterrâneo vindo dos Mares do Sul, diz-se imediatamente: “Orlando”.

Na verdade, embora se conhecessem havia tão pouco tempo, em menos de dois segundos ambos tinham adivinhado, como sempre acontece entre amantes, tudo que era minimamente importante a respeito um do outro; agora só faltava preencher as lacunas de menor importância, tais como seus nomes, onde moravam, se eram mendigos ou pessoas de posses. Ele possuía um castelo nas Hébridas, atualmente em ruínas. Mergulhões comiam lautamente no salão de banquetes. Fora soldado e marinheiro, tendo feito explorações no Oriente. Estava agora a caminho de seu brigue[214] em Falmouth, mas o vento caíra e somente quando soprasse forte do sudoeste ele poderia zarpar. Orlando olhou rapidamente pela janela da sala de café da manhã para o leopardo dourado no cata-vento. Misericordiosamente, a cauda apontava para o leste e estava firme como uma rocha. “Ah, Shel, não me abandone!”, gritou. “Estou apaixonada por você.” Tão logo essas palavras saíram de sua boca, uma terrível suspeita invadiu ao mesmo tempo a mente dos dois.

“Você é mulher, Shel!”, ela exclamou.

“Você é homem, Orlando!”, ele exclamou.

Desde que o mundo é mundo, nunca houve cena igual de protestos e comprovações como a que então ocorreu. Quando terminou e voltaram a se sentar, ela lhe perguntou de novo que conversa era mesmo aquela de um vento do sudoeste. Para onde ele iria?

“Para o cabo Horn”, ele se limitou a dizer, corando (pois um homem se ruboriza como uma mulher, só que por coisas muito diferentes). Foi apenas como fruto de uma grande pressão e graças ao uso de muita intuição que ela ficou sabendo que sua vida era dedicada à mais desesperada e esplêndida das aventuras — contornar o cabo Horn durante um vendaval. Mastros costumam quebrar, velas se esfarrapam (teve de lhe arrancar tal confissão). Às vezes, o navio havia naufragado e ele fora o único sobrevivente numa jangada e com um só biscoito.

“É quase a única coisa que um sujeito pode fazer nos dias de hoje”, ele disse, acanhado, servindo-se de grandes colheradas de geleia de morango. A visão que ela passou a ter daquele rapaz (pois ele era pouco mais do que isso) chupando balas de hortelã — pelas quais tinha paixão — enquanto os mastros se partiam, as estrelas cambaleavam e ele urrava ordens para cortar tal amarra ou atirar tal coisa ao mar trouxe lágrimas a seus olhos,

lágrimas, ela notou, com um sabor mais delicado do que as que derramara até então: "Sou mulher", pensou, "enfim uma mulher de verdade". Agradeceu a Bonthrop do fundo do coração por haver proporcionado esse raro e inesperado prazer. Se não tivesse o pé esquerdo avariado, teria sentado no colo dele.

"Shel, meu querido", recomeçou, "me conte…", e assim conversaram por duas horas ou mais, talvez sobre o cabo Horn, talvez não, e realmente de pouco valeria registrar o que disseram, pois se conheciam tão bem que podiam dizer qualquer coisa, o que é o mesmo que não dizer nada, ou coisas tão bobas e banais como a maneira de preparar um omelete ou onde comprar as melhores botas em Londres, coisas que não têm o menor brilho fora de lugar, mas, no contexto apropriado, exibem uma beleza irresistível. Pois, graças a uma sábia economia da natureza, nosso espírito moderno pode praticamente dispensar a linguagem; bastam as expressões mais comuns e, como nenhuma delas é de todo satisfatória, a conversa mais simples é com frequência a mais poética, e a mais poética é precisamene aquela que não se pode registrar. Por isso deixamos aqui um grande espaço em branco, o que deve ser entendido como indicação de que está totalmente preenchido.

Após alguns dias a mais desse tipo de conversa, Shel começava a dizer "Orlando, minha querida" quando se ouviram vozes do lado de fora da sala e Basket, o mordomo, entrou com a informação de que havia dois policiais lá embaixo com um mandado da rainha.

"Traga-os aqui", disse Shelmerdine secamente, como se estivesse no seu próprio tombadilho superior, pondo-se por instinto na frente da lareira com as mãos cruzadas atrás das costas. Dois *peelers*[215] inspetores com uniformes verde-garrafa e cassetetes nos quadris entraram na sala e ficaram em posição de sentido. Terminadas as formalidades, entregaram nas mãos de Orlando, segundo as ordens recebidas, um documento legal de aspecto muito impressionante a julgar pelo volume de lacres, fitas, juramentos e assinaturas, tudo da maior importância.

Orlando correu os olhos pelo documento e então, usando o indicador da mão direita para apontar, fez as seguintes observações como sendo as mais pertinentes.

"Os processos foram encerrados, alguns em meu favor, como por exemplo…, outros não. Casamento turco anulado (Shel, fui embaixador

em Constantinopla), filhos declarados ilegítimos (disseram que eu tinha três filhos com Pepita, uma dançarina espanhola). Assim não herdam nada, o que é muito bom… Sexo? Ah!, o que há aqui sobre o assunto? Meu sexo", leu em tom solene, "é declarado inquestionavelmente, sem a menor sombra de dúvida (o que é que eu lhe dizia há pouco, Shel), feminino. As propriedades, que não estão mais confiscadas, caberão em perpetuidade aos herdeiros de sexo masculino que venham ao mundo de meu corpo e, na ausência de matrimônio…", porém nesse ponto ficou impaciente com o linguajar jurídico e disse: "Mas não vai haver nenhuma ausência de matrimônio nem de herdeiros, por isso o resto pode ser dado como lido". Ao que ela apôs sua assinatura sob a de lorde Palmerston e, a partir desse momento, assumiu a posse indiscutível de seus títulos, sua casa e sua fortuna[216] — que agora tinha se reduzido muito devido ao custo prodigioso dos processos, a tal ponto que, embora mais uma vez infinitamente nobre, estava também excessivamente pobre.

Quando o resultado do processo foi conhecido (e os rumores voaram mais rápido que o telégrafo, que veio para suplantá-los), toda a cidadezinha se rejubilou.[217]

[Cavalos foram atrelados a carruagens com o único propósito de saírem às ruas. Caleças e landaus vazios subiam e desciam ruidosamente a High Sreet. Discursos foram pronunciados da taverna Bull, réplicas da taverna Stag. A cidade foi iluminada. Porta-joias de ouro foram selados de modo seguro em caixas de vidro. Moedas foram devidamente postas debaixo de pedras. Hospitais foram fundados. Os fazendeiros formaram clubes para matar ratos e pardais. Dezenas de mulheres turcas foram queimadas em efígie na praça do mercado, juntamente a outras dezenas de garotos camponeses com um letreiro pendurado na boca que dizia: "Eu sou um vil embusteiro". Os pôneis cor de creme da rainha foram logo vistos trotando pela alameda com a ordem para Orlando jantar e dormir no castelo naquela mesma noite. Sua mesa, como em ocasião anterior, ficou empilhada de convites da condessa de R., de Lady Q., de Lady Palmerston, da marquesa de P., da sra. W. E. Gladstone[218] e de outras, rogando o prazer de sua companhia e relembrando as antigas alianças entre suas famílias e a dela etc.] — tudo isso colocado corretamente entre colchetes, como acima, pela boa razão de que se tratou de um parêntese sem a menor importância na vida de Orlando.[219] Ela passou por cima daquilo, permitindo que voltemos ao texto. Pois, enquanto as fogueiras ardiam na

praça do mercado, ela se encontrava nos bosques escuros a sós com Shelmerdine. O tempo estava tão bom que as árvores estendiam os galhos imóveis acima deles e as folhas mosqueadas de vermelho e dourado caíam tão lentamente que sua trajetória sinuosa podia ser seguida durante meia hora até descansarem por fim sobre o pé de Orlando.

"Conte-me, Mar", ela costumava dizer (e aqui precisa ser explicado que, quando o chamava pela primeira sílaba do primeiro nome, é porque estava num estado de espírito sonhador, amoroso, aquiescente, doméstico e um pouco lânguido, como se lenha aromatizada com especiarias estivesse sendo queimada e fosse fim de tarde, cedo ainda para se vestir, e talvez suficientemente úmido lá fora para fazer as folhas brilharem, mas apesar disso um rouxinol poderia estar cantando em meio às azaleias, dois ou três cães latindo nas fazendas distantes, um galo cocoricando — tudo aquilo que o leitor é capaz de imaginar em sua voz), "conte-me, Mar, sobre o cabo Horn." E então Shelmerdine construía no chão um pequeno modelo do cabo Horn com gravetos, folhas mortas e uma ou duas conchas de caracol vazias.

"Aqui é o norte", ele disse. "Ali o sul. O vento vem desta região. O brigue está velejando para oeste e acabamos de baixar a verga superior da mezena: aqui, onde está essa folha de grama, entra a corrente que você vai ver marcada… onde estão o meu mapa e os compassos, contramestre? Ah, obrigado, está bem, ali onde pus o caracol. Como a corrente nos pega por estibordo, temos de subir a verga da bujarrona ou vamos ser arrastados para bombordo,[220] que é onde está a folha da faia — porque você precisa entender, minha querida…", e assim continuava enquanto ela prestava atenção a cada palavra e as interpretava corretamente a fim de visualizar, sem que ele precisasse descrever, a fosforescência das ondas; os pingentes de gelo retinindo nos ovéns; como ele subia até o topo do mastro numa ventania e lá refletia sobre o destino do homem; descia de novo; tomava um uísque com soda; desembarcava; era seduzido por uma negra; se arrependia; racionalizava; lia Pascal;[221] resolvia escrever sobre filosofia; comprava um macaco; debatia o verdadeiro propósito da vida; decidia em favor do cabo Horn, e assim por diante. Orlando entendeu que ele dizia isso e mil outras coisas e, quando contou que o suprimento de biscoitos se esgotara, Shelmerdine ficou agradavelmente surpreso ao verificar a capacidade de compreensão dela por haver respondido: "Sim, as mulheres negras são muito atraentes, não é mesmo?".

"Tem certeza de que você não é homem?", ele perguntou ansiosamente, e ela respondeu como um eco:

"Será possível que você não seja mulher?", e então tinham de colocar a questão em pratos limpos sem mais delongas. Pois ambos estavam muito surpresos pela rapidez com que eram compreendidos, e foi uma revelação para cada um deles que uma mulher pudesse ser tão tolerante e sincera quanto um homem, e um homem, tão estranho e sutil quanto uma mulher — o que exigia pronta comprovação.

E assim ficavam conversando ou, na realidade, se compreendendo mutuamente, o que se tornou a principal arte da fala numa época em que as palavras foram se revelando a cada dia mais deficientes em comparação com as ideias, a tal ponto que "os biscoitos acabaram" substituía na verdade "beijar uma mulher negra no escuro depois de ler a filosofia do bispo Berkeley[222] pela décima vez". (Daí resultava que apenas os mais refinados mestres do estilo podiam dizer a verdade e que, quando se encontrava um escritor simples e monossilábico, era inevitável concluir, sem a menor dúvida, que o pobre coitado estava mentindo.)

E assim conversaram; então, quando seus pés ficaram razoavelmente cobertos de folhas sarapintadas do outono, Orlando se levantou e penetrou sozinha nas profundezas dos bosques, deixando Bonthrop sentado em meio aos caracóis a construir modelos do cabo Horn. "Bonthrop", ela dizia, "vou dar uma volta", e, quando o chamava pelo segundo nome, "Bonthrop", isso deve indicar ao leitor que ela estava num estado de espírito propício à solidão, que via os dois como grãos de areia num deserto, que desejava apenas morrer a sós, pois as pessoas morrem todos os dias, morrem à mesa de jantar ou, assim, passeando num bosque outonal; e, com as fogueiras ardendo e Lady Palmerston ou Lady Derby[223] convidando-a todas as noites para jantar, ao dizer "Bonthrop" ela estava de fato dizendo "Estou morta", e avançou como um espectro por entre as faias fantasmagoricamente pálidas, remando dessa forma rumo ao centro da solidão como se o ligeiro surto de ruído e movimento tivesse acabado e ela agora se encontrasse livre para seguir seu caminho — tudo isso o leitor deve captar em sua voz quando ela diz "Bonthrop", acrescentando que tal palavra, a fim de melhor iluminá-la, também significava para ele, misticamente, separação e isolamento, os fantasmas que caminhavam pelo convés de seu brigue no fundo de mares insondáveis.

Após algumas horas de morte, de repente um gaio trilou "Shelmerdine"

e, curvando-se, ela pegou um desses açafrões de outono, que para algumas pessoas representa aquela estação do ano, e o pôs no peito junto com a pena azul de gaio que caiu esvoaçante por entre os galhos das faias. Então chamou "Shelmerdine", e a palavra saiu ricocheteando pelo bosque em todas as direções até alcançá-lo onde, sentado na grama, ele construía modelos com caracóis. Shelmerdine a viu e a escutou vir na sua direção com o açafrão e a pena do gaio no peito, e gritou "Orlando", o que significou de início (e cumpre lembrar que, quando cores vivas como o azul e o amarelo se misturam em nossos olhos, algo delas passa para nossos pensamentos) a agitação das samambaias como se algo estivesse abrindo caminho entre elas; mas que provou ser um barco a todo pano, corcoveando e jogando de modo um tanto sonhador, como se tivesse um ano inteiro de dias de verão para completar a viagem; e assim o barco se aproxima, balançando para cá, balançando para lá, com fidalguia e indolência, vencendo a crista de uma onda para mergulhar no vale da seguinte, e subitamente está em cima de você (que o enxerga, olhando bem para cima, de dentro de um diminuto bote) com todas as velas tremulando,[224] que então caem amontoadas no convés — como Orlando se deixou cair agora na grama ao lado dele.

Oito ou nove dias se passaram dessa forma, mas no décimo, que era um 26 de outubro, Orlando estava deitada em meio às samambaias enquanto Shelmerdine recitava Shelley (cuja obra inteira conhecia de cor) quando uma folha, que começara a cair bem lentamente do alto de uma árvore, bateu com força no pé de Orlando. Outra se seguiu, depois uma terceira. Orlando estremeceu e ficou pálida. Era o vento. Shelmerdine — mas agora seria mais adequado chamá-lo de Bonthrop — se pôs de pé num salto.

"O vento!", ele gritou.

Juntos correram pelo bosque, o vento cobrindo-os de folhas para chegarem ao grande pátio e, dali, aos pequenos pátios, com criados assustados abandonando vassouras e panelas a fim de segui-los até a capela,[225] onde várias luzes foram acesas tão rápido quanto possível, alguém derrubando um banco, outrem apagando uma vela. Sinos repicaram convocando as pessoas. Finalmente, o sr. Dupper repuxou as pontas de sua gravata branca e perguntou onde se encontrava o livro de orações. Alguém lhe entregou o da rainha Maria e ele, após procurar alguma passagem folheando apressadamente as páginas, disse: "Marmaduke Bonthrop Shelmerdine e Lady Orlando, ajoelhai-vos"; assim

fizeram e ficaram alternadamente bem iluminados ou no escuro à medida que a luz e a sombra se revezavam confusamente através dos vitrais; e, em meio ao bater de inumeráveis portas e de um som semelhante ao de panelas de cobre se chocando, ressoou o órgão, seu rugido subindo e descendo de volume, e o sr. Dupper, já bem velhinho, tentou sem êxito erguer a voz acima da algazarra quando então houve um momento de silêncio e algumas poucas palavras — talvez "as mandíbulas da morte" — foram claramente ouvidas, enquanto todos os criados da propriedade se comprimiam para ouvir melhor, trazendo ainda consigo ancinhos e chicotes, alguns cantando em voz alta e outros rezando, e um pássaro se chocou contra o vitral, e depois estalou um trovão, de tal modo que ninguém ouviu a palavra "obedecer" ser pronunciada ou viu, exceto como um relâmpago dourado, a aliança passar de uma mão para a outra. Tudo era movimento e balbúrdia. E eles se levantaram com o órgão estrondando, os relâmpagos reluzindo, a chuva caindo em borbotões, e Lady Orlando, com a aliança no dedo, foi até o pátio em seu vestido fino e segurou o estribo balouçante (pois já tinham posto o freio e as rédeas no cavalo, cujos flancos ainda estavam cobertos de espuma) para seu marido montar, o que ele fez de um salto, e o cavalo pulou para a frente e Orlando, ali de pé, gritou "Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!", e ele respondeu "Orlando!" — e as palavras, qual um par de falcões selvagens, partiram velozes e deram voltas por entre os campanários, mais e mais alto, mais e mais longe, girando mais e mais rápido, até se chocarem e tombarem no solo numa chuva de fragmentos. E então ela entrou.

6

Orlando entrou em casa. Tudo quieto. Silêncio absoluto. Ali estava o tinteiro, ali estava a pena, ali estava o manuscrito de seu poema, suspenso no meio de um tributo à eternidade. Quando Basket e Bartholomew a interromperam com as coisas do chá, estava prestes a dizer que nada muda. E então, no espaço de três segundos e meio, tudo mudara — ela havia quebrado o tornozelo, se apaixonado, casado com Shelmerdine.

Havia a aliança no dedo para prová-lo. Verdade que ela própria a pusera lá antes de conhecer Shelmerdine, mas isso se mostrara de todo inútil. Agora ficou girando a aliança sem parar, com supersticiosa reverência, tomando cuidado para que não escorregasse para além do nó do dedo.

"A aliança deve ser posta no terceiro dedo da mão esquerda", ela disse, como uma criança que repete zelosamente a lição, "para que tenha algum valor."

Assim falou, em voz alta e em tom mais pomposo que de hábito, como se quisesse ser ouvida por alguém cuja boa opinião fosse importante para ela. Na realidade, agora que por fim era capaz de ordenar os pensamentos, tinha em mente a impressão que seu comportamento causara no espírito da época. Estava extremamente ansiosa para saber se tinham sido aprovadas as medidas que tomara ao ficar noiva e depois se casar com Shelmerdine. Ela, sem dúvida, estava se sentindo melhor. O dedo não formigara nem uma vez, ou nada que merecesse registro, desde aquela noite na charneca. Todavia, era impossível negar que tinha algumas dúvidas. Estava casada, é certo, porém, se o marido de alguém passava a vida velejando em torno do cabo Horn, seria isso de fato um casamento? Se esse alguém gostasse do marido, seria de fato um casamento? Se gostasse de outras pessoas, seria de fato um casamento? E, por fim, se a pessoa ainda quisesse, mais do que qualquer outra coisa no mundo, escrever poesia, seria de fato um casamento? Ela tinha suas dúvidas.

Mas estava decidida a fazer um teste. Olhou para a aliança. Olhou para o tinteiro. Ousaria? Não, não ousaria. Porém, era necessário. Não, impossível. O que fazer então? Desmaiar, se pudesse. Mas nunca havia se sentido tão bem em toda a vida.

"Que se dane tudo!", gritou, com um toque do antigo ânimo. "Lá vou eu!"

E mergulhou a pena bem fundo no tinteiro. Para sua enorme surpresa, não houve nenhuma explosão. Retirou a ponta. Estava molhada, mas não pingando. Escreveu. As palavras demoraram um pouco para vir, porém afinal chegaram. Ah!, mas será que faziam sentido?, perguntou-se, sentindo um começo de pânico pelo receio de que a pena pudesse mais uma vez estar fazendo das suas. Leu então:

Cheguei então a um campo onde mil fritilárias
Faziam sombra à toda relva verdejante,
Exótica e tristonha, cada flor coleante
Portava um véu violeta, qual moças do Egito…[226]

Enquanto escrevia, sentiu que algum poder (lembremo-nos de que estamos lidando com as mais obscuras manifestações do espírito humano) lia por cima de seu ombro e, após escrever "moças do Egito", o poder lhe disse que parasse. A relva, o poder parecia dizer, voltando ao começo com uma régua como as tutoras costumam fazer, está bem; os bulbos pendentes das fritilárias, admirável; a flor coleante — talvez um pensamento forte para a pena de uma dama, mas Wordsworth, sem dúvida, sancionaria o conceito; moças? Serão necessárias essas moças? Você tem um marido no cabo Horn, não é o que diz? Ah, bom, basta por agora.

E o espírito se foi.

A alma de Orlando fez então (pois tudo isso se passou num plano imaterial) uma profunda reverência diante do espírito da época, idêntica à que faz um viajante — comparando grandes questões com ninharias —, consciente de que tem um punhado de charutos no canto da mala, diante do fiscal da alfândega que amavelmente libera a bagagem com uma marca de giz na tampa. Pois ela tinha muitas dúvidas de que o espírito, caso houvesse examinado o conteúdo de sua mente com cuidado, não teria encontrado algum contrabando pelo qual seria obrigada a pagar uma multa substancial. Só escapara por um triz. Conseguira apenas — graças a uma hábil deferência ao espírito da época, ao fato de usar uma aliança e de ter encontrado um homem na charneca — passar com sucesso pela inspeção por não ser satirista, cínica ou psicóloga, uma vez que qualquer desses artigos seria descoberto de imediato. E soltou um fundo suspiro de alívio, como de fato deveria, pois a transação entre um escritor e o espírito

da época é algo infinitamente delicado, dependendo de um bom acerto entre ambos todo o êxito de sua obra. Orlando havia trabalhado tão bem que se encontrava numa posição extremamente feliz: não precisava lutar contra sua época, nem se submeter a ela; pertencia a ela, porém se mantinha a mesma. Agora, portanto, podia escrever, e foi o que fez. Escreveu. Escreveu. E escreveu.

Estamos em novembro. Depois de novembro vem dezembro. Mais tarde, janeiro, fevereiro, março e abril. Depois de abril, vem maio. Seguem-se junho, julho e agosto. O próximo é setembro. Então outubro, e eis que estamos de volta a novembro, com um ano inteiro consumado.

Este método de escrever biografias, embora tenha seus méritos, talvez seja um tanto pobre, e o leitor, se continuarmos nessa toada, pode reclamar que seria capaz de recitar o calendário por si próprio e poupar o que quer que a Hogarth Press[227] considere justo lhe cobrar por este livro. Mas o que pode o biógrafo fazer quando a pessoa retratada o coloca na dificuldade em que Orlando nos colocou? A vida, com o que concordam todos cuja opinião vale a pena consultar, é o único tema apropriado para o romancista ou o biógrafo; a vida, tais autoridades decidiram, nada tem a ver com sentar-se numa cadeira e pensar. O pensamento e a vida se situam em polos opostos. Portanto — como sentar-se numa cadeira e pensar é precisamente o que Orlando está fazendo agora —, não resta outra alternativa senão recitar o calendário, desfiar as contas do rosário, assoar o nariz, atiçar o fogo e olhar pela janela até que ela termine. Orlando estava tão quieta que se podia ouvir um alfinete cair no chão. Quem dera que tivesse caído algum alfinete! Seria ao menos um sinal de vida. Ou se uma borboleta houvesse entrado voando pela janela e pousado em sua cadeira, sobre isso se poderia escrever. Ou suponha que ela tivesse se levantado e matado uma vespa. Então, empunharíamos imediatamente nossas penas e escreveríamos. Pois haveria sangue derramado, mesmo que somente o sangue de uma vespa. Onde há sangue, há vida. E, se matar uma vespa é uma bobaginha quando comparado com matar um homem, ainda assim é um tema mais adequado para um romancista ou biógrafo do que aquele simples devaneio, aquele cismar, o fato de Orlando passar os dias sentada numa cadeira com um cigarro, uma folha de papel, uma pena e um tinteiro. Os retratados, poderíamos nos queixar (pois nossa paciência está se esgotando), deveriam ter mais consideração pelos biógrafos! Haverá algo mais irritante do que ver seu retratado, no qual foi investido tanto

tempo e preocupação, escapar totalmente ao controle e se entregar assim — como se pode ver por seus suspiros e arquejos, seus acessos de rubor e de palidez, os olhos ora reluzentes como lâmpadas, ora apagados como fins de noite —, haverá algo mais humilhante do que ver esse tolo espetáculo de emoção e excitação diante de nossos olhos quando sabemos que sua causa — pensamento e imaginação — não têm a menor importância?

Mas Orlando era uma mulher — lorde Palmerston acabara de prová-lo. E, quando estamos escrevendo a vida de uma mulher, todos concordam que é aceitável prescindir da exigência de ação, substituindo-a pelo amor. O amor, disse o poeta,[228] é tudo na existência de uma mulher. E, se olharmos por um momento Orlando escrevendo em sua mesa, cumpre admitir que nunca houve mulher tão apta para essa atividade. Sem dúvida, por ser mulher, além do mais uma mulher bonita e na flor da idade, ela em breve vai parar de fingir que escreve e reflete para, ao menos, começar a pensar num guarda-florestal[229] (e, desde que seja num homem, ninguém se opõe a que uma mulher pense). Então vai lhe escrever um bilhetinho (e desde que sejam bilhetinhos ninguém se opõe a que uma mulher escreva) e marcar um encontro no domingo ao anoitecer e, chegando o anoitecer de domingo, o guarda-florestal assoviará debaixo de sua janela — sendo tudo isso, naturalmente, a essência da vida e o único tema possível para a ficção. Sem dúvida Orlando terá feito todas essas coisas, não? Não, pela milésima vez cabe dizer que Orlando não fez nada disso. Então teremos de admitir que Orlando era um desses monstros imorais que não amam? Era bondosa com os cachorros, fiel aos amigos, a encarnação da generosidade para uma dúzia de poetas famintos, tinha verdadeira paixão pela poesia. Mas o amor, tal como definido pelos romancistas do sexo marculino — e quem, afinal de contas, pode falar com maior autoridade? —, nada tem a ver com bondade, fidelidade, generosidade ou poesia. O amor significa tirar a saia e… Mas todos sabemos o que é o amor. Orlando fazia isso? A verdade nos obriga a dizer que não, não fazia. Assim, se a pessoa retratada em determinada biografia não ama nem mata, mas apenas pensa e devaneia, podemos concluir que não é muito melhor que um cadáver, e tratamos de abandoná-la.

Só nos resta o recurso de olhar pela janela. Havia pardais, havia estorninhos, havia alguns pombos, uma ou duas gralhas, todos ocupados a

seu modo. Um descobre uma minhoca, outro um caracol. Um avoeja até um galho, outro dá uma corridinha no gramado. Um criado atravessa então o pátio vestindo um avental de baeta verde. Presumivelmente mantém algum caso clandestino com uma das copeiras, mas, não sendo oferecida prova visível disso no pátio, esperemos pelo melhor e deixemos o assunto de lado. Nuvens diáfanas ou carregadas passam no céu, perturbando a cor dos relvados. O relógio de sol marca a hora de seu jeito normalmente críptico. Surgem na mente, sem pressa, à toa, uma ou duas perguntas a respeito da vida. A vida canta, ou antes cantarola baixinho, como um bule de chá na lareira. Vida, vida, que és tu? Luz ou escuridão, o avental de baeta do lacaio ou a sombra do estorninho na grama?

Então vamos[230] fazer uma excursão nesta manhã de verão, quando todos estão adorando a flor de ameixa e a abelha. E, gaguejando, perguntemos ao estorninho (que é um pássaro mais sociável que a cotovia) o que ele acha ao pousar na beira da lata de lixo, onde colhe, em meio aos gravetos, os fios de cabelo que saíram no pente do ajudante de cozinha. Apoiando-nos no portão da fazenda, perguntamos o que é a vida. Vida, Vida, Vida!, grita o pássaro, como se tivesse ouvido e conhecesse perfeitamente o que queríamos dizer com esse hábito irritante e indiscreto de fazer perguntas dentro e fora de casa, examinando e colhendo margaridas como é costume dos escritores quando não sabem o que dizer a seguir. Então vêm até aqui, diz o pássaro, e me perguntam o que é a vida: Vida, Vida, Vida!

Caminhamos laboriosamente pela trilha da charneca até o topo da colina pintalgada de tons violeta e de um roxo escuro, e lá nos atiramos ao chão, divagando e observando um gafanhoto puxar uma palha para sua casa num buraco. E ele diz (se chirrios como os dele podem receber caracterização tão sagrada e terna) "a vida é trabalho", ou assim interpretamos o zumbido de sua garganta cheia de poeira. A formiga e a abelha concordam, mas, se continuarmos deitados lá por tempo suficiente para perguntar às mariposas, quando chegarem ao anoitecer se esgueirando por entre as campânulas mais pálidas da charneca, elas soprarão em nossos ouvidos tolices sem sentido como as que ouvimos dos fios de telégrafo nas tempestades de neve: hi, hi, ha, ha. Riso, riso!, dizem as mariposas.

Tendo então perguntado a homens, pássaros e insetos (pois os peixes, segundo nos dizem aqueles que viveram a sós durante anos em grutas verdes para ouvi-los, nunca, nunca falam, e por isso talvez saibam o que é

a vida) — tendo perguntado a todos e não obtendo resposta satisfatória, ficando apenas mais velhos e mais frios (pois não tínhamos implorado certa vez para capturar num livro algo tão difícil e tão raro que se poderia jurar ser o significado da vida?), cumpre voltar e dizer sem rebuços ao leitor, que espera ansioso para ouvir o que é a vida, que, infelizmente, não sabemos.

Nesse momento, justo a tempo de salvar este livro da extinção, Orlando empurrou a cadeira para trás, esticou os braços, deixou a pena de lado, chegou à janela e exclamou: "Pronto!".

Quase caiu ao chão diante da visão extraordinária que se abriu diante de seus olhos. Havia o jardim e alguns pássaros. O mundo seguia como de costume. Durante todo o tempo em que escrevera, o mundo não havia se afastado de seu curso normal.

"E se eu estivesse morta, seria exatamente o mesmo!", exclamou.

Tal era a intensidade de seus sentimentos que podia até imaginar ter falecido, e talvez de fato houvesse sofrido um ataque de tonteira. Durante alguns instantes ficou contemplando o belo espetáculo que não se importava com ela. Por fim, voltou a si de modo curioso. O manuscrito, que repousava sobre seu coração, começou a pulsar e se mexer como se fosse alguma coisa viva; o que foi ainda mais estranho, e demonstrava a forte relação existente entre ambos, Orlando, inclinando a cabeça, pôde entender o que ele estava dizendo. Queria ser lido. Precisava ser lido. Morreria em seu peito caso não fosse lido. Pela primeira vez na vida ela se voltou com violência contra a natureza. Caçadores de alce e rosas a cercavam por todos os lados. Mas nem os caçadores de alce nem as roseiras sabem ler. Trata-se de um lapso lamentável da providência a que antes não atentara. Somente os seres humanos têm esse dom. Os seres humanos haviam se tornado necessários. Tocou a campainha. Ordenou que a carruagem a levasse a Londres imediatamente.

"Minha senhora, ainda está em tempo de pegar o das onze e quarenta e cinco", disse Basket. Orlando ainda não havia se dado conta da invenção da locomotiva a vapor, mas, muito preocupada com os sofrimentos de um ser que, não sendo ela própria, estava sob sua total dependência, viu um trem pela primeira vez, sentou-se num vagão e permitiu que fosse ajeitada a manta sobre seus joelhos sem refletir por um momento a respeito daquela "estupenda invenção que (segundo os historiadores) tinha mudado completamente a face da Europa nos últimos vinte anos" (como, na

verdade, ocorre com mais frequência do que os historiadores supõem). Reparou apenas que era extremamente sujo de fuligem, rolava fazendo grande estrépito e as janelas estavam emperradas. Absorta em seus pensamentos, foi levada a Londres em menos de uma hora e se viu na plataforma da estação de Charing Cross sem saber para onde ir.

A velha casa de Blackfriars, onde passara tantos dias agradáveis no século XVIII, tinha sido vendida, parte para o Exército da Salvação, parte para uma fábrica de guarda-chuvas. Comprara outra em Mayfair,[231] que era bem arejada, conveniente e situada no coração do bairro chique, mas seria em Mayfair que os desejos do seu poema se veriam realizados? Deus queira, ela pensou, recordando o brilho nos olhos das damas e a simetria das pernas dos cavalheiros, que eles não tenham se dedicado à leitura por ali. Pois isso seria lamentável. E havia o salão de Lady R. Ainda estariam tendo o mesmo tipo de conversa, sem a menor dúvida. A gota talvez tivesse se transferido da perna esquerda do general para a direita. O sr. L. quem sabe havia passado dez dias com R., e não com T. E então entraria o sr. Pope. Ah, mas o sr. Pope morrera! Quem seriam agora os grandes intelectuais, ela se perguntou — mas esse não era o tipo de coisa que se pudesse indagar a um carregador, e por isso seguiu em frente. Seus ouvidos se distraíram com o tilintar dos incontáveis sininhos nas cabeças de incontáveis cavalos. Junto à calçada estavam encostadas frotas de estranhas caixinhas sobre rodas. Saiu caminhando pelo Strand. A barulheira lá era ainda pior. Misturavam-se inextricavelmente veículos de todos os tamanhos, puxados por puros-sangues ou cavalos de tiro, conduzindo uma viúva solitária ou cheios até o teto de homens com suíças e cartolas. Carruagens, carroças e ônibus pareciam aos seus olhos, acostumados por tanto tempo a enxergar uma página em branco, alarmantemente agressivos; e aos seus ouvidos, habituados ao ranger da pena, o tumulto da rua representava uma cacofonia horrível e violenta. Havia alguém em cada centímetro da calçada. Do leste e do oeste fluíam rios de gente, demonstrando incrível agilidade ao se entrecruzar e enfrentar o trânsito que avançava lentamente, aos solavancos. Na beira das calçadas, homens apregoavam aos berros os brinquedos que traziam em tabuleiros. Nas esquinas, mulheres sentadas ao lado de enormes cestas de flores de primavera apregoavam aos berros seus produtos. Meninos, escapando por pouco dos cavalos e segurando junto ao corpo maços de jornais, berravam também: “Desastre! Desastre!”. De início, Orlando supôs que chegara num

momento de crise nacional, mas era incapaz de dizer se acontecera algo feliz ou trágico. Olhou ansiosamente para o rosto das pessoas. Mas isso a deixou ainda mais confusa. Aqui passava um homem mergulhado no desespero, resmungando consigo mesmo como se tivesse tomado conhecimento de algum pesar terrível. Era ultrapassado por um sujeito gordo, de cara alegre, que abria caminho com os ombros como se estivesse num festival que congregasse o mundo inteiro. Na verdade, ela chegou à conclusão de que nada tinha pé nem cabeça. Cada homem e cada mulher cuidava de sua própria vida. E ela, para onde iria?

Caminhou sem pensar, subindo uma rua e descendo outra, passando diante de grandes vitrines repletas de bolsas, espelhos, penhoares, flores, caniços de pesca e cestas de piquenique, enquanto tecidos de todas as cores e padrões, grossos ou finos, eram exibidos formando laços, grinaldas e balões. Às vezes percorria avenidas de mansões tranquilas, sobriamente numeradas "um", "dois", "três" até duzentos ou trezentos, uma igual à outra, com duas colunas, seis degraus e um par de cortinas cuidadosamente abertas, deixando ver os almoços da família servidos à mesa, um papagaio olhando por uma janela e um criado olhando pela outra, até que sua mente ficou estonteada com a monotonia. Chegou então a grandes praças, tendo no centro estátuas negras e reluzentes de homens gordos, com os paletós abotoados de cima a baixo, cavalos de batalha empinados, colunas subindo, fontes jorrando para baixo e pombos adejantes. E assim caminhou longamente pelas ruas ladeadas de casas até sentir muita fome, enquanto alguma coisa, agitando-se sobre seu coração, a admoestou por ter se esquecido dela. Era o manuscrito. "O carvalho."

Ficou pasma com sua desatenção. Parou de súbito. Nenhum táxi à vista. A rua, larga e elegante, estava singularmente deserta. Somente um senhor idoso se aproximava. Havia algo vagamente familiar em sua maneira de andar. Chegando mais perto, ela teve a certeza de que já o encontrara no passado. Mas onde? Será que esse cavalheiro, tão bem vestido, tão corpulento, tão próspero, com uma bengala na mão e uma flor na lapela, com um rosto rosado e gorducho, com bigodes brancos penteados, será que, sim, por Júpiter, era ele mesmo! Seu velho, velhíssimo amigo Nick Greene!

Ele olhou para ela ao mesmo tempo, recordou quem era, reconheceu-a. "Lady Orlando!", exclamou, dando uma barretada com a cartola de seda que quase tocou no chão.

"Sir Nicholas!",[232] ela exclamou de volta. Pois alguma coisa em seu porte a fez compreender intuitivamente que o desprezível escritorzinho, que a satirizara e a muitos outros nos tempos da rainha Elizabeth, havia subido na vida, sem dúvida se tornara um cavaleiro e, de quebra, conquistara uma série de outras coisas deliciosas.

Com outra reverência, ele confirmou ser correta a conclusão de Orlando: era de fato um cavaleiro, um doutor em letras e professor. Publicara mais de vinte livros. Tratava-se, em resumo, do crítico mais influente da era vitoriana.

Um violento tumulto de emoções a invadiu ao encontrar o homem que, anos antes, lhe havia causado tanta dor. Seria possível que ali estivesse o sujeito desagradável e irrequieto que queimara seus tapetes, tostava queijo na lareira italiana e contava histórias hilariantes sobre Marlowe e o resto da turma, que a fizera ver o sol nascer na companhia dele nove noites em cada dez? Estava agora elegantemente vestido num fraque cinza, trazia uma flor rosada na lapela e luvas de camurça também cinza para combinar. Mas, enquanto Orlando se admirava, ele fez nova reverência e lhe rogou a honra de almoçar em sua companhia. A reverência talvez tivesse sido um pouco exagerada, porém o arremedo de uma educação aristocrática era meritório. Ainda surpresa, ela o seguiu a um restaurante soberbo, com forros de pelúcia vermelha, toalhas brancas nas mesas e galheteiros de prata, em tudo diferente das velhas tavernas ou cafés com o assoalho coberto de areia, bancos de madeira, jarras de ponche ou chocolate, jornais e escarradeiras. Ele pousou as luvas cuidadosamente a seu lado na mesa. No entanto, ela ainda tinha dificuldade de acreditar que se tratava do mesmo homem. As unhas eram limpas, quando antes tinham mais de dois centímetros de comprimento. O queixo era bem escanhoado, onde antes vicejava uma barba preta. Usava abotoaduras de ouro, onde antes os punhos puídos mergulhavam na sopa. Na verdade, só quando pediu o vinho, o que fez com um cuidado que a lembrou do quanto ele gostava do Malmsey tempos antes, ela se convenceu de que era o mesmo homem. "Ah", ele disse, soltando um pequeno suspiro, embora bastante confortável, "ah, minha querida senhora, os grandes dias da literatura pertencem ao passado. Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson — esses eram os gigantes. Dryden, Pope, Addison — esses eram os heróis. Todos, todos mortos agora. E quem eles nos deixaram? Tennyson, Browning, Carlyle!" — imprimiu boa dose de escárnio à voz. "O fato é que", continuou,

servindo-se do vinho, "todos os nossos jovens escritores estão a soldo dos editores. Produzem qualquer porcaria que sirva para pagar a conta do alfaiate de seus donos. É uma época", disse, avançando nos *hors-d'oeuvres*, "marcada por conceitos especiosos e experimentos extravagantes — nada que os elisabetanos pudessem tolerar por um segundo!"

"Não, minha querida senhora", prosseguiu, aprovando o *turbot au gratin* que o garçom submeteu à sua apreciação, "os grandes dias terminaram. Vivemos uma era degenerada. Devemos cultuar o passado, homenagear aqueles escritores — ainda restam alguns poucos — que usam a Antiguidade como modelo e escrevem não pelo dinheiro, mas…" Nesse ponto Orlando quase gritou: "*Glór!*". Na verdade, era capaz de jurar que o tinha ouvido dizer exatamente isso três séculos antes. Os nomes eram diferentes, naturalmente, porém o espírito era idêntico. Nick Greene não mudara nada, apesar de agora usar "Sir" antes do nome. Não obstante, havia alguma mudança. Pois, enquanto dissertava sobre a utilização de Addison como modelo (ela achava que antes tinha sido Cícero) e a necessidade de passar a manhã deitado na cama (ela se orgulhava de crer que isso se tornara possível graças à sua pensão trimestral), recitando as melhores obras dos melhores autores durante pelo menos uma hora antes de começar a escrever, a fim de que a vulgaridade dos tempos atuais e a deplorável condição de nossa língua materna (ela achava que ele vivera por muitos anos nos Estados Unidos) pudessem ser purificadas — enquanto discorria como Greene o fizera trezentos anos antes, ela teve tempo para se perguntar de que forma ele havia mudado. Engordara, mas já beirava os setenta. Tornara-se cortês: a literatura evidentemente lhe trouxera prosperidade; todavia, de algum modo a antiga vivacidade, embora incômoda e irrequieta, desaparecera. Suas histórias, conquanto brilhantes, não fluíam com tanta liberdade e tanta verve. Verdade que ele mencionava "meu querido amigo Pope" ou "meu ilustre amigo Addison" a cada segundo, mas tinha um ar de respeitabilidade que era deprimente, e pelo jeito preferia instruí-la acerca dos feitos e ditos dos parentes dela a lhe contar, como costumara fazer, os escândalos em que estavam envolvidos os grandes poetas.

Orlando ficou inenarravelmente desapontada. Havia pensado a respeito da literatura todos aqueles anos (seu isolamento, sua posição social e seu sexo devem servir de desculpa) como algo tão incontrolável quanto o

vento, tão quente quanto o fogo, tão rápido quanto um raio; algo errante, incalculável, abrupto, e eis que a literatura era um cavalheiro idoso de traje cinza falando sobre duquesas. A violência de sua desilusão foi tal que algum colchete ou botão que prendia a parte superior do vestido se abriu de um golpe, e sobre a mesa caiu "O carvalho", um poema.

"Um manuscrito!", disse Sir Nicholas, pondo o pincenê de ouro. "Que interessante, interessantíssimo mesmo! Permita-me dar uma olhada." E mais uma vez, após um intervalo de quase trezentos anos, Nicholas Greene pegou o poema de Orlando e, depositando-o entre as xícaras de café e os copos de licor, pôs-se a lê-lo. Mas agora seu veredito foi muito diferente do que fora então. Enquanto virava as páginas, disse que o fazia lembrar de *Cato*, de Addison. Comparava-se favoravelmente a *Seasons*, de Thomson.[233] Nele não havia, para seu gáudio, o menor traço do espírito moderno. Sua composição demonstrava o respeito pela verdade, pela natureza, pelos ditames do coração humano, coisa de fato muito rara naqueles tempos de excentricidade inescrupulosa. Devia, é claro, ser publicado de imediato.

Orlando realmente não entendeu o que ele quis dizer. Sempre carregara seus manuscritos junto ao peito, debaixo do vestido. A ideia divertiu muito Sir Nicholas.

"Mas como ficam os royalties?", ele perguntou.

A mente de Orlando voou até o palácio de Buckingham e alguns poeirentos potentados que por acaso estavam hospedados lá.

Sir Nicholas achou muita graça. Explicou que se referia ao fato de que os srs…[234] (mencionou uma conceituada editora) teriam o maior prazer, caso lhes escrevesse uma linha, de incluir a obra em seu catálogo. Ele provavelmente poderia conseguir um royalty de dez por cento com relação a todos os exemplares até dois mil, passando então a partir daí para quinze por cento. Quanto aos resenhistas, ele próprio enviaria um bilhete ao sr…, que era o mais influente de todos; depois, um agrado à esposa do editor do… — digamos, um elogiozinho aos poemas compostos por ela — não faria mal algum. Ele visitaria… E por aí foi. Orlando não entendeu nada disso e, devido à experiência anterior, não confiava nem um pouco em seu caráter, mas não havia nada a fazer senão se submeter ao que era evidentemente o desejo dele e o anseio fervoroso do próprio poema. Assim, Sir Nicholas embrulhou cuidadosamente o maço de páginas manchadas de sangue, enfiou-o no bolso da frente do paletó e lá o achatou para que não

perturbasse o caimento do casaco; e, com muitos cumprimentos de lado a lado, se disseram adeus.

Orlando subiu a rua. Agora que o poema se fora — deixando um vazio no peito, onde costumava carregá-lo —, só lhe restava refletir sobre tudo de que gostava — talvez as extraordinárias oportunidades que se abriam ao destino humano. Lá estava ela, na St. James's Street, uma mulher casada, com uma aliança no dedo; onde antes havia um café era agora um restaurante; três e meia da tarde e o sol brilhava; viam-se três pombos, um cão mestiço da raça terrier, dois fiacres de aluguel e uma caleça. O que então é a vida? O pensamento pipocou em sua cabeça violentamente, assim à toa (a menos que o velho Greene fosse, sabe-se lá como, a causa disso). E se pode tomar como um comentário sobre as relações com seu marido (que se encontrava no cabo Horn), adverso ou favorável segundo queira o leitor, que sempre que algo pipocava em sua cabeça ela seguia direto para a mais próxima agência de correios e lhe enviava um telegrama. Por acaso, havia uma ali perto. "Meu Deus Shel", telegrafou, "vida literatura Greene bajulador…", e aqui adotou uma linguagem em código[235] que tinham inventado em conjunto a fim de que todo um estado de espírito da maior complexidade pudesse ser transmitido em uma ou duas palavras sem que o telegrafista entendesse do que se tratava, e acrescentou as palavras "Rattigan Glumphoboo", que resumiam tudo de forma precisa. Pois não apenas os eventos da manhã tinham exercido uma forte impressão sobre ela, como não terá escapado à atenção do leitor que Orlando estava amadurecendo — o que não significa necessariamente ficar melhor — e "Tattigan Glumphoboo" descrevia um complicado estado espiritual, que, se o leitor colocar toda a sua inteligência a nosso serviço, é capaz de descobrir por si próprio.

Não haveria resposta para seu telegrama por algumas horas; na verdade, era provável, Orlando pensou olhando de relance para o céu onde as nuvens mais altas passavam velozes, que estivesse ocorrendo um vendaval em cabo Horn, de modo que muito possivelmente seu marido se encontraria no topo do mastro, cortando uma verga despedaçada ou até mesmo sozinho num bote com um biscoito. Por isso, ao sair da agência de correios, resolveu passar o tempo na loja ao lado, tão comum nos dias de hoje que não necessita ser descrita, porém muitíssimo estranha aos seus olhos porque ali se vendiam livros. Durante toda a vida, Orlando conhecera manuscritos; tivera nas mãos as folhas pardas e ásperas cobertas

com os garranchos de Spenser; tinha visto a escrita de Shakespeare e Milton. Na verdade, possuía um bom número de in-quartos e in-fólios, frequentemente contendo um soneto em sua homenagem e às vezes uma mecha de cabelo. Mas aqueles inumeráveis volumes de tamanho pequeno e capas coloridas, idênticos e efêmeros (pois pareciam ser encadernados com papelão e impressos em papel de seda), a surpreenderam tremendamente. As obras completas de Shakespeare custavam meia coroa e cabiam num bolso. De fato, mal se podia lê-las de tão pequenos os caracteres, mas, mesmo assim, era uma maravilha. "Obras completas" — os trabalhos de todos os escritores que conhecera ou de quem ouvira falar e muitos outros ocupavam as longas estantes de uma ponta a outra. Em cima das mesas e cadeiras se amontoavam mais "obras", caindo até pelo chão, e essas, ela viu ao folhear algumas páginas, versavam muitas vezes sobre outras obras, como era o caso dos livros de autoria de Sir Nicholas e dezenas de outros que, em sua ignorância, por estarem encadernados e impressos, ela supôs serem também de grandes escritores. Por isso, antes de sair fez ao livreiro uma encomenda assombrosa, dizendo que lhe enviasse tudo que havia de importante na loja.

Entrou no Hyde Park, que já conhecia de antes (debaixo daquela árvore rachada, ela se lembrava, o duque de Hamilton havia perfurado o corpo de lorde Mohun),[236] e seus lábios, aos quais quase sempre atribuímos a culpa nessas matérias, começaram a transformar as palavras do telegrama num cantarolar sem sentido — vida literatura Greene bajulador Rattigan Glumphoboo; de modo que vários guardas do parque lhe lançaram olhares desconfiados e só tiveram uma opinião favorável acerca de sua sanidade mental ao reparar no colar de pérolas que ela usava. Como carregava um maço de jornais e suplementos literários comprados na loja, por fim se deitou sob uma árvore, apoiada num cotovelo, e espalhou as páginas ao seu redor a fim de estudar a nobre arte da composição em prosa tal como praticada por aqueles mestres. Pois nela ainda pulsava a antiga credulidade, até mesmo as letras borradas de um semanário tinham certa santidade aos seus olhos. Assim leu, recostada, um artigo de Sir Nicholas a respeito das obras completas de um homem que conhecera no passado — John Donne. Mas, sem saber, ela escolhera um local próximo da Serpentine.[237] O latir de mil cachorros ressoou em seus ouvidos. Carruagens rolavam em círculos, incessantemente. Folhas suspiravam acima de sua cabeça. Vez por outra uma saia enfeitada com fitas e um par

de calças vermelhas bem justas atravessavam o gramado a alguns passos de onde ela se encontrava. Em certo momento, uma gigantesca bola de borracha quicou sobre o jornal. Tons de violeta, cor de laranja, vermelho e azul penetravam pelos interstícios entre as folhas e reluziam na esmeralda que trazia no dedo. Ela lia uma frase e olhava para o céu; olhava para o céu e retornava ao jornal. Vida? Literatura? Uma se transmudando na outra? Mas como isso era monstruosamente difícil! Pois — e então passou um par de calças vermelhas e bem justas — como Addison expressaria isso? Passaram dois cachorros dançando sobre as patas traseiras.[238] Como Lamb descreveria isso? Porque, ao ler Sir Nicholas e seus amigos (como fazia quando não estava olhando à sua volta), ela teve a impressão — nesse momento se pôs de pé e começou a andar — de que eles suscitavam no leitor o sentimento — e era um sentimento extremamente desconfortável — de que não se deveria jamais dizer o que se pensava. (Postou-se às margens da Serpentine. Na água cor de bronze, barquinhos de casco muito fino deslizavam de um lado para o outro.) Faziam a pessoa sentir, continuou, que era sempre necessário escrever como outro autor. (Seus olhos ficaram marejados de lágrimas.) Porque realmente, pensou, empurrando um barquinho com o pé, eu não creio que poderia (nesse ponto, o artigo de Sir Nicholas apareceu por inteiro diante dela como sói acontecer com esse tipo de artigo dez minutos depois de ser lido, junto com a visão de seu quarto, sua cabeça, seu gato, sua escrivaninha e até mesmo a hora do dia), eu não creio que poderia, continuou, considerando o artigo desse ponto de vista, sentar o dia inteiro num estúdio, não, não é um estúdio, e sim uma espécie de sala de estar embolorada, e conversar com bonitos jovens, contando-lhes mexericos que eles não deviam repetir acerca do que Tupper disse sobre Smiles;[239] e então, prosseguiu, chorando amargamente, eles são tão viris, e eu detesto duquesas; não gosto de bolo; e, embora seja bastante maliciosa, não conseguiria nunca aprender a ser tão maliciosa quanto eles. Nesse caso, como posso me tornar uma crítica e escrever a melhor prosa em inglês de minha época? "Diabos!", exclamou, impulsionando com tanta força um barquinho a vapor que ele quase sossobrou nas ondinhas pardacentas.

Todavia, a verdade é que, quando se está nesse estado de nervos (como costumam dizer as babás) — e as lágrimas ainda enchiam os olhos de Orlando —, o que está sendo visto se torna outra coisa, maior e muito mais importante, embora continue a ser a mesma coisa. Se alguém

contempla a Serpentine em tal estado de espírito, as ondinhas em breve parecem tão grandes quanto as do Atlântico; os barcos de brinquedo se tornam indistinguíveis dos navios de passageiros. Por isso, Orlando confundiu o barquinho com o brigue do marido, e a onda que fizera com a ponta do pé se transformou numa montanha de água ao largo do cabo Horn; e, ao observar o barquinho vencer a ondulação, pensou ver a embarcação de Bonthrop galgar uma muralha líquida; foi subindo, subindo, enquanto uma crista branca carregando mil mortes se arqueava sobre ela; e por entre as mil mortes o brigue penetrou e desapareceu. "Afundou!", ela gritou em pânico, mas ei-lo outra vez, velejando são e salvo em meio aos patos no outro lado do Atlântico.

"Êxtase!", ela exclamou. "Êxtase! Onde é a agência de correios?", perguntou-se. "Tenho de mandar um telegrama imediatamente a Shel e lhe contar…" E, repetindo de forma alternada "barco de brinquedo na Serpentine" e "êxtase", já que os pensamentos eram intercambiáveis e queriam dizer exatamente a mesma coisa, ela correu na direção de Park Lane.

"Barco de brinquedo, barco de brinquedo, barco de brinquedo", repetia, convencendo-se mais e mais de que não são os artigos de Nick Greene sobre John Donne, nem as leis das oito horas, nem os pactos, nem as leis sobre segurança nas fábricas[240] que importam, e sim algo inútil, repentino, violento; algo que rouba uma vida; vermelho, azul, roxo; um jorro; um espadanar n'água; como aqueles jacintos (passava por um belo canteiro); sem mácula, sem dependência, sem a sujeira da humanidade ou a preocupação com o próximo; algo temerário, ridículo, como meu jacinto, quer dizer, meu marido Bonthrop: isso é o que vale — um barco de brinquedo na Serpentine, êxtase —, é o êxtase que importa. Disse isso em voz alta, esperando as carruagens passarem na Stanhope Gate, pois a consequência de viver longe do marido — exceto quando não há vento — é dizer coisas sem nexo em Park Lane. Sem dúvida seria diferente caso vivessem juntos o ano todo, tal como recomendado pela rainha Vitória. Na realidade, a lembrança dele vinha de súbito. Ela sentia uma necessidade absoluta e instantânea de falar com ele. Não ligava nem um pouco para o fato de não fazer sentido ou para o transtorno que isso podia causar à narrativa. O artigo de Nick Greene a havia atirado nas profundezas do desespero, o barquinho de brinquedo a erguera aos píncaros da alegria. Por isso ela repetia: "Êxtase, êxtase" enquanto esperava para atravessar.

Mas o tráfego estava pesado naquela tarde de primavera e a manteve ali, de pé, repetindo "êxtase, êxtase" ou "um barco de brinquedo na Serpentine" enquanto todo o poder e a riqueza da Inglaterra desfilavam sentados, como se esculpidos, usando chapéus e capas, em carruagens puxadas por quatro cavalos, carruagens de dois lugares com capota removível e caleças de dois bancos. Era como se um rio de ouro houvesse coagulado e se cristalizado em blocos reluzentes ao longo de Park Lane. As senhoras carregavam pequenos estojos com cartões de visita; os cavalheiros balançavam entre os joelhos bengalas com castão de ouro. Ela lá ficou observando, admirando, pasma. Um único pensamento a perturbava, algo bem conhecido por todos que contemplam grandes elefantes ou gigantescas baleias: como será que esses leviatãs — para os quais são claramente repugnantes a tensão, a mudança e a atividade — propagam suas espécies? Talvez, Orlando pensou, fitando os rostos serenos e imponentes, a fase de propagação daquelas pessoas já houvesse terminado; aquilo era o fruto, aquilo era a consumação. O que ela via agora era o triunfo de uma época. Ali estavam sentados, corpulentos e esplêndidos. Mas, nesse momento, o guarda baixou a mão; a torrente se tornou líquida; o maciço conglomerado de objetos grandiosos se moveu, se dispersou e desapareceu na direção de Picadilly.

Ela atravessou Park Lane e foi para sua casa, na Curzon Street, onde, quando as espireias estavam em flor, recordava o pipilar dos maçaricos e um homem muito idoso com uma espingarda.

Podia se lembrar, pensou ao entrar em casa, como lorde Chesterfield havia dito… mas suas recordações foram interrompidas. O discreto hall de entrada do século XVIII, onde podia ver lorde Chesterfield depositando o chapéu aqui e o casaco acolá com uma elegância de gestos que dava prazer observar, estava agora completamente entulhado de embrulhos. Enquanto ficara sentada no Hyde Park, o livreiro tinha entregado sua encomenda, e a casa se encontrava abarrotada — havia embrulhos escorregando pela escadaria — com toda a literatura vitoriana embalada em papel cinzento e cuidadosamente amarrada com barbante. Carregou tantos pacotes quantos pôde para seu quarto, mandou os criados trazerem os demais e, cortando rapidamente inumeráveis barbantes, cedo se viu cercada de um sem-número de livros.

Acostumada com a reduzida produção literária dos séculos XVI, XVII e XVIII, Orlando ficou estarrecida com as consequências de sua encomenda.

Pois, naturalmente, para os próprios vitorianos a literatura do período significava não apenas quatro grandes nomes[241] separados e distintos, e sim quatro grandes nomes engolfados e submersos numa massa de autores do nível de Alexander Smith, Dixon, Black, Milman, Buckle, Taine, Payne, Tupper, Jameson — todos eloquentes, clamorosos, proeminentes e exigindo tanta atenção quanto qualquer outro. A reverência de Orlando pela palavra impressa enfrentou um duro desafio, mas, puxando a cadeira para perto da janela a fim de aproveitar a luz que conseguia se infiltrar entre as altas casas de Mayfair, ela tentou chegar a uma conclusão.

É claro que só há duas maneiras de chegar a uma conclusão sobre a literatura vitoriana: a primeira consiste em analisá-la em sessenta volumes in-octavo; a segunda, em resumi-la em seis linhas do tamanho desta. Das duas maneiras, como nosso tempo é curto, fomos levados a escolher a segunda, e assim será feito. Orlando chegou então à conclusão (tendo aberto meia dúzia de livros) de que era muito estranho não haver neles uma só dedicatória a algum nobre; em seguida (folheando uma vasta pilha de memórias), de que diversos daqueles escritores tinham árvores genealógicas mais ou menos de metade do tamanho da sua própria; a seguir, de que seria imprudente ao extremo enrolar uma nota de dez libras nas pinças de açúcar quando a srta. Christina Rossetti[242] viesse tomar chá; em seguida (tendo recebido um punhado de convites para jantares em homenagem a autores que celebravam cem anos), de que a literatura, já que comia todos aqueles banquetes, devia estar se tornando muito corpulenta; em seguida (tendo sido convidada para uma série de palestras sobre a influência disto sobre aquilo: o renascimento clássico; a sobrevivência romântica, e outros títulos igualmente sedutores), de que a literatura, já que ouvia todas aquelas palestras, devia estar se tornando muito árida; em seguida (tendo estado presente a uma recepção dada pela esposa de um par do reino), de que a literatura, já que estava usando todas aquelas estolas de pele, devia estar se tornando muito respeitável; em seguida (tendo visitado em Chelsea o quarto à prova de som de Carlyle), de que o gênio, já que necessitava de todos aqueles paparicos, devia estar se tornando muito frágil; e, por fim, chegou à sua conclusão derradeira, que era de suma importância mas que, por havermos ultrapassado de longe nosso limite de seis linhas, precisaremos omitir.

Tendo chegado a essa conclusão, Orlando ficou olhando pela janela durante um bom tempo. Pois, quando alguém chega a uma conclusão, é

como se houvesse jogado uma bola por cima da rede e precisasse esperar para que o adversário invisível a devolva. O que lhe seria enviado agora do céu incolor sobre Chesterfield House?, ela se perguntou. E, com os dedos entrelaçados, lá ficou cismando por longo tempo. De repente, teve um sobressalto — e nesse ponto só poderíamos desejar que, como numa ocasião anterior, a pureza, a castidade e a modéstia abrissem a porta de par em par e propiciassem ao menos uma pausa na qual pudéssemos refletir sobre como narrar o que agora necessita ser contado com delicadeza, como é dever do biógrafo. Mas não! Tendo atirado a veste branca na direção de Orlando quando estava nu, e não conseguindo alcançá-lo por alguns centímetros, aquelas senhoras tinham desistido de se relacionar com ela durante muitos e muitos anos, estando agora ocupadas com outros afazeres. Será então que nada acontecerá nessa pálida manhã de março para mitigar, velar, cobrir, esconder, ocultar esse evento inegável, qualquer que ele seja? Porque, após aquele violento e súbito sobressalto, Orlando — mas, os céus sejam louvados, nesse exato instante começou a ressoar do lado de fora um desses realejos frágeis,[243] estridentes, aflautados, espasmódicos e antiquados, que às vezes ainda são tocados por algum italiano nas ruas afastadas. Aceitemos a intervenção, conquanto humilde, como se fosse a música das esferas, permitindo, com todos os seus arquejos e gemidos, que o som preencha esta página até que se torne impossível negar a chegada do momento, que o lacaio e a criada veem chegar assim como o leitor verá também, pois a própria Orlando é claramente incapaz de continuar a ignorá-lo. Deixemos o realejo tocar e nos transportar em pensamento, que, ao soar a música, nada mais é que um barquinho sacudido pelas ondas; voando em pensamento (de todos os meios de transporte, o mais canhestro e mais errático) acima dos telhados e dos quintais onde as roupas estão penduradas nas cordas para… que lugar é este? Você reconhece o Green e no meio o campanário, e o portão com um leão deitado de cada lado? Ah, sim, é Kew! Bem, Kew nos servirá. Portanto, aqui estamos em Kew, e hoje (2 de março) vou lhe mostrar sob a ameixeira um muscari e um açafrão, além de um broto na amendoeira; porque andar por lá significa pensar em bulbos cerdosos e vermelhos plantados na terra em outubro e que agora florescem; e sonhar sobre coisas que nem se pode dizer; e retirar do estojo um cigarro ou mesmo um charuto; e jogar debaixo do carvalho um agasalho (como exige a rima), lá sentando à espera do martim-pescador que, segundo se diz, foi visto uma

vez à tarde cruzando de uma margem para a outra.

Espere! Espere! O martim-pescador aí vem; o martim-pescador não vem.

Olhe, enquanto isso, as chaminés das fábricas e a fumaça; olhe os fiscais da cidade passando velozes em seu barco a remo. Olhe a velha senhora que passeia com seu cachorro, e a jovem criada usando o chapéu novo pela primeira vez e num ângulo errado. Olhe todos eles. Embora os céus tenham misericordiosamente ordenado que os segredos de todos os corações permaneçam ocultos, de modo que somos sempre tentados a suspeitar de algo que talvez não exista; entretanto, através da fumaça de nosso cigarro, vemos flamejar e saudamos a esplêndida concretização dos desejos naturais por um chapéu, por um barco, por um rato na vala; como certa vez se viu flamejar — pois a mente dá esses tolos saltinhos quando se derrama para fora do pires e o realejo toca —, se viu arder um fogo num campo perto de Constantinopla tendo como pano de fundo os minaretes.

Salve o desejo natural! Salve a felicidade! Divina felicidade! E prazeres de todos os tipos, flores e vinho, embora aquelas se estiolem e este embriague; e passagens de meia coroa para sair de Londres aos domingos, e cantar numa escura capela hinos sobre a morte, e qualquer coisa, qualquer coisa que interrompa e prejudique o martelar das máquinas de escrever, o arquivamento de cartas e o forjar dos elos e correntes que mantêm o Império unido. Salve até mesmo os grosseiros arcos vermelhos nos lábios das vendedoras de loja (como se Cupido, muito desajeitadamente, houvesse molhado o polegar em tinta vermelha e rabiscado um sinal ao passar). Salve, felicidade! Martim-pescador cruzando veloz de uma margem para a outra, e toda concretização do desejo natural, mesmo se for aquilo que o romancista homem diz que é, ou se for a oração ou o ascetismo. Salve!, de qualquer forma em que se apresente, porque pode haver mais formas e formas mais estranhas. Pois o rio corre tristonho — quem dera que valesse a rima "como num sonho" —, porém mais obscuro e pior que isso costuma ser nosso destino: sem sonhos, mas vivo, presunçoso, fluente, rotineiro, debaixo de árvores cujas sombras verde-oliva não permitem que se veja o azul da asa do pássaro evanescente que súbito dardeja de uma margem para a outra.

Então, salve, felicidade! Mas, depois da felicidade, não devemos saudar aqueles sonhos que deformam a imagem nítida da realidade como os espelhos manchados no vestíbulo das estalagens rurais borram nossos rostos; sonhos que tudo fragmentam e nos levam de roldão, nos ferem e

nos despedaçam durante a noite, quando deveríamos estar dormindo; mas salve o sono, o sono, sono tão profundo que transforma todas as formas num pó infinitamente fino, água de uma turbidez insondável, e ali, dobrados, envoltos na mortalha como uma múmia, como uma mariposa, ficaremos deitados de bruços sobre a areia, no fundo do sono.

Mas espere! Espere! Desta vez não vamos visitar a terra cega. Azul como um fósforo aceso diretamente no globo ocular, o martim-pescador voa, queima, arrebenta o invólucro do sono; e, isso feito, reflui mais uma vez, como uma maré, o rio caudaloso e vermelho da vida; borbulhante, gotejando; nos erguemos e vemos (pois uma rima nos ajuda a vencer com segurança a incômoda transição da morte para a vida)… Nesse momento o realejo para de tocar repentinamente.

"É um belo menino, minha senhora", disse a sra. Banting, a parteira, transferindo para os braços de Orlando seu primogênito. Em outras palavras, numa quinta-feira, 20 de março, às três horas da madrugada, Orlando tinha dado à luz um filho[244] num parto normal.

Mais uma vez Orlando se encontrava à janela, mas que o leitor não se assuste: nada parecido vai acontecer hoje, que de modo algum é o mesmo dia. Não, pois, se olharmos pela janela, como Orlando estava fazendo, veremos que a própria Park Lane tinha mudado consideravelmente. Na verdade, podia se ficar ali por dez minutos ou mais, como Orlando, sem ver uma única caleche. "Olhe aquilo!", ela exclamou, alguns dias depois, quando uma absurda carruagem truncada, sem cavalos, passou deslizando por conta própria. Uma carruagem sem cavalos, imagine só! Foi chamada tão logo disse isso, mas voltou após algum tempo e olhou de novo para fora. O tempo andava bastante esquisito. O céu mesmo, ela não podia deixar de pensar, havia mudado. Já não era tão espesso, tão impregnado de água, tão prismático agora que o rei Eduardo — veja, lá estava ele, descendo de seu elegante coche de quatro rodas para visitar certa senhora do outro lado da rua[245] — sucedera à rainha Vitória. As nuvens tinham se reduzido a uma tênue gaze, o céu parecia feito de metal, que nos dias de calor ganhava tons de azinhavre, cobre ou cor de laranja, como ocorre com os metais em meio a um nevoeiro. Era um pouco alarmante essa redução. Tudo parecia ter encolhido. Passando diante do palácio de Buckingham na noite anterior, não havia sinal de todo aquele vasto aparato que ela julgara ser eterno: cartolas, trajes de luto, trombetas,

telescópios, coroas funerárias, tudo havia desaparecido sem deixar marca, ou mesmo uma poça, na calçada. Mas, agora — após outro intervalo ela regressara a seu lugar predileto na janela —, era à noite que a mudança se tornava mais notável. Veja as luzes nas casas! Com um único toque, todo um aposento se iluminava. Centenas de aposentos se iluminavam. E um era exatamente como o outro. Podia se ver tudo naquelas pequenas caixas quadradas; não havia nenhuma privacidade, nenhuma das sombras persistentes ou dos cantos estranhos que costumava haver; nenhuma mulher de avental carregando lâmpadas instáveis que depositava cuidadosamente sobre este ou aquele móvel. Com um mero toque, o aposento resplandecia por inteiro. E o céu permanecia claro durante toda a noite. E as ruas eram claras, tudo era claro. Ela voltou ao meio-dia. Como as mulheres tinham ficado delgadas ultimamente! Pareciam pés de milho, retas, reluzentes, idênticas. E os rostos dos homens eram tão lisos quanto a palma da mão. A secura da atmosfera realçava as cores de todas as coisas e dava a impressão de fortalecer os músculos das bochechas. Era mais difícil chorar agora. A água esquentava em dois segundos. As heras tinham morrido ou sido raspadas das casas. As plantas eram menos férteis; as famílias, bem menores. As cortinas e capas de móveis tinham sido eliminadas, e as paredes eram nuas a fim de que os novos quadros brilhantemente coloridos, representando coisas reais como ruas, guarda-chuvas e maçãs, fossem pendurados com suas molduras ou as figuras, pintadas diretamente nos lambris. Havia algo definitivo e singular nessa época que lhe lembrava o século XVIII, exceto por existir uma perturbação emocional, um desespero… enquanto pensava nisso, o túnel imensamente longo em que parecia estar viajando por centenas de anos se alargou; a luz penetrou nele; seus pensamentos se tornaram misteriosamente hirtos e tensos, como se um afinador de piano houvesse posto a chave em suas costas e retesado ao máximo os nervos; ao mesmo tempo, sua audição ganhou em acuidade — podia ouvir cada murmúrio e cada estalido na sala, de modo que o tiquetaque do relógio em cima da lareira soava como um martelo. E assim, durante alguns segundos, a luz se tornou mais e mais brilhante, e ela viu tudo mais e mais claramente, e o relógio tiquetaqueou mais e mais alto até que ocorreu uma tremenda explosão junto ao seu ouvido. Orlando deu um salto como se houvesse sido golpeada violentamente na cabeça. Foi atingida dez vezes. Na verdade, eram dez horas da manhã. Do dia 11 de outubro. Do ano de 1928.[246] Era o momento

presente.

Ninguém precisa se surpreender por Orlando ter se assustado, levando a mão ao coração e empalidecendo. Pois pode haver revelação mais terrível de que se saber no momento presente? O fato de sobrevivermos ao choque só é possível porque o passado nos protege de um lado e o futuro de outro. Mas não temos tempo agora para reflexões, Orlando já está atrasadíssima. Correu escada abaixo, pulou no seu carro, apertou o botão de arranque e partiu. Imensos blocos azuis de edifícios se ergueram à sua frente; os capelos vermelhos das chaminés surgiam aqui e ali contra o pano de fundo do céu; a rua brilhava como pregos de cabeças prateadas; os ônibus se aproximavam ameaçadoramente com motoristas de caras brancas, parecendo esculpidas; reparou em esponjas, gaiolas de pássaros, caixas de tecido americano de cor verde. No entanto, não permitiu que essas visões penetrassem nem um centímetro em sua mente enquanto atravessava a estreita prancha do presente, dado o receio de cair na tumultuosa torrente abaixo de seus pés. "Por que você não olha para onde vai? Põe a mão para fora, ou nem isso pode fazer?" — foi tudo que disse com rispidez, as palavras como se arrancadas de dentro dela. Pois as ruas estavam tomadas por gente que atravessava sem olhar para onde ia, que zumbia como abelhas em volta das janelas de vidro laminado através das quais se podia ver um brilho vermelho, um fulgor amarelo. Mas sua divagação de que as pessoas eram abelhas foi brutalmente interrompida e, retomando a perspectiva com um golpe de vista, ela viu que se tratava de corpos humanos. "Por que não olham para onde vão?", disse asperamente.

Por fim, contudo, parou diante da Marshall & Snelgrove[247] e entrou na loja. Foi envolvida por sombras e aromas. O presente se desprendeu dela como pingos de água fervente. A luz oscilava para cima e para baixo como panos finos sacudidos por uma brisa de verão. Ela tirou uma lista da bolsa e começou a ler numa voz de início curiosamente emperrada, como se estivesse querendo reter as palavras — sais de banho, sapatos de menino, sardinhas — debaixo de uma torneira de onde saía água multicolorida. Observou as cores mudando quando a luz caía sobre a água. Banhos e botinhas ficaram abobalhados, obtusos; as sardinhas foram separadas com um serrote. Ela continuou no andar térreo da Marshall & Snelgrove, olhando para um lado e para o outro, sentindo ora um perfume, ora outro, e assim se passaram alguns segundos. Tomou então o elevador pela simples razão de que sua porta estava aberta, sendo levada veloz e suavemente

para cima. A própria textura da vida agora é mágica, ela pensou enquanto subia. No século XVIII sabíamos como tudo era feito. Mas aqui estou eu subindo pelos ares; ouço vozes vindas dos Estados Unidos; vejo homens voando — porém não consigo nem imaginar como isso se faz, com o que retorna minha crença na magia. O elevador deu um ligeiro solavanco ao parar no primeiro andar, e ela viu de relance inúmeros tecidos coloridos tremulando numa brisa que trazia estranhos aromas e, cada vez que o elevador parava e abria as portas, uma nova fatia do mundo era mostrada com todos os cheiros daquele mundo ainda presentes. Isso lhe trazia à lembrança o rio em frente a Wapping no tempo da rainha Elizabeth, onde ancoravam as embarcações que traziam tesouros e os navios mercantes. Que cheiros intensos e estranhos subiam deles! Recordava-se muito bem da sensação dos rubis em estado bruto correndo por entre seus dedos quando metia a mão num saco de tesouro! E depois ia se deitar com Sukey — ou qualquer que fosse o nome dela — até serem flagrados pela lanterna de Cumberland! Os Cumberland tinham agora uma casa em Portland Place, onde ela almoçara alguns dias antes e se atrevera a fazer uma piadinha com o velho senhor sobre asilos na Sheen Road. Ele piscara o olho. Mas ali, como o elevador não podia ir mais acima, ela precisava saltar — só Deus sabe em que "departamento", como costumavam chamá-los. Parou para consultar a lista de compras, porém não conseguiu ver por ali nenhuma das coisas, sais de banho ou botas de menino, que dela constavam. Na verdade, já estava prestes a descer sem comprar nada, mas foi salva de tamanho fiasco ao ler automaticamente em voz alta o último item da lista, que por acaso era "lençóis para cama de casal".

"Lençóis para cama de casal", ela disse para um homem atrás do balcão; e, por um ato da providência divina, eram lençóis que o indivíduo atrás daquele exato balcão vendia. Por causa de Grimsditch, não, Grimsditch tinha morrido; Bartholomew, não, Bartholomew tinha morrido; então por causa de Louise[248] — Louise a procurara alguns dias antes muito aflita porque havia descoberto um buraco na parte de baixo do lençol do leito real. Muitos reis e rainhas haviam dormido ali — Elizabeth, Jaime, Carlos, Jorge, Vitória, Eduardo, não sendo assim de admirar que o lençol tivesse um buraco. Mas Louise estava convencida de quem o fizera. Tinha sido o príncipe consorte.

"*Sale bosch!*", ela disse (pois tinha havido outra guerra, dessa vez contra os alemães).

"Lençóis para cama de casal", Orlando repetiu sonhadora, para uma cama de casal com uma colcha prateada num quarto decorado com um gosto que agora lhe parecia talvez um pouco vulgar — todo em prata;[249] porém ela o mobiliara quando tinha verdadeira paixão por aquele metal. Enquanto o homem foi buscar os lençóis para cama de casal, ela pegou um espelhinho e uma esponja de pó de arroz. As mulheres, pensou ao se empoar despreocupadamente, não eram mais tão recatadas quanto no tempo em que se transformara em mulher e repousava no convés do *Enamoured Lady*. Deu ao nariz o exato tom que desejava. Nunca tocava os lados do rosto. Honestamente, embora tivesse agora trinta e seis anos, não dava a impressão de ter envelhecido nem um pouquinho. Parecia tão amuada, tão rabugenta, tão bonita e tão rosada (como uma árvore de Natal com um milhão de velinhas, Sasha havia dito) como naquele dia sobre o gelo, quando o Tâmisa ficara congelado e eles tinham ido patinar…

"O melhor linho irlandês, minha senhora", disse o vendedor, exibindo as peças sobre o balcão… e eles tinham encontrado uma velha coletando gravetos. Nesse momento, enquanto apalpava o linho distraída, uma das portas de vaivém que separava os departamentos se abriu e deixou passar, talvez da seção de artigos de luxo, um leve perfume de cera, como se vindo de velas cor-de-rosa, que envolveu como uma concha certa figura — seria um rapaz ou uma moça? — jovem, esbelta, sedutora — uma moça, meu Deus!, coberta de peles e pérolas, vestindo calças russas… Mas infiel, infiel!

"Infiel!", exclamou Orlando (o homem não estava por perto), e toda a loja pareceu balançar e jogar sobre a água amarelada, e à distância ela viu os mastros do navio russo zarpando para o mar alto, e então, milagrosamente (talvez a porta tivesse sido aberta de novo), a concha criada pelo perfume se transformou numa plataforma, num tablado, do qual desceu uma mulher gorda, envolta em peles, maravilhosamente bem conservada, sedutora, portando um diadema, a amante de um grão-duque. Ela, que, debruçada sobre a amurada nas margens do Volga e comendo sanduíches, tinha visto homens se afogarem, começou a caminhar pela loja na sua direção.

"Ah, Sasha!", gritou Orlando. Ficou realmente chocada ao ver a que ponto ela chegara, assim tão gorda, tão letárgica. E baixou a cabeça sobre o linho a fim de que pudesse passar às suas costas, sem ser vista, aquela

aparição de uma mulher cinzenta, envolta em peles, e de uma moça vestindo calças russas, com todos os cheiros de velas de cera, flores brancas e velhos navios que trazia consigo.

"A senhora deseja algum guardanapo, toalha, guarda-pó?", persistiu o vendedor. E a lista de compras, consultada por Orlando, merece todo o crédito por lhe permitir responder com total compostura que só havia uma coisa no mundo que ela desejava, e eram sais de banho. Encontrados em outro departamento.

Entretanto, ao descer no elevador — tão insidiosa é a repetição de qualquer cena —, ela mais uma vez mergulhou muito abaixo do momento presente; e, quando o elevador fez um ruído ao parar no térreo, pensou ter ouvido um pote se quebrar contra a ribanceira do rio. Em vez de procurar o departamento correto, qualquer que fosse, permaneceu absorta em meio às bolsas, sem atentar para as sugestões de todos os vendedores corteses, vestidos de preto, bem penteados e joviais que, tanto quanto ela, provinham das profundezas do passado, talvez até com igual orgulho, mas haviam preferido deixar baixar o impenetrável anteparo do presente a fim de se apresentarem apenas como empregados da loja Marshall & Snelgrove. Orlando lá ficou, hesitante. Através das grandes portas de vidro podia ver o tráfego na Oxford Street. Os ônibus pareciam se amontoar uns sobre os outros, até se afastarem aos solavancos. Assim tinham se entrechocado os blocos de gelo naquele dia no Tâmisa. Um nobre idoso calçando chinelos de pele vinha cavalgando um deles. Passou — e ela era capaz de vê-lo agora — praguejando contra os rebeldes irlandeses. Havia afundado ali, onde o carro dela se encontrava.

"O tempo me alcançou", pensou, tentando se controlar, "essa é a chegada da meia-idade. Que estranho! Nada é mais uma única coisa. Pego uma bolsa e penso na velha que vendia maçãs num bote e ficou congelada dentro do rio. Alguém acende uma vela cor-de-rosa e vejo uma moça vestindo calças russas. Ao sair para a rua, como estou fazendo agora", nesse ponto, pisou na calçada da Oxford Street, "que gosto sinto? De pequenas ervas. Ouço o sininho das cabras. Vejo montanhas. Turquia? Índia? Pérsia?" Seus olhos se encheram de lágrimas.

Que Orlando havia se distanciado um pouco demais do momento presente talvez fique claro para o leitor ao vê-la se preparar para entrar no carro com os olhos cheios de lágrimas e de visões das montanhas persas. E, na verdade, não se pode negar que os mais bem-sucedidos praticantes da

arte de viver, diga-se de passagem quase sempre pessoas desconhecidas, de algum modo conseguem sincronizar os sessenta ou setenta tempos diferentes que operam simultaneamente em qualquer sistema humano normal, de forma que, quando soam as onze horas, todo o restante repica em uníssono, e o presente não é uma perturbação violenta nem algo completamente esquecido no passado. Deles se pode dizer com justiça que viveram precisamente os sessenta e oito ou setenta e dois anos registrados na lápide. Dos demais, alguns sabemos estarem mortos embora circulem em nosso meio; alguns não nasceram ainda, embora assumam todas as formas de vida; outros têm centenas de anos embora admitam ter apenas trinta e seis. A verdadeira duração da vida de uma pessoa, conste o que constar no *Dictionary of National Biography*,[250] é sempre discutível. Pois esse negócio de marcar o tempo é algo bem difícil, e nada o estorva mais rapidamente do que o contato com qualquer das artes; e talvez tenha sido seu amor pela poesia o culpado por fazer Orlando perder a lista de compras e voltar para casa sem as sardinhas, os sais de banho ou as botinhas. Agora que segurava a maçaneta da porta do carro, o presente voltou a golpeá-la na cabeça. Foi atingida violentamente onze vezes.

"Que diabo!", exclamou, pois é um grande choque para o sistema nervoso ouvir um relógio dar a hora — tanto assim que, por algum tempo, não há o que dizer sobre ela senão que franziu um pouco a testa, executou as mudanças de marcha admiravelmente e gritou como antes: "Olhe para onde vai!", "Não sabe o que quer?", "Então por que não diz isso logo?", enquanto o carro arrancou, mudou de pista, se espremeu e deslizou, porque ela era uma exímia motorista, descendo a Regent Street, Haymarket, a Northumberland Avenue, cruzando a ponte de Westminster, à esquerda, em frente, à direita, outra vez em frente…

O trânsito na Old Kent Road estava muito pesado naquela quinta-feira, 11 de outubro de 1928. As pessoas não cabiam nas calçadas. Havia mulheres com sacolas de compras. Crianças corriam. Liquidações nas lojas de tecidos. As ruas se alargavam e se estreitavam. As vistas mais amplas davam lugar ao casario cerrado. Aqui ficava um mercado. Acolá passava um cortejo fúnebre. Mais adiante uma procissão, com estandartes onde se lia: "Mo… Des…", e que mais? A carne era muito vermelha. Açougueiros de pé na porta. As mulheres praticamente não usavam salto alto. Amor Vin… isso acima de um pórtico. Uma mulher olhava da janela de um quarto de dormir, imóvel e profundamente contemplativa. Applejohn e

Applebed, Casa Fune…[251] Não se podia ver nada por inteiro ou ler do começo ao fim. O que se começava a observar — como dois amigos se encontrando ainda em lados opostos da rua — nunca se veria terminado. Depois de vinte minutos, o corpo e a mente eram como pedaços de papel rasgado que caíssem de um saco, pois, de fato, o processo de sair de Londres dirigindo depressa se assemelha tanto à fragmentação da identidade que precede a inconsciência, e talvez à própria morte, que é debatível em que sentido se pode dizer que Orlando de fato existia naquele momento. Com efeito, poderíamos considerá-la uma pessoa totalmente desintegrada se, por fim, uma tela verde não tivesse sido erguida à direita, contra a qual os pedacinhos de papel caíam mais devagar; e então outra foi levantada à esquerda, de modo que era possível ver os papeluchos revoluteando no ar por conta própria; e mais adiante as telas verdes se tornaram contínuas em ambos os lados da estrada, fazendo com que sua mente readquirisse a ilusão de ter as coisas sob controle, e ela viu um chalé, um terreiro de fazenda e quatro vacas, todas exatamente em tamanho natural.

Quando isso aconteceu, Orlando soltou um suspiro de alívio, acendeu um cigarro e fumou em silêncio por um ou dois minutos. Chamou então numa voz hesitante, como se a pessoa que procurava não estivesse ali: "Orlando?". Pois, se há (digamos) setenta e seis tempos diferentes tiquetaqueando na mente de forma simultânea, quantas pessoas diferentes, numa ou noutra ocasião, não habitarão — que os céus nos protejam — o espírito humano? Alguns dizem que somam duas mil e cinquenta e duas. Razão pela qual a coisa mais comum no mundo é que uma pessoa chame, diretamente se está só, Orlando? (caso seja esse seu nome), querendo com isso dizer "Escute, escute!, já estou enfarada deste eu específico. Desejo outro". Daí as mudanças incríveis que observamos em nossos amigos. Mas também não é tão fácil assim porque, embora alguém possa dizer, como disse Orlando (estando no campo e presumivelmente necessitando de outro eu), "Orlando?", apesar disso o Orlando de que ela precisa pode não vir; esses eus de que somos compostos, um em cima do outro como pratos empilhados na mão de um garçom, têm relacionamentos em outros lugares, simpatias, pequenos códigos e direitos próprios, como quer que os chamemos (e, para muitas dessas coisas, não há palavras que as definam); por isso, um deles só virá se estiver chovendo, outro se for numa sala com cortinas verdes, outro ainda quando a sra. Jones não estiver presente,

outro mais se lhe for prometido um copo de vinho — e por aí vai, pois cada pessoa pode reproduzir, com base em sua experiência, os diferentes acertos que fez com seus diversos eus, sendo alguns tão assombrosamente ridículos que nem podem ser mencionados em letra de fôrma.

Assim, ao fazer a curva perto do celeiro, Orlando chamou "Orlando?" num tom pouco convicto e aguardou. Orlando não veio.[252]

"Então está bem", disse Orlando, com o bom humor que as pessoas demonstram nessas ocasiões, e tentou outro. Porque tinha uma grande variedade de eus capazes de ser convocados, muito mais do que pudemos encontrar espaço para relatar, já que uma biografia é considerada completa se apenas cuida de seis os sete eus, embora cada indivíduo possa ter muitos milhares deles. Havendo escolhido somente os eus que dispúnhamos de espaço para tratar, Orlando poderia ter chamado agora o menino que fizera tombar a cabeça do negro; o menino que voltara a pendurá-la; o menino que viu o poeta; o menino que ofereceu à rainha a tigela de água de rosas. Ou poderia ter chamado o jovem que se apaixonou por Sasha; ou o cortesão; ou o embaixador; ou o soldado; ou o viajante; ou poderia ter desejado a presença de uma mulher; a cigana; a dama da corte; a eremita; a moça apaixonada pela vida; a benfeitora das letras; a mulher que convocava Mar (significando banhos quentes e fogueiras à noite) ou Shelmerdine (significando açafrões nos bosques outonais) ou Bonthrop (significando a morte que morremos diariamente) ou os três juntos — o que significava mais coisas do que temos espaço para listar. Todos eram diferentes, e ela poderia ter recorrido a qualquer um deles.

Talvez, mas o que parecia certo (pois nos encontramos agora no terreno do "talvez" e do "parece") é que o eu de que Orlando mais necessitava se mantinha distante, pois, a julgar pelo que dizia, ela estava trocando de eus tão depressa quanto dirigia — havia um novo a cada curva —, como ocorre quando, por alguma razão inexplicável, o eu consciente, que está acima dos demais e tem o poder de desejar, nada mais quer do que ser o único presente. É isso que certas pessoas chamam de eu verdadeiro, segundo elas o conjunto de todos os eus que temos dentro de nós, chefiados e aprisionados pelo eu-comandante, o eu-chave, que amalgama e controla todos os outros. Orlando sem dúvida estava procurando por esse eu, como o leitor pode avaliar ao ouvi-la falar enquanto dirigia (e, caso se trate de palavras desconexas, sem sentido, triviais, tediosas e às vezes ininteligíveis, a culpa é do leitor por ficar escutando uma senhora

conversar consigo mesma; nós apenas copiamos o que é dito, acrescentando entre colchetes qual é o eu que em nossa opinião está falando, podendo muito bem errar ao identificá-los).

"Então o quê? Então quem?",[253] disse ela. "Trinta e seis anos; num carro; uma mulher. Sim, mas também um milhão de outras coisas. Sou uma esnobe? A jarreteira no salão? Os leopardos? Meus ancestrais? Orgulhosa deles? Sim! Ávida, sensual, maliciosa? Será? (aqui entra um novo eu). Não ligo nem um pouco se for. Confiável? Acho que sim. Generosa? Ah, mas isso não conta (aqui entra um novo eu). Ficar deitada na cama de manhã em meio aos lençóis de fino linho ouvindo os pombos; baixela de prata; vinho; criadas, lacaios. Mimada? Talvez. Coisas demais para nada. Daí meus livros (mencionando nesse ponto cinquenta títulos clássicos que representavam, assim pensamos, as primeiras obras românticas que ela havia rasgado). Superficial, volúvel, romântica. Mas (aqui entra um novo eu) desajeitada e estabanada. Não poderia ser mais desastrada. E... e... (aqui hesitou em busca de uma palavra e, se sugerirmos "amor", talvez estejamos enganados, porém certamente ela riu e corou, exclamando depois...). Uma rã cravejada de esmeraldas! Harry, o arquiduque! Varejeiras azuis no teto! (aqui entra um novo eu). Mas Nell, Kit, Sasha? (ficou triste: lágrimas se formaram, embora havia muito ela tivesse parado de chorar). Árvores (aqui entra um novo eu). Amo as árvores (passava por um bosque) que crescem ali há mil anos. E celeiros (passou por um celeiro caindo aos pedaços na beira da estrada). E cães pastores (um atravessava a estrada trotando. Ela o evitou cuidadosamente). E a noite. Mas gente (aqui entra um novo eu)... Gente? (Repetiu em forma de pergunta.) Sei lá. Tagarelas, rancorosos, sempre contando mentiras. (Nesse momento entrou na rua mais importante de sua cidade natal, que estava apinhada porque era dia de feira, com fazendeiros, pastores e velhas carregando galinhas em cestas.) Gosto de camponeses. Entendo de plantações. Mas (aqui outro eu entra saltando por cima do topo de sua mente como o feixe de luz de um farol)... Fama! (Ela riu.) Fama! Sete edições. Um prêmio. Fotografias nos jornais da tarde (aqui alude a "O carvalho" e ao prêmio Burdett-Coutts[254] que ganhara; e devemos roubar algum espaço a fim de observar como é perturbador para seu biógrafo que o clímax ao qual todo o livro se encaminhou, esta peroração com que o livro deveria terminar, possa ser destruído por um riso casual como este; mas a verdade é que, quando escrevemos sobre uma

mulher, tudo fica fora de lugar — o clímax e as perorações, o acento nunca cai onde cairia no caso de um homem). Fama! (Ela repetiu.) Um poeta — um charlatão, ambos todas as manhãs, tão regularmente quanto a chegada do carteiro. Jantar, se encontrar; se encontrar, jantar; fama… fama! (Teve de reduzir a velocidade para passar em meio à multidão na feira. Mas ninguém reparou nela. Um boto numa peixaria[255] atraía mais atenção do que uma mulher que ganhou um prêmio e poderia, caso assim quisesse, usar na cabeça três pequenas coroas, uma em cima da outra.) Dirigindo agora bem devagar, cantarolou baixinho como se fosse parte de uma velha canção: "Com os guinéus que ganhei vou comprar árvores floridas, árvores floridas, árvores floridas, e vou passear entre minhas árvores floridas e dizer a meus filhos o que é a fama". Assim cantarolou, e todas as palavras começaram a afundar aqui e ali como o colar de um selvagem com contas muito pesadas. "E vou caminhar entre minhas árvores floridas", ela cantou, enfatizando as palavras, "e verei a lua se levantar sem pressa, as carroças partirem…" Parou nesse momento e olhou com grande atenção para o capô do carro, em profunda meditação.

"Ele se sentou à mesa de Twitchett", recordou, "com a gola suja… era o velho sr. Baker que vinha medir a lenha? Ou era Sh…p…re?" (Porque, ao falar nomes que reverenciamos profundamente, nunca os pronunciamos por inteiro.) Ficou olhando fixo para a frente por uns dez minutos, deixando o carro quase parar.

"Sortilégio!", exclamou, pisando de repente no acelerador. "Sortilégio! Desde que eu era uma criança. Lá vai o ganso selvagem.[256] Passa voando em frente à janela e segue para o mar. Eu pulei (agarra o volante com mais força) e me estiquei para pegá-lo. Mas ele voava rápido demais. Eu o vi aqui… lá… em todos os lugares… Inglaterra, Pérsia, Itália. Sempre voa rápido na direção do mar e eu sempre atiro atrás dele palavras como se fossem redes (nesse ponto pôs a mão para fora), que murcham como as que chegam ao convés trazendo apenas algas; e, às vezes, há alguns centímetros de prata — seis palavras — no fundo da rede. Mas nunca o grande peixe que vive nos bosques de coral." Nesse momento ela curvou a cabeça, imersa em meditações.

E foi nesse momento, quando cessara de chamar "Orlando" e estava mergulhada em outros pensamentos, que o Orlando que convocara apareceu de moto próprio, tal como comprovado pela mudança que se operou nela (havia passado pelos portões da propriedade e entrava no

parque).

Todo o seu ser se tornou mais sombrio e se estabilizou, como quando se cobre uma superfície com uma lâmina para torná-la mais lisa e mais sólida; o que é raso se torna profundo, o que está perto, distante; e tudo fica represado como a água é contida pelas paredes de um poço. Assim, agora mais circunspecta e mais tranquila, ela se tornou, com a adição daquele Orlando, o que é chamado, certo ou errado, de um eu único, o verdadeiro eu. E ficou em silêncio. Pois é provável que, quando as pessoas falam em voz alta, os eus (cujo número pode ser superior a dois mil) se conscientizem de sua individualidade e tentem se comunicar, mas se calam quando a comunicação volta a ser estabelecida.

Habilmente, velozmente, ela percorreu a alameda sinuosa entre olmos e carvalhos pelo gramado do parque, cujo declive era tão suave que, se feito de água, teria coberto a praia como uma maré verde e lisa. Aqui e ali havia grupos solenes de faias e de carvalhos. Os veados circulavam entre as árvores, um branco como a neve, outro com a cabeça torta porque seus chifres haviam se prendido em alguma cerca de arame. Tudo aquilo, as árvores, os veados, o gramado, ela observou com imensa satisfação, como se sua mente houvesse se transformado num líquido que fluísse em volta das coisas e as cercasse inteiramente. Um minuto depois parou no pátio onde, por tantas centenas de anos, chegara a cavalo ou numa carruagem puxada por seis cavalos, com homens cavalgando à frente ou atrás; onde plumas haviam se agitado e tochas ardido, e as mesmas árvores que agora deixavam suas folhas cair tinham florescido a cada ano. Estava a sós. As folhas de outono tombavam sem cessar. O porteiro abriu os grandes portões. “Bom dia, James”, disse ela, “há algumas coisas no carro. Pode trazê-las para dentro?” Palavras sem qualquer beleza, interesse ou importância em si mesmas, cumpre admitir, porém agora tão carregadas de significado que caíam como nozes maduras de uma árvore, comprovando que, quando se dá valor especial às coisas banais, sua pele encarquilhada satisfaz surpreendentemente os sentidos. Isso era agora verdadeiro com respeito a todas as ações e gestos, por mais corriqueiros que fossem, de modo que ver Orlando trocar a saia por calças de veludo cotelê e uma jaqueta de couro, o que fez em menos de três minutos, era se encantar com a beleza dos movimentos, como se Madame Lopokova[257] exibisse seus supremos dons artísticos. Entrou então na sala de jantar onde os velhos amigos Dryden, Pope, Swift e Addison a olharam de início timidamente,

sem saber quem deveria dizer "Eis aqui a vencedora do prêmio!"; mas, quando refletiram que estavam em jogo duzentos guinéus, sacudiram a cabeça em aprovação. Duzentos guinéus, pareciam dizer, duzentos guinéus não é coisa com que se brinque. Ela cortou uma fatia de pão e de presunto, juntou as duas e começou a comer caminhando a passos largos de uma ponta à outra da sala, e com isso ignorou num segundo, sem perceber, suas boas maneiras de anfitriã. Depois de cinco ou seis voltas, bebeu de um gole um copo de vinho tinto espanhol[258] e, enchendo outro que carregou consigo, atravessou o longo corredor e uma dúzia de salas de estar, iniciando uma perambulação pela casa na companhia de tantos caçadores de alce e *spaniels* quantos mostraram o desejo de segui-la.

Isso também fazia parte de sua rotina diária. Era mais fácil chegar e sair sem beijar sua avó do que visitar a casa sem percorrer todos os aposentos. Tinha a impressão de que, ao entrar, eles se iluminavam, que despertavam e abriam os olhos como se estivessem dormitando em sua ausência. Imaginava também que, conquanto os tivesse visto centenas ou mesmo milhares de vezes, eles nunca pareciam iguais, como se numa vida tão longa houvessem armazenado uma miríade de humores, que se alteravam com o inverno ou o verão, tempo bom ou fechado, os altos e baixos da vida dela e até o temperamento das pessoas que acolhiam. Sempre corteses com estranhos, mas um pouco enfastiados: com ela, eram totalmente francos e ficavam à vontade. Na verdade, por que não? Conheciam-se por quase quatro séculos. Nada tinham a esconder. Ela conhecia suas tristezas e alegrias. Sabia a idade de cada parte deles e seus pequenos segredos — uma gaveta oculta, um armário escondido, ou talvez algum defeito, tal como um reparo ou um acréscimo mais recente. Eles também conheciam todos os seus estados de espírito e transformações. Nada escondera deles; lá estivera como menino e mulher, chorando e dançando, melancolicamente pensativa e alegre. Naquele banco de janela[259] escrevera seus primeiros versos; naquela capela se casara. E lá seria enterrada, refletiu, ajoelhando-se no peitoril da janela da longa galeria e bebericando o vinho espanhol. Embora não pudesse imaginar isso, o corpo do leopardo heráldico estaria fazendo manchas amarelas no chão no dia em que a deitariam ao lado de seus antepassados. Ela, que não acreditava na imortalidade, não podia deixar de sentir que sua alma vagaria para sempre em meio ao vermelho dos painéis e o verde dos sofás. Pois o aposento — acabara de entrar no quarto de dormir do embaixador — brilhava como

uma concha que, tendo permanecido por séculos no fundo do mar, havia sido incrustada de sal e pintada pela água com um milhão de tons. O quarto era rosa e amarelo, verde e cor de areia. Frágil, iridescente e vazio como uma concha. Nenhum embaixador voltaria a dormir ali. Ah, mas ela sabia onde ainda batia o coração da casa. Abrindo docemente uma porta, parou no limiar para que (assim imaginava) o cômodo não pudesse vê-la, e contemplou a tapeçaria arfando sob a brisa suave e eterna que nunca deixava de agitá-la. O caçador cavalgava ainda, Dafne voava ainda. O coração não cessara de bater, pensou, embora debilmente, embora tão longínquo, o frágil e indomável coração do imenso edifício.

Chamando toda a sua tropa de cachorros, desceu a galeria cujo assoalho era feito de carvalhos inteiros serrados ao meio. Fileiras de poltronas, com os forros de veludo desbotados, estavam alinhadas contra as paredes de braços abertos para receber Elizabeth, James, quem sabe Shakespeare, Cecil, que nunca vinham. A visão a entristeceu. Desatou a corda que as cercava. Sentou-se na poltrona da rainha; abriu um livro manuscrito que se encontrava sobre a mesa de Lady Betty; remexeu com os dedos as velhas pétalas de rosas; alisou os cabelos curtos com as escovas de prata do rei Jaime; sacudiu-se para cima e para baixo na cama dele (mas nenhum rei voltaria a dormir lá, apesar dos lençóis novos de Louise) e apertou o rosto contra a gasta colcha prateada que cobria o leito. Mas por toda parte havia saquinhos de alfazema para afastar as traças e avisos impressos "Favor não tocar", os quais, embora postos ali por ela própria, pareciam repreendê-la. A casa já não era mais inteiramente sua, suspirou. Pertencia agora ao tempo, à história, escapara ao contato e ao controle das pessoas vivas. Jamais a cerveja voltaria a se derramar ali, ela pensou (estando no quarto que fora ocupado por Nick Greene), ou buracos voltariam a ser queimados no carpete. Jamais duzentos criados viriam correndo e fazendo burburinho pelos corredores com braseiros e grandes toras para as enormes lareiras. Jamais se fermentaria cerveja, fabricariam velas, costurariam selas e talhariam pedras nas oficinas de fora da casa. Martelos e marretas estavam agora silentes. Cadeiras e camas estavam vazias, canecas de prata e ouro, trancadas em vitrines. As grandes asas do silêncio batiam de cima a baixo na casa deserta.

Sentou-se por fim numa das extremidades da galeria, na dura poltrona da rainha Elizabeth, com os cachorros deitados ao seu redor. A galeria se estendia até um ponto onde a luz quase não alcançava. Era um túnel

escavado profundamente no passado. Enquanto a contemplava, podia ver pessoas rindo e conversando; os grandes homens que conhecera; Dryden, Swift e Pope; os estadistas em colóquio; amantes flertando nos bancos das janelas; gente comendo e bebendo nas longas mesas; e a fumaça da lenha voluteando em torno de suas cabeças e fazendo-os espirrar e tossir. Mais longe, grupos de esplêndidos dançarinos se preparavam para a quadrilha.

Uma música frágil e aflautada, mas mesmo assim imponente, começou a tocar. Um órgão ribombou. Um caixão foi trazido para a capela. Um cortejo de casamento de lá saiu. Homens armados e usando elmos partiram para as guerras. Trouxeram estandartes de Flodden e de Poitiers, pendurando-os nas paredes. A longa galeria ficou repleta e, olhando ainda mais adiante, ela imaginou divisar, bem ao fundo, atrás dos elisabetanos e dos Tudor, alguém mais velho, mais distante, mais sombrio, uma figura encapuzada, monástica, severa, um religioso que caminhava segurando um livro com as duas mãos, murmurando…

Como um trovão, o relógio do estábulo deu quatro horas. Nunca um terremoto demoliu tão rapidamente uma cidade inteira. A galeria e todos os seus ocupantes viraram pó. Seu próprio rosto, que permanecera sombrio e fechado enquanto ela contemplava a cena, foi iluminado como se por uma explosão de pólvora. Nessa mesma luz, tudo que havia por perto ganhou extrema nitidez. Viu duas moscas voando em círculos e notou o brilho azul de seus corpos; viu um nó na madeira onde seu pé repousava e a orelha de seu cachorro tremelicando. Ao mesmo tempo, ouviu um galho estalar no jardim, uma ovelha tossir no parque, um andorinhão crocitar ao passar voando pela janela. Seu próprio corpo estremeceu e vibrou como se de repente ela se encontrasse nua em meio a uma nevasca. No entanto, ao contrário do que ocorrera em Londres quando o relógio deu dez horas, dessa vez ela se manteve serena (pois agora era una e inteira, talvez apresentando uma superfície maior para o choque do tempo). Ergueu-se, mas sem precipitação, chamou os cachorros e, com firmeza e movimentos ágeis, desceu as escadas e saiu para o jardim. As sombras das plantas eram miraculosamente nítidas. Notou os grãos de terra nos canteiros como se estivesse usando um microscópio. Viu como eram complexas as ramagens de cada árvore. Cada folha de grama era diferente, assim como o desenho das nervuras e das pétalas. Viu Stubbs, o jardineiro, vindo pela aleia, e cada botão de suas perneiras era visível; viu Betty e Prince, os cavalos da carroça, e nunca reparara tão claramente na estrela branca na testa de

Betty ou os três pelos mais longos que os demais na cauda de Prince. No pátio, as velhas paredes cinzentas da casa lembravam uma fotografia recente mas arranhada; ouviu o alto-falante reproduzindo no terraço uma música de dança que estava sendo ouvida em Viena na ópera[260] forrada de veludo vermelho. Revigorada e estimulada pelo momento presente, ela também se sentia estranhamente temerosa, como se, quando o golfo do tempo se abrisse e deixasse penetrar um segundo que fosse, junto com ele entraria algum perigo desconhecido. A tensão era constante e intensa demais para ser suportada por longo período sem causar desconforto. Caminhou mais depressa do que gostaria, como se suas pernas tivessem o comando do corpo, atravessando o jardim e saindo para o parque. Com grande esforço, obrigou-se a parar na oficina do carpinteiro e lá ficar imóvel observando Joe Stubbs fazer uma roda de carroça. Estava de pé, com os olhos fixos na mão dele, quando soou o quarto de hora. Aquilo a atingiu como um meteoro, tão quente que é impossível segurá-lo nas mãos. Viu com repugnante nitidez que faltava a unha no polegar da mão direita de Stubbs e, em seu lugar, havia uma rodela inflamada de carne rosada. A visão foi tão nauseabunda que ela sentiu por um momento que ia desmaiar, mas, na obscuridade daquele instante, quando suas pálpebras se abriram e fecharam, ficou aliviada da pressão do presente. Havia algo de estranho na sombra feita por seu piscar de olhos, algo que (como qualquer pessoa pode testar olhando agora mesmo para o céu) está sempre ausente do presente — daí seu terror, seu caráter indescritível —, algo que a gente receia furar com um alfinete ao lhe dar um nome e chamar de beleza, pois não tem corpo, é uma sombra sem substância ou qualidades próprias, embora tenha o poder de mudar tudo a que se junte. Enquanto em sua tontura ela piscava os olhos na carpintaria, aquela sombra saiu furtivamente e, unindo-se às inúmeras visões que ela vinha tendo, as transformou em alguma coisa tolerável, passível de ser compreendida. Sua mente começou a jogar como o mar. Sim, pensou, soltando um profundo suspiro de alívio ao sair da oficina para subir a colina, posso começar a viver de novo. Estou na margem da Serpentine, pensou, o barquinho está vencendo o arco branco de mil mortes. Estou prestes a compreender…

Essas foram suas palavras, pronunciadas com toda a clareza, porém não podemos ocultar o fato de que ela era agora uma testemunha muito indiferente à verdade do que tinha diante de si, podendo facilmente tomar uma ovelha por uma vaca, ou um velho chamado Smith por um que se

chamava Jones e não tinha nenhum parentesco com o outro. Pois a sombra do desmaio provocada pelo polegar sem unha havia agora escavado no fundo de seu cérebro (que é a parte mais distante da visão) um poço onde as coisas vivem numa escuridão tão completa que mal sabemos o que elas são. Contemplou então esse poço ou mar no qual tudo se reflete — e, na verdade, alguns dizem que nossas paixões mais violentas, assim como a arte e a religião, são reflexos que vemos naquele tenebroso buraco no fundo de nossa mente quando o mundo visível fica temporariamente obscurecido. Contemplou-o por longo tempo, fixamente, profundamente, e logo a trilha ladeada de samambaias por onde ia subindo a colina se tornou em parte a Serpentine; os arbustos de pilriteiros eram em parte senhoras e cavalheiros sentados, com estojos de cartões de visita e bengalas de castão de ouro; as ovelhas eram em parte casas altas de Mayfair; tudo era parcialmente outra coisa, como se sua mente tivesse se transformado numa floresta com clareiras aqui e ali; algumas coisas ficavam mais próximas, outras mais distantes, se uniam e se separavam, formando as mais estranhas alianças e combinações num incessante xadrez de luz e sombra. Exceto quando Canute, o caçador de alces, correu atrás de um coelho fazendo-a lembrar de que deviam ser quatro e meia — de fato faltavam vinte e três minutos para as seis —, ela havia se esquecido do tempo.

A trilha margeada de samambaias, com muitas curvas e rodeios, conduzia sempre morro acima até o carvalho que se erguia no topo. A árvore crescera, ficando mais robusta e mais nodosa desde que a conhecera, por volta de 1588, mas estava ainda em pleno vigor. As folhinhas franzidas ainda se agitavam densamente nos galhos. Jogando-se no chão, sentiu os ossos da árvore se espraiando debaixo de seu corpo como costelas a partir da espinha dorsal. Gostava de pensar que estava montada sobre o dorso do mundo. Gostava de se ligar a algo sólido. Quando se atirou ao solo, um livrinho quadrado e encadernado em tecido vermelho caiu do bolso de sua jaqueta de couro — o poema "O carvalho". "Eu devia ter trazido uma colher de jardineiro", refletiu. A terra era tão rasa acima das raízes que parecia duvidoso que ela pudesse, como desejava, enterrar o livro ali. Além disso, os cachorros o desenterrariam. A sorte não costuma sorrir para essas celebrações simbólicas, pensou. Talvez fosse melhor dispensá-las. Tinha um pequeno discurso na ponta da língua, que pretendia pronunciar ao enterrar o livro. (Tratava-se de uma cópia da

primeira edição, assinada pela autora e artista.) "Enterro isto como um tributo", ia dizer, "um retorno à terra daquilo que a terra me deu", mas, Deus meu!, quando começou a dizer essas palavras em voz alta, como soaram ridículas! Lembrou-se do velho Greene subindo num estrado recentemente, comparando-a a Milton[261] (exceto pela cegueira) e lhe entregando um cheque de duzentos guinéus. Ela havia então pensado no carvalho em sua colina, e se perguntara o que uma coisa tinha a ver com a outra. O que os elogios e a fama tinham a ver com a poesia? O que sete edições (pois já havia alcançado esse número) tinham a ver com o valor do livro? Escrever poesia não era uma transação secreta, uma voz respondendo a outra voz? Por isso, toda aquela tagarelice, elogios e críticas, encontrar gente que a admirava e gente que não a admirava, eram incompatíveis com a essência da coisa — uma voz respondendo a outra voz. O que poderia ser mais secreto, ela pensou, mais lento e mais semelhante aos afagos de amantes que a resposta balbuciante dada por ela ao longo de todos aqueles anos às velhas cantigas sussurradas pelos bosques, pelas fazendas, pelos cavalos castanhos parados na porteira, pescoço contra pescoço, mas também pela oficina do ferreiro, pela cozinha e pelos campos, que tão laboriosamente produziam trigo, nabos, capim, e pelo jardim onde floresciam os íris e os lilases?

Por isso, desistindo de enterrar o livro e deixando-o tombado de qualquer maneira no solo, ela contemplou o amplo panorama, tão variado quanto o fundo do oceano naquela tarde em que o sol o iluminava e as nuvens o ensombreciam. Havia uma aldeia com uma torre de igreja em meio aos olmos; a cúpula cinzenta de uma mansão no centro de um parque; uma centelha de luz refletida em alguma estufa; um terreiro de fazenda com medas amarelas de milho. Os campos eram salpicados de capões escuros, surgindo por trás deles vastas florestas, o brilho de um rio e outras elevações. Bem ao longe, os brancos penhascos de Snowdon perfuravam as nuvens; viu as longínquas serras escocesas e as marés indomáveis que remoinham em volta das Hébridas. Procurou escutar o som de canhões em alto-mar. Não — apenas o vento soprava. Não havia guerra naquele dia. Drake se fora, Nelson se fora. "E ali", pensou, deixando os olhos, que até então perscrutavam as vistas distantes, contemplar mais uma vez o que estava a seus pés, "um dia foi minha terra: aquele castelo em meio às colinas foi meu; e toda aquela charneca que quase chega ao mar foi minha." Nesse momento, a paisagem

(possivelmente graças a algum efeito da luz que esmaecia) se sacudiu e se ergueu, fazendo com que todo o entulho de casas, castelos e florestas escorregasse por seus flancos inclinados. As montanhas nuas da Turquia estavam diante dela. Meio-dia, o sol ardente. Ela olhou fixamente para a encosta crestada. Cabras aparavam os tufos de capim no solo arenoso. Uma águia voava a grande altura. A voz roufenha do velho Rustum, o cigano, grasnou junto a seu ouvido: "O que são tua antiguidade, tua raça e tuas posses comparadas com isso? Para que precisas de quatrocentos quartos, tampas de prata em todas as travessas e criadas varrendo o pó?".

Nesse instante, algum relógio de igreja soou no vale. A paisagem em formato de tenda estremeceu e desabou. O presente mais uma vez desceu sobre sua cabeça, mas agora, com a luz morrendo mais suavemente que antes, não mostrava nada em detalhe, nada pequeno, e sim apenas os campos enevoados, chalés com as janelas iluminadas, a massa sonolenta de um bosque, e um feixe de luz em forma de leque empurrando a escuridão à sua frente em alguma estradinha. Se o relógio deu nove, dez ou onze horas, ela não saberia dizer. A noite caíra — a noite que ela sempre amara, a noite em que os reflexos no poço escuro da mente cintilam mais claramente do que durante o dia. Agora não era necessário desmaiar a fim de olhar bem no âmago das trevas onde as coisas tomam forma, e ver no poço da mente ora Shakespeare, ora uma moça vestindo calças russas, ora um barquinho de brinquedo na Serpentine, e depois o próprio Atlântico, onde as procelas impelem enormes vagas ao largo do cabo Horn. Ela olhou para o fundo da escuridão. Lá estava o brigue de seu marido, galgando o topo da onda! Foi subindo, mais e mais. O arco branco de mil mortes se ergueu à sua frente. Ah, que homem mais temerário, ah, que homem ridículo, sempre velejando tão inutilmente em volta do cabo Horn e arrostando o vendaval! Mas, vencido o arco, o brigue surgiu do outro lado, enfim a salvo!

"Êxtase!", exclamou, "êxtase!" E o vento então cessou, as águas se acalmaram e ela viu as pequenas ondulações ao luar.

"Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!", ela gritou, de pé junto ao carvalho.

O belo e resplandecente nome caiu do céu como uma pena de um azul metálico. Ela acompanhou sua queda, girando e volteando como uma flecha que cai devagar e corta lindamente o ar denso. Ele estava chegando, como sempre chegava, em momentos de total calmaria, de mar sereno;

quando as folhas mosqueadas caíam lentamente sobre seu pé nos bosques outonais; quando o leopardo não mexia um músculo, a lua se refletia nas águas, nada se movia entre o céu e a terra. Então ele chegava.

Tudo agora estava calmo. Era quase meia-noite. A lua se levantou sem pressa sobre os campos. Sua luz fez surgir do solo um castelo fantasma. Lá estava a grande mansão com todas as janelas vestidas de prata. Não havia paredes, nada substancial. Era tudo ilusório. Estava tudo imóvel. Tudo iluminado como se à espera de uma rainha morta. Olhando para baixo, Orlando viu as plumas negras se agitando no pátio, tochas bruxuleantes e sombras que se ajoelhavam. Uma rainha descia novamente de seu coche.

"A casa está à vossa disposição, senhora", exclamou, fazendo uma profunda reverência. "Nada mudou. O falecido lorde, meu pai, lhe mostrará o caminho."

Enquanto falava, soou a primeira badalada da meia-noite. A fria aragem do presente roçou seu rosto com o tênue sopro do medo. Ela olhou ansiosamente para o céu, agora escuro e carregado de nuvens. O vento rugiu em seus ouvidos. Mas, em meio ao rugido do vento, ela ouviu o ronco de um avião[262] chegando mais e mais perto.

"Aqui! Shel, aqui!", gritou, desnudando os seios para a lua (que então se revelou em todo o seu brilho), de tal modo que as pérolas reluziram como os ovos de alguma enorme aranha lunar. Veloz, o avião rompeu as nuvens e parou sobre sua cabeça. Pairou sobre ela. Na escuridão, suas pérolas refulgiram como um clarão fosforescente.

E, quando Shelmerdine — agora um belo capitão de marinha, o rosto corado, saudável e ativo — pulou para o chão, sobre sua cabeça passou uma ave selvagem.

"É o ganso!", gritou Orlando. "O ganso selvagem…"

E soou a décima segunda badalada da meia-noite; décima segunda badalada da meia-noite, quinta-feira, 11 de outubro de 1928.

Orlando de Virgínia Woolf*

PAULO MENDES CAMPOS

Quem tem medo de Virginia Woolf? Todo mundo. Seria capaz de apostar que o autor da peça teatral leu a autobiografia de Osbert Sitwell, na qual este conta que jamais entendeu por que as pessoas tinham medo dela — mas tinham. A romancista inglesa foi um tipo acabado de onésima. Onésima, segundo a classificação de Jaime Ovalle, é a pessoa que duvida, sorri, desaponta, gela, com um senso de humor que aterroriza as pessoas de fácil ebulição emocional. Alexander Pope foi ainda mais puramente onésimo e, para verificar isso, é consultar a descrição que a própria Virginia Woolf faz do poeta numa passagem de delicioso virtuosismo do livro (romance? poema?) chamado *Orlando*.

Em contrapartida, todos se apaixonavam por Virginia Woolf. Varões e varoas. Moços e velhos. Mágicos e lógicos. Bravos e covardes. Homossexuais e tradicionalistas. Não é bastante racionalizável a fascinação de Virginia, the Goat, como diziam os íntimos. Não se discute o magnetismo de uma chama. Arrisco apenas a pensar que ela possuía em alto teor todas as nossas fraquezas e todas as qualidades que também gostaríamos de possuir.

Além disso era linda. Não de uma beleza caída do céu por descuido, mas de uma beleza conquistada através da solidão, da contemplação, do ritmo, uma beleza que se desenvolve de dentro para fora e se estampa em ossos angulares e linhas inesperadas. Uma beleza apesar dos outros. Contraditória e quase irritante. Uma beleza feita de imaginação em movimento, não de reflexão, uma beleza de água. Tão rápida que os

amigos jamais chegaram a um acordo sobre os olhos de Virginia, a não ser que eram belos. Olhos acinzentados, diz o poeta Stephen Spender. Cor de hematita, negros e azuis, diz o pintor Jacques-Émile Blanche. Verdes para David Garnett. Com esses olhos indefinidamente irisados, Virginia viu um mundo em perpétua mutação de cores e formas. A visão, no sentido físico e simbólico, é o seu signo. Anda justa Monique Nathan ao falar que, sem o contexto histórico, a obra de VW perde a articulação concreta. Podemos ir mais longe: obra ou personalidade, ela está sempre articulada ao contexto, como a ostra à concha; é sempre Virginia mais o contexto, seja este histórico, familiar, urbano, campestre, praieiro. Era uma alma situada no instante, presente portanto na infinitude das experiências, mas sem residência certa ou endereço conhecido.

O delírio ambulatório, a compulsão itinerante aparecem em vários antepassados de Virginia. Seu pai, Sir Leslie Stephen, foi um dos renomados andarilhos e alpinistas do século XIX. Esforçou-se também para andar em outros sentidos: menino fraco, decidiu ser forte; encaminhado na carreira eclesiástica, tomou o desvio do agnosticismo. Historiador, crítico literário, jornalista, Sir Leslie casou-se pela primeira vez com uma filha do célebre Thackeray. A mãe de Virginia, uma viúva, mãe de três filhos pelo primeiro casamento, deu ao ilustre Stephen mais quatro crianças: Vanessa, que se tornaria pintora, Thoby, que morreria de febre tifoide, Virginia, Adrian. Um dos filhos da mãe de Virginia infernizaria a vida da adolescente com insistentes carícias fora do esquadro fraternal. Não é preciso ser freudiano ortodoxo para debitar bastante a esses assaltos eróticos algumas deformações principais do comportamento psíquico de Virginia Woolf, que tinha apenas seis anos quando o meio-irmão, de vinte, passou a aterrorizá-la com mãos incestuosas; dois meses antes de morrer VW ainda se refere em carta a seus calafrios de pavor.

Menina, Virginia arranhava as irmãs e as paredes, já destra em duas táticas de combate: sabia ferir e sabia fazer rir. O pai não batizava os filhos, mas teve ela por padrinho honorário um ilustre americano, o escritor James Russell Lowell, que lhe fez versos e ganhou a primeira carta da afilhada, escrita aos seis anos de idade. De saúde complicada, a educação da menina e da mocinha quase que se limitou a aulas particulares. Deve-se a isso algum prejuízo: a escritora, o gênio (muito cedo passou a ser o gênio da família e dos amigos) contou nos dedos durante toda a vida. Mas o saldo foi lucrativo: teve a liberdade de

movimentar-se para os lados onde o espírito a chamava, e o espírito a chamava para a biblioteca paterna, surpreendentemente aberta para a época, onde estavam as encadernações de Platão, Ésquilo, Spinoza, David Hume. As matemáticas nada perderam e as letras ganharam uma cunhagem nova.

A família Stephen foi sempre muito chegada a lutos e desgraças. Uma meia-irmã de Virginia era louca. A morte da mãe, quando tinha treze anos, foi a sombra, o túnel. Dolorosamente excitada, passou a ouvir "vozes horríveis". A depressão chegou à fase crítica de horror pelas pessoas. Aulas suspensas, recomendações de vida simples. Morre outra meia-irmã, Stella, de doce perfil. Virginia busca talvez uma explicação para o destino em Ésquilo e Eurípides. É a vez de Sir Leslie em 1904. Os divertimentos comuns da adolescência não distraem Virginia: 25 anos depois, ainda tremeria ao passar de ônibus diante da casa onde sofrera as torturas de um baile. Enquanto Vanessa, irmã querida, libertara-se do pai aparentemente, a dor filial de Virginia torna-se pesada e obsessiva. De uma viagem à Itália e Paris resulta nova crise nervosa com uma primeira tentativa de suicídio: salta de uma janela. Ouve passarinhos cantando em grego e, pior que isso, ouve o rei Eduardo VII, disfarçado entre azáleas, a dizer as piores bandalheiras. Depois de uma viagem à Grécia é a morte do irmão. Vanessa casa-se com o crítico Clive Bell. Virginia tem seu primeiro flerte com um helenista já mais idoso e que também morreria logo depois de repente. Escreve, escreve sempre, jornal de família, descrições de paisagens, diários, contos, cartas. Gosta de trabalhar em pé, talvez para não ficar em posição mais cômoda do que Vanessa diante do cavalete. Quando na rua, um amigo da família — o famoso Henry James — diz que sabe... que sabe que ela também escrevia, a moça fica perturbada dos pés à cabeça.

Se suas atitudes não se encaixam umas nas outras, isso não deve espantar ninguém: VW passou a vida toda a escrever sobre isso, sobre a falta de identidade ou de consistência da alma ou, se quiser, sobre a falta de personalidade. Quando T.S. Eliot a levou à leitura de Montaigne, devia o poeta ter sentido a alta frequência do caráter ondulante e fugidio da jovem escritora. É preciso aprender a não ter medo de Virginia Woolf. Foi o que fez seu sobrinho Quentin Bell ao escrever-lhe a biografia. Nesta se conta, com inexcedível parcimônia e um bom senso quase científico, o franco namoro de Virginia com o marido da irmã queridíssima, Vanessa, mãe de Quentin Bell. Amor mesmo, no sentido em que até as crianças o entendem

hoje, só aconteceu uma vez. Mas o resto — a paixão, o ciúme, o cortejo de solicitudes — prolongou-se para sempre. É igualmente impossível para um latino, para mim pelo menos, compreender a reação (ou a falta de reação) de Vanessa diante do romance. Eles, que são ingleses, que se entendam. O mesmo Quentin Bell, como se estivesse falando de uma figura isabelina, duvida, apenas duvida, que sua mãe tenha feito amor na sala, à frente de todos, com o economista Maynard Keynes. Motivo apresentado: Mr. Keynes, naquela época, andava atrás de outra coisa, e a coisa era o escritor Lytton Strachey, possivelmente.

Foi este último, o arguto ensaísta da era vitoriana, que deslanchou a liberdade, pelo menos de palavras e temas, no clã dos Stephen. Ao entrar para uma visita, deparando com uma mancha no vestido alvo de Vanessa (recém-casada), perguntou: "Sêmen?". A palavra mágica quebrou todas as barreiras de reserva e hipocrisia. Foi um alívio geral. A turma — conta VW — passou a conversar sobre cópula com a mesma franqueza com que discutia sobre a natureza do bem. Foi na época em que ela andava às turras com o manuscrito do que viria a ser *The Voyage Out*. Mas foi por volta de 1910-2 que sobretudo Vanessa & Cia., já amante de um pintor e ensaísta, o sensato e sensível Roger Fry, optaram pela liberdade sexual, pelo neopaganismo, um pouco pra valer, um pouco para gozar os basbaques vitorianos. O senso de humor de Vanessa era ao mesmo tempo doce e ferino. Como nesta observação: "Gostaria de Lytton como cunhado mais do que ninguém, mas, pelo que vejo, a única possibilidade disso seria se ele se apaixonasse pelo meu irmão Adrian, e, mesmo assim, Adrian provavelmente o recusaria". Virginia divertia-se com tudo isso, mas tirava o corpo fora. Considerava-se uma covarde sexual. Uma noite numa praia, o poeta Rupert Brook propôs que ficassem nus e caíssem no mar. Topou. Na volta, ao contar a proeza, ficou desapontada com o desinteresse geral. Para ela foi importante: anos mais tarde continuaria a relatar o episódio para esse ou aquele jovem escritor.

De qualquer forma, o departamento sexual dos bloomsberries (apelido posto nos componentes da tribo de Virginia) era apenas um pormenor do prafrentismo social, político e moral de todos: ela, Vanessa, Clive Bell, Lytton Strachey, Keynes, o pintor Duncan Grant, T. S. Eliot, Katherine Mansfield, Roger Fry, Vita Sackville-West... Há meio século, na Grã-Bretanha ainda impregnada do incenso vitoriano, eles viviam exatamente (tão exatamente quanto possível) como os jovens de hoje: em grande

camaradagem de homens e mulheres; com um máximo de liberdade na escolha dos temas de conversação; em contestações; e até em campings mistos.

Era a primeira vez que uma geração de escritores e artistas britânicos punha em discussão a infraestrutura do establishment. Quase nenhum deles chegou a equacionar essa revisão em termos dialéticos; mas todos perceberam a fragilidade e a falsidade dos epifenômenos do século da rainha Vitória. Foi uma espécie de curto-circuito, pois os bloomsberries descendiam muitos de famílias aristocratas, pelo menos de famílias secularmente reputadas, e vinham dos esquemas estereotipados de Oxford e Cambridge.

O conceito social dos amigos de VW foi muito deturpado pela geração engajada na política. A própria, dentro de sua concha bivalve, dentro do seu egotismo neurótico, teve sempre atitudes sociais limpas e corretas: ria-se do conservadorismo, odiava o fascismo, simpatizava com os republicanos espanhóis. Chegou a participar de reuniões feministas simplórias, mas com muita boa vontade e violentação de si mesma. Não lhe cabe a culpa se entre o feminismo daquele tempo e Betty Friedan vai a mesma diferença existente entre o Demoiselle de Santos Dumont e o supersônico. Num ponto valeu: ninguém denunciou melhor do que VW a ridícula pomposidade da moral e das atitudes masculinas. Foi aí que o seu gênio flagrou a fatuidade e a hipocrisia do macho.

Libertação tinha um sentido muito mais angustiado naquele tempo. Era libertar-se do lar, do comportamento que o homem esperava da moça bem-educada. VW compreendeu isso com humildade: só poderia tornar-se escritora caso esquecesse a condição de mulher, caso conquistasse o seu espaço moral, até mesmo seu espaço físico (*a room of one's own*). Chegou a ser, como disse no fim, a mulher mais livre da Inglaterra? Pelo menos viveu e se matou para isso.

Voltemos ao contexto histórico de Monique Nathan. Depois da Primeira Guerra, o painel social da Inglaterra é este: aristocracia rural em decadência, ascensão da classe média, capitalismo industrial e comercial, trabalhismo, sindicalismo, greves, supremacia crescente da economia americana, complicações irlandesas, instabilidade financeira. Treme-treme no edifício vitoriano. Reação intelectual contra a máscara ou a mistificação. Darwin. Freud. Criação de uma mentalidade jovem muito parecida com o atual já era (Vitória já era). Faxina no estabelecimento.

Feminismo de reação contra o gineceu inglês (só depois da guerra a inglesa teve o direito de votar e de exercer as profissões reservadas aos homens). O Império Britânico começava a ser apedrejado de dentro para fora. As mãos que apedrejam obedecem a algumas centenas de cabeças entre as mais extensivamente cultivadas que jamais floresceram no jardim terrestre. Não era mais o delírio poético que contestava a sociedade; era a inteligência. Fendia-se um império feito de colônias sombrias, feito de ideias e legislações que pretendiam ser eternas. Foi assim que as próprias flores de Oxford e Cambridge começaram a contrariar os interesses e as moralidades interessadas dos magníficos aristocratas e dos soberbos magnatas da Grã-Bretanha.

Uma flor, esta caseira, chamava-se Adeline Virginia Stephen. Tinha 36 anos quando publicou *Orlando*. Estava casada, castamente casada (quem deseja informações sob VWsó deve esperar pelo inesperado) com um homem paciente, inteligente, correto, devotado: Leonard Woolf. Publicara até então seis livros. *Orlando* foi escrito a grande velocidade. É uma torrente ritmada que se estende por três séculos da história da Inglaterra. Surpresa: o mesmo personagem cobre esses trezentos anos de existência. Maior surpresa ainda: Orlando é alternadamente homem e mulher. A androginia andava no ar que os poetas farejam. Uns seis anos antes, Katherine Mansfield anotava no diário: "Não somos nem machos nem fêmeas. Escolhi o homem que desenvolverá e ampliará em mim o que há de masculino; ele me escolheu para engrandecer nele o que há de feminino". A figura mais importante do mais famoso poema da época (*The Waste Land* — T. S. Eliot) é Tirésias, o velho andrógino da Antiguidade, o vidente cego. Coleridge já divisara uma androginia espiritual em todos os grandes criadores. Shakespeare seria para VW o máximo da potencialidade masculina-feminina. Contudo, as intuições dos escritores ingleses estavam em atraso. Já em 1898 Freud manifestava para um amigo sua crença na bissexualidade fundamental do ser humano: "Estou me habituando a considerar todo ato sexual como um acontecimento implicando quatro pessoas". Jung, por sua vez, pretende identificar no psiquismo a tendência de reconstituir um estado de coexistência do masculino e do feminino. Desses dois postulados partiram os poetas da ciência psicológica. Hoje se fala em mito confirmado pela biologia; sobre a teoria dos hormônios estaria o fundamento da bissexualidade, com um tríplice campo de pesquisas: bissexualidade biológica em diversos animais; traços de

bissexualidade anatômica no ser humano; bissexualidade permanente e flutuante através das secreções de hormônios masculino e feminino. (Cf. Suzanne Lilar, *Planète*, n. 12.)

Assim, partindo da poesia/mito, a ciência retorna aos emboléus ao estado primitivo: o amor seria a tentativa de reconstituir uma indistinção sexual perdida. Mas Orlando não é uma fantasia científica sobre a androginia. Nem mesmo chega a ser propriamente uma fantasia poética ou mítica sobre a androginia. De toda a especulação moderna, o que mais interessaria a VW seria decerto a hipótese de que o psiquismo humano é estreitamente tributário da oscilação permanente do equilíbrio hormonal. Pois, com *Orlando*, VW se fez uma espécie de Diana Caçadora: a peça procurada no bosque intrincado é a identidade humana, o ser contínuo, a personalidade íntegra. A caçada serve para mostrar que a caça não existe: em vez de um eu integral, encontramos o esmiuçamento da personalidade, *Orlando* é um poema sobre o tempo, melhor, sobre a fugacidade do ser e das projeções do ser dentro do tempo. O tempo é o personagem. Orlando é um indivíduo-dividido, ilogicidade insolúvel. Esse indivíduo é inerme dentro do tempo, e é o tempo que corrige a passibilidade da pessoa, repetindo-a através das sucessivas eras, em uma fantasia musical libérrima, mas que recorre indefinidamente aos mesmos motivos: beleza, sexo, amor, natureza, solidão, sofrimento e morte. É como se algo todo-poderoso — o deus Tempo — assoviasse a música do destino humano, o *fatum*, o fado. É um *scherzo*, uma brincadeira musical do tempo. Este, o autor, compõe, supremo virtuosismo, através de cada homem/motivo a sonata completa de toda a Humanidade.

Outro personagem concorrente é o Espírito da Época, a submissão ao efêmero, às ilusões em vigência. O Espírito da Época é a nossa limitação e por isso é importante. É a moeda corrente: quem usar outra pode ser apanhado como falsário. Com pespontos bem femininos anota VW: "A transação entre um escritor e o espírito da época é de infinita delicadeza, e a fortuna de suas obras depende de um bom arranjo entre os dois". A vida interior é inenarrável: "Orlando estava tão quieta que se ouviria a queda de um alfinete. Quem dera que houvesse caído um alfinete. Sempre teria sido um pouco de vida".

O livro brotou da contemplação meditativa de um retrato de Vita Sackville-West. Uma paródia aos mais acurados estudos biográficos da época. Contudo, é também autobiográfico, indisfarçavelmente nas páginas

finais, até certo ponto autocomplacentes, mas dramáticas: "Se a heroína de nossa biografia não se decide nem a matar nem a querer, mas só a pensar e imaginar, podemos deduzir que não se trata de outra coisa além de um corpo morto e abandoná-la".

Aqui se pode talvez detectar um dos veios neuróticos que levaram VW ao suicídio; se a pessoa simples luta contra a rejeição afetiva dos outros, a sensibilidade complexa costuma provocá-la ou inventá-la. Virginia amplificava eletronicamente as menores contrariedades. Mas *Orlando* deve ter sido também uma tentativa de recuperação da normalidade (?) feminina de VW, condenada a um encadeamento de raciocínios que a afastavam da espontaneidade a que, por ter nascido mulher, tinha direito.

Pode-se ainda dizer que o personagem de Orlando é o próprio ritmo do livro. Ritmo de água. Na água encontraríamos as conotações mais sensíveis do simbolismo woolfiano. Um crítico chega a afirmar que a água é a substância do romance de VW e não um elemento decorativo. O trágico apelo das águas... Quem buscou a morte nas águas de um rio conquistou o direito de ter deixado em uma obra sutil essa frase banal. *Orlando* pode ser ainda um romance sobre a vida. Agora sou eu que me arrisco no foco da banalidade. Que é a vida? "A vida não é uma série de lanternas dispostas simetricamente, a vida é um halo luminoso, um invólucro meio transparente onde somos encerrados desde o nascimento de nossa consciência até a morte." A tarefa do romancista — ela pergunta — não será exprimir esse espírito mutável, desconhecido e ilimitado, sejam quais forem as aberrações e complexidades que ele possa apresentar? Jamais conheci qualquer pessoa — diz Osbert Sitwell — com uma percepção mais sensível das menores sombras atiradas em torno dela. Depois de túneis e mais túneis, de crises e mais crises, depois de ter escrito nove romances, sete volumes de ensaios, duas biografias e 26 cadernos de um diário, em 1941 as sombras estreitam-se espessas em torno de Virginia Woolf. No mês de abril, dois meses depois da morte de Joyce, seu bastão e seu chapéu foram achados à margem de um rio. O corpo só foi encontrado semanas mais tarde. Deixou para o marido este bilhete: "Tenho a impressão de que vou ficar louca. Ouço vozes e não posso concentrar-me em meu trabalho. Lutei contra isso, mas não posso continuar lutando. Devo-te toda a felicidade de minha vida. Foste impecavelmente bom para mim. Não posso continuar estragando tua vida".

*Publicado inicialmente em: *Diário da Tarde* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Massao Ohno, 1981), a ser relançado pela Companhia das Letras.

Forma abreviada das obras mais citadas.

CE ——. *Collected Essays*, 4 v., org. Leonard Woolf. Chatto & Windus, 1966-7.
Diary ——. *The Diary of Virginia Woolf*, 5 v., org. Anne Olivier Bell. Hogarth, 1977; Penguin, 1979.
Essays ——. *The Essays of Virginia Woolf*, 6 v., org. Andrew McNeillie. Hogarth, 1986.
Knole ——. *Knole and the Sackvilles*, Vita Sackville-West. Heinemann, 1922.
Letters ——. *The Letters of Virginia Woolf*, 6 v., org. Nigel Nicolson e Joanne Trautmann. Hogarth, 1975-80.
Letters of Vita ——. *The Letters of Vita Sackville-West to Virginia Woolf*, org. Louise DeSalvo e Mitchell A. Leaska. Hutchinson, 1984.
Moments of Being ——. *Moments of Being*: *Unpublished Autobiographical Writings of Virginia Woolf*, org. Jeanne Schulkind. Hogarth, 1985.
Passionate Apprentice ——. *A Passionate Apprentice: The Early Journals*, 1897-1909, org. Mitchell A. Leaska. Hogarth, 1990.

Notas

INTRODUÇÃO

1. Carta para Vita Sackville-West, 9 out. 1927, *Letters*, III, pp. 428-9.
2. *Diary*, III, 20 dez. 1927, p. 168.
3. Ibid., 14 mar. 1927, p. 131.
4. Ibid., 20 set. 1927, p. 157.
5. Ibid., 5 out. 1927, p. 161.
6. Moments of Being, p. 73.
7. *Diary*, III, 21 dez. 1925, p. 52.
8. Ibid.
9. Quentin Bell, *Bloomsbury*. Weidenfeld and Nicolson, 1973, p. 42.
10. Alex Zwerdling, *Virginia Woolf and the Real World*. University of California Press, 1986, p. 168.
11. Quentin Bell, *Virginia Woolf: A Biography*, I. Hogarth, 1972, p. 83.
12. Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway* (1925). Penguin, 1992, pp. 34-5.
13. Edward Carpenter, *Love's Coming of Age* (1896). Mitchell Kennerley, 1911, pp. 120-1.
14. George Bernard Shaw, "Woman-Man in Petticoats", em *Platform and Pulpit*,org. Dan H. Laurence. Hill and Wang, 1961, p. 174.
15. Havelock Ellis, *The Psychology of Sex*. Ray, Long and Richard R. Smith, 1933, p. 225.
16. Adrienne Rich, "Compulsory Heterosexuality and the Lesbian Continuum", em *Blood, Bread and Poetry: Selected Prose* 1979-1985. W. W. Norton, 1986, pp. 23-75; Radclyffe Hall, *The Well of Loneliness* (1928). Avon, 1981, p. 52.
17. *Diary*, III, 31 ago. 1928, p. 193.
18. Bell, *Virginia Woolf*, II, p. 132.
19. Jane Austen, *Northanger Abbey* (1818). Penguin, 1972, p. 123.
20. Arthur Schlesinger, "The Role of Women in American History", em *New Viewpoints in American History*. Macmillan , 1921, p. 126.
21. Virginia Woolf, *A Room of One's Own* (1928). Penguin, 1945, pp. 45, 47.
22. Virginia Woolf, *The Pargiters*, org. Mitchell A. Leaska. Hogarth, 1978, p. 9.
23. Leon Edel, *Literary Biography* (1959). Indiana University Press, 1973, p. 139.

24. Ibid., p. 138.
25. Sobre *Orlando Furioso*, de Ariosto, como um importante texto precursor de *Orlando*, ver Beverley Ann Schlack, *Continuing Presences: Virginia Woolf's Use of Literary Allusion*. Pennsylvania State University Press, 1979, pp. 80-3. Para uma análise da relevância comparável da trama Orlando/Rosalinda na peça *Como gostais*, de Shakespeare, ver Joanne Trautmann, "The Jessamy Brides: The Friendship of Virginia Woolf and V. Sackville-West", *Pennsylvania State University Studies*, n. 36, p. 41, 1973.
26. Ver "Orlando: An Edition of the Manuscript", org. Madeline Moore, *Twentieth Century Literature*, n. 25, pp. 337-9, 1979.
27. Virginia Woolf, *A Room of One's Own* (1928). Penguin, 1945, p. 112.
28. Para um exame mais detalhado dos paralelos entre a vida de Vita e a de Orlando, ver Schlack, op. cit., e Trautmann, op. cit.
29. Nigel Nicolson, *Portrait of a Marriage*. Weidenfeld and Nicolson, 1973, p. 107.
30. Para conhecer o relato da própria Vita sobre Knole e suas extravagâncias, ver Vita Sackville-West, *Knole and the Sackvilles*. Heinemann, 1922; ver também as notas da presente edição.
31. Para uma análise interessante (embora algo diferente) de *Orlando* como uma "desconstrução" da biografia e história convencionais, ver Rachel Bowlby, *Virginia Woolf*. Basil Blackwell, 1988, pp. 128-45.
32. Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway* (1925). Penguin, 1992, p. 140.
33. *Diary*, III, 22 mar. 1928, p. 177; 21 abr. 1928, p. 180.
34. Ibid., 31 maio 1928, p. 185.
35. Ibid., 27 out. 1928, p. 200.
36. Rebecca West, *New York Herald Tribune*, 11, pp. 1, 6, 21 out. 1928.
37. *Diary*, III, 22 set. 1928, p. 198.
38. Ibid., 18 dez. 1928, p. 212.
39. Bell, *Virginia Woolf*, II, pp. 139-40, 118-9.
40. Zwerdling, op. cit., p. 56; Jane Marcus, "Introduction: Virginia Woolf Aslant", em *Virginia Woolf: A Feminist Slant*. University of Nebraska Press, 1983, p. 2; John Batchelor, *Virginia Woolf: The Major Novels*.CUP, 1991, pp. 16, 18.
41. *Diary*, III, 5 nov. 1929, p. 264.
42. Ibid., 7 nov. 1928, p. 203.
43. Ibid., 14 maio 1925, pp. 18-9.
44. *Moments of Being*, p. 90.
45. Elizabeth Abel, *Virginia Woolf and the Fictions of Psychoanalysis*. University of Chicago Press, 1989, p. 45.
46. *Moments of Being*, p. 90.
47. *Shorter Fiction*, p. 48.
48. Zwerdling, op. cit., p. 327.

CAPÍTULO 1

49. Um norte-africano. É difícil saber em que contexto os verdadeiros antepassados de Orlando teriam lutado contra os mouros no norte da África, embora seu ancestral literário, o cavaleiro de Carlos Magno, Roland ou Orlando, herói do poema épico *Orlando Furioso* (1532), de Ariosto, tenha lutado contra eles e enlouquecido por amor (ver Introdução, p. 24). De acordo com o manuscrito, a ação do romance começa em 1553, quando Thomas Sackville, como

Orlando, teria dezesseis anos; a sequência cronológica salta para o final do reino de Elizabeth (iniciado em 1558).

50. Onde vivem os imortais ou os mortos felizes. A abrótea é uma flor semelhante ao lírio — Vita a encontrou crescendo em estado selvagem ao visitar a Pérsia em 1926 (*Vita*, p. 157).
51. "Acredita-se que os Sackville foram à Normandia no século IX com Rollo, o Dinamarquês" (*Knole*, p. 29).
52. Mencionado como decoração de empenas da época dos Tudor (*Knole*, pp. 2-3).
53. O que se segue, segundo Nicolson, é uma descrição reconhecível de Vita Sackville-West, incluindo o detalhe de que ela "[Orlando] era um pouco desastrado" (p. 50). Woolf, tal como o narrador do livro, escreveu elogiosamente sobre as pernas de Vita (por exemplo, para Jacques Raverat, 26 dez. 1924, como sendo "seu atributo mais notável", *Letters*, III, p. 150; ou, um ano depois em seu diário, *Diary*, III, 21 dez. 1925, p. 52).
54. Tal como Orlando, Thomas Sackville, o primeiro conde de Dorset, escreveu uma tragédia em cinco atos inspirada nos primórdios da história inglesa, *Gorboduc*, encenada em 1561 (*Knole*, pp. 33, 41).
55. Stubbs era o nome do principal jardineiro em Knole quando Woolf estava escrevendo *Orlando* (Nicolson).
56. Woolf exagera a descrição de Knole feita por Vita como "uma aldeia medieval", "uma aldeia desordenada", assim como, mais adiante (p. 53), os quatro acres de Knole se tornam cinco (*Knole*, pp. 1, 18).
57. Vita frequentemente escrevia sob um carvalho no parque de Knole, numa colina chamada Mast Head (Nicolson). O carvalho, tradicionalmente associado a reis ingleses, mais tarde fornece o título para o principal poema de Orlando, equivalente ao poema *The Land* com que Vita ganhou um prêmio. Seu título sugere o valor das raízes, da família e do espírito inglês.
58. Nenhum desses lugares pode realmente ser visto de Knole, mas essa visão panorâmica (que encontra eco no esquema temporal do romance) parece ter sido parte do plano de Woolf para o livro desde o primeiro momento: "De repente, entre meio-dia e uma hora, concebi toda uma fantasia que se chamaria 'The Jessamy Brides' [...]. Duas mulheres, pobres, solitárias, que viviam no sótão de uma casa — de lá se pode ver tudo (pois se trata de uma fantasia): a ponte da Torre, nuvens, aviões [...]. As senhoras poderão ver Constantinopla, sonhos de cúpulas douradas [...]" (*Diary*, III, 14 mar. 1927, p. 131).
59. Uma certa "sra. Stewkley" consta como "presente na mesa da copa" numa lista da criadagem de Knole em 1613 (*Knole*, p. 78); o escritor não identificado é William Shakespeare, cujo retrato era exibido no Salão dos Poetas de Knole. Vita escreveu mais tarde: "Muitas vezes me permiti sonhar loucamente que algum esclarecimento sobre o enigma de Shakespeare poderia resultar da descoberta de cartas ou documentos em Knole" (*Knole*, 4. ed., 1958, p. 57).

    Woolf associou Shakespeare trabalhando ao mistério da criatividade em seu conto "The Mark on the Wall": "Um homem se sentou solidamente numa poltrona e olhou para o fogo na lareira... Uma chuva de ideias caía sem cessar sobre sua mente de um céu muito alto. Ele apoiou a testa na mão, e as pessoas, vendo-o através da porta aberta [...]" (*Shorter Fiction*, p. 85).
60. A rainha Elizabeth doou Knole a Thomas Sackville em 1566 e visitou a mansão numa viagem real em 1573. Há um retrato dela na Brown Gallery (Charles J. Phillips, *History of the Sackville Family*, 2 v., 1930, I, p. 190; II, p. 423). A descrição da rainha feita por Woolf foi parcialmente inspirada por sua efígie de cera, à época na abadia de Westminster, que ela descreveu pouco depois de terminar *Orlando*: "Seus olhos são grandes e vigilantes; nariz fino como o bico de um gavião; lábios totalmente cerrados; sobrancelhas arqueadas; somente as bochechas dão solidez ao rosto bem desenhado" (*New Republic*, 11 abr. 1928; reimpresso em "The Fleeting Portrait", CE, IV, p. 205). Lytton Strachey, amigo de Woolf, fez uma descrição comparável da rainha já idosa em sua obra *Elizabeth and Essex* (publicada em dezembro de 1928), mas Woolf

aparentemente só a leu após a publicação de *Orlando*, em outubro (ver *Diary*, III, 25 nov. 1928, p. 208).

61. Vita havia dito a Woolf que ouvia de Knole os canhões na França durante a Primeira Guerra Mundial (Nicolson). A própria Woolf os ouvira na planície de Asheham em 1916 (ver "Heard on the Downs", *Essays*, II, pp. 40-2).
62. Knole foi passada pelo arcebispo Bourchier e pelo cardeal Morton para Henrique VIII, e dele para a rainha Elizabeth, que a doou a Thomas Sackville. Embora seja dito que a casa não nomeada em *Orlando* foi dada ao pai do personagem, o próprio Orlando é identificado com Thomas Sackville, tanto como poeta quanto como dramaturgo (Sackville escreveu *Gorboduc* e o poema moralista *A Mirror for Magistrates*), além de ser o "jovem primo" da rainha e dela ter recebido várias honrarias. Tal como Sackville, Orlando se torna tesoureiro e senescal, é feito cavaleiro da Ordem da Jarreteira (ver p. 56) e enviado à Escócia "numa triste missão junto à rainha infeliz", na verdade para informar Maria, rainha da Escócia, de sua iminente execução (*Knole*, pp. 34-5).
63. Isto é, na Torre de Londres, celebrando a derrota da Grande Armada espanhola em 1588.
64. A rainha Elizabeth vivia no palácio de Richmond, no sudoeste de Londres, tendo lá morrido em 1603. Foi sucedida por Jaime I.
65. Nomes típicos de amantes em poemas amorosos: o poeta elisabetano Samuel Daniel escreveu uma sequência de sonetos em homenagem a Delia, enquanto o poeta da Restauração Charles Sackville, sexto conde (1638-1706), "nos deixou estrofes alegres e artificiais para Chloris e Dorinda" (*Knole*, p. 115).
66. Escadaria na zona leste de Londres, perto da Torre e descendo até as docas. A fascinação de Woolf pelas viagens marítimas elisabetanas é evidente no que se segue: a costa do Caribe fica no nordeste da América Latina, indo do Panamá à foz do rio Orinoco; os Açores são ilhas ao largo da costa de Portugal onde, em 1591, o navio *Revenge*, do explorador Sir Richard Grenville, foi afundado numa batalha contra os espanhóis. (O ensaio de Woolf sobre as viagens de Hakluyt, "Trafficks and Discoveries", foi reproduzido em *Essays*, II, pp. 329-36.)
67. "Uma figura pitoresca. Ele era o representante oficial de Elizabeth em todos os torneios de lanças, um nobre de grande esplendor [...] tinha o amor da aventura, que o levou ao mar onze vezes, para as Índias e outros lugares" (*Knole*, pp. 48-9). Era o sogro de Richard Sackville, terceiro conde de Dorset, havendo um retrato seu na Brown Gallery (*Phillips*, p. 423). A referência a Cumberland mandar construir asilos na Sheen Road, mais adiante nesse parágrafo, parece ser uma piada íntima. No dia 27 de agosto de 1932, Woolf ditou a seguinte resposta a uma pergunta sobre esse tópico: "[A sra. Woolf] não se lembra de ter nenhuma base para afirmar que o lorde Cumberland fundou asilos; ela considera provável que, tendo alguma lembrança de velhos asilos naquela vizinhança, os tenha atribuído a lorde Cumberland por um impulso momentâneo". Esses asilos do começo do século XIX ficavam bem perto de Hogarth House, em Richmond, onde os Woolf moraram entre 1915 e 1924. Há uma segunda referência a eles quase no final do romance (p. 264).
68. Nigel Nicolson identifica Clorinda com Rosamund Grosvenor, a primeira e em certa época a mais querida amiga de Vita (*Vita*, pp. 23-4, 48). Euphrosyne (Eufrosina — "alegria") era uma das três Graças clássicas (Woolf havia usado esse nome para um navio em seu primeiro romance, *A viagem* (1915).) Como "uma das Desmond irlandesas", ela pode lembrar o retrato existente na Leicester Gallery de Catherine Fitzgerald, condessa de Desmond (*Knole*, p. 14).
69. Ocorreu em janeiro de 1608. Woolf a conhecia através do panfleto "The Great Frost/Cold Doings in London, Except It Be at the Lottery", de Thomas Dekker, reimpresso anonimamente no livro *An English Garner*, de Edward Arber(I, 1877, pp. 77-9). Alguns detalhes são tomados do panfleto, por exemplo, "a alta mortalidade de ovelhas e cabeças de gado", mas o relato de Woolf é mais fantástico, de modo que as pedras do Peak District ("certas partes de Derbyshire") são atribuídas a "uma espécie de petrificação". Dekker contou como o Tâmisa se

tornou "um pavimento de vidro", com os cidadãos fazendo jogos e vendendo comida e bebida no rio congelado; descreveu também as agruras de um homem isolado numa ilhota de gelo devido ao repentino derretimento com que a geada terminou. Woolf recebeu uma carta de Vita de 31 de janeiro de 1927 descrevendo Moscou e "todo o tráfego que passava de um lado para o outro do rio como se ele fosse uma estrada; e trenós por toda parte [...]" (*Letters of Vita*, p. 183).

70. Os exploradores elisabetanos tinham a esperança de encontrar uma rota marítima para o Extremo Oriente navegando pela costa norte da América. A Armada espanhola foi a frota enviada por Filipe II contra Elizabeth em 1588 (ver nota 63).
71. Construída no ponto mais estreito do rio, a velha ponte tinha sobre ela casas e lojas; lá o gelo teria sido mais profundo. O lado do Surrey é o que fica ao sul do rio.
72. Danças da Renascença, a primeira caracterizada por passos rápidos ("courante"), e a segunda, para um par, envolvendo grandes saltos.
73. Depois chamada de Sasha, esta personagem talvez tenha sido sugerida em parte por "La Muscovite", cujo retrato feito em pastel está pendurado na sala de estar de Knole e a quem Charles Sackville dedicou o poema "Arno's Vale" (*Knole*, p. 173); mas a inspiração principal de Woolf foi o grande amor de Vita, Violet Trefusis. No dia 13 de outubro de 1927, Virginia escreveu para Vita: "Amanhã começo o capítulo que descreve Violet e você se encontrando sobre o gelo [...]. Me dê alguma indicação do tipo de briga que vocês tinham. Além disso, qual atributo específico a fez escolher você?". Entretanto, a mesma carta relaciona Vita (e não Violet) com esmeraldas: "Quero ver você à luz do lampião usando as esmeraldas" (*Letters*, III, p. 430).
74. O francês de Sasha foi aqui fornecido por Vita, que, assim como Orlando, era bilíngue em francês e inglês. Ela estava aparentemente traduzindo as frases de Woolf: "Acho que conheci um parente seu na Polônia no verão passado", e "As damas da corte inglesa me encantam com sua beleza. Nunca vi uma dama tão graciosa quanto sua rainha ou com um penteado tão lindo como o dela". Vita também forneceu a tradução de "um mastro em dia de festa" e diversas outras frases que Woolf finalmente não utilizou (*Letters of Vita*, 26 abr. 1928, p. 284).
75. George Villiers (1592-1628) foi o favorito do rei Jaime, mais tarde feito duque de Buckingham.
76. Os membros da Guarda Real, conhecidos como "Beefeaters", vigiam a Torre e usam um uniforme vermelho do tempo dos Tudor que é muito característico. O Temple Bar, portão que separa Westminster da velha City de Londres, foi encimado com pontas de ferro onde eram exibidas as cabeças dos traidores. O Royal Exchange foi construído como um mercado de moedas em 1564, na esquina da Threadneedle Street, na City.
77. Nigel Nicolson sugere que se trata de uma referência ao filhote de urso russo dado a Vita por Ivan Hay quando ela tinha dezenove anos; o animal precisou ser sacrificado (*Vita*, p. 41). Orlando antes havia comparado Sasha com "uma raposa na neve" (p. 65). Virginia mais tarde descreveu Violet Trefusis (que só conheceu em 1932) como "um filhote de raposa, toda perfume e sedução" (19 jan. 1941, *Letters*, VI, p. 462).
78. Vita escreveu, sobre a Leicester Gallery, que "a tapeçaria balança, e as figuras nela ondulam e parecem estar vivas" (*Knole*, pp. 14-6); mas Nicolson identifica essa passagem com a tapeçaria no quarto do embaixador veneziano.
79. Essa é a opinião de Robert Burton em sua obra *Anatomia da melancolia* (1621), mas, como anglicano, ele não teria concordado com os anabatistas, uma seita radical que suscitou muito medo, uma vez que seus membros não acreditavam nos sacramentos (inclusive o batismo) e tinham a permissão de cumprir apenas na aparência as exigências rituais.
80. Um anacronismo deliberado: a antiga catedral tinha uma torre quadrada que pegou fogo no incêndio de Londres de 1666. Foi reconstruída com uma cúpula e uma cruz por Christopher Wren (ver também pp. 78, 162 e 205).
81. Isso aconteceu uma vez em Knole, de acordo com Nicolson. Vita descreveu um veado que

entrou no salão de banquetes em certa ocasião durante o verão quando as portas foram deixadas abertas (*Knole*, p. 4).

82. Gíria elisabetana para "vigaristas".
83. Orlando está assistindo a uma encenação de rua da peça *Otelo*, de Shakespeare.
84. Do quinto ato de *Otelo*, talvez como uma alusão ao eclipse total do Sol de 29 de junho de 1927, visto por Woolf, Vita e Harold Nicolson, que viajaram com tal propósito para Richmond, em North Yorkshire (30 jun. 1927, *Diary*, III, pp. 142-4), e que ela também mencionou em "The Sun and the Fish" (CE, IV, pp. 178-83).
85. "Dia da minha vida!", moto da família Sackville, derivado da Batalha de Crécy (1346), de que participou um dos membros da família (Nicolson).
86. Heróis das guerras navais de Elizabeth contra os espanhóis.
87. O governo inglês nos reinos de Elizabeth e Jaime realizou uma série de tentativas para colonizar a Irlanda. As terras em Donegal e Tyrone tinham sido confiscadas em dezembro de 1607, estalando nova rebelião em 1608. No manuscrito, o velho nobre é uma exceção entre os mortos na inundação: quanto aos demais "ninguém de berço parecia ter sido incluído [...] como se o degelo fosse obra daqueles rebeldes [...] provando que as classes superiores haviam sido alertadas e procuraram abrigo".

CAPÍTULO 2

88. Mais ou menos na mesma época em que começou a escrever *Orlando*, Woolf terminou um ensaio intitulado "The New Biography" (CE, IV, pp. 229-35), em parte uma resenha da obra *Some People*, de Harold Nicolson. O ensaio se abre com uma citação de Sir Sidney Lee: "O objetivo da biografia é a transmissão fidedigna da personalidade". Woolf argumenta que a verdade e a personalidade são opostas e que, embora a verdade seja exigida numa biografia, ela não se combina fácil ou confortavelmente com a ficção ou a descrição da vida interior. Temas desse ensaio são retomados de novo na p. 96.
89. O sono de sete dias de Orlando, representando o olvido ou a morte, nos prepara para sua preocupação, típica dos tempos de Jaime I, de "como o esqueleto está por baixo da carne", que surge neste capítulo juntamente com outros acontecimentos inesperados.
90. Todos os nomes aqui listados provêm do catálogo da criadagem do terceiro lorde de Dorset entre os anos de 1613 e 1624 (*Knole*, pp. 78-81). Na mesa da copa estão relacionados (entre outros) sra. Field, sra. Grimsditch, sra. Stewkley, sr. Dupper, capelão; na ala das crianças, a babá Carpenter; na mesa das empregadas da lavanderia, sras. Judith Simpton, Faith Husband e Grace Robinson, uma negra.
91. A cripta dos ancestrais de Orlando fica debaixo da casa, simbolizando a consciência da morte abaixo ou atrás de toda existência humana e provocando no personagem um solilóquio hamletiano na presença dos velhos ossos. A cripta da família Sackville não se encontra na realidade em Knole, e sim na igreja paroquial de Withyham. Anne Clifford, memorialista da época de Jaime I, diz ter lá "visitado o túmulo de meu lorde tesoureiro" e voltado chorando. Vita acrescentou: "Eu mesma desci até a cripta, e não se trata de uma excursão alegre. Num pequeno e escuro cômodo subterrâneo, debaixo da igreja, cercado de véus cinzentos de teias de aranha, os caixões dos Sackville estão empilhados em prateleiras [...]" (*Knole*, p. 71).
92. Thomas Browne (1605-82): professor da Universidade de Norwich famoso por sua eloquente prosa recheada de latinismos (ver "a delicada articulação de uma das cogitações mais longas e mais maravilhosamente contorcidas do mestre", p. 93). *Hydriotaphia, or Urn Burial* (1658) é

uma meditação sobre a morte, o tempo e a eternidade. Segundo *Knole* (p. 105), Richard Sackville, terceiro conde de Dorset, recomendou a obra *Religio Medici*, de Browne, a Sir Kenelm Digby quando este foi preso durante a Guerra Civil. Digby ficou tão impressionado com o livro que enviou de volta a lorde Dorset uma longa carta contendo suas *Observações* sobre a obra. Woolf sempre admirou a prosa de Browne (ver *Essays*, III, pp. 153-9, 368-71).

93. Ver nota 50.
94. Os quatro acres agora se tornam nove; esse catálogo das posses de Orlando lembra o inventário da casa em 1624 (*Knole*, pp. 95-6; e nota 118).
95. Esse armário pertencia a Vita e era onde ela guardava todas as suas cartas mais íntimas. Pode ter sido o que Virginia tinha em mente quando perguntou a Vita: "Esta carta vai para o armário?" (30 out. 1925, *Letters*, III, p. 434). Os prolíficos escritos de Orlando se assemelham aos de Vita, tanto quando criança quanto como jovem adulta (*Vita*, pp. 25-6, 33). A peça de teatro impressa por John Ball lembra *Chatterton*, de Vita, impressa particularmente em Sevenoaks em 1909 (Nicolson). O poema "O carvalho" de Orlando, cuja composição se estende ao longo do livro, corresponde ao longo poema *The Land*, de Vita (ver nota 57).
96. Essa passagem contém claros ecos do ensaio "The New Biography", de Woolf (ver nota 88) em sua distinção entre a "verdade como alguma coisa com a solidez do granito, e a personalidade como alguma coisa com a intangibilidade do arco-íris". O ensaio termina com uma referência à "mistura de biografia e autobiografia, ou fato e ficção, das calças de lorde Curzon e do nariz da srta. Plimsoll [...]" feita por Harold Nicolson. O "mesmo agora (1º de novembro de 1927)" é provavelmente a data em que a passagem foi escrita, pois, segundo o manuscrito, ela começou o capítulo 2 em 29 de outubro. *Orlando* foi iniciado em 8 de outubro de 1927 e concluído em 17 de março de 1928 (ver *Diary*, III, pp. 161, 176; *Letters*, III, pp. 428, 474).
97. O rosto é de Shakespeare (ver nota 59). Twitchett é a criada da mãe de Orlando (ver p. 49).
98. Em *Knole* (p. 32), Vita cita Edmund Gosse no sentido de que Thomas Sackville era "um poeta nato [...] afastado da poesia por seus deveres como estadista" e, assim, "um excelente exemplo das desvantagens de um poeta nascer em berço de ouro".Woolf disse a Edward Sackville-West, primo de Vita, porque "nenhum aristocrata pode escrever um livro" (carta para Vita, 17 fev. 1926, *Letters*, III, p. 241) e, num ensaio escrito pouco depois, "The Niece of an Earl", fez o comentário relacionado de que "É da classe média que brotam os escritores" (CE, I, p. 222).
99. Woolf talvez estivesse pensando no mito clássico segundo o qual a cabeça do poeta Orfeu foi arrancada de seus ombros por um "horrível tumulto" de mulheres frenéticas, quem sabe com um eco distante de *Lycidas*, de Milton, em que o amor também é uma ameaça à conquista poética. Charamelas são antigos instrumentos de sopro.
100. Woolf aqui ecoa a "longa e monótona lista de Sir Jordans, Sir Andrews, Sir Edwards, Sir Richards" (*Knole*, p. 30).
101. Na Grécia, perto do monte Olimpo, e louvado por sua beleza na poesa clássica.
102. Sir Giles Isham (1903-76) foi primo em segundo grau de Woolf, filho de sua prima Millicent (nascida Halford Vaughan). Saindo de Oxford em 1926, ele se tornou um ator shakespeariano.
103. Primeiros versos do poema mais conhecido de James Shirley, da peça teatral *The Contention of Ajax and Ulysses* (1659): "As glórias de nosso sangue e posição social/ São meras sombras, nada substancial".
104. Ann Finch, condessa de Winchilsea (1661-1720), escreveu poemas, alguns dos quais Woolf discute no capítulo 4 de *Um teto todo seu* (1928) (*A Room of One's Own*, Penguin, 1945). Essa frase lembra o título da peça *O leque de Lady Windermere* (1892), de Oscar Wilde.
105. Escritor imaginário que mora numa pracinha que desemboca na Fleet Street (onde Virginia e Leonard viveram por um ano depois de se casarem). Greene é parcialmente baseado em Robert Greene (1558-92), escritor medíocre, panfletário, poeta e dramaturgo, notório pela inveja que tinha de Shakespeare, que ele denunciava como uma "gralha arrivista, que se embeleza com nossas penas". Ele reaparece no capítulo 3 de *Um teto todo seu* como o sedutor de Judith, a

irmã (imaginária) de Shakespeare: "Por fim Nick Greene, o ator e promotor, ficou com pena dela; ela se viu grávida com um filho daquele cavalheiro e, por isso, [...] se suicidou numa noite de inverno [...]".

106. Os ingleses derrotaram os escoceses na Batalha de Flodden (1513), tendo vencido os franceses um século antes em Agincourt (1415).
107. Um vinho doce da Madeira.
108. Os heróis de Orlando são os grandes dramaturgos e poetas de sua época. John Donne, o poeta do amor e deão da catedral de São Paulo. Segundo Izaac Walton, ele às vezes pregava na capela de Knole, tendo deixado em seu testamento vários quadros para lorde Dorset (*Knole*, 4. ed., 1958, pp. 32, 69). O retrato do dramaturgo Ben Jonson era pendurado no Salão dos Poetas, e diz-se que ele recebeu apoio financeiro de Richard Sackville, terceiro conde de Dorset (1589-1624) (*Knole*, p. 59). Com relação a Browne, ver nota 92.
109. Local onde ocorreu uma cena escandalosa em que esteve envolvido Charles Sackville, sexto conde de Dorset (*Knole*, p. 117). Leonard e Virginia costumavam jantar lá quando moravam bem perto, na Clifford's Inn.
110. Estadista romano (106-43 a.C.), cujo estilo de prosa foi muito admirado e imitado durante a Renascença.
111. No manuscrito, segue-se uma passagem em que se diz que as afirmações "indecentes" de Greene tiveram de ser omitidas em nome da modéstia (que aparece outra vez sob disfarce no capítulo 3), embora Greene possuísse uma carta de Shakespeare relatando a verdadeira história do sr. W. H. com uma lady misteriosa, que ele "deu a Orlando como uma curiosidade interessante e um memento", mas que precisou ser queimada. O manuscrito acrescenta: "Ninguém que tenha sangue inglês nas veias nos censurará por ter feito tal coisa".
112. Vita possuía caçadores de alce (tendo herdado Canute de seu pai — ver p. 222); uma das cadelas teve filhotes debaixo da mesa de jantar em Long Barn, onde Vita então vivia (Nicolson). Como Vita, Orlando se voltava para os cachorros e a jardinagem em busca de consolo.
113. Aqui Woolf faz uma chacota com a parte central, "O tempo passa", de seu romance anterior, *Ao farol* (1927). A elucubração sobre o tempo que se segue aborda de forma ligeira uma séria preocupação artística da autora.
114. Do poema "To His Coy Mistress" de Andrew Marvell, ele próprio uma elucubração sobre a natureza do tempo: "Mas sempre ouço às minhas costas/ A biga alada do tempo que se acerca veloz./ E, mais além, tudo que existe/ São desertos de vasta eternidade".
115. Adaptação de uma palavra inventada por Woolf — "scrolloping" — para denotar um movimento amplo e impulsivo.
116. Vita adorava esse parágrafo e citou sua última frase num apêndice à quarta edição de *Knole* (1958, p. 215). Escrevendo imediatamente a Virginia para lhe agradecer pelo romance, ela acrescentou num pós-escrito: "Você me fez chorar com as passagens sobre Knole, sua danada" (11 out. 1928, *Letters of Vita*, p. 306).
117. Consta que o quarto do rei em Knole foi mobiliado para receber Jaime I. Durante a Restauração, Charles Sackville, sexto conde de Dorset, o supriu com "uma mobília feita inteiramente de prata: mesa, espelho de parede e tripés". Como Orlando, ele "era incapaz de saber quando uma coisa boa se tornava excessiva" (*Knole*, p. 15). O filho de Jaime I, Carlos I, foi executado em 1649, e Oliver Cromwell, em nome do Parlamento, governou a Inglaterra durante o interregno. Carlos II subiu ao trono em 1660. A família Sackville era composta de monarquistas convictos (ver *Knole*, pp. 97, 106, 107, 110).
118. De acordo com *Knole* (p. 4), na casa havia sete pátios, 52 escadas e 365 cômodos (não quartos), correspondendo às divisões dos dias e semanas no ano. O inventário que se segue, conquanto muito exagerado, é inspirado por um de 1624 (*Knole*, pp. 95-6).
119. O assoalho da Cartoon Gallery em Knole é feito de "troncos sólidos de árvores, serrados ao meio, com a parte convexa para baixo" (*Knole*, p. 10).

120. Na mitologia clássica, Dafne fugiu de Apolo e foi transformada num loureiro. Havia uma tapeçaria azul e verde que se agitava constantemente na brisa que soprava no quarto do embaixador veneziano, um aposento carinhosamente descrito por Vita em *Knole*; as cadeiras talhadas na Brown Gallery estavam "eternamente abrindo os braços, eternamente desapontadas", e no salão de bailes se via uma frisa de sereias e golfinhos que Vita adorava quando criança (*Knole*, pp. 15-6, 13, 11). As primeiras edições de *Knole* e da história de Charles Phillips descrevem as tapeçarias no quarto do embaixador veneziano de formas diferentes, como contendo temas medievais ou clássicos — Apolo e Diana ou Ulisses e Circe, talvez —, mas um guia turístico para Knole escrito por Vita para o National Trust em 1948 diz que elas mostram cenas de *Orlando Furioso* (ver nota 49).
121. Como a de Vita (Nicolson); quanto ao poema "O carvalho", ver nota 57.
122. Baseada em lorde Henry (Harry) Lascelles, que cortejou Vita e lhe propôs casamento em 1912 (*Vita*, pp. 48-51); mais tarde, em 1922, ele se casou com a princesa real. Virginia perguntou a Vita: "Sobre o que você e o lorde Lascelles costumavam conversar?" (23 out. 1927). Vita respondeu: "Ele sempre foi muito tímido, por isso a conversa não ia longe. As mãos dele eram bonitas" (25 out. 1927, *Letters of Vita*, pp. 155-6). Scand-op-Boom pode ter sido sugerido por Bergen-op-Zoom, onde Edward Sackville, quarto conde de Dorset, participou de um duelo (*Knole*, p. 184).
123. "Essa armadura [para justas], que é uma das joias da Wallace Collection, foi feita em 1575 por Jacob Topp ou Jacobi para Sir Thomas Sackville" (*Knole*, p. 99).
124. Nell Gwyn (1650-87): atriz, amante de Carlos II e também de Carlos de Sackville, sexto conde de Dorset; um retrato no quarto de vestir Spangle era supostamente de Nell (*Knole*, pp. 122, 124-6; *Phillips*, II, p. 428). Os Sackville tradicionalmente serviram como embaixadores, em especial na França ou nos Países Baixos. O marido de Vita, Harold Nicolson, serviu na embaixada britânica em Constantinopla entre 1911 e 1914, e ela iniciou sua vida de casada naquela cidade em novembro de 1913 (Nicolson; e *Vita*, p. 69).

CAPÍTULO 3

125. Orlando é feito cavaleiro da Ordem do Banho e promovido de conde a duque, aparentemente como recompensa por seus serviços como embaixador em Constantinopla. Suas honrarias se assemelham às de Lionel Sackville, sétimo conde, que foi feito cavaleiro da Ordem da Jarreteira em 1714 (Orlando já tinha tal distinção, ver p. 56) e duque de Dorset em 1720.
126. Esses fatos ocorrem em Constantinopla durante a missão de Orlando nessa cidade, embora recapitulem a revolução de 1652 e o Grande Incêndio de 1666, talvez meio século antes, na Inglaterra.
127. Nicolson observa que Virginia fumava *cheroots* (charutos com as duas pontas cortadas) e frequentemente tentou, em vão, persuadir Vita a fumá-los também.
128. Constantinopla fez parte do romance desde sua concepção (ver nota 58). Além da importância da cidade para Vita, Woolf a havia visitado em outubro de 1906 com o irmão Adrian, sua irmã e Violet Dickinson, registrando "o véu matinal de bruma, as imponentes cúpulas que reluzem através da névoa" e a grande catedral de Santa Sofia, "como um trio de bolhas solidificadas" (*A Passionate Apprentice*, pp. 357, 347). As colinas de Pera ficam mais adiante no lado turco do Chifre de Ouro, e a torre Gálata se ergue no topo de uma delas.
129. Nicolson assinala que tal passagem sugere a viagem de Vita às montanhas da Pérsia. No início de 1927, ela foi a Teerã a fim de se encontrar com Harold, e o casal fez uma excursão a pé nas

montanhas Bakhtiari, descrita em cartas para Virginia e posteriormente em seu livro de viagem *Doze dias* (1927). Os ciganos (a quem Orlando se junta mais tarde neste capítulo) lembram em certos aspectos a tribo bakhtiari que Vita lá conheceu.

130. Da região das montanhas do Cáucaso entre os mares Negro e Cáspio.
131. Soldados da guarda do sultão.
132. Cachimbo em que a fumaça passa por um recipiente com água. O enfado de Orlando com o cerimonial diplomático reflete o de Vita, tal como descrito em cartas para Virginia de Teerã no início de 1927: "A correção é a exigência maior, por isso nunca vamos mais longe" (19 fev.); "Tivemos uma série de jantares, muito obrigada, um indistinguível do outro" (4 mar., *Letters of Vita*, pp. 192, 202).
133. Nono mês do ano islâmico, marcado pelo jejum durante as horas do dia.
134. Woolf usa essa ocasião para parodiar os diários e cartas do século XVIII. No manuscrito, algumas das lacunas na carta de Brigge são preenchidas de forma um pouco diferente, de modo que o *tableau vivant* (p. 134) "encenou a peça para atores mascarados *Comus* do nosso [...] poeta inglês Milton". Entre os atores, encontravam-se pessoas "que portam alguns dos nomes mais ilustres da Inglaterra, como Howard, Stanley, Herbert, Sackville, Talbot [...]" (nesse ponto o galho se quebra). A encenação antecipa aquela que acompanha a mudança de sexo de Orlando, enquanto os nomes das grandes famílias inglesas são lembrados por Orlando mais adiante no capítulo (ver nota 145).
135. Marujos da Marinha Real.
136. A avó materna de Vita se chamava Josefa de Oliva, uma famosa dançarina espanhola mais conhecida como "Pepita". Ela viveu com Lionel Sackville-West, segundo lorde Sackville, e lhe deu cinco filhos, dos quais a mais moça, Victoria, foi a mãe de Vita. Em 1910, o irmão mais velho de Victoria, Henry, impetrou uma ação contra o pai de Vita (que era também seu primo e o filho legítimo do irmão mais moço de Lionel), sob o pretexto de que Lionel e Pepita de fato haviam se casado e, por isso, ele era o herdeiro de Knole (ver nota 217; e *Vita*, pp. 2, 30).
137. Castigo com golpes de bastão, especialmente nas solas dos pés.
138. Usadas para documentos oficiais.
139. O segundo sono de sete dias de Orlando relembra o primeiro, no início do capítulo 2; uma encenação mascarada de três irmãs agora intervém, tentando evitar a descoberta "indecente" da mudança em seu corpo. São expulsas pela Verdade para "as colinas ainda não violadas do Surrey [subúrbio de Londres]", protegidas pela hera e por cortinas que as ocultavam.
140. O capítulo 48 de *Mansfield Park*, de Jane Austin, assim começa: "Deixemos que outras penas cuidem da culpa e da miséria. Eu abandono esses assuntos tão logo posso, impaciente para restaurar [...] um clima tolerável de conforto para todos".
141. Quando esteve hospedada com Gertrude Bell em Bagdá, em fevereiro de 1926, Vita comprou um filhote de *saluki* a fim de levá-lo de presente para Harold em Teerã (*Vita*, p. 156).
142. A moderna Bursa, antiga capital do Império Otomano, se ergue nas colinas junto à costa do mar de Mármara, no noroeste da Turquia. Virginia lá esteve em 1911 quando sua irmã Vanessa, de férias com o marido, Clive Bell, e Roger Fry, ficou repentinamente doente. O guia cigano de Orlando em Constantinopla, Rustum, tem o nome de um dos heróis do grande épico persa *Shâh-nâma* (ou Livro dos Reis), de Firdawsî.
143. Elevações no norte da Grécia, a oeste de Bursa e na outra margem do mar.
144. Das montanhas atrás de Bursa pode-se divisar a Grécia através do mar de Mármara, mas não seria possível ver Atenas, coroada com a Acrópole, na qual se ergue o Partenon, o templo das virgens. Woolf tinha visitado Atenas em 1906 a caminho de Constantinopla. No tocante à visão panorâmica, ver nota 58.
145. Tradicionais famílias inglesas, os Plantageneta ocuparam o trono, os Howard eram apenas aristocratas, assim como os Talbot (ver nota 134 e p. 145).
146. Monastério no nordeste da Grécia em cuja proximidade é estritamente proibida a presença de

mulheres e fêmeas de animais.

147. Manto com capuz usado pelos árabes.

148. A visão de Orlando de sua casa debaixo da neve relembra a primeira visita de Virginia a Knole em janeiro de 1927: "[…] carroça trazendo madeira para ser cortada numa grande serra circular. Como você vê isso?, perguntei a Vita. Ela disse que via como algo que acontecia havia vários séculos. Era assim que traziam madeira do parque para alimentar as enormes lareiras havia centenas de anos, e suas antepassadas também tinham andado na neve com seus grandes cachorros pulando atrás delas. Todos os séculos pareciam iluminados, o passado expressivo, bem falante, e não mudo, esquecido […]" (23 jan. 1927, *Diary*, III, p. 125).

CAPÍTULO 4

149. Tecido de seda com caneluras, muito usado no século XVIII.

150. A efígie de Guy Fawkes (que conspirou contra Jaime I) é queimada em 5 de novembro usando "roupas grotescas ou absurdas".

151. Espécie de alga comestível. Essa frase lembra o relato de Edgar em *Rei Lear* (IV, vi, 14-5): "À meia altura está pendurado um catador de funchos, que trabalho horrível!". A frase "fazendo caretas, beicinhos" também é usada por Edgar, que, fazendo-se passar pelo louco Tom, menciona o demônio "Flibbertigibbit, com caretas e beicinhos" (IV, i, 61-2). Lionel, primeiro duque de Dorset, aparece numa vista do castelo de Dover pintada por John Wooton (1727) e exibida na grande escadaria de Knole (*Phillips*, II, p. 417).

152. "Damas da Espanha" é uma canção de marinheiros. Metade de Yorkshire é uma alusão indireta às vastas propriedades de Henry Lascelles, que aparece no romance como a arquiduquesa Harriet (Nicolson; ver nota 166).

153. A cúpula da catedral de São Paulo (reconstruída por Christopher Wren após o Grande Incêndio de 1666) faz Orlando se lembrar da testa de Shakespeare (entrevista na p. 53). Para Woolf, "Shakespeare era andrógino" (*Um teto todo seu*, 1928) (*A Room of One's Own*, Penguin, 1945, p. 97), e isso parece acalmar as ansiedades de Orlando acerca de sua feminidade. Reflexões sobre os "grandes versos" de Shakespeare conduzem àqueles do poeta do século XVII John Milton, cujo estilo sugere um sino de catedral badalando dentro da mente de Orlando — e talvez também do lado de fora.

154. Essas três palavras (*orgulous*, *undulant*, *superb*) de origem latina sugerem o estilo neoclássico que entrava em moda naquela época.

155. Cocoa Tree era uma casa onde se tomava chocolate (e não café), no número 64 da St. James's Street; por volta de 1745, tornou-se um centro de jacobitas (que em geral seriam papistas, isto é, simpatizantes dos católicos). Naquela época, os ativistas políticos e os homens de letras se encontravam em determinados cafés. John Dryden (1631-1700) foi o principal poeta da Restauração, tendo no final da vida se convertido ao catolicismo (tornando-se assim papista). Joseph Addison (1672-1719) foi ensaísta e anglicano, tendo sido satirizado por Alexander Pope (1688-1744), também católico. Havia retratos de Dryden e de Pope no Salão dos Poetas de Knole, e um de Addison na Leicester Gallery (*Phillips*, II, pp. 439, 433). Dryden era um visitante frequente, amigo íntimo e beneficiário de Charles Sackville, o sexto conde, a quem dedicou seu *Essay of Dramatic Poesy*;Pope escreveu um epitáfio para o monumento do conde em Withyham (*Knole*, pp. 144-5, 151).

156. Os Sackville possuíam Dorset House, em Blackfriars (hoje demolida), onde a mãe de Vita morou durante algum tempo (Nicolson). Agentes da Bow Street eram policiais, cujo nome se

devia aos tribunais dessa rua, próxima de Covent Garden. O processo contra Orlando se assemelha ao "caso Pepita", ação impetrada contra Lionel Sackville-West por seu primo ilegítimo Henry em 1910 (ver nota 136).

157. Sob a jurisdição do lorde Chanceler enquanto durasse o processo. Tais processos eram os que não podiam ser resolvidos nos tribunais normais, sendo por isso sabidamente mais demorados.
158. Ver notas 90 e 118.
159. Ver notas 52 e 78; e notas 117, 118 e 119. Supunha-se que certa escova de prata para cabelo no quarto do rei tinha pertencido ao rei Jaime (embora edições posteriores de *Knole* o desmintam); usava-se em Knole uma receita especial para fazer o *pot-pourri*, derivada de Lady Betty Germain, amiga da primeira duquesa de Dorset, cujo retrato está pendurado no quarto de dormir que leva seu nome (*Knole*, p. 172).
160. O livro de orações de Maria, rainha da Escócia, encontra-se na capela de Knole (Nicolson; ver nota 62).
161. Ver nota 92.
162. Na carta em que agradeceu a Virginia por *Orlando*, Vita escreveu: "Há dezenas de detalhes que eu gostaria de comentar [...] frases espalhadas por toda parte (particularmente uma na p. 160 que começa: 'Fortalezas de pensamento etc.', que é exatamente o que você fez por mim) [...]" (11 out. 1928, *Letters of Vita*, p. 305).
163. Exemplo de outra "miscelânea humana" pode ser visto no capítulo 2, p. 96.
164. É a lascívia (ver p. 126), embora não fique claro se sentida por Orlando com relação à arquiduquesa ou pela própria arquiduquesa.
165. Lorde Lascelles herdou Harewood House e grandes propriedades (juntamente com suas rendas) em Yorkshire (Nicolson; e *Vita*, pp. 49, 50). O arquiduque parece preocupado em especial com as oportunidades de caça em suas propriedades; o gogo é uma doença de aves.
166. No que tange à sua dificuldade em manter uma conversação, ver nota 122.
167. Loo é um jogo de cartas em que as penalidades são acumuladas para o vencedor. No Fly Loo jogado em Knole, apostava-se em qual torrão de açúcar uma mosca iria pousar. Aparentemente, Vita certa vez colou uma mosca morta num torrão de açúcar (Nicolson).
168. A seção referente ao verão do poema *The Land* de Vita (equivalente a "O carvalho", de Orlando) descreve o processo de banho das ovelhas.
169. Cf. "Celebration of Charis, IV, Her Triumph", de Ben Jonson: "Ah, tão branca! Ah, tão macia! Ah, tão doce ela é!".
170. Imagens importantes para Woolf: uma fonte de alegria se ergue, em diferentes ocasiões, para a sra. Ramsay, Lily Briscoe e Cam em *Ao farol* (1927), enquanto a gota que se forma e cai persegue Bernard em *As ondas* (1931).
171. No manuscrito, essa passagem é seguida por uma descrição da casa de Orlando em Blackfriars (ver nota 156), que tem muito poucos móveis, embora a biblioteca seja bem suprida e contenha Ariosto, bem como *The Fairie Queene*, Montaigne e muitas peças elisabetanas.
172. O retrato de Vita segurando um pano sobre os ombros foi provavelmente tirado por Lenare no verão de 1927 (ver carta para Vita, 30 out. 1927, *Letters*, III, p. 434). Há duas "fotografias" de Orlando vestida como homem: "quando jovem" (o frontispício) e "como embaixador", mas, não estando visíveis suas mãos no segundo retrato, essa passagem deve se referir ao frontispício. A ideia muito citada de que "são as roupas que nos usam, e não nós que as usamos" expõe o artifício dos papéis de gênero.
173. Nicolson observa que os detalhes do comportamento de Orlando nesse parágrafo são todos aplicáveis a Vita, que se vestia depressa, dirigia depressa e sustentava que, como a palavra "sul" significava "para baixo", o Nilo devia fluir para cima.
174. Segundo Nicolson, isso se relaciona não com o "caso Pepita" de 1910 (ver nota 136), mas com outro processo muito notório de 1913, impetrado contra a mãe de Vita por conta de uma herança por ela recebida de John Murray Scott, na qual Vita teve de depor (*Vita*, pp. 57-8).

175. De 1702 a 1714.
176. Nome verdadeiro do *spaniel* de Vita (Nicolson).
177. Essa ideia também ocorre no conto "A vida privada" (1892), de Henry James, que Woolf leu em 1921 e anotou ao preparar uma resenha das histórias de fantasmas de James, embora finalmente não o tenha mencionado (CE, I, pp. 286-96).
178. Madame du Deffand (1697-1780): aristocrata e intelectual francesa que se correspondia com Voltaire e Horace Walpole, mantendo um salão frequentado por escritores e filósofos famosos. Sua tirada mais célebre, o "*mot de Saint Denis*" (ver o parágrafo seguinte) tem a ver com a lenda de que são Denis caminhou duas léguas carregando sua cabeça nas mãos: "*La distance n'y fait rien; il n'y a que le premier pas qui coûte*" (a distância não importa; só o primeiro passo é que é difícil).
179. Referência maliciosa à anfitriã londrina Lady Sibyl Colefax, que tratava Woolf como celebridade e que esta associa em seu diário com a "consciência das festas" (27 abr. 1925, *Diary*, III, p. 13).
180. A South Audley Street fica em Mayfair, atrás de Park Lane, e na esquina dela se ergue a Chesterfield House, construída para o lorde Chesterfield (ver nota 187) em 1750. Em 1927 foi ocupada por lorde Lascelles e pela princesa Mary.
181. Woolf sistematicamente associa Picadilly Circus com prostitutas e, indiretamente, com os males do patriarcado, embora adiante no capítulo haja uma descrição mais leve da vida de tais mulheres.
182. Esses versos são da obra de Pope *The Rape of the Lock* (1714), canto II, 105-9.
183. Addison escreveu ensaios tanto para o *Spectator* quanto para o *Tatler*. Essa passagem é na verdade extraída do *Tatler* (n. 116, quinta-feira, 5 jan. 1710), sendo o parágrafo final de um processo impetrado contra as saias com armação. Assim como a citação de Pope, a passagem enfatiza as limitações impostas às mulheres, o que constitui um dos temas centrais do capítulo.
184. *Viagens de Gulliver* (1726); a citação é do quarto livro, "Viagem a Houyhnhnms" (uma sociedade de cavalos racionais), capítulo 10. A obra *Journal to Stella*, de Swift, parcialmente escrita num código particular, é referida na frase "fala em tatibitates com uma menina". Swift era amigo de Lady Betty Germain (ver nota 159) e seu retrato é exposto no quarto dela (*Phillips*, II, p. 426).
185. Em Knole, no Salão dos Poetas (também conhecido como Salão Redondo ou Sala de Jantar) estão pendurados os retratos dos amigos literatos do sexto conde (Charles Sackville), entre eles Dryden e Pope (*Knole*, pp. 148-9; ver nota 155).
186. "Conta-se também que Dryden, ao jantar com Dorset, encontrou uma nota de cem libras escondida debaixo de seu prato" (*Knole*, p. 149).
187. Chesterfield (1694-1773) era amigo de Pope, mas não era visto com bons olhos pelo dr. Samuel Johnson. Esse exemplo de misoginia ligeiramente distorcido na citação (ele de fato escreveu: "As mulheres, então, não passam de crianças...") é extraído de seu texto póstumo *Letters to His Son* (5 set. 1748; publicado em 1774). Há um retrato em pastel de lorde Chesterfield na sala de estar de Knole (*Phillips*, II, p. 437). No manuscrito, essa passagem é ao mesmo tempo mais oblíqua e mais abertamente crítica a Chesterfield, classificado, junto com os srs. Arnold Bennett, Desmond McCarthy e Orlo Williams, entre "os mais ilustres membros da tribo dos machistas" (a esse respeito, ver *A Woman's Essays*, Penguin, 1992, pp. 30-8). Woolf acrescenta que Chesterfield "esqueceu que as crianças às vezes veem coisas que os adultos tentam manter escondidas. Esqueceu também que as crianças crescem".
188. A segunda Epístola de Pope, *To a Lady: Of the Characters of Women* (1735), inclui vários retratos satíricos de contemporâneas, conquanto Woolf provavelmente devesse ter em mente os versos iniciais: "Nada mais verdadeiro do que algo que um dia você se deixou dizer,/ A maioria das mulheres não tem um mínimo de caráter". O tratamento de Pope em relação a Orlando lembra o de Nick Greene no capítulo 2.

189. A ideia de mulheres que conversam a portas fechadas também aparece de forma insistente no livro seguinte de Woolf, *Um teto todo seu* (1928) (*A Room of One's Own*, Penguin, 1945, em especial no capítulo 5). Edward Sackville-West, primo de Vita, queixou-se com Virginia de que o "sr. S. W." citado nessa passagem se referia a ele, sobretudo porque se menciona um primo de Orlando mais adiante, onde os poemas dela são erroneamente atribuídos ao parente (Edward Sackville-West também escrevia poesia). Segundo Nicolson, Woolf escreveu mentirosamente em resposta que "o sr. S. W. era (se era alguém) Sydney Waterlow. Como poderia ser você?" (21 nov. 1928, *Letters*, III, p. 559).
190. Harold Nicolson tinha plantado nogueiras em Long Barn. Os passeios noturnos de Orlando em trajes masculinos são similares aos de Vita (*Vita*, pp. 83, 95, 99).
191. Em 1920, Vita fugiu com Violet Trefusis para Amiens, sendo ambas seguidas por seus maridos (Nicolson; e *Vita*, p. 108).
192. Samuel Johnson (1709-84), dicionarista e homem de letras, foi a principal figura literária da segunda metade do século XVIII; James Boswell (1740-95) foi seu amigo e biógrafo; a cega sra. Williams trabalhava na casa de Johnson. O retrato de Samuel Johnson feito por Joshua Reynolds em 1769 era exposto no quarto Reynolds (*Phillips*, II, p. 419).
193. Woolf assim caracteriza a era do Iluminismo, em contraste, por um lado, com a violência da Inglaterra elisabetana e, por outro, com as nuvens ameaçadoras do século XIX.

CAPÍTULO 5

194. Tanto no sentido estrito — isto é, os princípios segundos os quais um Estado é governado foram mudados — quanto no mais amplo, pois mudaram também o caráter e a natureza da Inglaterra.
195. Arquitetos e decoradores do século XVIII cujo estilo era caracterizado pela elegância neoclássica.
196. Ofuscar significa toldar, obscurecer. No manuscrito, essa frase é seguida pela descrição do frio que sentia o proprietário rural e seu desejo de cobrir tudo que estava à vista: "encobrir, ocultar, se tornou então a principal ocupação das classes educadas".
197. Isto é, a fim de acomodar a população supérflua.
198. Ver nota 115; a vegetação ameaçadora lembra a do poema "The Garden", de Andrew Marvell.
199. A estátua da rainha Vitória diante do palácio de Buckingham foi erguida em 1911. Nesse local Woolf imagina uma espécie de pira funerária (hecatombe é uma grande carnificina) de objetos vitorianos, incluindo: os trajes de luto da própria rainha, usados desde a morte do príncipe Alberto em 1861; palácios de cristal, aludindo ao que foi construído para a Grande Exposição de 1851; carrinhos de vime para bebês; capacetes militares, sugerindo o Império; árvores de Natal, introduzidas na Inglaterra pelo príncipe Alberto; e "monstros extintos, globos, mapas", sugerindo a descoberta dos dinossauros e de países distantes. A figura feminina pode ser a castidade, ou um ideal de feminilidade como "o anjo da casa" (ver "Professions for Women", CE, II, pp. 285-6); o cavalheiro é o patriarca vitoriano, vestido na moda da época. A família real era famosa por seus hábitos domésticos e por seu mau gosto.
200. Em geral se supõe que tais palavras tenham sido ditas pela rainha Elizabeth em seu leito de morte para Robert Cecil, filho de lorde Burghley: "Rapazinho, rapazinho! Teu pai, se estivesse vivo, não teria ousado usar essa palavra".
201. Tecido pesado para vestidos feito de lã e seda: a bombazina preta era usada para os trajes de

luto, as "roupas de viúva".

202. Provavelmente é 1586 o ano em que *Orlando* se inicia (a cronologia em *Knole* diz que nesse ano os Sackville receberam a casa de Elizabeth, embora 1566 seja a data mencionada no texto). Vita levou seis anos para escrever seu poema *The Land* ("O carvalho") e, segundo Nicolson, Virginia caçoou dela por causa disso. Nesse ponto, o manuscrito inclui um longo relato da busca de Orlando por seu eu como escritora; retorna aos séculos XVI e XVII, citando versos da "Indução" de Thomas Sackville para a obra *Mirror for Magistrates* e o verso lírico de Charles Sackville, "Diga-me, Dorinda, por que tão alegre", no esforço de superar seu bloqueio e lidar com o espírito adverso da época.
203. Curvetear e caracolar são manobras graciosas feitas a cavalo. Os versos que se seguem constituem uma paródia da poesia mais enfadonha daquela época.
204. Liga que se parece com ouro.
205. Essa imagem do casamento deriva do poema "Epipsychidion" (1821), de Schelley, onde se lê: "[…] a estrada muito batida/ que esses pobres escravos percorrem com passos cansados/ […] e assim/ seguem na mais triste e mais longa viagem". Destes versos foi extraído o título do segundo romance de E. M. Forster, *A mais longa jornada* (1907).
206. Lorde Melbourne: primeiro-ministro da rainha Vitória, frequentemente retratado anunciando à jovem de dezoito anos sua subida ao trono.
207. Lorde Lascelles se casara com a princesa Mary em 1922; Botany Bay é o local na Austrália para onde os condenados britânicos eram mandados para cumprir suas sentenças.
208. O caçador de alces e o *spaniel* de Orlando (e de Vita).
209. Essa cena é inspirada no romance *O morro dos ventos uivantes* (*Wuthering Heights*, 1847), de Emily Brontë, no qual a heroína, Catherine, deixa a charneca e suas aves silvestres (num delírio ela arranca as penas do travesseiro e nomeia os pássaros das quais provêm). Woolf incluiu um ensaio com o título de "*Jane Eyre* and *Wuthering Heights*" em *The Common Reader* (1925) (reimpresso em CE, I, pp. 185-90).
210. Esse episódio constitui o clímax do poema "Morte d'Arthur" (1842), de Tennyson, mais tarde incorporado no livro *Idylls of the King* (1869).
211. A Armada espanhola foi derrotada em 1588. Lorde Nelson combateu os franceses e os espanhóis no mar, morrendo em Trafalgar em 1805. Este vasto painel histórico se assemelha aos panoramas geográficos do livro.
212. Essa cena relembra, ao reverso, o primeiro encontro entre Jane Eyre e o sr. Rochester no romance *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë. Durante uma caminhada, Jane é ultrapassada por um cavaleiro cuja montaria escorrega no gelo, fazendo com que ele caia e torça o tornozelo. As primeiras palavras dela são: "O senhor se machucou?" (I, capítulo 12).
213. Uma versão romântica de Harold Nicolson. O apelido de Vita na família era "Mar", e ela às vezes se referia a si própria e a Harold como "os mars", vindo daí o nome Marmaduke. Uma mulher chamada Shelmerdene aparece no romance *These Charming People* (1923), de Michael Arlen, tendo, assim como Harold, "regressado à Inglaterra depois de longa estada na Pérsia". Harold, como "Shel", tinha antepassados da região de Skye, era comparativamente pobre, navegara de fato em torno do cabo Horn e frequentemente precisava viver no exterior como membro do serviço diplomático (Nicolson).
214. Veleiro com dois mastros e velas quadrangulares.
215. Os inspetores eram chamados de *peelers* porque Sir Robert Peel institutiu a força policial de Londres em 1829. Várias de suas cartas a respeito da Batalha de Waterloo são citadas em *Knole* (pp. 208-14).
216. Liberados da jurisdição da Chancelaria, onde os bens de Orlando haviam sido mantidos durante o julgamento; lorde Palmerson foi primeiro-ministro de 1855 a 1865.
217. Depois que os Sackville ganharam o "caso Pepita" em 1910, toda a cidadezinha de Sevenoaks foi para as ruas comemorar (Nicolson; e *Vita*, p. 35). Caleças e landaus são tipos diferentes de

carruagens de quatro rodas. The Bull e The Stag são tavernas em Sevenoaks. Vita se recorda que trocaram o carro por uma carruagem no topo da colina; ao chegarem a Sevenoaks, o cavalo foi retirado dos tirantes e a carruagem, em meio aos aplausos da população, levada por homens através da rua principal até Knole (Vita Sackville-West, *Pepita*, 1937, pp. 227-9).

218. Trata-se do castelo de Windsor; W. E. Gladstone foi outro dos primeiros-ministros de Vitória, na parte final de seu reinado.
219. Woolf mais uma vez parodia seu próprio romance anterior, *Ao farol*, no qual as mortes de vários personagens importantes são postas entre colchetes para separá-las do resto do texto.
220. Termos náuticos — Marmaduke explica a Orlando como as várias velas e vergas são ajustadas quando se veleja. Boreste é o lado direito da embarcação quando se olha para a proa, bombordo o lado esquerdo.
221. Blaise Pascal (1623-62), filósofo religioso francês.
222. Bispo Berkeley (1685-1753): filósofo irlandês que acreditava que a matéria só existia na medida em que era percebida.
223. Lady Mary Sackville-West, tia-avó de Vita, casada com o eminente estadista vitoriano lorde Derby (*Knole*, p. 180).
224. Essa passagem, com suas transposições repentinas, lembra muito vivamente De Quincey e, em particular, a embarcação de três conveses que, no verão, se aproxima de uma pequena pinaça no texto "Dream Figue", parte do ensaio "The English Mail Coach" (1849).
225. Vita casou-se com Harold Nicolson em 1o de outubro de 1913 na capela de Knole (Nicolson; e *Vita*, p. 61). O casamento de Orlando tem lugar durante uma tempestade acompanhada de raios e trovões (ver *Knole*, p. 17: "A capela tem uma aparência estranha e encantadora durante uma tempestade à meia-noite: os relâmpagos cintilam através das ogivas de pedra das janelas que dão para o leste [...]"). O trovão convenientemente abafa o momento da cerimônia matrimonial em que a noiva promete obedecer ao noivo. Woolf associou a imagem do pássaro que se choca contra a vidraça com a paixão — ver, por exemplo, *Noite e dia* (1919) (*Night and Day*, Penguin, 1992, p. 334).

CAPÍTULO 6

226. Esses versos são da seção "Primavera" do poema *The Land* (1926, p. 49), de Vita. As fritilárias são "coleantes" por se parecerem com serpentes — aquela variedade é também chamada de "fritilária cabeça de cobra". A presença das moças egípcias, implicando o desejo de mulheres por outras mulheres, foge à narrativa e é como um artigo contrabandeado que escapa aos censores literários da época.
227. Criada por Leonard e Virginia em 1917, a Hogarth Press publicou muitos escritores modernos, inclusive os livros da própria Woolf.
228. Lorde Byron escreveu em *Don Juan* (canto I, estrofe 194): "O amor do homem é algo separado de sua vida,/ Mas para a mulher é toda a sua existência". George Sackville, quarto duque de Dorset (1794-1815), conheceu Byron na escola (*Knole*, pp. 203-5).
229. Tal como faz Lady Chatterley no romance *O amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, publicado em Florença em 1928 e lido por Vita em julho (*Vita*, p. 199). Woolf devia conhecer o livro ainda antes por sua reputação, já que o guarda-florestal também aparece no manuscrito. O romancista que define o sexo como "tirar a saia" também sugere Lawrence.
230. A visível inércia da escritora é contrastada com a atividade da natureza. Vita mais tarde incluiu essa passagem em sua antologia poética *Another World Than This* (1945, p. 131), na qual

também publicou pela primeira vez o poema "Luriana, Lurilee", de Charles Elton, declamado num jantar em *Ao farol* (1927) (*To the Lighthouse*, Penguin, 1992, pp. 120-1).

231. Em 1907, a mãe de Vita comprou uma casa na Hill Street, que desemboca na Berkeley Square (Nicolson; e *Vita*, p. 23), onde Vita costumava ficar.
232. Nick Greene mudou com os tempos, tornando-se o "crítico mais influente da era vitoriana", um pilar da alta sociedade que tomava chá com duquesas (ver p. 245). Vita escreveu para Harold em 11 de outubro de 1926: "Você vai reconhecer [Edmund] Gosse na figura de Nicholas Greene" (*Vita*, p. 202). Um ano antes, Virginia tinha assistido a uma palestra de Vita sob a presidência de Gosse: "Ela foi adulada pelo sujeitinho, bem vestido mas com jeito de dono de mercearia, que rodopiava nos calcanhares para cobri-la de elogios [...] envolvendo todos mais e mais com as cortinas de pelúcia vermelha da respeitabilidade. Lá estava Vita, inocente demais para reparar naquilo [...]. Não lamento minhas palavras mais loucas e mais tolas se isso serviu para tirar uma lasquinha daquela respeitabilidade" (30 out. 1926, *Diary*, III, p. 115). Gosse escrevia uma coluna regular para o *Sunday Times* e é lá que Orlando lê o artigo sobre Donne (ver p. 251). Woolf escreveu um ensaio sobre "Edmund Gosse" em 1931 (CE, IV, pp. 81-7).
233. A primeira, de 1713, é uma tragédia neoclássica. *Seasons* (1726-30), de Thomson, é um longo poema sobre a natureza, em quatro partes, que antecipa *The Land* em termos de estrutura.
234. Sir Nicholas está se referindo à proporção do preço de um livro paga ao autor por cada exemplar vendido. *The Land*, de Vita, foi na verdade seu quarto livro a ser publicado por William Heinemann (que publicara anteriormente *Knole and the Sackvilles*).
235. Enquanto Harold se encontrava em Teerã (de novembro de 1925 a maio de 1927), ele e Vita trocavam telegramas num código chamado de "Unicode" (Nicolson). O código propriamente dito (por exemplo, "Rattigan Glumphoboo") é indecifrável, porém pode ser uma paródia do romance *Finnegans Wake*,de James Joyce, do qual foram publicadas partes a partir de 1922 com o título de *Work in Progress*.
236. Muitos duelos tiveram lugar no Hyde Park. Em Knole há retratos do segundo marquês de Hamilton no grande salão e de um major Michael Mohun, famoso duelista, no Salão dos Poetas (*Phillips*, II, pp. 416, 441).
237. Lago artificial que atravessa o centro do Hyde Park e de Kensington Gardens. Quando criança, Woolf passeava duas vezes por dia em Kensington Gardens e muitas vezes punha na água barquinhos de brinquedo na Serpentine ou no Round Pond. Em "A Sketch of the Past", ela relembra seu barquinho chegando ao meio do lago e de repente afundando (*Moments of Being*, p. 86).
238. As calças vermelhas pertencem a um guarda; os cachorros dançando sobre as patas traseiras trazem à mente a conhecida comparação do dr. Samuel Johnson: "Uma mulher pregando é como um cachorro andando sobre as patas traseiras. Não fazem isso bem, mas a gente se surpreende ao ver que ao menos o fazem". Esses ecos de militarismo e misoginia podem explicar a sensação de Orlando de que, como mulher, não devia escrever sobre elas da mesma forma que os ensaístas Addison ou Charles Lamb o teriam feito: "Não se deveria jamais dizer o que se pensava".
239. Dois escritores vitorianos de menor envergadura: Martin Tupper escrevia versos superficiais ("tolices pretensiosas"), enquanto Samuel Smiles advogava a doutrina complacente da autoajuda.
240. Legislação vitoriana para limitar as horas de trabalho diárias.
241. Tennyson e Browning, Charles Dickens e George Eliot. Os nomes que se seguem pertencem a poetas, escritores e historiadores da era vitoriana, todos identificáveis e genuínos, porém menores. Nesse ponto, o manuscrito inclui um relato muito mais longo das diferenças entre a literatura vitoriana e suas antecessoras, observando em especial como a literatura foi adaptada aos padrões da classe média e profissionalizada — um número muito maior de livros era

publicado, muitos dos quais "não livros pura e simplesmente, mas livros sobre livros". Orlando comparece a uma palestra de Sir Nicholas acerca dos poetas românticos e quase fica sufocada (ver nota 232). À medida que os escritores se tornam mais respeitáveis, os benfeitores deixam de ser procurados: Christina Rossetti recusa o convite para um chá. Lady A. leva Orlando para se encontrar com Carlyle, mas são enxotadas por sua esposa: "Tratem de ir embora, suas bobas! [...] Deviam saber que meu Thomas está dormindo". Visitam Tennyson em Freshwater, porém são interceptados por Emily em sua cadeira de rodas, que as impede de chegar à casa: "Meu marido está escrevendo um poema". Os escritores estão agora "insulados num quarto à prova de som e protegidos por uma mulher". Volumnia Fox (Virginia Woolf) só é lembrada ainda porque Arnold Bennett em certa ocasião devotou meia hora para desancar essa humilde autora: "Ela seria esquecida de qualquer maneira e, na meia hora gasta com ela, Bennett poderia nos ter brindado com outra de suas obras-primas".

242. Christina Rossetti (1830-94): poeta com um estilo intensamente individual, tema do ensaio de Woolf intitulado "I Am Christina Rossetti", de 1930 (CE, IV, pp. 54-60). A ajuda aos poetas mudou desde os tempos de Dryden (ver p. 197).
243. Nesse ponto, como antes no romance, modificações no corpo de Orlando causam ansiedade e perturbação no texto: o evento seguinte que abalará o personagem, embora patente para o lacaio e a criada, não pode ser anunciado. A narração é interrompida, primeiro pelo som do realejo, depois por pensamentos sobre os Kew Gardens (onde a vida das plantas é associada, para Woolf, com os ritmos do corpo — ver capítulo 25 de *Noite e dia*, 1919), e mais tarde por uma série de exclamações que lembram, sem citá-los exatamente, os versos de Milton: "O granizo se casou com o amor, misteriosa lei, fonte verdadeira/ Dos seres humanos..." (*Paraíso perdido*, livro 4, versos 750-1).
244. Vita tinha dois filhos, Ben e Nigel; quando eles perguntaram a quem a passagem se referia, Woolf respondeu: "Aos dois" (Nicolson). Nenhum deles nasceu em 20 de março, embora essa data seja sugestivamente próxima de 17 de março (1928), quando Woolf completou *Orlando* (ver carta para Vita de 20 mar. 1928, *Letters*, III, p. 474; e nota 262); o livro fora iniciado no outubro anterior (como "os bulbos [...] plantados na terra em outubro" em Kew, p. 258).
245. Eduardo visitava muitas senhoras, entre as quais a sra. Keppel, mãe de Violet Trefusis (*Vita*, p. 23). Na era eduardiana surgiram várias conveniências modernas, tais como automóveis, luz elétrica e água corrente.
246. A data de publicação do romance e apresentação a Vita, que, como Orlando, tinha então 36 anos (p. 265).
247. Grande loja de departamentos na Regent Street.
248. Louise Genoux era a criada francesa de Vita (Nicolson; e *Vita*, p. 191), que não simpatizava com o príncipe consorte por ele ser alemão — "*Sale Bosch!*" (isto é, alemão sujo). A data é posterior a 1918, tendo já ocorrido a Primeira Guerra Mundial, em que a Alemanha invadiu a França. Jorge V sucedera a Eduardo em 1911.
249. "O quarto do rei é o único aposento vulgar na casa [...]" (*Knole*, p. 15; ver nota 117).
250. O pai de Virginia Woolf, Leslie Stephen, foi o primeiro e mais importante editor do *Dictionary of National Biography*, tendo sido feito cavaleiro por esse trabalho.
251. Orlando está saindo de carro pelo sul de Londres rumo a Sevenoaks e Knole. No caminho, Woolf descreve a visão constantemente interrompida que tem de dentro do carro, talvez por entendê-la como simbólica da natureza fragmentária da vida urbana moderna. As palavras nos estandartes provavelmente significam "Movimento Contra o Desemprego" ou "Movimento em Favor dos Desempregados" (manifestações populares contra o desemprego haviam se iniciado de novo na primavera de 1928, quando Woolf escrevia esta seção do livro); "Amor Vin..." é a abertura do dito latino "*amor vincit omnia*" (o amor conquista tudo), talvez indicando que se trata do pórtico de um prostíbulo, e Applejohn e Applebed são agentes funerários, completando assim o ciclo de amor e morte.

252. A busca de Orlando por outro eu invoca o tema da inadequação de se escrever a fim de representar o tempo vivido ou as vidas, enquanto permite uma recapitulação dos eus tal como apareceram no romance.
253. O fluxo de consciência de Orlando, tal como expresso aqui, parodia o estilo *staccato* e exclamatório usado por James Joyce.
254. O poema *The Land*, de Vita, havia ganhado o prêmio Hawthornden em 1927 (Nicolson; e *Vita*, p. 172). Ela usou o dinheiro do prêmio para plantar nogueiras em Long Barn. Woolf deu novo nome ao prêmio em homenagem a Angela Burdett-Coutts, exemplo-mor de filantropia vitoriana, talvez para enfatizar que tais prêmios raramente são criados com um nome feminino e que, de qualquer modo, não podem ter a mesma importância para uma mulher quanto para um homem.
255. Essa descrição de Vita, com que Virginia frequentemente zombava dela, resultou de uma sessão de compras que fizeram juntas em Sevenoaks em fins de 1925 (ver 21 dez. 1925, *Diary*, III, p. 52; e Nicolson). Woolf escreveu para Vita: "Não é estranho como aquilo que vi na peixaria de Sevenoaks se misturou à imagem que faço de você?" (5 fev. 1927, *Letters*, III, p. 326).
256. O ganso selvagem inalcançável pode simbolizar a intervenção sobrenatural (ver Introdução, p. 39), bem como a busca pelo eu ou por uma realidade elusiva (quem sabe idêntica à descrita no final de *Um teto todo seu* (1928): "O que quer que [a realidade] toque, se torna fixo e permanente" (*A Room of One's Own*, Penguin, 1945, p. 108); ou, como no manuscrito, "o segredo da vida". Quando Shelmerdine aterrissa no final, o ganso reaparece.
257. Orlando veste as roupas prediletas de Vita quando no campo. Lydia Lopokova foi uma bailarina, casada com o economista (e membro do Grupo de Bloomsbury) Maynard Keynes.
258. Vita sempre bebia um vinho espanhol chamado Allella (Nicolson).
259. Os diversos cômodos de Knole são evocados pela última vez (ver nota 159 e anteriores).
260. A transmissão do som pelo rádio através do espaço se assemelha ao movimento da memória de Orlando, que percorre a história da casa.
261. O Prêmio Hawthornden foi entregue a Vita por John Drinkwater em 16 de junho de 1927, com a presença de Virginia (*Diary*, III, p. 139; e Nicolson). Orlando contrasta a reação pública ao poema com a experiência privada de escrevê-lo.
262. Harold Nicolson certa vez veio de Paris num avião que aterrissou no campo de críquete de Knole enquanto Vita gritava: "Aqui, Hadji, aqui!" (Nicolson). No escuro, suas pérolas são como clarões fosforescentes usados para iluminar as pistas de pouso. O manuscrito termina da seguinte forma:

> E, quando Shelmerdine saltou do avião e correu para se encontrar com ela, um ganso selvagem, com o pescoço bem esticado, voou por cima deles.
> Shel! gritou Orlando
> O ganso [selvagem] é —
> "[O segredo da vida] é…"

Fim
17 de março de 1928.

Leituras adicionais

FONTES PRIMÁRIAS

VITA SACKVILLE-WEST

Knole and the Sackvilles. Heinemann, 1922.
The Letters of Vita Sackville-West to Virginia Woolf, org. Louise DeSalvo e Mitchell A. Leaska. Hutchinson, 1984.

VIRGINIA WOOLF

A Writer's Diary, org. Leonard Woolf. Hogarth, 1954.
Moments of Being: *Unpublished Autobiographical Writings of Virginia Woolf*, org. Jeanne Schulkind (1975). 2. ed., Hogarth, 1985.
The Diary of Virginia Woolf, 5 v., org. Anne Olivier Bell. Hogarth, 1977; Penguin, 1979.
The Essays of Virginia Woolf, 6 v., org. Andrew McNeillie. Hogarth, 1986.
The Letters of Virginia Woolf, 6 v., org. Nigel Nicolson e Joanne Trautmann. Hogarth, 1975-80.

FONTES SECUNDÁRIAS

ALSOP, Susan Mary. *Lady Sackville: A Biography*. Weidenfeld and Nicolson, 1978.

BALDANZA, Frank. "Orlando and the Sackvilles". *Proceedings of the Modern Language Association*, n. 70, pp. 274-9, 1955.

BELL, Quentin. *Virginia Woolf: A Biography*. 2 v. Hogarth, 1972.

BISHOP, Edward. *A Virginia Woolf Chronology*. Macmillan, 1989.

DESALVO, Louise. "A Note on the Orlando Tapestries at Knole House". *Virginia Miscellany*,n. 13, pp. 3-4, 1979.

———. "Lighting the Cave: The Relationship between Vita Sackville-West and Virginia Woolf". *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, pp. 195-214, inverno 1982.

EDEL, Leon. *Literary Biography* (1959). Indiana University Press, 1973. (Em especial pp. 134-45.)

FOX, Alice. *Virginia Woolf and the English Renaissance*. OUP, 1990.

GLENDINNIG, Victoria. *Vita: The Life of Vita Sackville-West*. Weidenfeld and Nicolson, 1983.

GREENE, David Bonnel. "Orlando and the Sackvilles: Addendum". *Proceedings of the Modern Language Association*, n. 71, pp. 268-9, 1956.

HAWKES, Ellen. "Woolf's Magical Garden of Women". In: MARCUS, Jane (Org.). *New Feminist Essays on Virginia Woolf*. University of Nebraska Press, 1981. pp. 31-60.

KELLERMAN, Frederick. "A New Key to Virginia Woolf's *Orlando*". *English Studies*, n. 59, pp. 138-50, 1978.

KNOPP, Sherron E. "'If I Saw You Would You Kiss Me?' Sapphism and the Subversiveness of Virginia Woolf 's *Orlando*". *Proceedings of the Modern Language Association*, n. 103, pp. 24-34, 1988.

KUSHEN, Betty. "'Dreams of Golden Domes': Manic Fusion in Virginia Woolf's *Orlando*". *Literature and Psychology*, n. 29, pp. 53-66, 1979.

LOVE, Jean O. "Orlando and Its Genesis: Venturing and Experimenting in Art, Love and Sex". In: FREEDMAN, Ralph (Org.). *Virginia Woolf: Reevaluation and Continuity*. University of California Press, 1980. pp. 189-218.

MARDER, Herbert. *Feminism and Art: A Study of Virginia Woolf*.University of Chicago Press, 1968.

MOORE, Madeline Moore. "Orlando: An Edition of the Manuscript". *Twentieth Century Literature*, n. 25, pp. 303-55, 1979.

NICOLSON, Nigel. *Portrait of a Marriage*.Weidenfeld and Nicolson, 1973.

ROSE, Phyllis. *Woman of Letters: A Life of Virginia Woolf*. OUP, 1978.

RUDIKOFF, Sonya Rudikoff. "How Many Lovers Had Virginia Woolf". *Hudson Review*, 32, n. 4, pp. 540-66, 1979.

SCHLACK, Beverly Ann. *Continuing Presences: Virginia Woolf's Use of Literaty Allusion*. Pennsylvania State University Press, 1979.

SNIDER, Clifton Snider. "'A Single Self': A Jungian Interpretation of Virginia Woolf's *Orlando*". *Modern Fiction Studies*, n. 25, pp. 263-8, 1979.

SQUIER, Susan M. "Tradition and Revision in Woolf's *Orlando*: Defoe and the Jessamy Brides". *Women's Studies*, 1984.

———. *Virginia Woolf and London: The Sexual Politics of the City*.University of North Carolina Press, 1985.

STRACHEY, Lytton. *Elizabeth and Essex*. Harcourt Brace, 1928.

TRANSUE, Pamela. "Orlando". In: ———. *Virginia Woolf and the Politics of Style*.State University of New York Press, 1986. Cap. V, pp. 111-26.

TRAUTMANN, Joanne. "The Jessamy Brides: The Friendship of Virginia Woolf and Vita Sackville-West". *Pennsylvania State University Studies*, n. 36, 1973.

WILSON, Jean Moorcraft. *Virginia Woolf: Life and London, a Biography of Place*.Cecil Woolf, 1987.
WOOLF, Leonard. *An Autobiography*. 2 v. Hogarth, 1967-9; OUP, 1980.
ZWERDLING, Alex. *Virginia Woolf and the Real World*. University of California Press, 1986.

Copyright da introdução e das notas © 1993 by Sandra M. Gilbert Copyright do artigo © 2014 by Joan A. Mendes Campos
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, *que entrou em vigor no Brasil em* 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Orlando: A Biography

PREPARAÇÃO

Cacilda Guerra

REVISÃO

Huendel Viana
Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-8086-924-8

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707 3500 Fax: (11) 3707 3501
www.penguincompanhia.com.br www.companhiadasletras.com.br www.blogdacompanhia.com.br